

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO  
HUMANO – MESTRADO/DOCTORADO**

**CAROLINA FERNANDES DA SILVA**

**ESPORTES NÁUTICOS E AQUÁTICOS NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL:  
esportivização e contatos culturais nos clubes**

**Porto Alegre  
Agosto, 2015**

**CAROLINA FERNANDES DA SILVA**

**ESPORTES NÁUTICOS E AQUÁTICOS NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL:  
esportivização e contatos culturais nos clubes**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janice Zarpellon Mazo

**Porto Alegre**

**Agosto, 2015**

### CIP - Catalogação na Publicação

Fernandes da Silva, Carolina

Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil: esportivização e contatos culturais nos clubes / Carolina Fernandes da Silva. -- 2015.  
262 f.

Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. História do Esporte. 2. Clubes. 3. Remo. 4. Natação. 5. Contatos culturais. I. Zarpellon Mazo, Janice, orient. II. Título.

À minha família amada: mãe, pai e mano!

## AGRADECIMENTOS

Este, possivelmente, seja o momento mais difícil, na escrita desta tese, pois não gostaria de deixar alguém fora da lista, ao mesmo tempo em que sei que é impossível citar cada um que, de uma forma ou outra, auxiliou nesta produção de mais de quatro anos. Todavia, algumas pessoas estiveram mais presente e, outras, o auxílio foi mais significativo para a construção deste trabalho.

Em primeiro lugar, o meu profundo agradecimento à orientadora, professora Janice Zarpellon Mazo, que incansavelmente esteve presente em todos os momentos do processo de doutoramento. Sempre estava disposta a orientar, a indicar um caminho, uma palavra motivadora, estava pronta para ouvir as minhas angústias e me direcionar para a linha de chegada da forma menos árdua. Com certeza vou levar comigo este exemplo de profissionalismo, sua ética e sua capacidade de enxergar as pessoas ao seu redor como seres humanos que são, com diferentes qualidades e defeitos, mas todos com potencialidades a serem exploradas. Agradeço pelos cafés, chás, tortas, caminhadas e compartilhamentos.

Também gostaria de agradecer ao professor Alberto Reppold Filho, que acompanhou a minha jornada acadêmica desde os primeiros momentos, na UFRGS, também foi um orientador na construção desta carreira e auxiliou na busca de grandes conquistas, como a participação do 19th International Seminar on Olympic Studies for Postgraduate Students of the International Olympic Academy, ocorrido em Olímpia, Grécia, em 2012, assim como a indicação para o orientador do doutorado sanduíche.

Desta forma, aproveito para agradecer ao professor Jim Parry e a professora Irena Martínková, que me receberam maravilhosamente em Praga para a realização do Doutorado Sanduíche. Estes foram presentes preciosos que levarei para vida, juntamente com os ensinamentos partilhados por eles.

Agradeço aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/ ESEF/UFRGS).

Gostaria, também, de agradecer ao professor Francisco Marshall, do Programa de Pós-Graduação em História, pelas lições ensinadas nas aulas e em cada oportunidade de encontro, assim como do conselho de buscar um

período de experiência acadêmica no exterior, o que me fez mudar a perspectiva sobre o estudo e sobre a vida.

Demonstro, ainda, minha gratidão à professora Daniela Wiethaeuper, da *Université du Quebec*, no Canadá, que cedeu generosamente o acesso ao *software* ATLAS.ti, assim como introduziu-me nos seus comandos e participou das bancas de qualificação e defesa, com importantes sugestões.

Outro importante contribuinte para a construção da minha trajetória foi o professor Daniel Campos Badilla, do *Department of Philosophy of Brooklyn College of the City, University of New York*, no papel de importante conselheiro, bem como membro da banca de defesa.

Aos atendentes da biblioteca Edgar Sperb (ESEF/UFRGS), do Centro de Memória do Esporte (CEME/ESEF) e aos funcionários da secretária do PPGCMH.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o seu apoio financeiro por meio de uma bolsa de pesquisa, oportunidade que tive para me dedicar exclusivamente aos estudos.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte (NEHME), especialmente, às colegas: Alice Assmann e Ester Liberato Pereira, amigas que me acompanharam e acompanharão, na vida pessoal, acadêmica e profissional. Obrigada pelos momentos de desabafo das ansiedades, pelo ombro amigo, pelos incansáveis ouvidos, pelas conversas motivadoras, pelos cafés, jantares, cervejas, vinhos e espumantes.

Ao colaborador Henrique Felipe Bonnet Licht, obrigada pelas elucidações sobre os clubes e pelos materiais compartilhados.

Outra mulher extremamente importante neste momento é minha mãe, impossível não citá-la sem grande emoção. Apesar de este ser um momento intelectual e profissional, nada é possível sem um suporte emocional. Minha mãe, Maria Helena, foi e, sempre será minha inspiração, pela sua força, seu amor, por sua capacidade de superação, por se manter ativa e aberta a novos desafios. A dona Maria Helena foi meu suporte nos momentos mais difíceis, quando quase fraquejei, ela me segurou e me ajudou a seguir caminhando. Assim como ocorreu com o apoio do meu padrasto Geraldo Alves.

Digo obrigada também a todos da minha família, que me motivaram a seguir em frente, principalmente meu pai, Paulo, meu irmão, Alessandro e minha

madrasta, Jô. Sem esquecer jamais da minha prima e irmã, Débora Fernandes Kubczewski, amiga de todas as horas, sempre presente em todos os momentos, também foi uma base emocional para que este trabalho acontecesse.

Obrigada a todos e todas!

*A história é tão leve como a vida do indivíduo, insustentavelmente leve, leve como uma pena, como poeira ao vento, como uma coisa que há de desaparecer amanhã (KUNDERA, 1984, p. 74).*

*Um dos primeiros conselhos de um bom treinador de remo depois de completada a instrução básica é: “Faça a sua parte”. É exatamente o que faz o jovem remador ao perceber que o barco anda melhor assim. Isso tem uma clara implicação social (BROWN, 2014, p. 159).*



## RESUMO

A presente pesquisa busca respostas para a seguinte questão central: como ocorreu a implantação, o estabelecimento e a disseminação dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, no longo século XIX. O *corpus* documental da pesquisa foi composto, principalmente, por jornais oriundos das cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, onde se localizou os primeiros vestígios das práticas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul. O processamento das fontes históricas foi realizado por meio do *software* de análise qualitativa dos dados ATLAS.ti 7.5.6. As fontes interpretadas, por meio do cruzamento do referencial teórico, da revisão bibliográfica e das fontes inventariadas, revelaram que as cidades portuárias do estado foram os principais espaços para a emergência das associações esportivas náuticas e aquáticas. As trocas culturais entre os imigrantes e descendentes geraram o estabelecimento e a disseminação das associações esportivas, bem como impulsionaram a difusão dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul. Nas cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, tais práticas sofreram um processo de esportivização e, juntamente com a congregação de elementos de diversas culturas, mais tarde se disseminaram para outras cidades sul-rio-grandenses.

**Palavras-chave:** História do Esporte. Clubes. Remo. Natação. Polo Aquático. Contatos Culturais.

## ABSTRACT

This research seeks to answer one central question: how did the implementation, establishment and the dissemination of nautical and aquatic sport clubs in Rio Grande do Sul occur throughout the nineteenth century? The documentary research corpus was composed mainly of newspapers from Pelotas, Porto Alegre and Rio Grande, which is where the first traces of nautical and aquatic practices can be found in Rio Grande do Sul. The processing of historical sources was carried out by using the qualitative data analysis software ATLAS.ti 7.5.6. The sources were interpreted by cross-referencing the theoretical foundation, the literature review and inventoried sources which revealed that the state's port cities were the main locations for the emergence of nautical and aquatic sports associations. Cultural exchange programs between immigrants and descendants generated the establishment and dissemination of sports associations, as well as boosting the diffusion of nautical and aquatic sports in Rio Grande do Sul. In Pelotas, Porto Alegre and Rio Grande, such practices have undergone a process of sportization together with the fusion of diverse cultures, which later spread to other cities in Rio Grande do Sul. Thus,

**Keywords:** History of Sport. Clubs. Rowing. Swimming. Waterpolo. Cultural Contacts.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das famílias, códigos e subcódigos conforme o <i>software</i> ATLAS.ti 7.5.6.....	33
Quadro 2 Clubes esportivos náuticos e aquáticos do Rio Grande do Sul, entre fim do século XIX e meados do século XX. ....	57
Quadro 3 Entidades organizacionais dos esportes náuticos e aquáticos do Rio Grande do Sul, entre fim do século XIX e meados do século XX.....	58
Quadro 4 Anos de implantação da prática do remo em diferentes países, adaptado de Licht (2013).....	68
Quadro 5 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos existentes no Rio de Janeiro até o fim do século XIX, adaptado de Licht (2013). ....	72
Quadro 6 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos do Rio de Janeiro na década de 1900, adaptado de Licht (2013). ....	127
Quadro 7 Ocorrência de associações e esportes em Porto Alegre na segunda metade do século XIX e na primeira década do século XX, a partir da compilação de dados de Mazo et al (2012) e Licht (2013). ....	129
Quadro 8 Barcos esportivos do GRAT, adaptado de Silva (2011).....	142
Quadro 9 – Clubes esportivos náuticos e aquáticos de São Paulo – transição do século XIX para o século XX, adaptado de Licht (2013). ....	163
Quadro 10 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos no Uruguai, do fim do século XIX até início do século XX, adaptado de Licht (2013).....	187
Quadro 11 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos localizados em cidades do interior do Rio Grande do Sul, década de 1910. ....	216

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Família de códigos: Contatos culturais .....	34
Imagem 2 Código: Objetos .....	35
Imagem 3 Código: Reações.....	36
Imagem 4 Código: Situações .....	37
Imagem 5 Código: Terminologias .....	38
Imagem 6 Código: Resultados.....	39
Imagem 7 Família de códigos: Esporte Moderno .....	40
Imagem 8 Família de códigos: Jogo .....	41
Imagem 9 Família de códigos: Período.....	42
Imagem 10 Família de códigos: Cidades .....	43
Imagem 11 Exemplo de Famílias e códigos atribuídos a uma fonte analisada e a imagem da informação em formato fornecido pelo <i>software</i> ATLAS.ti 7.5.6. ....	44
Imagem 12 Recorte de jornal com a estrutura das regatas, no fim do século XIX (CLUB DE REGATAS, 17/10/1885).....	86
Imagem 13 Recorte de jornal com a estrutura das corridas no turfe, no fim do século XIX (PRADO BOA VISTA, 24/01/1897) .....	86
Imagem 14 Primeira sede do RCPA (HOFMEISTER, 1979). ....	101
Imagem 15 Foto dos esportistas do Clube de Regatas de Rio Grande (LICHT, s/dE). ....	126
Imagem 16 O barco <i>Tupynambá</i> e remadores (acervo particular de Henrique Licht, s/d). .....	140
Imagem 17 Os zebrados do Clube de Regatas Almirante Barroso: Remadores e timoneiros uniformizados (CLUB 'ALMIRANTE BARROSO', 30/08/2009, p. 19).....	161
Imagem 18 Guarnição do Clube de Regatas Rio Grande, vencedora do páreo de Honra (HOFMEISTER, 1979). ....	175
Imagem 19 - Cidades sul-rio-grandenses com clubes esportivos náuticos e aquáticos até fim da década de 1910.....	183
Imagem 20 - Bacia hidrográfica do Rio Grande do Sul (GUIA GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 18/05/2015). ....	184
Imagem 21 Remadores do RCPA e do CRAB (acervo particular de Henrique Licht, 1912). ....	201
Imagem 22 Time vencedor do primeiro jogo de <i>Waterpolo</i> [polo aquático] do Rio Grande do Sul (LICHT, s/dG). ....	206
Imagem 23 Nova sede do GRAT ornamentada (acervo particular de Henrique Licht, 1918). ....	214

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPA - *Club Athletico* de Porto Alegre  
 CCAT - *Club Canottieri* Almirante Tamandaré CRP - *Club* de Regatas Pelotense  
 CES - *Club* Excursionista e *Sportivo*  
 CFR - *Club* Fluvial de Regatas  
 CICDA - *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi*  
 CNA - *Club* Náutico Alegretense  
 CNCC - *Club* Náutico Cristoforo Colombo  
 CNI - Clube Náutico Itapuhy  
 CNP - *Club* Naval Pelotense  
 CNRPelotense - Clube de Natação e Regatas Pelotense  
 CR - Centro de Remo  
 CRgt - *Club* de Regatas  
 CRio - Clube Riograndense  
 CRAB - *Club* de Regatas Almirante Barroso  
 CRP - *Club* de Regatas Pelotas  
 CRVG - *Club* de Regatas Vasco da Gama  
 CSG - *Club* Saldanha da Gama  
 CSI - *Club Sportivo* Internacional  
 CSR - *Club Sportivo* de Regatas  
 GNA - Grêmio Náutico Amazonas  
 GNL - Grêmio Náutico Luzitano  
 GNR - Grêmio Náutico Rio-grandense  
 CNUru - Clube Náutico Uruguaianense  
 GRAT - Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré  
 GNAT - Grêmio de Náutico Almirante Tamandaré  
 GRATJ - Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré de Jaguarão  
 GRATPel - Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré de Pelotas  
 RCI - *Rowing Club* Ítalo-brasileiro  
 RCN - *Ruder Club* Neptuno  
 RCPA- *Ruder Club* Porto Alegre  
 RVG - *Ruder Verein* Germania  
 RVF - *Ruder Verein Freundschaft* (1906); Grêmio Náutico União (1917).  
 SOGIPA - *Deutscher Turnverein* (1867); *Turnerbund* (1892); Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA) (1942)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
<b>3 ESPORTES NÁUTICOS E AQUÁTICOS E O ASSOCIATIVISMO.....</b>	<b>48</b>
3.1 A (re)construção de conceitos: associativismo e esporte.....	50
3.2 As apropriações do associativismo esportivo.....	53
3.3 Associativismo esportivo: espaços de instrumentalização do esporte.....	58
<b>4 A IMPLANTAÇÃO DOS ESPORTES NÁUTICOS E AQUÁTICOS.....</b>	<b>64</b>
4.1 As primeiras traduções culturais das regatas.....	70
4.2 Os clubes náuticos e aquáticos são traduzidos para a cultura regional.....	89
4.3 A cultura dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul.....	105
<b>5 O ESTABELECIMENTO DOS CLUBES NÁUTICOS E AQUÁTICOS.....</b>	<b>124</b>
5.1 Sincretismos culturais nos clubes náuticos e aquáticos.....	131
5.2 Negociações culturais nos clubes náuticos e aquáticos.....	150
5.3 A brevidade dos clubes náuticos e aquáticos.....	172
<b>6 A DISSEMINAÇÃO DOS CLUBES NÁUTICOS E AQUÁTICOS.....</b>	<b>182</b>
6.1 Representações regionalistas nas entidades náuticas e aquáticas.....	189
6.2 Práticas e representações culturais dos esportes náuticos e aquáticos.....	198
6.3 Clubes náuticos e aquáticos nas cidades do interior do estado.....	215
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>224</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>237</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo trata dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul que, inicialmente, ofereciam a prática do remo e da natação. Os primeiros clubes foram fundados no fim do século XIX: na cidade de Pelotas, o *Club de Regatas Pelotense* em 1875; em Porto Alegre, o *Ruder Club Porto Alegre*, em 1888; e, na cidade de Rio Grande, o *Club Fluvial de Regatas* em 1897. Na transição do século XIX para o XX, evidenciou-se a organização de novos clubes náuticos e aquáticos no estado, os quais se multiplicaram nas primeiras décadas do século XX (MAZO e colaboradores, 2012).

A primeira competição, denominada regata, foi registrada no porto de Rio de Grande em 1865, entre barcos de remos de diferentes protótipos, como canoas, botes á vela, escaleres e um *gig*<sup>1</sup> a quatro remos, registrada no estado (EM RIO GRANDE..., 02/11/1865). Os barcos utilizados das regatas também eram aproveitados nas tarefas cotidianas dos homens. A prática do remo com barcos e regras específicas, ocorreu na cidade de Porto Alegre, em 1888, no ano de fundação do *Ruder Club Porto Alegre*.

Os idealizadores do *Ruder Club Porto Alegre* conheceram e praticaram o remo no período em que estudaram na Alemanha. A inserção desta prática no Rio Grande do Sul acompanhou o movimento de uma diáspora esportiva internacional. A mundialização dos esportes iniciada na Inglaterra foi irradiada para outros países do mundo, inclusive no Brasil.

Conforme Sebastien Darbon (2008), o esporte, concebido no sentido mais amplo da palavra, tem como ponto de partida o processo de globalização, o qual emerge do sistema esportivo<sup>2</sup> na Inglaterra do século XIX e passa por um processo de difusão. No contexto de diáspora e de tradução cultural, segundo

---

<sup>1</sup> Denominação utilizada para embarcações esportivas mais leves e rápidas, usadas especialmente para prática do remo.

<sup>2</sup> Para fins deste estudo, sistema esportivo, é abordado conforme o entendimento de Bourdieu (1983, p. 136-137): “a constituição do sistema de instituições e de agentes direta ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos “esportivos”, públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens.” associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo)”.

Hall (2003), acontecem as trocas culturais, momentos em que os indivíduos vivenciam a adaptação às matrizes culturais de diferentes culturas.

O esporte, vislumbrado enquanto prática cultural, em cada país adquire diversos significados que, paulatinamente, se conectam por meio de artefatos e regras globais. Os imigrantes foram os principais sujeitos da globalização esportiva, especialmente no estado do Rio Grande Sul. O sentido de imigração é sustentado na ideia de diferença, a qual de acordo com Hall (2008) resulta da “natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial” (p. 15). Para Canclini (2011), os contatos culturais trazem a ruptura da ideia de pureza, pois é uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas.

No estado do Rio Grande Sul, as cidades portuárias de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, distinguidas pela ativa economia, possuíam conexão com as culturas estrangeiras, pois recebiam navegações de diversas partes do mundo no século XIX. Além disso, os jornais publicados nas respectivas cidades buscavam noticiar o que acontecia em outros lugares do mundo. Desta forma, mantinham a representação cosmopolita e se apropriavam de práticas e costumes considerados civilizados.

Porto Alegre, durante o século XIX, já era a capital do estado, mas as conexões de Rio Grande e Pelotas com cidades da Argentina e Uruguai contribuíam para fortalecer o poder econômico da região sul do Rio Grande do Sul. A exportação e importação de mercadorias ocorriam, principalmente, pelos portos de Buenos Aires e Montevideú, os quais são mais próximos geograficamente de Pelotas e Rio Grande. Além disso, o transporte de mercadorias no Uruguai e na Argentina, dinamizado pelas ferrovias provocou a desterritorialização de mercadorias e culturas (CANCLINI, 2001). Tais circunstâncias agitavam os portos das três cidades sul-rio-grandenses referidas acima, e proporcionava trocas culturais (BURKE, 2003).

Os acontecimentos no cenário econômico e sociocultural ecoavam no campo do associativismo esportivo. Até o princípio do século XX, no Rio Grande do Sul havia 62 clubes esportivos situados nas cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, sendo oito clubes dedicados a prática dos esportes náuticos e aquáticos (MAZO e colaboradores, 2012). Nas primeiras décadas do século XX, mais especificamente a partir de 1910, clubes esportivos náuticos e aquáticos



foram organizados nas cidades de São Leopoldo, Jaguarão, Alegrete e Uruguaiana<sup>3</sup> pela iniciativa de imigrantes e seus descendentes.

Os imigrantes e descendentes se deslocaram para distintas regiões do estado, onde introduziram e reinventaram a sua cultura, inclusive por meio da fundação de clubes esportivos. Práticas e costumes foram apropriados e reapropriados no interior dos clubes, onde o esporte, o lazer e a socialização eram as principais finalidades, enfim, onde sua memória cultural era constantemente reatualizada (ASSMANN, 1995). As práticas e competições esportivas, as festas, os *pic-nics*, as quermesses, os jantares e bailes, dentre outros eventos, proporcionavam o contato entre as pessoas, assim como a manutenção das identidades clubísticas, bem como a renovação cultural entre contextos multiculturais.

Tendo em vista as considerações supramencionadas é plausível que os clubes náuticos e aquáticos desempenharam papel relevante na reinvenção da cultura sul-rio-grandense. Nestes espaços, por meio de práticas e representações culturais, ocorreram trocas culturais nos e entre os clubes esportivos. Da mesma forma, os clubes buscaram construir e afirmar as identidades clubísticas.

Diante deste cenário emerge a questão central do estudo: como ocorreu a implantação, o estabelecimento e a disseminação dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, no longo século XIX<sup>4</sup>.

Para tanto, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: a) Como se processou a esportivização das práticas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul, no longo do século XIX; b) Quais trocas culturais foram negociadas nos/pelos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, no longo do século XIX; c) Que práticas e representações clubísticas foram

---

<sup>3</sup> Essas cidades estão localizadas em diferentes regiões do Rio Grande do Sul: Metropolitana, Oeste, Centro-Oeste e Sul. O estado do Rio Grande do Sul possui uma área de 281.731,445Km<sup>2</sup> (IBGE, 16/07/2015), cujo território foi colonizado por imigrantes de diferentes países, principalmente da Europa e da América Latina.

<sup>4</sup> A denominação o “longo século XIX” foi apresentada pelo historiador Eric Hobsbawm (1988) e demarca o período entre 1789 e 1914, quando aconteceram importantes transformações e permanências políticas, econômicas e sociais no mundo. Esta pesquisa se apropria do termo para delimitar o período do estudo, que se inicia em meados do século XIX e segue até meados da segunda década do século XX, pois considera este um importante período na história dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul.

(re)construídas nos/pelos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, no longo do século XIX.

Em busca de respostas para estas questões foi construído um *corpus* documental com fontes documentais e imagéticas. As principais fontes utilizadas foram jornais do Rio Grande do Sul, publicados no período definido para o estudo, principalmente das cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, onde os esportes náuticos e aquáticos estavam presentes desde meados do século XIX. O *corpus* documental jornalístico foi composto pelos seguintes jornais: “Diário do Rio Grande”, “A Opinião Pública”, “Diário Popular”, “Correio Mercantil”, “Jornal do Commercio”, “Onze de Junho”, “A Federação”, “O Independente” e o “Correio do Povo”. Além destas fontes, também foram utilizadas apostilas do acervo pessoal do médico Henrique Licht, sul-rio-grandense que se dedicou a reunir informações sobre os diversos esportes praticados no estado. Destes documentos foram extraídos dados escritos e imagens.

Após a etapa de levantamento de fontes, estas foram digitalizadas e inseridas no *software* escolhido para a análise. Para a análise das fontes foi utilizado o *software* de análise qualitativa dos dados ATLAS.ti 7.5.6. Este *software* mostra conexões entre dados, além de permitir fazer um cruzamento com códigos, famílias de códigos e anotações sobre um tema específico. Os dados foram interpretados a luz do referencial teórico, da revisão bibliográfica e das informações obtidas nas fontes.

A escrita desta tese buscou seguir uma linha do tempo, de maneira a refletir na configuração do sistema esportivo sul-rio-grandense, ao longo dos anos do recorte temporal determinado. Devido a ausência de uma legislação específica que regulamentasse os esportes no Brasil<sup>5</sup>, procurou-se decifrar como fora organizado o sistema esportivo a partir das informações coletadas e analisadas. Nesta direção, os acontecimentos relativos aos processos de implantação, estabelecimento e disseminação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos nas três principais cidades do Rio Grande do Sul na época, foram tecidos de acordo com os períodos de ocorrência. Da mesma forma, as ocorrências de tais processos nas demais cidades do estado estão reunidas em

---

<sup>5</sup> O Decreto-Lei n. 3.199 de 1941 é a primeira lei que regulamenta os esportes no país; antes disso, conforme Tubino (1988), o esporte era autogovernado no Brasil.

outro capítulo, em razão da sua adesão ao cenário esportivo náutico e aquático ter acontecido em épocas aproximadas.

A extração de informações das fontes históricas foi guiada por dois conceitos, a saber: Esportivização (GUTTMANN, 1978; ELIAS, DUNNING, 1992; MARTÍNKOVA; PARRY, 2012) e Contatos Culturais (BURKE, 2003; HALL, 2003; BHABHA, 2010; CANCLINI, 2011). Para fins deste estudo, considera-se como esportivização, o processo de incorporação de elementos característicos do Esporte Moderno pelas práticas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul. Estas práticas, inicialmente ocorriam de maneira improvisada, com a utilização de barcos não esportivos e o emprego de técnicas embrionárias, bem como eram regidas por regras próprias. Neste formato, continham atributos que aproximavam tais práticas de um conceito de jogo, o qual segundo Caillois (1986) acontece de acordo com a cultura.

O jogo conforme Caillois (1986) pode ser considerado essencialmente como uma atividade livre, atraente, divertida e agradável; delimitada em um espaço e tempo específico; incerta, com um pouco de liberdade para criar; improdutiva, por não trazer algumas propriedades; regulado, com regras específicas; e fictícia, ou seja, diferente da vida real. No mesmo caminho, para Huizinga (1996, p. 84), o jogo “envolve atividade livre, conscientemente realizado como ‘não-séria’ e fora da vida normal, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador intensamente e de forma integral”<sup>6</sup>. Além dos jogadores, há circunstâncias que o jogo, também, mobiliza de forma intensa os espectadores. No caso das disputas entre barcos de remadores, denominada regatas, quando havia apostas entre os remadores, a ocasião suscitava sentimentos de participação dos espectadores, como incide em jogos de azar, descritos por Caillois (1986).

Os primeiros indícios das práticas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul, de acordo com a pesquisa de Mazo (2003), revelam que estavam mais

---

<sup>6</sup> Bernard Suits (1978, p. 41) complementa tal ideia ao afirmar que jogar e jogar um jogo são diferentes ações. Jogar um jogo é se engajar em uma atividade dirigida para causar um estado específico de ocorrências, bem como é a tentativa voluntária de superar obstáculos desnecessários. Para jogar um jogo é preciso tentar alcançar um estado específico de negociação, esta é a meta prelusória, ou seja, o objetivo do jogo de acordo com as regras (SUITS, 1978). Deve-se atingir o objetivo usando apenas meios permitidos pelas regras [significa lusória], onde as regras proibem a utilização de meios mais eficientes em favor de meios menos eficientes [regras constitutivas], e onde as regras são aceitas apenas porque eles possibilitam tal atividade [atitude lusória].

próximas de uma concepção de passatempo do que Esporte Moderno. Para Guttmann (1978) o Esporte Moderno foi um dos adventos da modernidade. Quando as referidas práticas esportivas foram institucionalizadas, por meio da implantação de associações esportivas no Rio Grande do Sul (SILVA; MAZO, 2015), a partir de meados do século XIX, paulatinamente adquiriram elementos de uma esportivização.

No cenário esportivo regional houve o acirramento do processo de esportivização das práticas com a multiplicação de associações esportivas voltadas para a prática dos esportes náuticos e aquáticos nas primeiras décadas do século XX (MAZO e colaboradores, 2012). Neste período, especialmente na década de 1920, segundo Sevckenko (1992), os esportes modernos foram incorporados no discurso sobre eugenia (VICARI; SILVA; MAZO, 2014). A eugenia<sup>7</sup> é um movimento político-científico que visava ampliar as qualidades daqueles que ainda estavam para nascer (SILVA, 2007).

Assim, como os esportes modernos, os contatos culturais também foram elementos da modernidade (CANCLINI, 2001), em um processo de globalização da cultura iniciado de forma mais lenta no passado, mas que atualmente alcança patamares maiores. De acordo com Peter Burke (2003), as áreas de estudo utilizam diferentes terminologias para analisar encontros culturais, como: imitação e apropriação; acomodação e negociação; mistura, sincretismo e hibridização. Neste estudo, que se sustenta no referencial do autor (BURKE, 2003) foi adotado o termo Contatos culturais para aludir as trocas culturais ocorridas nos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul. Tais trocas culturais ocorrem por meio de uma variedade de conjunturas, com objetos diversos, bem como provocam diferentes reações e distintos resultados (BURKE, 2003).

As associações esportivas, além de ser uma estrutura de sociabilidade entre as pessoas que se interessam pelo esporte, é um ambiente onde se arquiteta sentidos para o mundo, por meio da construção de representações identitárias, de distinção social e/ou, onde se busca inserir-se em uma representação de modernidade. De acordo com Burke (2005), representações culturais geram matrizes de práticas e comportamentos fornecidos de forma e

---

<sup>7</sup> No campo da Educação Física o assunto foi abordado por diversos autores, destacando-se dentre outros, Castellani Filho (1988); Ghiraldelli Júnior (1994).

explicativa de uma realidade integrada e de coesão sociais, eles são portadores de simbólico e dizem que mais do que aquilo que mostrar ou ocultar. Assim, uma força reside na capacidade de mobilização e legitimidade social. Pesavento (2008, p. 41) afirma que "o grupo, que tem o poder simbólico para dizer e acreditar acerca do mundo tem o controle da vida social", de modo a representação de identidade pode ser usado para jogos de poder.

Segundo Burke (2003), os pesquisadores em história, cada vez mais, dedicam-se à análise dos processos de encontro, contato, interação, troca e hibridização cultural. Este pensamento vai ao encontro de Sebastien Darbon (2008), sobre o crescimento de pesquisas históricas voltadas para o esporte sob a luz da globalização, ou seja, a história. Espera-se com esta pesquisa contribuir com o desenvolvimento dos estudos no âmbito da História do Esporte, assim como no campo dos estudos socioculturais discorrendo sobre como as culturas se conectam por meio dos esportes. Esta visa contribuir para a construção de como eram os sistemas esportivos em diferentes períodos de tempo.

A tese se estrutura em cinco capítulos, após a Introdução. No primeiro capítulo denominado "Pressupostos Teórico-Metodológicos" é descrito o referencial teórico e os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Nos capítulos que seguem são apresentados os resultados da pesquisa, bem como a análise das informações.

O terceiro capítulo, intitulado "Esportes náuticos e aquáticos e o associativismo no Rio Grande do Sul", expõe a interpretação acerca dos ambientes onde os esportes se desenvolveram. Este capítulo é subdividido em três subcapítulos: "Tecendo conceitos: associativismo esportivo"; "Os sentidos do associativismo esportivo"; e "Associativismo esportivo: espaços de instrumentalização do esporte".

No capítulo quatro, com o título "A implantação dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul", abordamos como ocorreu a introdução das práticas esportivas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul e seu processo de esportivização. Este está subdividido em três subcapítulos: "As primeiras traduções culturais das regatas"; "Os clubes náuticos e aquáticos são traduzidos para a cultura regional" e "A cultura dos esportes náuticos e aquáticos sul-riograndenses".

O capítulo cinco, “O estabelecimento dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul”, trata do desenvolvimento dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no estado. Está subdividido em três subcapítulos: “Sincretismos culturais nos clubes náuticos e aquáticos”; “Negociações culturais nos clubes náuticos e aquáticos” e “O brevidade dos clubes náuticos e aquáticos”.

No sexto capítulo denominado “A disseminação dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul”, é analisada a difusão dos clubes esportivos náuticos e aquáticos em diversas cidades do Rio Grande do Sul, as diferentes representações adquiridas e as práticas agregadas. Este se divide em três subcapítulos: “Representações regionalistas de remadores e nadadores”; “Práticas e representações dos esportes náuticos e aquáticos”; e “Clubes náuticos e aquáticos nas cidades do interior do estado”.

Por fim, são apresentadas as Considerações Finais e as Referências consultadas para a elaboração da tese.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta como se desenvolveu o garimpo de fontes e como estas foram interpretadas, de forma a abordar como ocorreu o processo de implantação, estabelecimento e disseminação das práticas esportivas náuticas e aquáticas nos clubes situados no Rio Grande do Sul, no longo século XIX. Assim, descrevemos os procedimentos metodológicos que foram empregados para a realização desta pesquisa histórica.

Este estudo está alicerçado nos pressupostos teórico-metodológicos da História e parte do entendimento de que a realidade social é culturalmente construída (BURKE, 1992). Deste modo, nos apoiamos nas concepções de Ginzbug (1989, p. 156) para quem a História é uma “disciplina eminentemente qualitativa, que tem por objeto casos, situações e documentos individuais e por isso alcançam resultados que tem uma margem ineliminável de casualidade”.

A primeira etapa da pesquisa foi realização de uma revisão bibliográfica em revistas científicas, banco de teses e dissertações, bem como em livros, tendo em vista o objeto de estudo: a realidade histórica e sociocultural construída em torno das práticas náuticas e aquáticas nos clubes sul-rio-grandenses.

Os esportes chegaram ao estado pela iniciativa de imigrantes europeus e se difundiram pelo contato cultural ocorrido ao longo do tempo, o que permitiu apropriações e resignificações das práticas. Desta maneira, as representações dos esportes nos clubes sofreram descontinuidades e continuidades, o que vai ao encontro do pensamento de Le Goff (1990, p. 38), quando afirma que “não há história imóvel e que a história também não é a pura mudança, mas sim o estado das mudanças significativas e a periodização é o principal instrumento de inteligibilidade das mudanças significativas”.

Le Goff (1990) adverte que “datar é e será sempre uma das tarefas fundamentais do historiador, mas deve fazer-se acompanhar de outra manipulação necessária da duração – a periodização – para que a datação se torne historicamente pensável” (p. 38). Assim, sustentados pela aceção de Elias (1984, p. 84), o qual esclarece: “o que chamamos tempo é um marco de referência que serve aos membros de certo grupo comparar certa fase de um fluxo de acontecimentos”, os capítulos de discussão e resultados foram divididos

em recortes temporais que contemplam diversos momentos do sistema esportivo no Rio Grande do Sul.

Ainda, Wishart (2004) afirma que periodizar o tempo é parte e parcela da arte de escrever narrativas, tão integral para o processo como identificar e selecionar fatos e organizá-los em uma síntese. É uma estratégia usada para dar formato a narrativa, produzindo uma superestrutura para o progressivo desenvolvimento da interpretação. Também Gebara (2003) segue na linha desta afirmação e a reforça, ao dizer que “periodizar é um procedimento básico para a seleção da documentação, da mesma maneira, a construção do objeto a ser analisado impõe um determinado recorte cronológico” (p. 1). Portanto, se faz necessária uma periodização centrada no objeto de pesquisa e não a, normalmente utilizada, voltada para visão política e econômica do mundo, distante do tema abordado.

Na análise de Gebara (2003) sobre a produção historiográfica na História do Esporte, da Educação Física e do Lazer, ele expõe que este campo científico, inicialmente, “localizou-se no interior de uma periodização tradicional, de natureza política, tratava-se de descrever os temas tal qual se verificaram na Colônia, no Império e na República” (p. 1). O autor (2003) também constata que mesmo os trabalhos críticos em relação à natureza descritiva de seus antecessores, mantiveram esta periodização. Contudo, publicações mais recentes no âmbito dos estudos históricos (LE GOFF, 1990; WISHART, 2004; GEBARA, 2003) e olímpicos (RUBIO, 2010) acenam com novos caminhos que utilizam o recurso da periodização de acordo com o objeto de estudo, o que facilita a compreensão histórica.

A periodização dos capítulos deste estudo volta-se para as fases de implantação, estabelecimento e disseminação dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul. Os primeiros indícios sobre a história dos esportes náuticos na cidade de Porto Alegre, capital do estado, já foram expostos na dissertação de mestrado da pesquisadora (SILVA, 2011). Evidenciou que os esportes náuticos foram organizados em clubes, desde a segunda metade do século XIX, e que nestes espaços, os esportes aquáticos foram impulsionados. Além disso, corroborou que nos clubes de remo porto-alegrenses, foram produzidas representações e práticas com a finalidade de preservação das identidades culturais dos imigrantes e seus descendentes.



Embora já pesquisado, o caso de Porto Alegre foi aprofundado na presente pesquisa, pois a capital sul-rio-grandense foi uma das cidades pioneiras não apenas na institucionalização, mas também na disseminação dos esportes náuticos e aquáticos em clubes. Nesta direção, a narrativa do estudo foi entendida como refigurações de uma experiência temporal, ou seja, é a representação que organiza os traços deixados pelo passado e se propõe como uma versão do acontecido. Porquanto, de acordo com Pesavento (2008, p. 50), “tudo que foi um dia poderá vir a ser contado de outra maneira, cabendo ao historiador [pesquisador] elaborar uma versão plausível, verossímil, de como foi”.

Para abarcar as outras cidades precursoras dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul destacamos as localidades que produziram significativas representações destas práticas esportivas. Juntamente com isso, procurou-se fazer uma discussão em torno do significado dos esportes nos diferentes períodos históricos e distintas cidades, mas pensando o esporte como um sistema, refletiu-se sobre possíveis conexões. Para fins deste estudo, o desenvolvimento das práticas náuticas e aquáticas em cada cidade sul-rio-grandense é visto como um fragmento da História do Esporte no Rio Grande do Sul. O fragmento é o que se apresenta ao historiador como caminho para realizar a sua “análise intensiva” ou a sua “descrição densa” (BARROS, 2007, p. 175).

Nesta prática de pesquisa, a técnica recomendada é o paradigma indiciário, o qual propicia uma análise intensiva das fontes. O órgão do saber indiciário é uma noção complexa, que designa em geral a “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável” (GINZBURG, 1989, p. 179). O paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) versa sobre as possibilidades de elucidação em torno de uma problemática e requer que o investigador esteja atento para sinais e pistas que são deixados pelo seu objeto, por meio de análise intensiva das fontes. Esta estratégia foi a eleita para desempenhar a tarefa de decifrar o passado por meio das representações construídas pelos homens para expressar a si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2008).

A análise intensiva das fontes corresponde à atenção simultânea aos detalhes e pormenores, de um lado, e às muitas vozes de um texto ou às múltiplas versões de um processo. Conforme Barros (2007, p. 184), “será

necessário pôr as fontes a dialogar em registros de intertextualidade, deixar que uma ilumine a outra, permitir que seus silêncios falem e seus vazios se completem”. Os documentos históricos são a ligação com o passado, registraram os acontecimentos e mantiveram a bagagem simbólica de cada fenômeno histórico desenvolvido no imaginário dos sujeitos, que construíram este passado. Para este autor (BARROS, 2012a), entre as fontes históricas estão os sistemas integrados e reconhecíveis de práticas e representações. Desta forma as práticas esportivas e as representações, geradas por elas, nos transmitem culturas do passado.

Cabe ao pesquisador negar a transparência da realidade que estes documentos pretendem passar, pois “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). Para isso, certa subjetividade faz parte do processo, pois, conforme Grespan (2008), nem tudo na pesquisa histórica é racional, muitas vezes o pesquisador deve apelar para a sua intuição e sua imaginação. Todavia, por mais que um formalismo metodológico seja perigoso, vale a pena nadar contra a correnteza. Assim, esta pesquisa passou por três etapas, a saber: a) O *corpus* documental da pesquisa; b) A aplicação do *software* ATLAS.ti 7.5.6; c) A interpretação das informações.

a) O *corpus* documental da pesquisa

De acordo com Barros (2012, p. 131), “a questão de pesquisar ou não em fontes de arquivos tem muito mais a ver com o objeto ou com os problemas históricos que estão sendo examinados do que qualquer outra coisa”. Assim, para a realização desta pesquisa, os indícios foram campeados em fontes documentais que possuíam conteúdos sobre os esportes náuticos e aquáticos no recorte temporal delimitado. Dentre os diferentes tipos de fontes utilizadas, as privilegiadas foram os jornais que circulavam nos recortes temporal e espacial eleitos, bem como documentos originários de acervo pessoas e dos clubes pesquisados.

Os jornais foram eleitos fontes privilegiadas de informações em razão de, segundo Luca (2008), no fim do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, as transformações conhecidas por algumas capitais e cidades brasileiras foram,

em várias investigações, perscrutadas por intermédio da imprensa, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro. A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade, assim como a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, eram registradas pelos jornais.

Nesta pesquisa, foram consultados 11 jornais, a saber: “A Federação”<sup>8</sup> “Correio do Povo”<sup>9</sup>, “Diário de Notícias”<sup>10</sup>, “Jornal do Comércio”<sup>11</sup>, “Gazetinha” e o “O Independente”<sup>12</sup>, oriundos de Porto Alegre; “Diário Popular”<sup>13</sup>, “A Opinião Pública”<sup>14</sup>, “Jornal do Commercio”<sup>15</sup> e “Correio Mercantil”<sup>16</sup> de Pelotas; e “Diário

---

<sup>8</sup> O jornal “A Federação”, teve sua primeira publicação no primeiro dia do mês de janeiro de 1884 e circulou até 1937. Visava divulgar os ideais republicanos por meio de suas reportagens produzidas por um grupo de jovens políticos e intelectuais adeptos da filosofia positivista de Augusto Comte (MUSEU DE COMUNICAÇÃO, 2005). O jornal “A Federação” foi digitalizado pela Biblioteca Nacional, de onde foram coletadas as informações, utilizando-se os seguintes termos: remo, regatas, natação. Registraram-se as seguintes ocorrências dos termos: remo 1.934 citações; regata, 346 citações; natação 941 citações; clube esportivo 19 citações; *club sportivo* 72 citações. Cada uma destas ocorrências de termos foi analisada separadamente.

<sup>9</sup> O “Correio do Povo” era um jornal de grande destaque na época e trazia muitas notícias sobre as ações e eventos das associações de remo.

<sup>10</sup> O “Diário de Notícias” começou a circular a partir de março de 1925 e contou com a participação dos principais jornalistas sul-rio-grandenses até o ano de 1979, quando encerrou as atividades (MUSEU DA COMUNICAÇÃO, 2005).

<sup>11</sup> O “Jornal do Comércio” começou como um boletim informativo, e no ano de 1933 deixou de ser uma publicação apenas dedicada ao comércio e à indústria, para ampliar a sua faixa de atuação. É publicado até os dias de hoje (MUSEU DA COMUNICAÇÃO, 2005).

<sup>12</sup> “A Gazetinha” começou a circular em maio de 1891 e, por meio das matérias com viés socialista, fazia oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense. O responsável era Otaviano de Oliveira, que encerrou as atividades do jornal em 1900 e no mês de dezembro do mesmo ano criou “O Independente”. Este jornal, que possuía “tendência socialista” encerrou suas atividades em 1923 (MUSEU DE COMUNICAÇÃO, 2005, p. 36).

<sup>13</sup> O “Diário Popular” foi fundado em 1890 e existe até hoje. Nasceu sob a denominação de órgão republicano, mas se alinhou oficialmente ao Partido Republicano Riograndense após alguns pioneiros abandonarem a equipe por divergências de ideias e fundarem o jornal “A Opinião Pública” (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012). De acordo com Loner, Gill e Magalhães (2012, p. 106), “esta circunstância proporcionou que se tornasse o jornal mais importante da cidade – o que tinha maiores recursos, maior número de assinantes e maior tiragem [...]. Hoje em dia é o jornal mais antigo do Rio Grande do Sul e o terceiro do Brasil”.

<sup>14</sup> O jornal “A Opinião Pública” começou a circular em 1896, foi um dos “órgãos de imprensa mais interessantes de Pelotas, pois passou por mudanças bruscas de orientação editorial e de qualidade gráfica, dependendo de quem estivesse em sua orientação” (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012, p. 207).

<sup>15</sup> O “Jornal do Commercio” apresentado como órgão político, comercial e noticioso, iniciou suas atividades em 1869 e foi extinto em 1882 (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012, p. 174).

<sup>16</sup> Antônio Joaquim Dias foi o fundador do “Jornal do Commercio”, bem como do “Correio Mercantil”. Este último jornal, instaurado em 1875, foi considerado um dos mais importantes de Pelotas, pois “suas oficinas tipográficas tinham maquinário variado e evoluído para a época, possibilitando a composição de livros” (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012, p. 98).

do Rio Grande”<sup>17</sup> da cidade de Rio Grande. A escolha destes jornais deve-se as notas dedicadas aos esportes, assim como notícias do estado; além disso, o grande número de exemplares sobre o assunto estudado a disposição e o melhor conservação para a consulta.

As fontes foram inquiridas no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho<sup>18</sup>, no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa<sup>19</sup>, assim como na Hemeroteca Digital Brasileira no site da Biblioteca Nacional Digital Brasil<sup>20</sup>. Estes locais possuem um grande acervo de jornais e revistas que fizeram parte do cotidiano sul-rio-grandense ao longo de sua história, além de um extenso acervo cartográfico.

Os álbuns comemorativos de clubes que ofereciam a prática do remo, da natação e do polo aquático e o “Banco de Dados das Associações Esportivas de Porto Alegre (1967-1945) (MAZO, 2010), bem como, o livro “Associações Esportivas no Rio Grande do Sul (1963-2009): lugares e memórias” (MAZO et al, 2012) foram consultados. Estas duas publicações elencaram os esportes existentes no estado desde o fim do século XIX até o início do século XXI.

Ainda, para auxiliar na coleta de informações, utilizamos as apostilas confeccionadas por Henrique Licht, médico sul-rio-grandense que possui um profundo interesse pela história dos esportes no Rio Grande do Sul e que elencou dados sobre os clubes do estado. O acesso a este arquivo foi possível por meio de um empréstimo de Henrique Licht, que cedeu as suas informações de forma generosa, ainda no ano de 2009, durante o curso de mestrado da pesquisadora.

---

<sup>17</sup> Este jornal foi inaugurado em 1848 e circulou até o ano de 1910, este foi o primeiro jornal diário da cidade de Rio Grande (TORRES, 2008).

<sup>18</sup> O “Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho” reúne, preserva e divulga cerca de um milhão de documentos que constituem a mais expressiva fonte de pesquisa sobre a cidade de Porto Alegre. Sob sua guarda estão documentos datados de 1764, jornais e revistas, além de relatórios, projetos, mapas, plantas e correspondências das administrações municipais (PREFEITURA, Acessado em: 19/04/2013).

<sup>19</sup> O “Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa” tem como missão pesquisar, recolher, classificar e conservar acervos das diversas áreas da comunicação social produzidas nos níveis regional, nacional e internacional para fins de estudo, educação e lazer (MUSEU, Acessado em: 19/04/2013).

<sup>20</sup> A “Hemeroteca Digital Brasileira” é um portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins, etc. – e de publicações seriadas, oferecida pela “Fundação Biblioteca Nacional” (HEMEROTECA, Acessado em: 19/04/2013).

As fontes documentais sobre os clubes foram, principalmente atas e ofícios. No Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul<sup>21</sup>, foram pesquisados registros e cartografias históricas da cidade de Porto Alegre. Juntamente com os dados escritos, foram coletadas fontes imagéticas (LUCA, 2008; BURKE, 2004), como também mapas que expressam a cartografia local dos clubes de remo<sup>22</sup>.

A pesquisa também se utilizou das fontes imagéticas, por estas oferecerem informações relevantes para desvelar os acontecimentos do passado. Foi feito um levantamento das fontes imagéticas, buscando material fotográfico do processo implantação e estabelecimento dos clubes. Estas imagens foram buscadas nas referências citadas anteriormente, como os jornais, museus, álbuns comemorativos e arquivos pessoais. Posteriormente a esse levantamento, elas foram armazenadas em pastas identificando a fonte, o assunto e o ano a que faz referência, gerando um acervo<sup>23</sup>, para ser inserido no *software*.

Desta maneira, a análise iconográfica (PANOFSKY, 1939; BURKE, 2004) das imagens fotográficas encontradas foi realizada com a ajuda do *software*. De acordo com Kossoy (1989), por meio da análise iconográfica é possível embasar um texto sobre estas fontes e, com ele, a correlação das fontes impressas com as imagéticas e com o contexto social da época da confecção da imagem. Para tanto, buscaremos apoio em autores como Burke (2004) e Kossoy (1989), que auxiliam na decifração deste método de Panofsky (1939). Estas imagens, além de serem analisadas, serviram também como ilustrações iconográficas, em razão de plasmarem a narrativa na forma visual.

Kossoy (1989) afirma que a fotografia está inserida na História, por se fazer presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades

---

<sup>21</sup> Segundo o site desta instituição (IHGRGS, 16/07/2015), “o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul tem por finalidade promover estudos e investigações sobre História, Geografia, Arqueologia, Filologia, Antropologia e campos correlatos de conhecimento, principalmente centrados no Rio Grande do Sul”.

<sup>22</sup> Tais documentações foram pesquisadas em outros locais de pesquisa: o Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o acervo histórico da biblioteca da ESEF/UFRGS, além de clubes, federações esportivas, acervos particulares, outros arquivos públicos e bibliotecas.

<sup>23</sup> O acervo gerado será arquivado e disponibilizado para futuras pesquisas, por meio de uma doação para o Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS).

humanas, além de reunir em seu conteúdo informações múltiplas da realidade selecionada. No entanto, essa “confirmação”, só é possível através de um cruzamento de informações, de fontes de teorias. Por serem as palavras e as imagens formas de representação do mundo que constituem um imaginário, sendo que todo texto dá a ler, toda imagem dá a ver e todo discurso se reporta a uma imagem mental (PESAVENTO, 2008). Ao relacionar essas duas diferentes formas de traduzir o passado, fontes documentais e imagéticas, e olhá-las por meio das lentes do referencial teórico, foi possível fazer uma reconstrução do passado.

Após a coleta, as fontes históricas foram digitalizadas para a aplicação do *software* ATLAS.ti 7.5.6

b) A aplicação do *software* ATLAS.ti 7.5.6

Após a digitalização das fontes, estas foram inseridas no *software* de análise qualitativa dos dados ATLAS.ti 7.5.6. A escolha deste *software* deve-se a uma tentativa de minimizar a subjetividade inerente as fontes e a interpretação do pesquisador; além disso, espera-se minimizar o efeito da diversidade das fontes consultadas. Ainda, o exercício de aplicação do *software* em um estudo histórico-documental busca verificar quais as contribuições desta tecnologia na construção de uma pesquisa em História do Esporte, cuja característica é de um trabalho mais artesanal e com pouquíssima tradição no uso de tecnologias para o processamento dos dados.

O ATLAS.ti 7.5.6., conforme Gilz (2007), “possibilita, dentre vários ‘ganhos’, a estruturação lógica e coerente de uma pesquisa nas suas diversas etapas: fundamentação teórica, coleta de dados, análise e apresentação dos resultados” (p. 4016). Com base nisso, primeiramente determinaram-se categorias de análise oriundas do referencial teórico, as quais foram separadas nas seguintes famílias: Esporte Moderno; Jogo; e Contatos culturais. Além destas, foram elaboradas as famílias Período e Cidade, utilizadas como estratégia para localização dos fatos ocorridos no tempo e espaço histórico. Cada uma destas cinco famílias congregava diferentes códigos, que tornaram a análise mais específica. Os códigos atribuídos às famílias são relacionados na sequência.

A Família Contatos culturais (imagem 1) foi dividida em códigos de acordo com o entendimento de Peter Burke (2003) sobre o conceito. Este autor (2003) olha a globalização da cultura a partir de uma perspectiva histórica e afirma que esta é cercada por variedades: de objetos, de terminologias, de situações, de reações e de resultados. Tais variedades que compõem o conceito de Contatos culturais (BURKE, 2003) foram corporificar neste estudo como códigos e seus desmembramentos. O Código Objetos (imagem 2), refere os tipos de Contatos culturais (BURKE, 2003), divididos em: povos, artefatos e práticas. O Código Reações (imagem 3), versados como efeitos dos encontros culturais (BURKE, 2003), foi separado em: aceitação, adaptação, circularidade, purificação cultural, resistência, segregação cultural e tradutores. O Código Resultados (imagem 4), isto é, consequências a longo prazo da interação cultural (BURKE, 2003), foi organizado em: contraglobalização, crioulização do mundo, diglossia cultural, hibridização cultural e homogeneização. O Código Situações (imagem 5), ou seja, contextos e locais onde os encontros culturais ocorrem (BURKE, 2003), foi desmembrado em: classes como culturas, fronteira, iguais e desiguais, metrópole e porto, tradições de apropriação. O Código Terminologias (imagem 6), entendido como a quantidade de termos encontrados em textos científicos que descrevem o processo de interação cultural e suas consequências (BURKE, 2003), foi distribuído em: acomodação, apropriação, crioulização, hibridização, imitação, mistura, negociação, sincretismo e tradução cultural.

A Família Esporte Moderno (imagem 7) abarcou códigos que elencassem os elementos de esportes definidos por Allen Guttmann (1978, 1994)<sup>24</sup>, o qual relaciona sete características para os esportes modernos, a saber: secularismo, igualdade, burocratização, especialização, racionalização, quantificação e a obsessão por recordes (GUTTMANN, 1994).

Os códigos da Família Jogo (imagem 8) foram organizados de acordo com a proposta de Roger Caillois (1986, p. 32), que alude: “conforme predomine nos jogos considerados, o papel da competição, da sorte, do simulacro ou da vertigem. Chamar-lhes-ei, respectivamente *Agôn*, *Alea*, *Mimicry* e *Ilinx*”.

---

<sup>24</sup> De acordo com Guttmann (1994, p. 2): “modern sports are best defined not by some specific chronology but rather by the presence or absence of a distinctive set of systematically interrelated formal-structural characteristics Em uma tradução livre para o português: Os esportes modernos são melhor definidos não por uma cronologia específica, mas sim pela presença ou ausência de um conjunto distinto de características formais estruturais sistematicamente inter-relacionadas.

A Família Período (imagem 9) comportou as datas: +- 1850/+1903, +- 1903/+1910 e +-1910/+1920, ou seja, códigos que orientaram a organização das fontes para a narrativa e guiaram a organização dos capítulos.

À Família Cidades (imagem 10) foram estabelecidos códigos que definiram os locais onde os clubes foram fundados no Rio Grande do Sul: Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Uruguaiana, São Leopoldo, Alegrete e Jaguarão.

Na descrição de cada família, código e subcódigo foram inseridos conceitos escolhidos a partir de autores reconhecidos nas áreas de estudo (GUTTMANN, 1978; CAILLOIS, 1986; HUIZINGA, 1996; ELIAS, DUNNING, 1992; BURKE, 2003). A distribuição está configurada nos esquemas abaixo:

FAMÍLIA	CÓDIGOS	SUBCÓDIGOS
Período	+ - 1850/+1903	
	+1903/+1910	
	+1910/+1920	
Cidades	Porto Alegre	
	Pelotas	
	Rio Grande	
	São Leopoldo	
	Uruguaiana	
	Jaguarão	
	Alegrete	
Esporte Moderno (GUTTMANN, 1978; ELIAS, DUNNING, 1992)	Secularismo	
	Especialização	
	Racionalização	
	Burocratização	
	Quantificação	
	Igualdade	
	Recorde	
Jogos (CAILLOIS, 1986;	Agon (competição)	



<b>HUIZINGA, 1996)</b>	<b>Alea (azar)</b>	
	<b>Ilinx (vertigem)</b>	
	<b>Mimicry (mimético)</b>	
<b>Contatos culturais (BURKE, 2003)</b>	<b>Objetos</b>	<b>Povos</b>
		<b>Artefatos</b>
		<b>Práticas</b>
	<b>Reações</b>	<b>Aceitação</b>
		<b>Adaptação</b>
		<b>Circularidade</b>
		<b>Purificação Cultural</b>
		<b>Resistência</b>
		<b>Segregação Cultural</b>
		<b>Tradutores</b>
	<b>Resultados</b>	<b>Contraglobalização</b>
		<b>Crioulização do mundo</b>
		<b>Diglossia Cultural</b>
		<b>Hibridização Cultural</b>
		<b>Homogeneização</b>
	<b>Situações</b>	<b>Classe como culturas</b>
		<b>Fronteira</b>
		<b>Iguais e desiguais</b>
		<b>Metrópole</b>
		<b>Porto</b>
		<b>Tradições de apropriação</b>
	<b>Terminologias</b>	<b>Acomodação</b>
		<b>Apropriação</b>
		<b>Crioulização</b>
		<b>Hibridização</b>
		<b>Imitação</b>

---

	<b>Mistura</b>
	<b>Negociação</b>
	<b>Sincretismo</b>
	<b>Tradução cultural</b>

---

**Quadro 1 - Distribuição das famílias, códigos e subcódigos conforme o *software* ATLAS.ti 7.5.6**

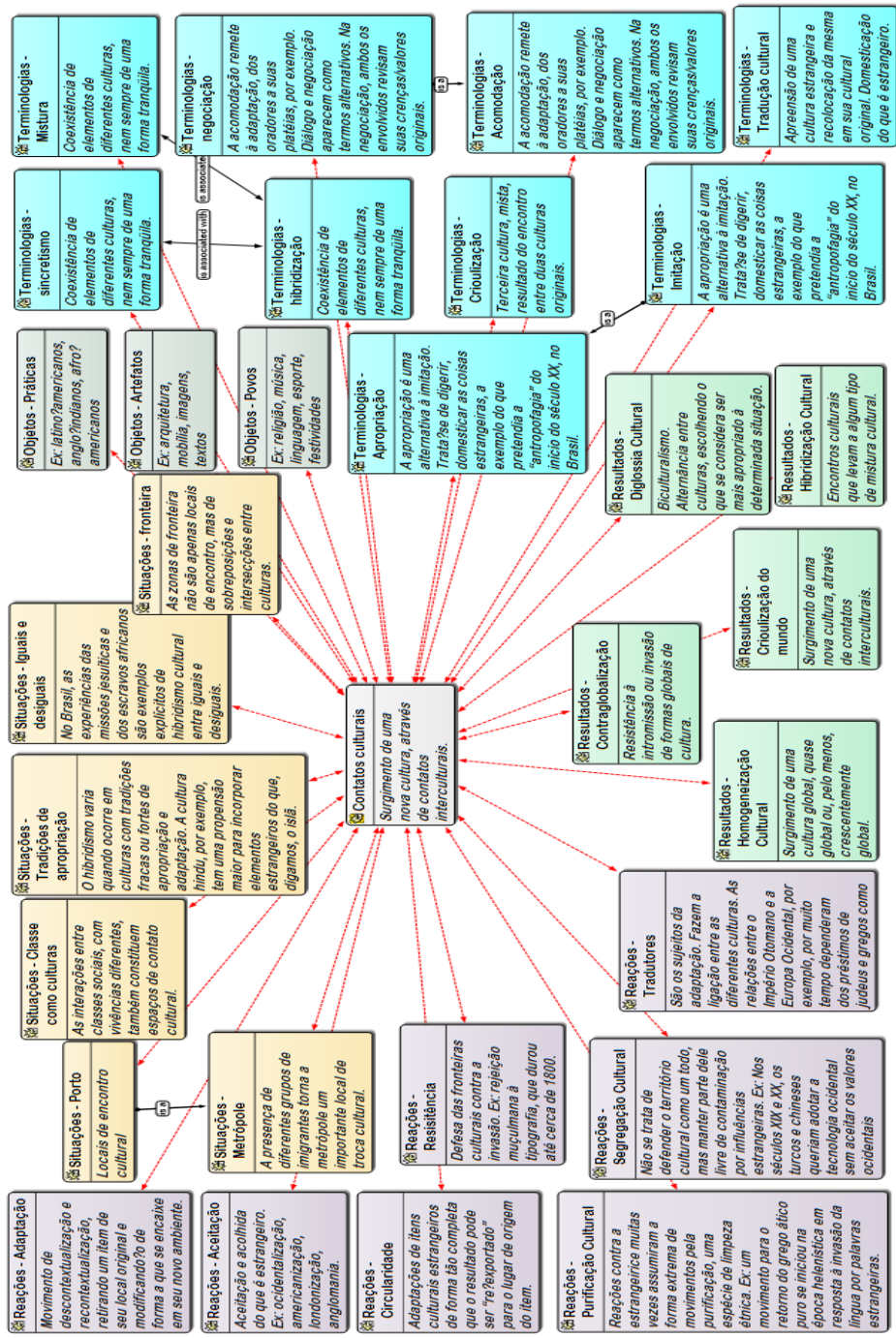


Imagem 1 Família de códigos: Contatos culturais

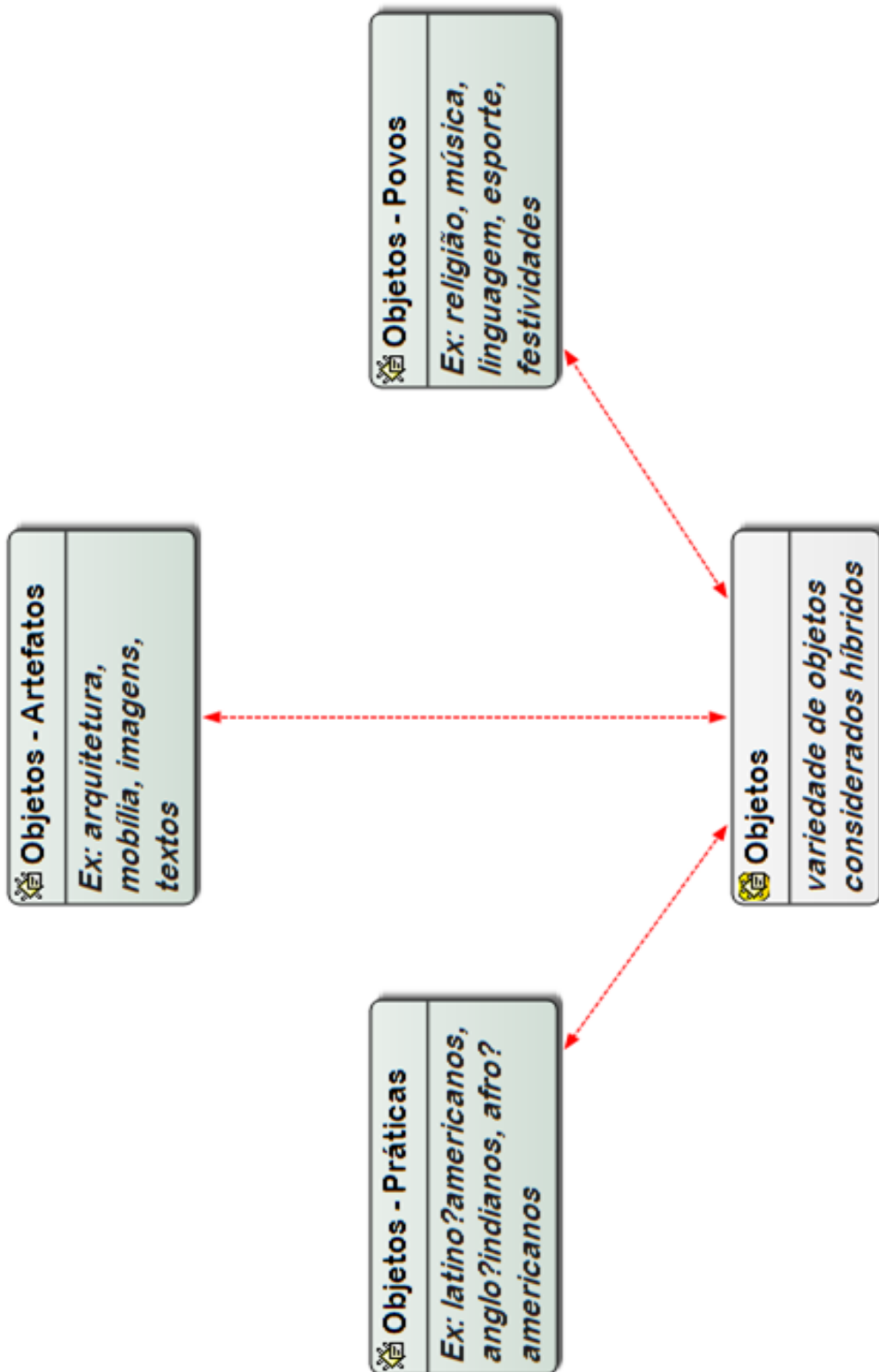


Imagem 2 Código: Objetos

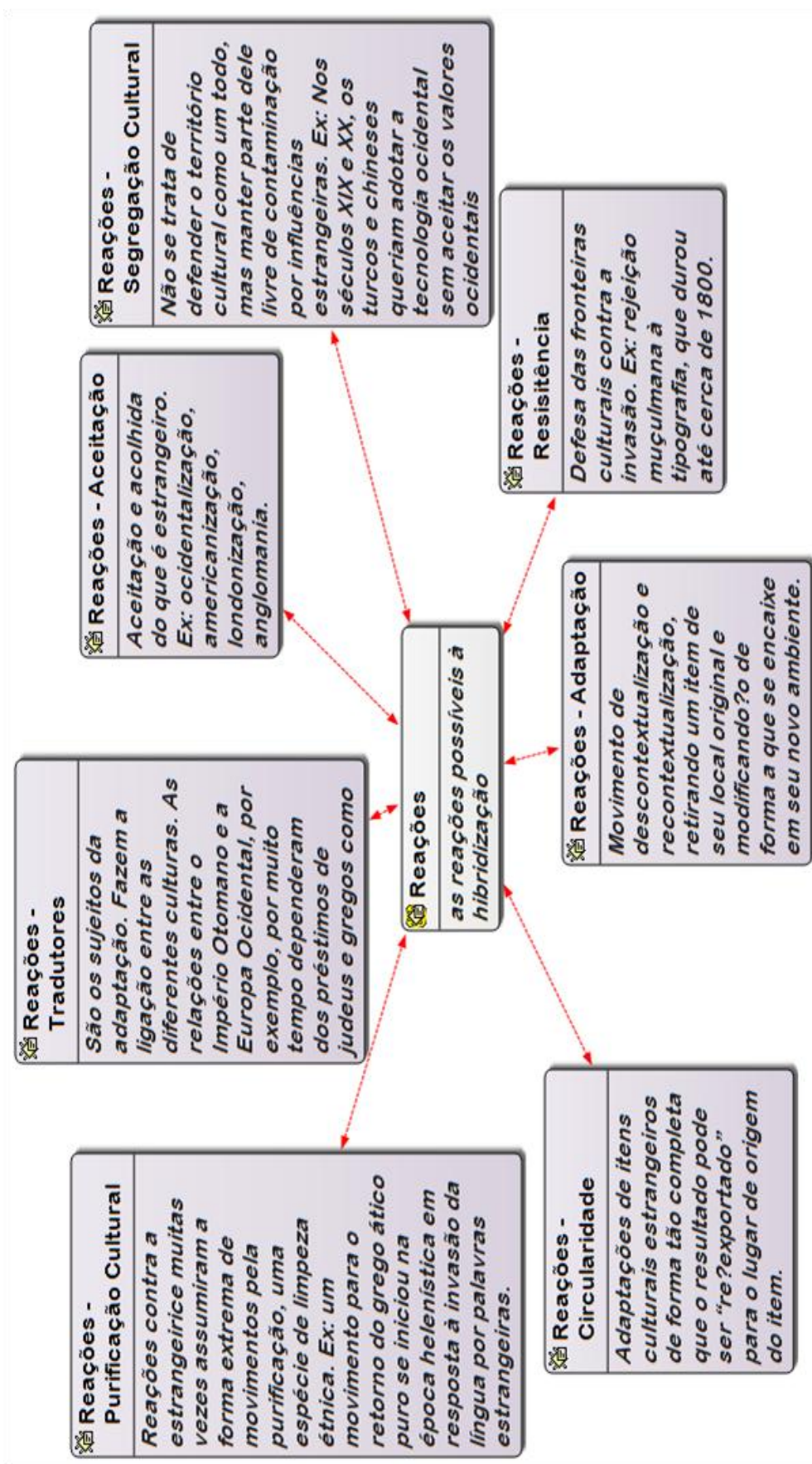


Imagem 3 Código: Reações

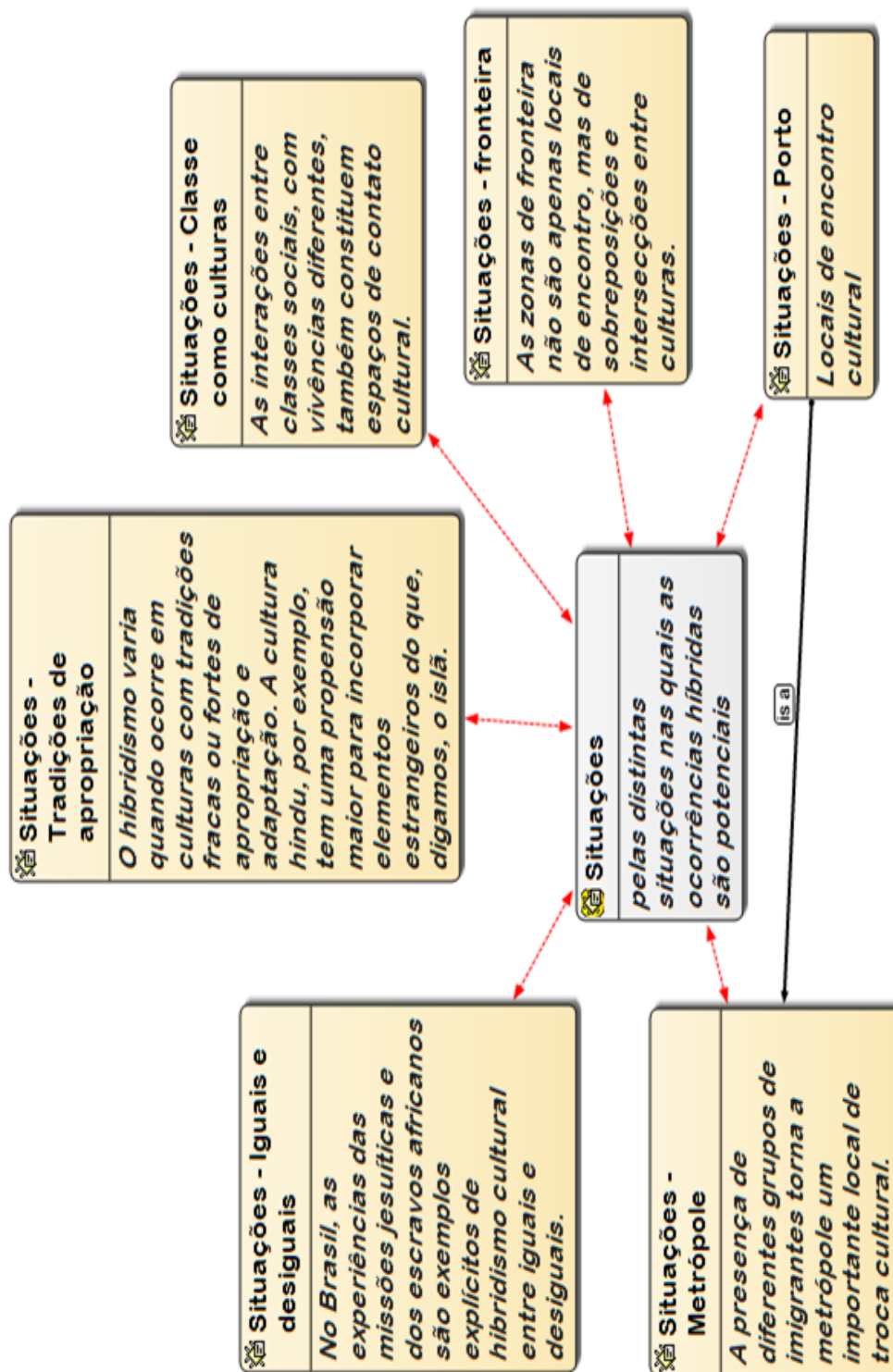


Imagem 4 Código: Situações



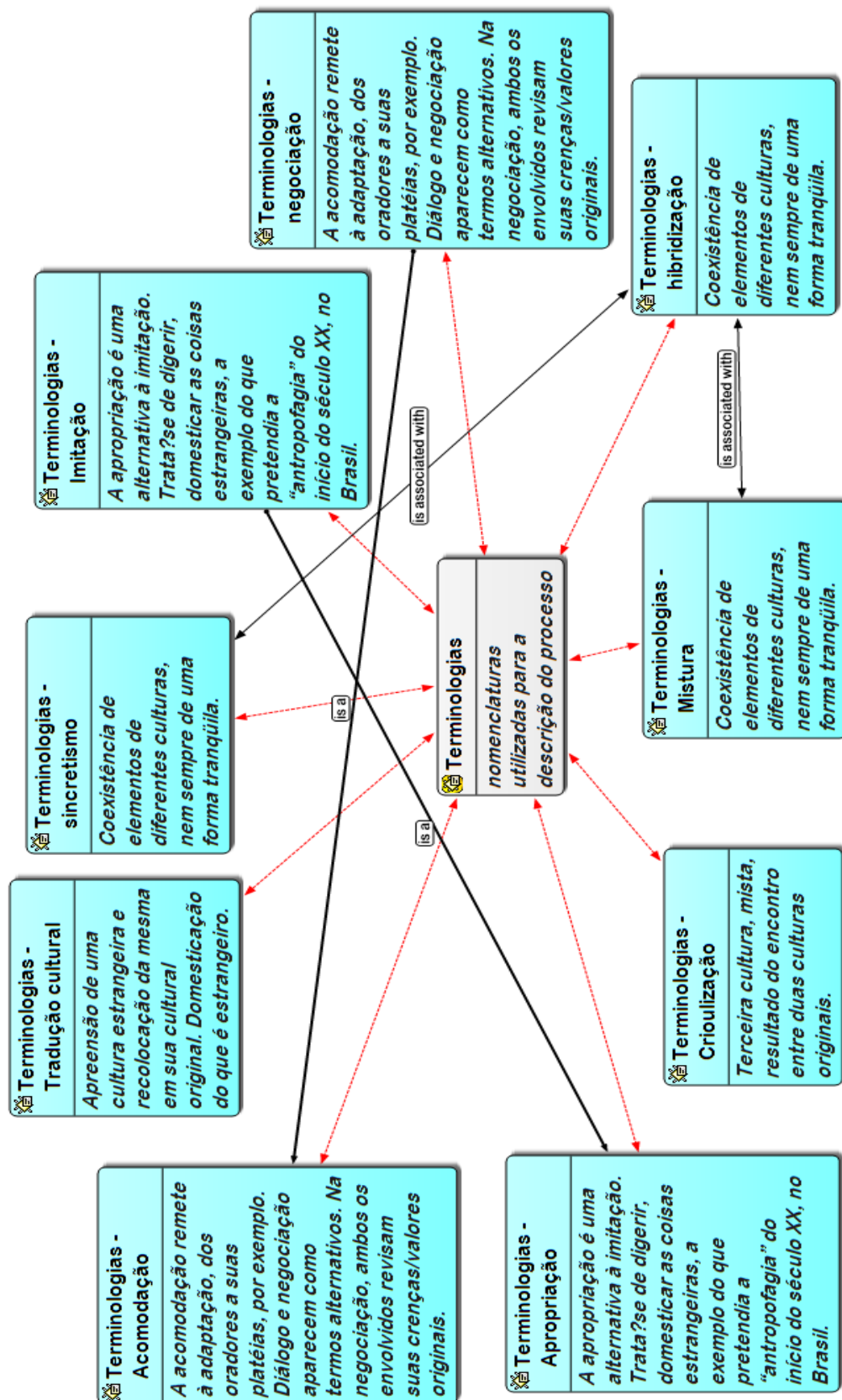


Imagem 5 Código: Terminologias

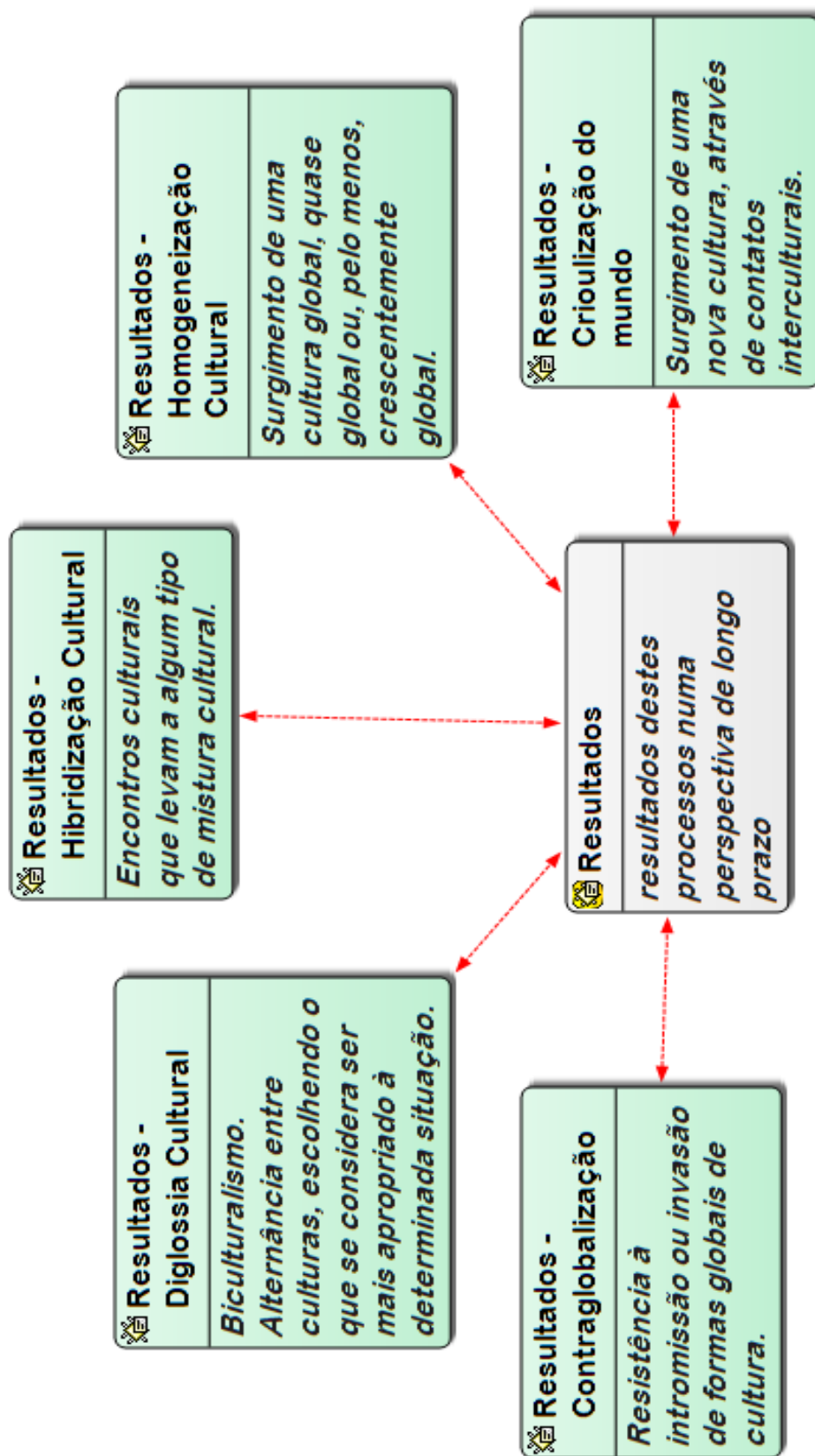


Imagem 6 Código: Resultados



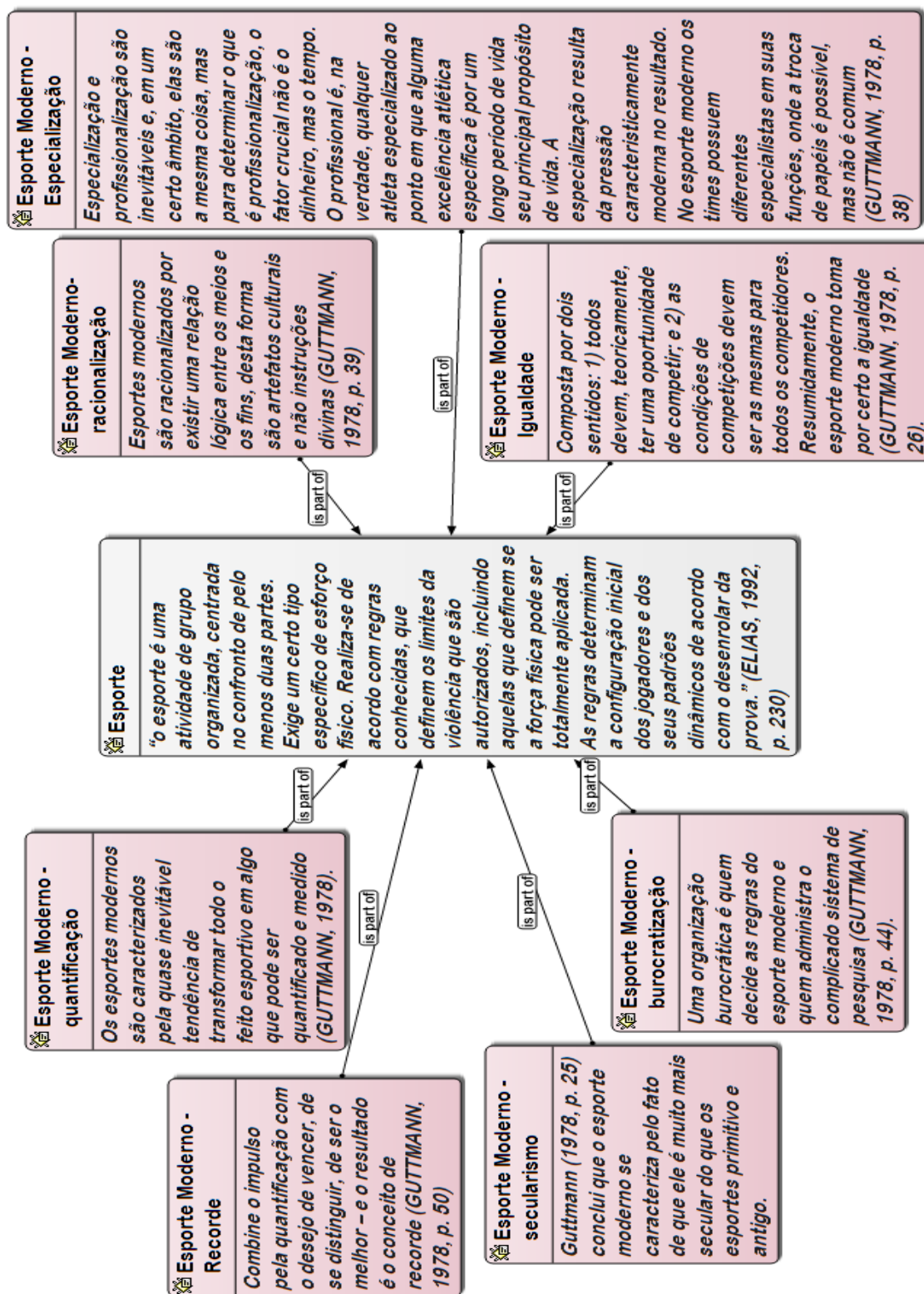


Imagem 7 Família de códigos: Esporte Moderno

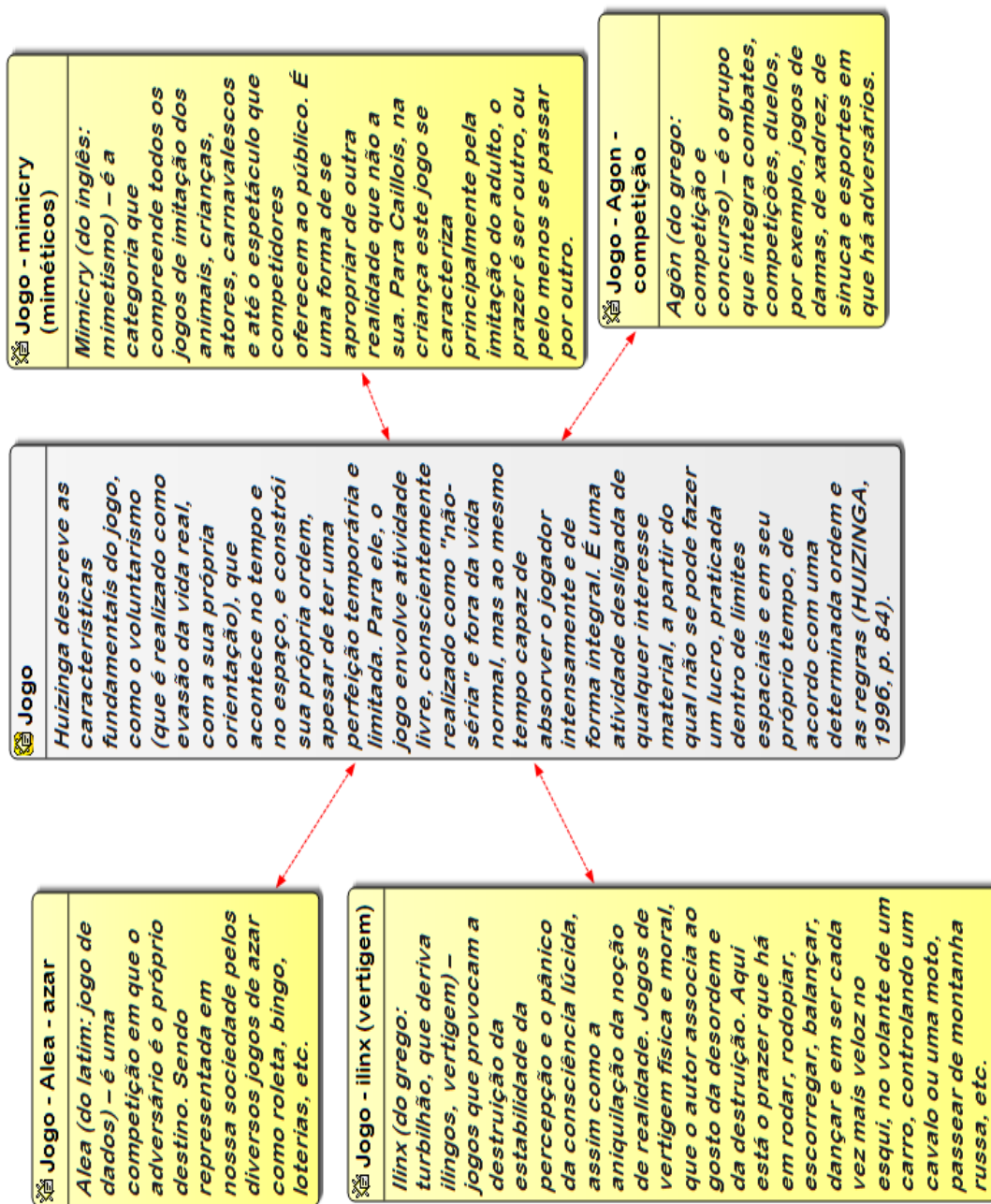


Imagem 8 Família de códigos: Jogo

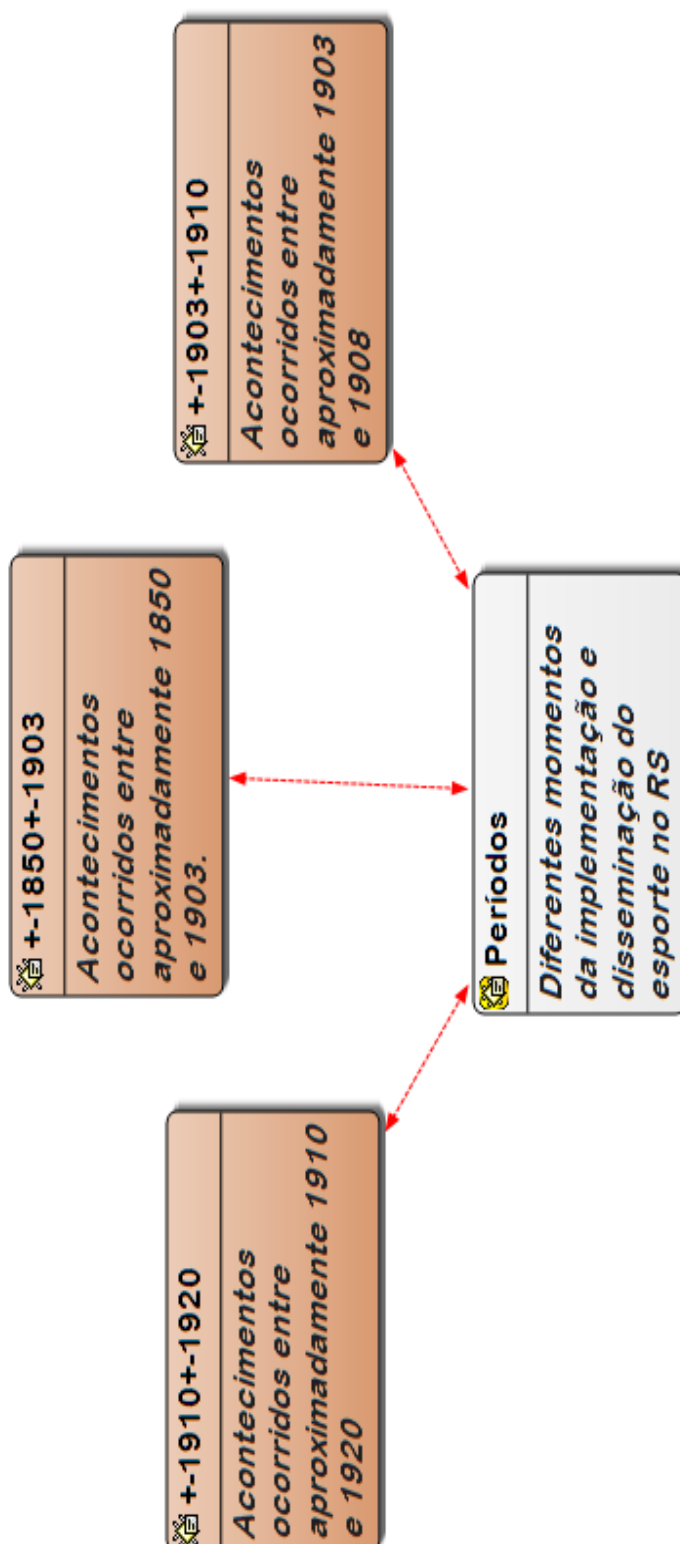


Imagem 9 Família de códigos: Período

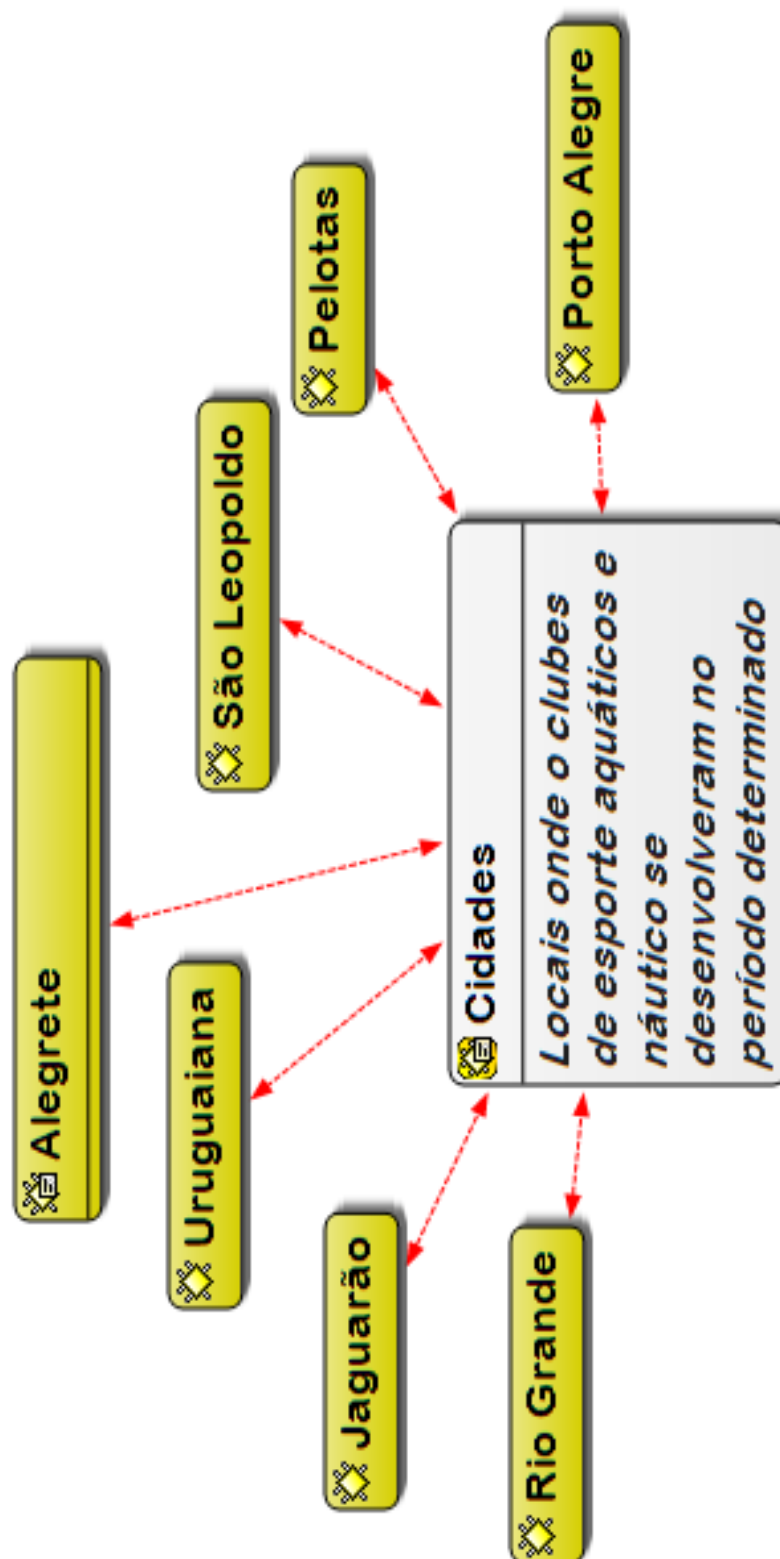


Imagem 10 Família de códigos: Cidades

Em seguida a leitura com codificação das informações dos documentos inseridos no *software*, ocorreu a etapa de cruzamentos dos códigos para iniciar a escrita dos capítulos de discussão e resultados. Para a escrita do capítulo 4, primeiramente, foi dado o comando de cruzar a coocorrência (COOCUR) das informações codificadas como +-1850+-1903 com a família Esporte Moderno, assim o *software* nos ofereceu uma lista das informações contidas em ambas as categorias, juntamente com os outros códigos determinados para cada dado selecionado como relevante, como no exemplo abaixo:

**P46: o remo através dos tempo\_2013.pdf - 46:2 [1860 23/09 – Rio Grande, Rio G..] (@382-@293) (Super)**

**Codes:** [+1850+-1903 - **Family:** Períodos] [Esporte Moderno - secularismo - Family: Esporte Moderno] [Jogo - Agon - competição - Family: Jogo] [Jogo - Alea - azar - Family: Jogo] [Objetos - Práticas - Families (2): Hibridismo Cultural, Objetos] [Pelotas - Family: Cidades] [Rio Grande - Family: Cidades] No memos

**1860**

23/09 – Rio Grande, Rio Grande do Sul, Regata Comemorativa à Independência do Brasil, com programa de cinco páreos para canoas de duas pás, escaleres e barcos à vela, tendo como promotora a Sociedade 7 de Setembro. Mais de duzentas pessoas viajaram de Pelotas, a bordo do vapor Mauá, para assistir à regata.

**Imagem 11 Exemplo de Famílias e códigos atribuídos a uma fonte analisada e a imagem da informação em formato fornecido pelo *software* ATLAS.ti 7.5.6.**

O mesmo cruzamento foi feito entre a família Esporte Moderno e cada um dos diferentes períodos, para a escrita dos capítulos 5 e 6. Como foi identificado que todos os dados extraídos possuíam pelo menos um elemento de Esporte Moderno, esta foi a maneira utilizada para reunir todas as informações em listas organizadas pelo recorte de cada capítulo. Os indícios fornecidos pelos códigos auxiliaram na interpretação e no desenvolvimento da narrativa, foi possível desenvolver o conteúdo da análise ao longo do texto, assim como o cruzamento das fontes com o referencial teórico e a revisão bibliográfica.

No entanto, em uma pesquisa em História, a organização dos fatos em uma linha do tempo é necessária para interpretação, o que o *software* ATLAS.ti 7.5.6 não oferece, o que tornou a análise pouco eficaz para esse tipo de pesquisa. Outro fator limitante é a necessidade de estar com todas as fontes coletadas para iniciar a análise, em razão falta de organização temporal, o que

faz necessária a criação de estratégias, como a família Períodos. As análises desenvolvidas a partir da ferramenta foram complementadas por informações coletadas em livros, os quais a digitalização é proibida.

### c) A interpretação das informações

A análise documental convive com a crítica histórica que, segundo Cohen e Manion (1990, p. 87), “usualmente se desenrola em duas fases: primeiro, valoriza-se a autenticidade da fonte; segundo, avalia-se a precisão ou valor dos dados. Os dois processos conhecem-se como crítica externa e interna, respectivamente”. A crítica externa pretende apurar a autenticidade e genuinidade dos documentos, portanto, a sua veracidade nos dois níveis, enquanto a crítica interna pretende sujeitar o documento a uma análise rigorosa, baseada em perguntas sobre a história do conteúdo e forma do documento (BELL, 1997). A autora (BELL, 1997) acrescenta que dentro das fontes primárias existem ainda as fontes deliberadas e as fontes inadvertidas. Estas últimas são as “as mais comuns e constituem, geralmente, a fonte primária mais valiosa” (BELL, 1997, p. 91-92).

Ainda, o trabalho faz uma comunicação com o pensamento de Saint-Georges (1997, p. 42-44), que tem como base a noção de crítica histórica e apresenta um processo de análise documental que pretende “examinar metodicamente os documentos para se esforçar por determinar o seu alcance real e tentar medir o grau de confiança que possa ser-lhes concedido, tanto no que são como no que dizem”. A pesquisa documental recorre essencialmente a documentos escritos, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor (SAINT-GEORGES, 1997). Este processo assentou em três fases sucessivas e complementares: a) A crítica interna do documento – efetuar uma leitura atenta do texto, procurando interpretá-lo; b) A crítica externa ou crítica da testemunha – o que vai ser examinado já não é a mensagem, o texto, mas os aspectos materiais do documento; c) A crítica do testemunho: “confirmar a informação” – confrontar o testemunho examinado com outros testemunhos independentes do primeiro.

Pensamento que vai ao encontro de Barros (2012), de que são quatro as possíveis posições veladas nas fontes: em relação à época; em relação aos

fatos ou ao processo histórico que está sendo especificamente examinado; a ideológica, em relação aos acontecimentos narrados pelo autor da fonte (para o caso de fontes autorais); e em relação ao problema tratado pelo historiador.

Assim, estas fontes sofreram indagações para se contextualizar o documento coletado, como: sob quais condições aquele documento foi redigido; com que propósito; por quem; além de se buscar entender o texto no contexto de sua época. Conforme Bacellar (2008, p. 63), “boa dose de desconfiança é o princípio básico a nos orientar nesses momentos, além de uma leitura muito atenta dos autores que já trabalham na mesma linha de pesquisa”. Ou seja, foi perguntada às fontes: “que posição a fonte histórica ocupa em relação ao objeto histórico ou realidade histórica examinada, ou mesmo, em relação ao problema proposto, ao seu contexto mais imediato” (BARROS, 2012, p. 132). A posição à época permite que o pesquisador faça uma relação cronológica das fontes. Já a distinção entre duas fontes pode ser feita por referência à sua proximidade em relação aos fatos narrados.

Já, a avaliação da posição ideológica em relação a certos acontecimentos ou processos permite tratar a fonte-autoral como discurso a ser analisado. Cabe ressaltar que para um problema histórico as fontes quase involuntariamente se tornam fontes diretas com relação à posição que ocupam em relação ao problema (BARROS, 2012a). Outro aspecto a ser observado em uma fonte é o que está produzido de forma voluntário e de forma involuntária, a partir a intencionalidade do autor. Segundo Barros (2012a), o fato de uma fonte ser intencional não traz uma limitação para o historiador, desde que ele se posicione metodologicamente e recoloque os seus problemas históricos de uma maneira que seu objetivo seja analisá-las no interior de discursos, de práticas e representações.

Na análise das fontes documentais se procurou um texto atrás de outro texto, com o objetivo de averiguar a presença ou a ausência de uma dada informação, ou conjunto de informações, num determinado fragmento de mensagem que será tomado em consideração, buscando profundidade em certas informações, aparentemente superficiais. Trazer não apenas suas palavras, mas buscar entender o seu pensamento e conhecer as motivações do autor do texto documental. Logo após, estas foram relacionadas com a fundamentação teórica.

Para esta análise qualitativa das fontes foi desenvolvido um sistemático processo de compreensão acerca das próprias fontes utilizadas no trabalho historiográfico, que parte do pressuposto que nenhum documento é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu (PIMENTEL, 2001; BACELLAR, 2008).



### 3 ESPORTES NÁUTICOS E AQUÁTICOS E O ASSOCIATIVISMO

O presente capítulo trata da construção dos espaços do associativismo esportivo, ambientes onde as práticas esportivas náuticas e aquáticas começaram a se desenvolver, se modificar e dar lugar aos esportes. Historicamente, no Rio Grande do Sul, as associações configuraram-se nos principais espaços onde os esportes são desenvolvidos. Entretanto, para a instauração de uma associação esportiva é necessário que existam objetivos a serem alcançados, os quais podem ser externos e internos a prática esportiva. Nesta perspectiva, as associações esportivas tornam-se meios para se chegar a um fim. Assim, desde sua fundação e ao longo de sua trajetória estes espaços apresentaram mais de um objetivo e serviram de ambientes para a instrumentalização intrínseca e/ou extrínseca do esporte.

Desde os primeiros indícios em Porto Alegre, na segunda metade do século XIX até meados do século XX, o associativismo esportivo possuiu diversos sentidos, inclusive o de originar outras associações com diferentes contornos, como o do privado e o público (MAZO *et al.*, 2012). As formas que os pioneiros percebiam o ambiente das associações permitem a construção de diferentes representações, que se modificam com as transformações culturais e sociais ocorridas em determinados períodos históricos, marcados por continuidades e rupturas. Os fundadores e associados atribuíram ao longo do tempo diversos significados às associações esportivas, os quais estão relacionados com os desígnios atribuídos externa e internamente ao esporte.

Para Martínkova e Parry (2012), existem objetivos externos ao esporte e é importante levá-los em consideração, uma vez que estes influenciam consideravelmente a sua prática. Isso acontece quando o esporte é usado instrumentalmente, isto é, como meio para atingir objetivos externos a ele, tais como fama, riqueza, a socialização, a perfeição moral, etc. Um ponto de tensionamento com relação aos objetivos externos é, em muitos casos, o entendimento acerca do esporte como tendo um valor à parte de si mesmo, e sua prática justificada com relação a valores fora de si mesmo. Por outro lado, as metas internas do esporte, como marcar um gol ou acertar uma cesta, são muitas vezes pensadas para serem intrínsecas e não-instrumentais.

Entretanto, esses autores (MARTÍNKÓVA E PARRY, 2012) argumentam que as metas internas do esporte também mostram uma espécie de instrumentalidade, já que o movimento humano na prática esportiva supõe levar a algum tipo de realização. A dupla instrumentalidade do esporte remete a alguns problemas relacionados, principalmente, com a qualidade do processo, ou seja, do próprio desempenho. Na pesquisa bibliográfica realizada para este artigo, evidenciou-se que a maioria dos autores abordaram os objetivos externos ao esporte e como estes se fazem presentes; no entanto, sobre os objetivos internos existem poucos trabalhos e, ainda menos abordagens sobre como os sentidos se modificaram ao longo do tempo e espaço. Nesta perspectiva, este capítulo busca compreender o processo de instauração e manutenção das associações esportivas, a partir das formas pelas quais representam a instrumentalização externa e interna do esporte para e pelos grupos sociais. Este cenário descrito faz surgir as seguintes questões: como as instrumentalidades do esporte se modificaram no espaço do associativismo esportivo do final do século XIX até meados do século XX? E como, assim, oportunizaram a emergência dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul?

De acordo com Martínkova e Parry (2012), os níveis de instrumentalidade do esporte estão conectados com os valores compartilhados em uma determinada sociedade, e com os valores atribuídos ao esporte, que o tornam um elemento valioso para os indivíduos daquela sociedade. Porém, é no espaço do associativismo esportivo que as instrumentalidades se manifestam, o clube se tornou a unidade fundamental de estruturação, quando o esporte organiza-se em entidades representativas.

Inscrevendo-se nas dimensões dos estudos socioculturais, procurou-se contemplar o objetivo proposto por meio de uma coleta de informações em livros, artigos científicos, dissertações e teses. As informações foram analisadas vislumbrando-se o associativismo como espaço social no qual o esporte é vivenciado na sua forma extrínseca e intrínseca. Nesta direção, o esporte é tratado enquanto uma prática cultural que produz representações culturais identitárias e de distinção dos grupos sociais.

Espera-se que o enfoque sobre o fenômeno do associativismo esportivo contribua para os estudos no âmbito da Sociologia Pública, pois, ao buscar uma aproximação com a sociedade, traz a comunicação e o entendimento como

elementos relevantes de uma sociologia engajada (ALMEIDA, 2014). Ruy Braga e Michael Burawoy (2009) sugerem outro papel para a Sociologia: não vista apenas enquanto ciência, mas também como moral e como força política, sendo caracterizada por um processo educativo mútuo entre o cientista e o seu público.

Todavia, a Sociologia deve conjugar o rigor da sociologia profissional com a intervenção no espaço público e, assim, assumir a defesa dos interesses da humanidade. De tal modo que, ao analisar a instrumentalidade de mecanismos que estruturam o campo do associativismo esportivo emergem novas perspectivas de se pensar a própria História do Esporte no Brasil. E, os conceitos tornam-se o instrumento dinâmico da mudança histórica e sociocultural e podem contribuir para a aproximação deste campo com a esfera pública. Pois, de acordo com Almeida (2014), a sociologia do esporte e do lazer pode trazer novos olhares à sociologia.

### **3.1 A (re)construção de conceitos: associativismo e esporte**

Neste subcapítulo é desenvolvida a construção dos principais conceitos para este estudo, bases para o processo de reflexão sobre a implantação, o estabelecimento e a disseminação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul. O termo associativismo esportivo é formado por duas palavras, que juntas ganham um novo sentido. Até mesmo estas palavras, que fornecem definição, são carregadas de representações e sentido. Associação vem do latim *associare* que significa juntar, agrupar. Já o termo esportivo está relacionado a esporte, com origem no termo inglês *sport*, o qual por sua vez agregou o termo francês antigo *desport*, que significa “passatempo, recreação, prazer”, do verbo *desporter* (divertir-se, distrair-se, jogar), cujo significado literal é “levar embora, retirar”, o que possui o sentido de desviar os pensamentos de assuntos sérios.

Apesar de o termo esporte ter uma origem antiga, o seu significado ainda não é absoluto. Segundo o sociólogo Wilbert Marcellus Leonard (1998), o conceito de esporte significa algo diferente para cada um nós. Em busca de uma resposta para a questão “o que é esporte”, o autor (LEONARD, 1998, p. 6) afirma: “[...] the meaning of Sport, like love, marital success, time, life, satisfaction, or

religiosity, is self-evident until we attempt to define it unambiguously”<sup>25</sup> No entanto, Leonard (1998) é enfático ao dizer que, academicamente, é necessária uma operação mental que permita ao cientista determinar o significado preciso dos conceitos, uma conceitualização. Porém, o mesmo autor (LEONARD, 1998) ressalta que o esporte é um conceito definido de forma imprecisa.

Apesar de não termos um conceito preciso, em um trabalho científico, se faz necessário ter noções do que possa ser considerado esporte contemporaneamente, para que possamos, a partir de um ponto de diferenciação, construir definições a propósito das práticas esportivas no passado. Diversos estudos acadêmicos (GUTTMANN, 1978; ELIAS; DUNNING, 1992; GARCIA, 2004; VIGARELLO, 2008) apresentaram elementos definidores e diferenciadores do esporte em relação a outras práticas. Nos estudos dirigidos por Corbin, Courtine e Vigarello (2008a, 2008b, 2008c) encontramos indícios de práticas corporais que foram esportivizadas em diferentes tempos e espaços sociais.

No fim do século XIX, os esportes passaram a ser vistos como práticas diferenciadas de práticas esportivas antigas e primitivas. Para Elias e Dunning (1992), há mais diferenças do que semelhanças entre os esportes modernos e os esportes tradicionais ou antigos. Para estes autores (1992), o esporte possui tempo e espaço próprios para a sua prática, bem como é “uma atividade de grupo organizada, centrada no confronto de pelo menos duas partes. Exige certo tipo específico de esforço físico e realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 230).

Allen Guttmann (1978) desenvolve o conceito de esporte moderno arquitetando sete características diferenciadoras em relação aos esportes antigos e primitivos: secularização, especialização, igualdade, racionalização, burocratização, quantificação e busca por recordes. Estas características representam os atributos da sociedade moderna, e apregoam a denominação de moderno ao termo esporte. A abordagem de Guttmann (1978) acerca do esporte moderno sofreu críticas “[...] por suas presunções e tendência geral funcionalista”, como refere Booth (2011, p. 5), além disso, “[...] também incorpora a

---

<sup>25</sup> "O significado do Esporte, como o amor, sucesso conjugal, tempo, vida, satisfação, ou religiosidade, é autoevidente até tentar defini-lo, de alguma forma, sem ambiguidades" (tradução nossa).

homogeneização de diferentes sociedades, incluindo seus esportes, as quais ele deduz que sigam um modelo ocidental”, ou seja, pouco considerou no seu enfoque as dimensões de espaço, tempo e cultura.

Para Martínkóva e Parry (2012), esportes são competições governadas por regras, nas quais as habilidades físicas são contestadas. Tem caráter mais formal, sério, competitivo, organizado e institucionalizado, do que os jogos a partir do qual muitas vezes eles surgiram. O objetivo do esporte é conseguir algo, cumprir uma tarefa que é dada por regras acordadas. E, justamente, é a tensão causada pela busca do melhor desempenho no que diz respeito a uma determinada tarefa, em conjunto e ao mesmo tempo contra um adversário, que forma a base do esporte.

Os sentidos do esporte também são modificados pela tecnologia aplicada neste campo. Um exemplo é o caso da prática do remo no Rio Grande do Sul. Havia competições em áreas fluviais com barcos que necessitavam de pás de remo para o deslocamento. Assim, principalmente em meados do século XIX, a prática do remo era definida no momento que existia o movimento de remar aliado a uma disputa entre duas ou mais embarcações e regras pré-definidas. Já no fim do século XIX, para haver competições de remo era preciso ter barcos apropriados para o esporte, importados do exterior, denominados *gigs* (AMARO JÚNIOR, 1942, p. 43). No entanto, já havia no Rio Grande do Sul regatas comemorativas com barcos chamados escaleres, isto é, embarcação a remo e a vela, ou barcos de pescadores, e não *gigs* (REGATAS, 1894).

Essa representação de como praticar o esporte vai ao encontro da afirmativa de Burke (2009), de que todas as formas culturais são invenções. Todavia a liberdade, criatividade e invenção têm limites e são moldadas por restrições culturais, bem como sociais e materiais. Deste modo, Burke (2009) recomenda que se fale em reconstrução de tradições “mais do que invenção, uma vez que o que acontece não é criação a partir do nada, mas uma tentativa de bricolagem, de colocar material velho em novos usos ou de fazer novas declarações a partir de velhas palavras” (BURKE, 2009, p. 157-158). O associativismo esportivo teuto-brasileiro em várias cidades do Rio Grande do Sul é um caso que exemplifica a reconstrução de tradições pelos imigrantes alemães na segunda metade do século XIX.

Para Chartier (2002), as representações mentais, as práticas sociais, são sempre governadas por mecanismos e dependências desconhecidos dos próprios sujeitos. Por isso a necessidade de interpretá-las e analisá-las para compreender o mundo criado por esses agentes sociais e pelo fato das representações terem o poder de modificarem a realidade que parecem refletir (BURKE, 2005). Desta forma, as representações construídas em torno das associações esportivas fornecem sentidos que, por vezes, são desconhecidos pelos próprios sujeitos. Para Pesavento (2008, p. 39), “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”.

As representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais dotadas de forma integradora e coesiva bem como explicativa de uma realidade; elas são portadoras do simbólico e dizem mais do que aquilo que demonstram ou ocultam. Desta forma, sua força está na capacidade de mobilização e legitimidade social. Pesavento (2008, p. 41) afirma que “[...] o grupo, que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social”, portanto, as representações identitárias podem ser utilizadas para jogos de poder.

### **3.2 As apropriações do associativismo esportivo**

O presente subcapítulo apresenta as diferentes apropriações do associativismo esportivo e como este se configurou em diferentes espaços. Segundo o sociólogo Raymond Boudon (1990), o termo associação apresenta um sentido amplo e outro restrito. Em seu sentido amplo designa todo e qualquer agrupamento, seja qual for a sua forma jurídica e a sua finalidade. E, em seu sentido restrito, o termo designa um agrupamento de duas ou várias pessoas que põem em comum, de maneira permanente, os seus conhecimentos e as suas atividades numa finalidade que não seja a de partilhar lucros. O sentido amplo do termo abrange demasiada gama de agrupamentos, incluindo aquelas que não têm registros oficiais e sem uma estrutura para localização e armazenamento de materiais, assim como não diferencia os significados atribuídos pelos homens em determinados locais e períodos.

A organização de associações esportivas tem a prática de esporte(s) como o objetivo em comum deste agrupamento voluntário (LÜSCHEN; SAGE, 1981). Porém, em torno deste objetivo existe a oportunidade de construção e negociação de representações que identificam e diferenciam os grupos sociais. No caso do *Turnen* desenvolvido na Alemanha, no final do século XVIII e início do século XIX, por Friedrich Jahn, esta prática operou na consolidação de um sentimento coletivo para a constituição do Estado Alemão.<sup>26,27</sup>

Logo, no Brasil, em particular no estado do Rio Grande do Sul, o *Turnen* adotado em escolas e sociedades de ginástica expressou um conjunto de práticas e representações culturais que contribuíram para a preservação de identidades dos imigrantes alemães e seus descendentes (KILPP, 2012; MAZO, 2003; TESCHE, 1996). Outras pesquisas (SILVA; MAZO, 2009; SILVA, 2011; MAZO; FROSI, 2012; SILVA, PEREIRA, MAZO, 2012; SILVA; MAZO, 2014), analisaram a instauração de associações esportivas, em diferentes períodos históricos, enquanto formas de construção de identidades culturais ligadas a imigrantes europeus e seus descendentes. Estes estudos reconhecem a utilização de associações esportivas como instrumentos de estabelecimento de fronteiras de identidades entre culturas, bem como as práticas esportivas adotadas e distinguidas a determinados grupos.

Até o princípio do século XX, as associações esportivas demarcavam um espaço sociocultural no Rio Grande do Sul. Durante um longo período, o associativismo esportivo desempenhou papel central na expressão das identidades culturais dos imigrantes e seus descendentes nas cidades marcadas pela presença de grupos advindos de diferentes países da Europa, que buscaram perpetuar hábitos, práticas e costumes de origem. Com este sentido o associativismo esportivo perdurou fortemente até aproximadamente até fim da década de 1910, quando algumas associações esportivas adotaram representações identitárias brasileiras, em um processo de nacionalização iniciado durante a I Guerra Mundial e acentuado na II Guerra Mundial (MAZO,

---

<sup>26</sup> Conforme Hobsbawm e Ranger (1984, p. 311) “o alinhamento das associações de ginástica à ideia de nação alemã vitoriosa manifestou-se simbolicamente, quando a maioria das associações de ginástica assumiram as novas cores da nação alemã — o preto, o vermelho e o branco.”

<sup>27</sup> Para Norbert Elias (1997, p. 140) a força da crença na comunidade nacional é “uma das mais poderosas, talvez a mais poderosa das crenças sociais dos séculos XIX e XX”.

2007, SILVA, 2011). Estas alterações foram absorvidas pelas associações, como ocorreu com os clubes de remo fundados pelos imigrantes alemães que trocaram sua denominação do alemão para a língua portuguesa (FRISCH-AUF, 20/11/1917), entre outras mudanças. Como demonstra os quadros 2 e 3, a seguir, no cenário dos esportes náuticos e aquáticos, o associativismo esportivo se expandiu significativamente de meados do século XIX até início do século XX.

<b>CLUBE</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>	<b>CIDADE</b>
1. Club de Regatas Pelotense	1875	Pelotas
2. Club de Regatas Pelotas	1884	Pelotas
3. Deutscher Turnverein (1867); Turnerbund (1892); Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA) (1942)	1885	Porto Alegre
4. Ruder Club Porto Alegre	1888	Porto Alegre
5. Ruder Verein Germania	1892	Porto Alegre
6. Club Naval Pelotense	1896	Pelotas
7. Club Fluvial de Regatas	1897	Rio Grande
8. Club Athletico de Porto Alegre	1897	Porto Alegre
9. Club de Regatas	1897	Porto Alegre
10. Club Excursionista e Sportivo	1902	Porto Alegre
11. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré	1903	Porto Alegre
12. Club de Regatas Almirante Barroso	1905	Porto Alegre
13. Ruder Verein Freundschaft (1906); Grêmio Náutico União (1917).	1906	Porto Alegre
14. Club Sportivo Internacional	1907	Pelotas
15. Filhotes do Barroso	1907	Porto Alegre
16. Club Saldanha da Gama	1907	Porto Alegre
17. Grêmio Náutico Rio-grandense	1907	Porto Alegre
18. Club Canottieri Duca degli Abruzzi	1908	Porto Alegre



19.	Grêmio Náutico Amazonas	1908	Porto Alegre
20.	Grêmio Náutico Lusitano	1908	Porto Alegre
21.	Club Náutico Cristoforo Colombo	1909	Porto Alegre
22.	Ruder Club Neptuno	1909	Porto Alegre
23.	Club Sportivo de Regatas		Pelotas
24.	Club Náutico Alegretense	1910	Alegrete
25.	Clube Riograndense	Década de 1910	São Leopoldo
26.	Grêmio de Náutico Almirante Tamandaré	1912	Rio Grande
27.	Clube de Natação e Regatas Pelotense	1914	Pelotas
28.	Clube Náutico Itapuhy	1914	São Leopoldo
29.	Rowing Club Ítalo-brasileiro	1914	Porto Alegre
30.	Centro de Remo	1914	Porto Alegre
31.	Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré	1916	Pelotas
32.	Club Canottieri Almirante Tamandaré	1916	Uruguiana
33.	Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré	1916	Jaguarão
34.	Club de Regatas Vasco da Gama	1917	Porto Alegre
35.	Clube Náutico Uruguianense	1920	Uruguiana
36.	Grêmio Almirante Tamandaré	1923	Taquara
37.	Clube de Natação e Regatas Almirante Alexandrino	1923	Jaguarão
38.	Grêmio Almirante Tamandaré	1923	São Sebastião do Caí
39.	Grêmio Almirante Saldanha da Gama	1924	Santana do Livramento
40.	Departamento Náutico do Cruzeiro do Sul	1925	Taquara
41.	Grêmio Náutico Jacuhy	1926	Cachoeira do Sul

42.	Sport Club Sudameris	1927	Porto Alegre
43.	Grêmio Náutico Gaúcho	1929	Porto Alegre
44.	Clube Náutico Honório Bicalho	1929	Rio Grande
45.	Club de Regatas Almirante Abreu	1930	São Lourenço do Sul
46.	Clube Náutico Gaúcho	1932	Pelotas
47.	Clube de Regatas Cruzeiro do Sul	1932	Montenegro
48.	Grêmio Náutico Taquary	1933	Taquari
49.	Grêmio de Natação e Regatas	1936	São Sebastião do Caí
50.	Uruguayana Praia Club	1936	Uruguaiana
51.	Grêmio Náutico Tamandaré	1936	Cachoeira do Sul
52.	Grêmio Náutico Farroupilha	1938	Farroupilha
53.	Clube Náutico Iguassu	1940	São Leopoldo
54.	Club Náutico Ipiranga	1944	Itaqui
55.	Grêmio Náutico Minuano	1944	São Lourenço do Sul
56.	Club de Remo de São Borja	1945	São Borja
57.	Departamento de Esportes Náuticos no Oficina Atlético Clube	1945	Rio Grande
58.	Grêmio Náutico Tabajara	1945	Lajeado
59.	Grêmio Náutico Alegretense	1947	Alegrete
60.	Club Náutico Marcílio Dias	1949	Porto Alegre
61.	Clube Náutico Capinguí	1950	Passo Fundo
62.	Clube de Regatas Vasco da Gama	1951	Pelotas
63.	Club de Regatas Lagoa dos Barros	1954	Santo Antônio da Patrulha
64.	Clube de Regatas Humaitá	19??	São Leopoldo

Quadro 2 Clubes esportivos náuticos e aquáticos do Rio Grande do Sul, entre fim do século XIX e meados do século XX.

Entidade Esportiva	Ano de Fundação	Local
1. Liga de Natação do Rio Grande do Sul	1890	Porto Alegre

2. Comitê de Regatas	1894	Porto Alegre
3. Federação Rio-grandense de Remo	1908	Porto Alegre
4. Liga Náutica Rio-Grandense	1911	Porto Alegre
5. Federação Aquática Rio-Grandense	1941	Porto Alegre
6. Federação Gaúcha de Natação	1955	Porto Alegre

**Quadro 3 Entidades organizacionais dos esportes náuticos e aquáticos do Rio Grande do Sul, entre fim do século XIX e meados do século XX.**

Assim, quando a diferenciação entre imigrantes teve um início de diluição, as associações esportivas procuraram formar outro sentido. Segundo o historiador Peter Burke (2009), os clubes, que são versões de associação, deram uma importante contribuição ao processo de modernização e foram particularmente importantes nos séculos XVIII e XIX. Além disso, buscaram estratégias de integração entre grupos de imigrantes, como ocorreu em Londres entre os séculos XVI e XVIII (BURKE, 2009) e em Porto Alegre a partir de meados do século XIX (MAZO, 2003). Neste período, em alguns países os clubes eram utilizados como instrumentos de distinção social, enquanto que no Rio Grande do Sul, esta forma de organização esportiva trazida, principalmente pelos imigrantes alemães, além da socialização foi também uma forma de manutenção da identidade etno-cultural.

### **3.3 Associativismo esportivo: espaços de instrumentalização do esporte**

Este subcapítulo trata de como os esportes foram instrumentalizados no espaço do associativismo esportivo, o que auxilia na interpretação destas instrumentalidades dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul. No estudo feito pelo etnólogo Allen Guttmann (1978), o esporte é um fenômeno cultural presente em distintas épocas históricas e nas mais variadas civilizações. Para tanto, qualifica o esporte moderno como uma forma singular de competição física não utilitária, que nasceu na Inglaterra e se difundiu para os Estados Unidos e para a Europa Ocidental. Posteriormente, o esporte se espalhou pelo restante do mundo.

As práticas esportivas institucionalizadas nos clubes em quase todo o mundo seguiram o modelo inglês. O esporte era, inicialmente, um costume

restrito a aristocracia inglesa, a qual assegurou sua perpetuação na instituição escolar (THOMAS; HAUMONT; LEVET, 1988; ELIAS; DUNNING, 1992; WALVIN, 1994). Os primeiros clubes esportivos organizados na Inglaterra no século XVIII tinham como objetivos a fixação das regras dos jogos praticados e o controle da procedência social dos jogadores.

O desenvolvimento do esporte para além do espaço escolar foi realizado pelos alunos egressos das escolas inglesas, através da fundação de clubes e ligas esportivas. Esse esporte se caracterizava como uma prática educativa, lúdica e de distinção social (MARIVOET, 1998, p. 16). Para Bourdieu (1979), o esporte é uma das práticas capaz de distinguir socialmente os agentes conforme a sua participação.

A distinção foi iniciada no modelo clubístico inglês e restaurada nos clubes disseminados pelo mundo que seguiam este modelo. O processo de institucionalização e expansão do modelo esportivo inglês compreende o período do final do século XIX e início do século XX. A difusão das práticas esportivas ocorreu pela multiplicação dos clubes de futebol (MORAES, SILVA, MAZO, 2015; SILVA, SILVA, MAZO, 2012), juntamente com a progressiva unificação das regras. Os clubes de futebol ingleses evoluíram no período compreendido entre 1840 e 1913, tornando-se representativo no modelo de organização da prática esportiva contemporânea. O modelo organizacional do futebol foi adotado para a estruturação do atletismo, natação e tênis, pela burguesia e a classe média urbana inglesa, de forma parecida aconteceu com o ping-pong (RIBEIRO; SILVA; MAZO, 2012). A prática e a ideologia da organização esportiva visavam basicamente romper a cultura aristocrática.

O esporte moderno institucionalizado nos clubes e associações, a partir de 1870, constituiu-se em uma “tradição inventada” (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p. 9) pelo Estado e grupos sociais específicos como resposta às turbulentas modificações sociais. Segundo Hobsbawn e Ranger (1984, p. 9) uma tradição inventada é:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

As bases do modelo esportivo clubístico inglês expandiu-se para o mundo e foi apropriado segundo características sociais e culturais. Thomas, Haumont e Level (1988) relacionam o caso da ginástica e do futebol na Rússia, primeiramente organizados em clubes, posteriormente agrupados em federações e depois a integração dos clubes nos sindicatos. Na Finlândia, a reação nacional e popular à adoção do modelo de clube inglês pela burguesia de origem sueca conduziu a organização de associações e federações polidesportivas, no final do século XIX. Na França, depois da derrota de 1870, também se criou um grande número de sociedades voltadas à preparação física e militar. O modelo esportivo inglês adquiriu uma posição hegemônica na França somente depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e se manteve até aproximadamente os anos de 1970. A penetração do esporte nesse país é explicada pelo nacionalismo e pela intervenção do Estado no sistema esportivo francês (THOMAS; HAUMONT; LEVEL, 1988).

Santos e Montalvo (1995), constataram a escassa participação dos espanhóis em todo tipo de associação, inclusive esportiva. A imagem negativa do associativismo esportivo na Espanha é justificada pelo funcionamento de outras formas associativas, como manifestações e festas populares, que do mesmo modo desenvolvem sentimentos de comunidade e afirmação de identidades (PÉREZ DIAZ, 1996).

O estudo comparativo de Klaus Heinemann *et al* (1997) mostra que na Alemanha existe uma estrutura de clubes rica em relação à Espanha. Na Alemanha, a evolução do modelo esportivo inglês foi modificada pela tradição nacional do *Turnen*. Embora conhecido pela denominação de ginástica, o movimento do *Turnen* incorporava diversos exercícios físicos e práticas esportivas com fins sociais e políticos. Segundo Tesche (1996, p. 35), a ginástica de Jahn “[...] está intimamente ligada à ideia de arregimentar o povo na luta contra Napoleão. Os exercícios de ginástica subordinam-se à finalidade de preparo militar e à educação da consciência de ser um povo alemão”. Nesta perspectiva, a ginástica com rígidos princípios de disciplina, obediência e dedicação era um instrumento de ação moral e política na educação da juventude.

Para além da construção de identidades etno-culturais e busca de distinção social, o processo de estabelecimento dos esportes no estado do Rio

Grande do Sul ocorreu em conjugado com a busca da modernização em alguns setores da vida dos sul-rio-grandenses. A busca pela modernidade demanda um rompimento com o passado e com as suas tradições, como nos esclarece Giddens (2000, p. 73): “[...] a modernidade é muitíssimo mais dinâmica do que qualquer tipo de ordem social preexistente, em uma sociedade - mais precisamente, um complexo de instituições sociais - que, à diferença de todas as culturas anteriores, vive no futuro e não no passado”.

A modernização da capital do estado foi marcante a partir da década de 1920 (MONTEIRO, 1995). Conforme o autor (1995), em Porto Alegre, a modernidade fluía vertiginosa e gloriosa, demolia casas, hábitos e costumes do passado, além de imprimir um modo de ser moderno. Tal movimento alcançou as associações esportivas que também buscaram formas de fazer parte do processo de modernização, dentre estas, a adoção de novos esportes. Como assinala Pereira (2012), o turfe tem suas representações ligadas a uma sociedade patriarcal predominantemente rural, onde a força e a capacidade concentram-se no animal, já o hipismo incorpora representações mais ligadas ao desempenho do ser humano também, o que está em consonância com um contexto de modernização (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2015).

Outro esporte surgido em um período de modernização da cidade e utilizado para distinção social foi o golfe. O primeiro clube de golfe foi o *Porto Alegre Country Club* (PACC), no início da década de 1930, pela iniciativa de médicos e empresários porto-alegrenses. Nesta associação esportiva, a presença de nomes reconhecidos no cenário político e econômico reforçava a imagem do clube enquanto um espaço de distinção social em Porto Alegre (PEREIRA; FERNÁNDEZ; MAZO, 2010). Os exemplos citados assinalam que o associativismo esportivo, além de ser uma estrutura de sociabilidade entre indivíduos que se interessam por esporte, é um ambiente onde se dá sentido ao mundo por meio de representações construídas e expressas neste local, seja de identidade etno-cultural, de distinção social ou, até mesmo, de inserir-se em uma representação de modernidade.

A alteração da fisionomia da capital do estado por meio de intervenções urbanas, como a destinação de espaços públicos às atividades de lazer para a população também é decorrente da modernidade. O planejamento urbano, obras de saneamento, alargamento de ruas, embelezamento da cidade, construção de

prédios públicos e de praças e parques tornou-se uma preocupação do governo municipal. Destaca-se a construção de praças e a apropriação destes espaços públicos para fins de lazer, promovendo práticas corporais e esportivas, organizadas à semelhança das que eram desenvolvidas nos clubes esportivos (OLIVEIRA; MAZO; STIGGER, 2010).

De acordo com Oliveira, Mazo e Stigger (2010), o surgimento das primeiras praças públicas em Porto Alegre foi no final do século XIX, entretanto, somente no início do século XX começou, gradualmente, a ocupação destes espaços pelos porto-alegrenses para a sociabilidade e lazer. Em decorrência das mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial, houve a disseminação da prática dos lazers em um quadro ocidental, no qual as diversas camadas sociais passaram a usar, em escala cada vez mais alargada, o tempo livre em práticas culturais. Esta apropriação oportunizou a emergência de outras formas de lazer pela população, como as práticas corporais e esportivas, nas praças públicas que, inicialmente, eram destinados apenas aos passeios dos porto-alegrenses.

Desta forma, a direção das ações nos espaços das praças aparece como função inerente à municipalidade. Nesse sentido, foi instituído o “Serviço de Recreação Pública” pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em 1926. Este setor foi idealizado pelo professor Frederico Guilherme Gaelzer, o primeiro inspetor de Educação Física da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado do Rio Grande do Sul, que antes disso estudou em uma ACM dos Estados Unidos. É considerado o pioneiro na institucionalização da recreação pública na cidade de Porto Alegre (FEIX, 2003; MACEDO, 1973), pois implantou os Jardins de Recreio, também chamados de Praças de Recreio. Mais tarde organizou as Praças de Desportos, também denominadas Praças de Educação Física, em razão do crescimento de práticas esportivas nas quadras de esportes arquitetadas nestes locais.

Em uma reportagem específica sobre as Praças de Desportos/Educação Física na Revista do Globo, em 11 de Setembro de 1937 (MAZO, 2004), foi ressaltada a importância da recreação pública gratuita como parte integrante na vida dos povos civilizados. Além disso, no texto foi ponderado que a Praça de Educação Física, funcionando ao lado da escola, a qual era considerada elemento indispensável, servia nas horas em que esta não funcionava, de centro

de recreação pública da juventude e ponto de reunião social de adultos do bairro. Assim as praças tornaram-se os espaços para o tempo livre da população em geral, mas, principalmente, daqueles que não tinham acesso as associações esportivas, instauradas para a parcela da população que possuía condições financeiras de pagar a mensalidade. Os candidatos a sócios de clubes passavam pela aprovação da diretoria, que analisava a proposta e a representação do indivíduo na sociedade porto-alegrense.

Conforme Oliveira e Mazo (2010), as associações esportivas porto-alegrenses eram restritas a uma elite social e não consentiam o acesso às classes menos favorecidas economicamente. Sendo assim, as praças tornou-se para alguns grupos sociais o único espaço possível para a prática esportiva. Nas Praças de Desportos/Educação Física, desencadeou-se a formação de equipes esportivas, as quais representavam as praças nas competições cidadinas (OLIVEIRA; MAZO, 2010). Então, os clubes das praças surgiram do padrão social e cultural do associativismo esportivo de então e abonaram um novo sentido ao conceito, pois formaram expressões associativas onde a instrumentalidade intrínseca do esporte tinha destaque.



#### 4 A IMPLANTAÇÃO DOS ESPORTES NÁUTICOS E AQUÁTICOS

Neste capítulo é abordado como ocorreram os procedimentos de implantação dos esportes náuticos e aquáticos no estado. As primeiras cidades do Rio Grande do Sul a promover competições com barcos foram Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas, possivelmente devido à condição destas cidades terem uma hidrografia propícia para a prática, respectivamente, mar com poucas ondas, o Lago *Guahyba* e o Canal de São Gonçalo. Essa característica também possibilitou a existência de portos, o que permitia a entrada de mercadorias e cultura, assim como havia um contato maior com meios de locomoção sobre as águas, os barcos de trabalho. Aos barcos, enquanto artefatos, foram atribuídas novas representações e despidos da ideia de instrumentos de trabalho, receberam do *Homo Ludens* (HUIZINGA, 1996) um fim de divertimento. Segundo Bento (2007), o homem possui a velhíssima e permanente necessidade de jogar, que nunca pode ser desconsiderada na vida. O cenário era propício para a implantação de competições, as quais já exibiam elementos de esporte moderno, o que pode ter sido uma abertura para a instalação dos clubes náuticos e aquáticos, iniciados com a prática do remo e da natação, esta última como divertimento, fins medicinais e prática utilitária para fins de sobrevivência no meio aquático.

Em Rio Grande ocorreu a primeira corrida de barcos no Rio Grande do Sul, realizada com os barcos de trabalho, tais como canoas, escaleres e botes à vela (AS REGATAS..., 22/09/1860; REGATA EM..., 23/09/1860). Cinco anos mais tarde, houve outra grande corrida de barco, organizada em honra de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, que estava visitando Rio Grande (EM RIO GRANDE ..., 11/02/1865). Em Pelotas, em 1875, o Clube de Regatas Pelotense (LICHT, 2013) foi fundado com barcos de trabalho para serem utilizados para a prática. Os jornais publicaram notícias sobre este evento (CLUB DE REGATAS, 4/8/1875; HOJE ..., 19/08/1875; INFORMAMOS ..., 22/08/1875; DECLARAÇÕES, 2/09/1875). No entanto, a primeira cidade a apresentar o remo com todos os elementos de esporte foi Porto Alegre, a capital do estado.

Estas urbes eram consideradas metrópoles no desenrolar do século XIX, pois do ponto de vista político e econômico eram as principais cidades do Rio Grande do Sul. Desta forma, agregavam pessoas de diferentes origens. De

acordo com Burke (2003), a metrópole é um importante local de troca, por existir o cruzamento de comércio e de cultura, “onde pessoas de diferentes origens se encontram e interagem” (BURKE, 2003, p. 70). Os portos são outro elemento que colabora para que exista contato cultural.

Este contato cultural também tinha os jornais como veículos, uma vez que seguidamente eram publicadas notas comentando sobre práticas e costumes europeus, americanos e, menos frequentemente, asiáticos, como, por exemplo, sobre o ensino naval no Japão (ESCOLA NAVAL..., 23/07/1906), a travessia do Canal da Mancha por remadores da Universidade de Oxford (TRAVESSIA DA MANCHA, 12/09/1885) e quais esportes eram praticados na Universidade de Harvard (OS SPORTS..., 19/08/1903), cabe destacar que esta última nota foi uma tradução do jornal *Le Fidalgo* da França, de onde frequentemente o jornal A Federação publicava partes de livros literários (O CANTO..., 20/10/1884; FOLHETIM-ROMANCE, 18/10/1884).

Segundo Glenda (2007), a França foi responsável pela primeira colonização cultural do país, influenciando o comportamento das elites, determinando modelos de vida social e referências intelectuais, como a filosofia, a moda, a gastronomia e a literatura. Assim, da mesma maneira que acontecia em cidades européias, principalmente na França, cidades do Rio Grande do Sul, como Porto Alegre e Pelotas, irradiavam cultura, novidades e informações, além de receberem um excepcional impulso em direção a um processo de modernização nas últimas décadas do século XIX. Isto ocorreu, possivelmente em razão de conceitos e idéias sobre Paris, que era considerada o centro de um imaginário social construído pela modernidade. Entre as razões para o desenvolvimento cultural de Porto Alegre, assim como os grandes centros urbanos da época, está o fato de que esta cidade buscava “europeizar-se”, dando importância ao comportamento educado, às boas maneiras, aos hábitos e costumes europeus (GLENDA, 2007).

Conforme Burke (2003), a aceitação de tudo que estrangeiro é uma das reações possíveis derivadas dos encontros culturais. Os costumes franceses e as práticas inglesas eram acolhidas, no século XIX, o mesmo aconteceu com a cultura americana no século XX (BURKE, 2003). Guttman (1994) afirma que os Esportes Modernos conquistaram o mundo a partir das Ilhas Britânicas. De acordo com Licht (2013), o rio Tâmis foi o berço das primeiras remadas

competitivas com elementos esportivos. Na Grã-Bretanha, os primeiros clubes de remo foram fundados por esportistas amadores, os quais utilizavam barcos similares aos dos marinheiros licenciados nas travessias do Tâmis, em 1715. Possivelmente, o autor (LICHT, 2013) chama de clube um grupo de interessados em competições, uma vez que afirma que tais clubes possuíam a mesma denominação do barco, que na sua maioria era para seis remadores. A primeira regata registrada do Tâmis foi realizada sessenta anos mais tarde, disputavam grupos de amadores, como os citados anteriormente, e jovens acadêmicos.

Anos após este evento, a Universidade de Oxford adota o remo como prática regular, afirma Licht (2013). Burnell (1979), em seu livro *One Hundred and Fifty Years of the Oxford and Cambridge Boat Race*, vai ao encontro das ideias de Licht (2013) e diz que Oxford iniciou a prática do remo por ter o Tâmis, que era um ótimo espaço de recreação. Entretanto, Burnell (1979) expressa que o primeiro remo universitário registrado em Oxford aconteceu em 1815 e que, em torno de 1823, os barcos tinham se tornado demasiado numerosos para correr fora de raias, pois o costume original era de tirar os outros do caminho com choques entre embarcações. Isto pode ter gerado um primeiro movimento de introdução de regras para a prática, em um processo de burocratização (GUTTMANN, 1978), onde a violência deve ser controlada (ELIAS, 1992).

O século XIX foi o período de maior implementação e disseminação mundial do remo, quando a prática propiciou e foi tocada por diferentes culturas, o que tornou-a híbrida, onde várias culturas praticam juntas ao mesmo tempo que lhe atribuem diferentes representações, assim como organizam clubes para o exercício do remo. Segundo Burke (2003, p. 31), “devemos ver as formas híbridas como resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem antigos elementos”.

O quadro 2 mostra os anos em que os diferentes países começaram a desenvolver as primeiras manifestações da prática do remo.

<b>Países</b>	<b>Ano</b>
<b>Grã- Bretanha</b>	<b>1775</b>

---

<b>Estados Unidos</b>	1811
<b>Alemanha</b>	1830
<b>Austrália</b>	1832
<b>China</b>	1832
<b>França</b>	1835
<b>Canadá</b>	1840
<b>Rússia</b>	1842
<b>Áustria</b>	1842
<b>Bélgica</b>	1842
<b>Dinamarca</b>	1842
<b>Holanda</b>	1842
<b>Finlândia</b>	1842
<b>Noruega</b>	1842
<b>Suíça</b>	1842
<b>Índia</b>	1845
<b>Hong Kong</b>	1849
<b>Suécia</b>	1852
<b>Argentina</b>	1857
<b>África do Sul</b>	1861
<b>Nova Zelândia</b>	1861
<b>Itália</b>	1861
<b>Romênia</b>	1864
<b>República Tcheca</b>	1868
<b>Uruguai</b>	1874
<b>Peru</b>	1875
<b>Portugal</b>	1878
<b>Malásia</b>	1879
<b>Chile</b>	1881

---

**Quadro 4 Anos de implantação da prática do remo em diferentes países, adaptado de Licht (2013).**

No Brasil, foi na capital do país no período, Rio de Janeiro, onde ocorreram as primeiras manifestações da prática (LUCENA, 2001; MELO, 2001), seguida pelo Rio Grande do Sul, em 1860, e Santa Catarina, em 1861 (LICHT, 2013). Segundo teses de doutorado realizadas até o momento, neste processo de disseminação dos esportes, estes chegaram ao Rio Grande do Sul por diversos caminhos, por via Platina, como concluiu Mascarenhas (2001), e por imigrantes alemães conforme Mazo (2003). O Rio Grande do Sul recebeu, em diferentes momentos de tempo e espaço, diferentes grupos de imigrantes, portugueses, alemães, italianos, judaicos, poloneses, franceses, entre outros (LANDO et al., 1980; LONER, GILL, MAGALHÃES, 2012). Esta mistura cultural (BURKE, 2003) propiciou o desenvolvimento de novos costumes, práticas e hábitos, dentre estes estavam as associações que visavam desenvolver a socialização entre os imigrantes de mesma origem.

Segundo Fiss (2001), os luso-brasileiros, para amenizar a saudade de seu país de origem e manter viva a sua memória cultural, reuniam-se em torno de diferentes formas de associações. Estas associações também eram utilizadas para repassar representações da sua cultura para seus descendentes, tanto os nascidos em Portugal quanto os nascidos no Brasil. Neste sentido também ocorria com os imigrantes alemães, os quais foram os primeiros a fundar um clube esportivo (MAZO; GAYA, 2006).

Estes clubes eram locais de socialização, onde os teuto-brasileiros se reuniam para exercer sua cultura por meio de costumes, práticas e representações. Conforme Silva (1997), os clubes dos alemães eram ocupados para as seguintes práticas culturais: ginástica, jogos, caminhadas, teatro e coral. As primeiras práticas ligadas a uma associação foram o *turnen*, (ginástica alemã) que era um marco de referência de cultura teuto-brasileira (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012). Em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, foi fundada em 1867, a *Deutscher Turnverein* (Sociedade Ginástica), dedicada à prática do *turnen*. Mais tarde foi integrado o tiro ao alvo ao clube e tornou-se *Deutscher Turnerbund Schützverein* (Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro ao Alvo) e em seguida, o bolão (DAUDT, 1952; MAZO 2003).

Em Teutônia os clubes também são adotados para congregação teuto-brasileira, com a fundação de *Kriegerverein* (Sociedade de Guerreiros), em 1874, para a prática do tiro ao alvo e bolão. Segundo Mazo et. al (2012, p. 45) “esta sociedade foi fundada por ex-combatentes das guerras contra Áustria e a Dinamarca que ocorreram em solo alemão. Estes, provavelmente, foram os denominados brummers, mercenários que foram trazidos da Alemanha para lutarem nos exércitos brasileiros”. Em outra cidade do Estado, São Leopoldo, também fundada por teuto-brasileiros com participação marcante na cidade, o tiro ao alvo foi promovido na Sociedade de Atiradores (1878) de São Leopoldo, que mais tarde se desdobrou originando o Clube de Atiradores de São Leopoldo (1883). Enquanto isso, os grupos de luso-brasileiros organizavam e frequentavam os hipódromos, lugares próprios para o turfe, prática que envolvia apostas e não o culto ao corpo propiciado pela ginástica alemã (PEREIRA, 2012; MAZO, PEREIRA, SILVA, 2011).

Segundo Silva, Pereira e Mazo (2012), a partir da segunda metade do século XIX, cresceu o incentivo à prática do turfe por meio dos quatro prados que chegaram a funcionar, simultaneamente, na cidade de Porto Alegre: Derby Club (fundado em 1872), Porto-Alegrense (1877); Prado Rio-Grandense (1881); Prado Navegantes (1891) e Prado Independência (1894). Os prados atingiram seu auge na década de 1890, também contribuindo para o desenvolvimento dos bairros onde se localizavam.

Esta prática também foi desenvolvida em Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, cidade que, como Porto Alegre, foi iniciada por imigrantes portugueses e seus descendentes. Em 1877, surge a Sociedade *Jockey Club* de Pelotas/Hipódromo da Tablada, pelo Grupo Amantes do Turfe (MAZO e colaboradores, 2012), o que indica que este grupo já havia tido contato com essa prática anteriormente, possivelmente, em Porto Alegre, pioneira na promoção de competições de turfe e ser uma prática identificada com os luso-brasileiros, primeiros imigrantes a chegar em Pelotas (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012) e em Rio Grande (MARTINS; PIMENTA, 2004). Todavia, posteriormente ao pioneirismo dos luso-brasileiros porto-alegrenses e dos pelotenses no turfe, em Estrela, cidade que, em seus primórdios, era uma colônia de imigrantes alemães planejada e estabelecida pelo governo, esta

prática equestre foi encontrada com a fundação do Prado da Vila Estrela, em 1887, que mais tarde ofereceu corridas de velocípedes (KILPP, 2012).

Os portos de Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas, espaços de processo de contatos culturais, permitiram que chegassem ao Rio Grande do Sul as primeiras manifestações de regatas. No entanto, estas competições possuíam elementos que as aproximavam mais de jogos (HUIZINGA, 1996; CAILLOIS, 1986), com competição e apostas, do que da concepção de Esporte Moderno (GUTTMANN, 1978; ELIAS, DUNNIG, 1992; MARTÍNKOVÁ, PARRY, 2012).

#### **4.1 As primeiras traduções culturais das regatas**

Neste subcapítulo são analisados os formatos das primeiras competições de remo no Rio Grande do Sul e como estas foram traduzidas das regatas europeias. As primeiras demandas sul-rio-grandenses por regatas ocorreram em Porto Alegre, por meio de uma nota no jornal O Imparcial (NADA CUSTAVA..., 29/01/1952), na qual o autor atribuía o dever de tal iniciativa aos oficiais da Marinha e solicitava que providenciassem uma competição entre barcos no Lago das Pedras Brancas, que se localizava entre Porto Alegre e Pedras Brancas (atual cidade de Guaíba), ainda provocou dizendo que os oficiais deveriam dar o exemplo, mas que, segundo o jornal, gostavam mais “de andarem em terra e mesmo a cavallo do que em escaleres” (NADA CUSTAVA..., 29/01/1952, p. 2).

Esta manifestação pode ter origem do contato com notícias do Rio de Janeiro, onde ocorreram as primeiras regatas em 1851 (AS REGATAS, 28/10/1851, p.1; A REGATA, 31/10/1851, p.1) e quando foi fundado o Grupo dos Mareantes, com o objetivo de estimular a prática do remo (LICHT, 2013). No fim do século XIX, os clubes de remo e natação estavam disseminados pelo estado do Rio de Janeiro, como é demonstrado no Quadro 2. Com a grande quantidade de clubes fundados, surgiu o movimento para a organização das práticas e das regatas, assim foi fundada uma entidade dirigente, a União de Regatas Fluminense em 1895, que mudou a sua denominação para Conselho Superior de Regatas, em 1897 (LICHT, 2013; REMO BRASIL, 17/05/2015).

<b>CLUBES DO RIO DE JANEIRO – fim do século XIX</b>	<b>DATA DE FUNDAÇÃO</b>
<b>Grupo Mareantes</b>	<b>14/02/1852</b>
<b>Club de Regatas Guanabareense</b>	<b>09/08/1874</b>
<b>Club Náutico Saldanha da Gama</b>	<b>Agosto/1876</b>
<b>Grupo de Botafogo</b>	<b>1878</b>
<b>Clube de Regatas Cajuense</b>	<b>1885</b>
<b>Club de Regatas Internacional</b>	<b>10/07/1887</b>
<b>Union des Canotiers (Sociedade do Franceses)</b>	<b>10/01/1892</b>
<b>Grupo de Regatas Botafogo</b>	<b>01/07/1892</b>
<b>Club de Regatas Fluminense</b>	<b>20/11/1892</b>
<b>Club de Regatas Paquetaense</b>	<b>06/05/1893</b>
<b>Club de Regatas Botafogo (Botafogo de Futebol e Regatas – 1904)</b>	<b>01/07/1894</b>
<b>Grupo de Regatas da Escola Militar</b>	<b>Agosto/1894</b>
<b>Sul-Americano</b>	<b>1894</b>
<b>Veteranos do Remo</b>	<b>1894</b>
<b>Luiz Caldas</b>	<b>1894</b>
<b>Grupo de Regatas Gragoatá</b>	<b>05/02/1895</b>
<b>Club de Regatas Icarahy</b>	<b>17/07/1895</b>
<b>União de Regatas Fluminense</b>	<b>12/09/1895</b>
<b>Club de Regatas do Flamengo</b>	<b>15/11/1895</b>
<b>Grupo de Regatas Praia Vermelha</b>	<b>1896</b>
<b>Club de Natação e Regatas</b>	<b>13/12/1896</b>
<b>Club de Regatas Boqueirão do Passeio</b>	<b>21/04/1897</b>
<b>Clube de Regatas do Cajú</b>	<b>1897</b>
<b>Club Naval</b>	<b>31/07/1897</b>
<b>Club de Regatas Vasco da Gama</b>	<b>21/08/1898</b>
<b>Club de Regatas Guanabara</b>	<b>05/07/1899</b>



**Quadro 5 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos existentes no Rio de Janeiro até o fim do século XIX, adaptado de Licht (2013).**

Neste período, no país, as práticas esportivas se aproximavam de uma configuração de jogo, com alguns elementos de esporte moderno, uma das formas para seguirem em direção do estabelecimento destas manifestações de movimento sistematizado. Outra forma foi por meio da legislação, quando o Decreto-Lei n.º 2.116 de 11/03/1858 incluiu práticas encaradas como de sobrevivência e de treinamento militar como, por exemplo, a esgrima e a natação, no quadro de disciplinas dos cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar (TUBINO, 2002).

No Rio Grande do Sul, foi a cidade de Rio Grande a primeira a proporcionar uma corrida de barcos, em meados do século XIX, as cidades de Rio Grande e Pelotas começavam a sobrepujar a capital estadual Porto Alegre em população e dinamismo econômico (MASCARENHAS, 2001). De acordo com Mascarenhas (2001), com o advento de fronteiras internacionais definitivas entre o Brasil e o Uruguai, no interior de uma região de ampla mobilidade interna de mercadorias, perturbações ocorridas na região permitiram que o gado gaúcho penetrasse em território uruguaio (desorganizado por conflitos com a Argentina) livre de impostos, de forma que, em meados do século XIX, as charqueadas da Campanha Gaúcha vivessem seu apogeu (PESAVENTO, 1980). Isto veio a colaborar para trocas culturais entre a região Sul do Rio Grande do Sul e o Uruguai e a Argentina<sup>28</sup>. Porém, Porto Alegre, como capital do estado, dominava em caráter político.

A cidade do Rio Grande, enquanto principal espaço portuário do estado, por meio da acumulação comercial derivada das atividades de importação e exportação, criou um parque fabril importante em termos nacionais a partir do final do século XIX. Fundada em 1737, pelo brigadeiro José da Silva Paes, Rio Grande recebeu o nome de Rio Grande de São Pedro, pois pensavam que a área estuarina, onde as águas doces da Laguna dos Patos se mesclavam às águas salgadas do oceano Atlântico, tratar-se de um grande rio que

---

<sup>28</sup> A Argentina já conhecia manifestações de esportes náuticos em 1857, quando ingleses praticavam corridas nas águas de Buenos Aires, e o primeiro clube de remo foi instalado em 1861, mais uma vez, por ingleses que moravam na capital do país, este clube foi denominado *Boating Society* (LICHT, 2013).

desembocava nas águas do oceano Atlântico. A vila de Rio Grande de São Pedro servia de passagem às embarcações que se dirigiam do Centro-Sul do Brasil para a Colônia do Sacramento, hoje em território uruguaio. Neste mesmo século, devido ao enriquecimento dos criadores de gado da campanha com a introdução das charqueadas, o que contribuiu para torná-la cidade em 1835, quando assume o posto de capital imperial do Estado na eclosão da Revolução Farroupilha (1835-1845).

Este era o único porto marítimo do Rio Grande do Sul, o que possibilitou uma expansão das atividades mercantis através do comércio de importação e exportação, principalmente nas mãos de imigrantes europeus e urbanos durante o século XIX (MARTINS; PIMENTA, 2004). Estes fatores contribuíram para o desenvolvimento dos clubes esportivos na cidade, Rio Grande foi pioneira nacionalmente na implantação do *Sport Club* Rio Grande, em 1900, o primeiro clube de futebol do Brasil (MASCARENHAS, 2001).

Desta forma, assim como no futebol, a cidade de Rio Grande foi vanguardista na realização das primeiras regatas do estado. Tais competições utilizaram diferentes barcos: escaleres, velas, canoas e remos, em 23 de setembro de 1860 (AS REGATAS..., 22/09/1860; REGATA EM..., 23/09/1860). Esta regata foi comemorativa à Independência do Brasil e serviu como encerramento de uma série de festividades (REGATA EM..., 23/09/1860). Estas disputas foram chamadas de “carreiras do mar” e atraíram praticamente toda a população da cidade de Rio Grande, que “prestigiou e assistiu a regata, a primeira realizada no Rio Grande do Sul” (REGATAS, 24/09/1860, p. 2).

As reportagens sobre este evento foram um dos principais assuntos no jornal *Diário do Rio Grande*, tanto que no dia 25 de setembro de 1860 foi publicada uma nota com diversos elogios à organização e à beleza do acontecimento, assim como foi enfatizada as representações de identidade cultural nacional, à qual foi um dos objetivos da promoção da regata, “acabou a Regata como iniciou na Grande Grandeza Nacional” (O CÉU DA AMÉRICA..., 25/09/1860, p. 2). Assim, esta prática foi apropriada e adaptada ao espaço em que ocorreu, Rio Grande, que ainda carregava representações de Capital Imperial do Estado e as mantinha ao rememorar o evento da Independência do Brasil em 1822.

No programa da regata, divulgado pelo jornal Diário do Rio Grande (REGATAS, 24/09/1860), se destacam os nomes e a tripulação dos barcos da primeira carreira, entre escaleres com quatro remadores. O primeiro escaler se chamava Onion Kack e foi tripulada por ingleses: Robinson, Lefevre, Mason, Auchterlonie e James Tipping. O segundo era chamado de Arariba e os remadores eram brasileiros, como timoneiro estava Antônio Pereira Bastos. O terceiro era chamado de Ijuhy e a tripulação era de ingleses e brasileiros, mas como responsável pelo barco o timoneiro Bond. Já os barcos das outras competições possuíam nomes na língua portuguesa.

Ressalta-se a referência que o jornal faz quando descreve o evento, os nomes de todos os participantes ingleses foram citados, enquanto os brasileiros remadores eram obscurecidos, apenas o timoneiro foi citado, pois era comandante do barco, o que não faz os movimentos vigorosos do exercício (REGATAS, 24/09/1860). Mais um indício de que a valorização do que é estrangeiro contribuiu para a disseminação desta prática esportiva no Rio Grande do Sul e as regatas como um campo de distinção e contato cultural. Bourdieu (1983) determina a dimensão do campo enquanto um espaço composto no viés de uma história estrutural de alterações, a representação de um processo não linear, sem a segurança de códigos previamente determinados e nem tampouco um produto de um cálculo lógico dos agentes (SOUZA; JÚNIOR, 2010).

Nota-se nesta passagem, a coexistência de diferentes povos que dividem a realização da mesma prática, colocando o remo enquanto um elemento híbrido, conhecido e aceito por diferentes culturas, assim como as regatas enquanto festividades existentes em formatos diferentes. Além disso, a nota relembra que estavam presentes no vapor Mauá o Capitão do Porto de Rio Grande e o Comendador Vieira da Cunha, Delegado de Polícia de Pelotas, cidade vizinha a Rio Grande, de onde o vapor se deslocou com mais de 200 expectadores para as regatas (REGATAS, 24/09/1860). Isto reforça a concepção de que no ambiente das regatas havia distinção social entre expectadores e praticantes, principalmente nestas primeiras manifestações, o que vai ao encontro do pensamento de Bourdieu (1983) do esporte como uma das práticas capazes de distinguir socialmente os agentes conforme a sua participação.

O principal responsável pela realização deste evento foi o Capitão do Porto de Rio Grande. O porto de Rio Grande faz parte da Marinha Brasileira, que tem a responsabilidade da emissão local sobre a segurança da navegação, ou seja, órgão de segurança nacional que trabalha com embarcações e tem contato direto com os navegadores de outros países que atracavam em Rio Grande. Esta organização iniciou com dois dias de antecedência, ao enviarem ao jornal Diário do Rio Grande a solicitação aos Comandantes dos Navios e lates que atracassem em terra ou ancorassem em uma linha Leste Oeste, assim como abrissem acesso para expectadores (AS REGATAS, 22/09/1860).

Este órgão nacional permaneceu com estreito vínculo com o cenário do remo, além dos órgãos de imprensa lhe atribuírem a responsabilidade da organização das regatas, como ocorreu em Porto Alegre (NADA CUSTAVA..., 29/01/1952). Mais tarde, em diversos momentos seus almirantes foram homenageados, seja no batismo de um clube ou o uso do seu nome para denominar uma competição, eram formas de contatos culturais, em adaptação de práticas estrangeiras ao contexto brasileiro.

Esta festividade em homenagem ao dia 7 de Setembro esteve presente em jornais de Santa Catarina, onde as regatas foram mencionadas ao afirmarem que mais de 200 pessoas assistiram a competição no vapor Mauá (ILM. SR. MARCELLINO, 24/11/1860). Em um país do tamanho do Brasil, onde coexistem diversas culturas, manifestações de regatas foram disseminadas gradualmente. De acordo com Licht (2013), após Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, Santa Catarina foi o estado que realizou uma regata. Neste estado, a partir de 1860, os jornais noticiavam várias representações culturais francesas, dentre elas, as regatas. O jornal O Argos possuía inclusive um correspondente responsável por noticiar os acontecimentos europeus (EXTERIOR, 7-8/04/1861).

O mesmo jornal publicou que estava em fase de organização uma sociedade de regatas e louvou a ideia ao afirmar “por esta sorte teremos mais distracção, que nos livrará dalgumas horas de insuportável apathia tão nociva se tem tornado aos nossos costumes” (CONSTA-NOS QUE SE TRATA..., 05/09/1861, p. 2). Destaca-se que, diferentemente de Porto Alegre, onde a prática era difundida e possuía grande público, no período, em Santa Catarina o Turfe não se destacava como um costume de divertimento local. A primeira

reportagem sobre Turfe encontrada em jornais de Santa Catarina tem data de nove de novembro de 1894 (SECÇÃO ESPORTIVA, 09/11/1894).

Enfim, ocorre a fundação da Sociedade de Regatas em Desterro (atual Florianópolis), capital do estado. Este clube foi organizado primeiro tenente da Marinha Sabino Menezes e pelo capitão de guerra, chamado Netto. Com cinquenta sócios inscritos, a primeira competição deveria ser entre escaleres de propriedade particular e os da capitania do Porto. A notícia indica que já existiam grupos que exerciam a prática de remar, pois anunciou dois grupos de competidores batizados por Companhia de Menores e Patacho *Activa* (COMMUNICÃO-NOS O SEGUINTE, 06/09/1861).

Licht (2013) afirma que a primeira regata ocorrida em Florianópolis foi em 1861, ainda quando esta se chamava Desterro, organizada pela a Sociedade de Regatas, porém os barcos participantes eram escaleres e baleeiras, e que, só em 1902, foi fundado o *Club* de Regatas 29 de abril. Esta data confronta-se com o estudo de Zanca (2008), de que o *Club* de Regatas 29 de abril foi fundado em 1903 e considerado o primeiro clube de remo da cidade, ligado à federação do remo do Rio de Janeiro. Estas informações, para além do conflito de datas, demonstram o confronto de interpretação entre o conceito de esporte.

Zanca (2008), em um artigo científico, pelo viés acadêmico crê que o primeiro clube esportivo de remo de Santa Catarina teve sua instauração apenas na década de 1900, por este ser filiado a uma federação e, desta forma, seguir um padrão oficial de regras, no entanto ignora as manifestações anteriores, que foram os primeiros passos de um processo de uma cultura da prática esportiva. A autora (ZANCA, 2008, p. 33) diz que “as primeiras regatas foram feitas à beira do Hospital de Caridade, na enseada Menino de Deus e organizadas pela marinha”, mas que, no entanto, em nada se assemelhavam às que foram organizadas mais tarde, por clubes e federações do esporte, em razão da organização efetuada por uma parte menos favorecida economicamente e não por camadas mais altas da sociedade. O esporte moderno institucionalizado nos clubes e associações, a partir de 1870, constituiu-se em uma “tradição inventada” (HOBSBAWN, 1984, p. 9) pelo Estado e grupos sociais específicos, como resposta as turbulentas modificações sociais.

Tal era o interesse catarinense pela cultura europeia e a representação das regatas, bem como em estimular a prática na cidade por meio do imaginário

do *status* impresso nos costumes europeus, que, mais uma vez, noticiou uma competição ocorrida em Milão, na Itália (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 09/10/1861; ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 10/10/1861). A reportagem era longa, dividida em duas partes e publicada em dois dias diferentes. O texto inicia exclamando que a população italiana começava a mudar os locais de divertimento, já não frequentavam mais os teatros e nem assistiam mais as bandas nas praças, porém para o horário do jantar os restaurantes estavam lotados de pessoas que se encaminhavam para assistir um “espetáculo náutico” (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 09/10/1861, p. 2).

O autor continua a narrativa e destaca a presença de fidalgos, banqueiros e negociantes na espera para assistir as disputas náuticas, exaltou a beleza da cidade, a elegância das mulheres e que não havia “nem um maltrapilho ou barrabaz [...]”. A escoria da sociedade fora cuidadosamente afugentada” (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 09/10/1861, p. 2). Esta narrativa vai ao encontro dos pensamentos de Bourdieu (1979), que retoma o esporte como uma das práticas capazes de distinguir socialmente os agentes conforme a sua participação, além de construir representações de capital social para as regatas, que se tornaram realmente espetáculos, pois eram inclusas apresentações de bandas marciais em vapores, anteriormente às corridas, apresentação de ginastas e equilibristas, exibição de pirotecnia, assim como as próprias corridas não tinham como fim apenas a vitória (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 09/10/1861, p. 2).

Estas regatas se constituíam em práticas pré-esportivas (GUTTMANN, 1978), pois elementos do Esporte Moderno não eram empregados, como a burocratização, igualdade, competição e busca pelo recorde. Todavia, existiram elementos de especialização e racionalização, já que um dos desafios era uma disputa entre técnicas de remar, o qual foi realizado entre barcos com remadores sentados e barcos com remadores em pé, esta última técnica era chamada pelo narrador brasileiro como “methodo puramente italiano [...], os remadores conservam-se de pé e auxiliam a impulsão do corpo com todo o peso do corpo” (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 09/10/1861, p. 2), possivelmente, chamado desta maneira em uma referência aos remadores das gôndolas venezianas.

Tal referência se seguiu em uma regata teatralizada onde “Marmanjos incompletamente vestidas à lata de escamosos Tritões, ou de gadelhudos

Faunos, com pés em duas canoasinhas [...] pareciam caminhar na água armados de dois enormes chinellos impellindo-se com remos de duas pás” (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 10/10/1861, p. 2). Com uma estrutura de jogo de competição e mimese (HUIZINGA, 1996), onde foi encarnado um personagem ilusório e seu comportamento foi adotado (CAILLOIS, 1990). Estas regatas também continuam elementos dos espetáculos esportivos da atualidade: o ingresso era pago e os expectadores substituíram a ida ao teatro para assistir sentados de forma confortável o desempenho dos praticantes.

Cabe destacar que o autor do texto ainda faz referência a uma competição que possuía característica do que, mais tarde, com a definição de regras e a diferenciação entre práticas esportivas, se tornou a canoagem, “cada um sentado em uma esguia canoa, denominada *gondolino* fazia move-la com pequeno remo de duas pás alternadamente imergida a direita e esquerda do remador” (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 10/10/1861, p. 2).

Assim, esta reportagem evidencia que a cultura das regatas em Santa Catarina possuía relações com representações de distinção social e cultural vindas da Europa. Conforme Licht (2013), a Sociedade de Regatas realizou a primeira regata de Desterro no mês seguinte a essa narrativa do “Espetáculo Náutico em Milão” (ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 09/10/1861; ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, 10/10/1861), no entanto, o objetivo principal era a competição entre os barcos, que eram constituídos por escaleres e baleeiras, a única atividade a mais foi um baile que aconteceu após. A segunda regata de Santa Catarina aconteceu no ano seguinte, período quando, no Rio de Janeiro, a Marinha da Guerra promoveu regatas com escaleres e canoas em homenagem ao Marquês do Pombal e teve como expectador Dom Pedro II, que estava acompanhado de sua corte (LICHT, 2013).

Em similar formato ocorreu em Porto Alegre uma regata comemorativa ao Dia da Independência do Brasil, em 1863, com competições entre canoas de quatro remadores, a qual os vencedores foram empregados do comércio e com Baile Público em um tablado na Praça da Matriz (LICHT, 2013). Isto mostra que as festividades das regatas ainda não estavam vinculadas a questões de distinção social. Naquele período, em Porto Alegre, os Prados e Hipódromos eram a principal atração do público interessado em competições (PEREIRA, 2012). Segundo Pereira, Silva e Mazo (2010), praticantes de turfe e o hipismo se

distinguiam identificando-se da seguinte maneira: enquanto o primeiro representa um trabalho, uma forma de subsistência para quem o pratica (jóqueis), o segundo está mais fortemente relacionado aos momentos de lazer das elites. Essa concepção de esporte, onde havia praticantes, mas a maioria dos interessados era plateia, ligado a uma distinção social, possivelmente se transferiu para as regatas, pois existiam pequenos grupos de praticantes, a maioria deles eram pessoas que já trabalhavam com as embarcações, citados como profissionais do remo contra amadores (LICHT, 2013). Bourdieu (1989), deste modo, vê o espaço social como um campo de lutas no qual os atores (indivíduos e grupos) organizam táticas que permitem conservar ou melhorar sua posição social. Estas estratégias estão relacionadas com os diferentes tipos de capital. A segunda mais importante expressão do capital, à qual antecede apenas o capital econômico, transportado pelos agentes sociais, envolve principalmente, a variável educacional, apesar de não se limitar a esta: o capital cultural.

Tais sinais são encontrados novamente em 1865, em Rio Grande, quando acontece a chamada Regata Imperial. Esta regata foi idealizada em homenagem ao Imperador Dom Pedro II, o qual inspirou a denominação do evento, que a assistiu a bordo do vapor “Gerente” juntamente com as mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas (LICHT, 2013). A premiação, medalhas de ouro e finas faixas bordadas com fitas douradas com a inscrição “Regata Imperial” foram recebidas das mãos de Dom Pedro II como premiação (FRANCO; SILVA; SCHIDROWITZ, 1940). Esta foi considerada a primeira regata oficial disputada entre cidades do Rio Grande do Sul, com remadores de Rio Grande e Porto Alegre (HOFMEISTER, 1979), provavelmente, já havia regras comuns entre ambos cenários esportivos. De acordo com Licht (2013), naquele período as regatas eram o divertimento predileto da população da cidade.

Este evento também comemorou a rendição de Uruguaiana, retomada pelas forças brasileiras (LICHT, 2013). Como parte da Guerra do Paraguai que teve seu início em dezembro de 1864 e só chegou ao fim no ano de 1870. A Guerra do Paraguai, também chamada de Tríplice Aliança, foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul durante o século XIX. Rivalidades platinas e a formação de Estados nacionais deflagraram o confronto, que destruiu a economia e a população paraguaias. Hobsbawn (1975) descreve



esse período como “sob qualquer ponto de vista... uma década de sangue”, pois, além das sucessivas guerras civis dos Taiping na China, sobretudo a Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865) e a guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai (1865-1870). Para este autor (1975), esta guerra fazia parte do processo de expansão capitalista global, como uma das consequências da integração da Bacia do Rio da Prata na economia do mundo britânico.

Esta relação em brasileiros e britânicos pode ser vista em uma das competições desta regata, onde o segundo lugar do Prêmio de Honra foi para a embarcação Eclipse, tripulado por remadores ingleses, a embarcação precedente foi o barco Imperador com remadores alemães, todos parte do comércio local. Os vencedores das demais competições foram identificados como lusos (LICHT, 2013). Diferentes culturas interagiram neste evento com características de ter a intenção de reforçar as representações de identidade nacional brasileira.

Quando este evento completou seu primeiro centenário, em 1965, a Federação Aquática do Rio Grande do Sul organizou uma regata comemorativa entre os clubes filiados e tinha como expectadores convidados, familiares descendentes de remadores que participaram daquela regata (II FESTA DO MAR, s/d). Para esta regata, foi distribuído o programa de competições com um breve histórico da Regata Imperial e relembra que, em 18 de setembro de 1865, a cidade de Uruguiana então ocupada pelas forças paraguaias sob o comando do General Estigarribia “rende-se sem derramamento de sangue” (II FESTA DO MAR, s/d, s/p).

Em seguida, a narrativa reaviva a memória sobre como se constituía a corte que acompanhava Dom Pedro II e assistiu as competições, bem como que o Imperador se hospedou na residência do Barão de São José do Norte, além de trazer todo o programa das regatas realizadas naquela data, e ressaltar que competiram remadores de diversas nacionalidades, “marujos tripulantes dos navios ancorados no estuário, pertencentes a diversas nações estrangeiras” (II FESTA DO MAR, s/d, s/p). No programa oficial da regata, a primeira competição era entre clubes do interior, Pelotas, Rio Grande e Cachoeira do Sul, a segunda entre clubes de porto Alegre e a final entre os dois primeiros vencedores das corridas anteriores (REGATA DA II Festa do Mar, 2/11/1965).

O fim da Guerra do Paraguai também foi comemorado com uma competição marítima, “em 01 de maio 1870, aconteceu uma grande regata em Rio Grande comemorativa ao término da Guerra do Paraguai, com seis páreos para escaleres, canoas e botes a vela” (LICHT, 2013, p. 150). Nesta regata em homenagem ao fim de uma guerra que, segundo Hobsbawn (1975), estava conectada a uma globalização do capitalismo, percebe-se uma modificação com relação às anteriores, os vencedores receberam prêmios em dinheiro (RESULTADOS DA GRANDE REGATA..., 02/05/1870), desta forma o fim da prática estava para além da superação, e se encaminhava para profissionalização. Como juízes estavam presentes pessoas de diversas nacionalidades, como os Juízes de Chegada: Oscar Von Lind, Joaquim Guilherme Martins de Freitas e G. R. Aktins (RESULTADOS DA GRANDE REGATA..., 02/05/1870), assim organizados para, provavelmente, não haver favoritismos entre juízes e competidores da mesma origem. Destaca-se novamente a presença de um representante da Marinha Brasileira, o Capitão de Fragata José Pereira Pinto (RESULTADOS DA GRANDE REGATA..., 02/05/1870).

As corridas foram, em sua maioria, vencidas por barcos batizados com palavras da Língua Portuguesa, entretanto, competia o *Kosmopolite* e o *Bismarck*, em idioma alemão. Um deles batizado em homenagem a Otto von Bismarck, símbolo da unificação alemã quando se tornou primeiro ministro da Prússia (1862-1890), durante este período ficou conhecido como “chanceler de ferro” no cargo de primeiro chanceler do Império Alemão (KILPP; MAZO; LYRA, 2010).

A região de Rio Grande e Pelotas não recebeu grande número de imigrantes alemães, se compararmos com outras regiões do Rio Grande do Sul, onde estes formaram colônias, mas, conforme Martins (2005), em áreas próximas a Pelotas existia regiões de pequenas colônias alemãs. Em Rio Grande, nos anos seguintes se desenvolveram fábricas destes imigrantes, como a Companhia União Fabril Rheingantz, idealizada pelo comerciante Carlos Rheingantz, a qual seu complexo industrial foi inaugurado no ano de 1873 e os primeiros operários vieram da Alemanha juntamente com as máquinas (MARTINS, 2005; FERRARETO, 2012).

Além de Gustavo Poock, um burguês imigrante que, fundou uma indústria de charutos em Rio Grande, em 1891, a Poock & Cia. de Charutos, “que representava uma continuidade da fabricação deste gênero, o qual já vinha sendo feito por sua família na Alemanha” (MARTINS, 2005, p. 10). Desta forma, os imigrantes alemães contribuíram para uma expansão econômica de Rio Grande, seguindo as diretrizes da Era do Capital (HOBSBAWN, 1975). Na Alemanha, o remo era uma prática disseminada, tanto que houve a necessidade de um órgão organizacional, quando foi fundada a Federação Alemã Central de Remo, mas a sua atuação durou apenas dois anos (LICHT, 2013).

No ano seguinte da regata em comemoração ao fim da Guerra do Paraguai, 1971, foi encontrada apenas uma evidência da fundação de um Clube de Regatas em Rio Grande. Torres (2008) diz que este clube estava em busca de “recursos para a compra de um terreno na Ponta da Macega onde pudessem guardar as embarcações” (p. 14). No local Ponta da Macega se encontrava um trapiche utilizado para os vapores com o público estacionarem (RESULTADOS DA GRANDE REGATA..., 02/05/1870).

Todavia, a maioria das fontes indica que a primeira associação esportiva sul-rio-grandense dedicada à prática de competições náuticas foi fundada em 1875, na cidade de Pelotas. Os clubes esportivos surgiram em Pelotas no fim do século XIX, por meio de “associações de regatas, ciclismo, esgrima, remo e tiro, a maioria associada a alemães” (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012, p. 83). Na região sul do Rio Grande do Sul, um pequeno número de alemães se estabeleceu, em meados do século XIX, na sua maioria artesãos, operários e mercenários para campanhas militares (os brummers), estes se instalaram nas zonas rural e urbana. Segundo Loner, Gill e Magalhães (2012, p. 12), “os alemães formaram ainda, entre 1880 e 1900, algumas associações esportivas, como o Clube Germânia, o Club Alemão de Ginástica e o Club de Regatas Alemão<sup>29</sup>”.

A idealização do *Club* de Regatas Pelotense foi publicada no Jornal do Commercio de Pelotas, com um convite aos moradores da cidade para uma reunião em um dos armazéns do porto (CLUB DE REGATAS, 4/08/1875), os estatutos foram discutidos em diversas reuniões (CLUBE DE REGATAS,

---

<sup>29</sup> Não foram encontradas outras evidências sobre a fundação desse clube de regatas.

19/08/1875; CLUBE DE REGATAS, 22/08/1875), seguidos pela eleição dos dirigentes (CLUBE DE REGATAS PELOTENSE, 2/09/1875), porém não manteve suas atividades por muito tempo (LICHT, 2013; HOFMEISTER, 1979), talvez, como outros clubes, apenas realizou a primeira regata, que ocorreu em 1879 (CLUB DE REGATAS, 15/07/1879).

Com esta grande divulgação, poucos anos depois, em 1879, o Jornal do Comércio voltou a noticiar a organização de outro clube de regatas na coluna Noticiário: “Consta-nos que n’esta cidade trata-se de organizar um club de regatas. Os amadores d’esta sorte de divertimento não devem perder a ocasião de concorrer para a sua realização” (CLUB DE REGATAS, 15/7/1879, p. 2). O porto de Pelotas começa a receber embarcações maiores a partir de 1876, em razão do funcionamento de uma empresa responsável pela dragagem do canal em 1868. Conforme Loner, Gill e Magalhães (2012, p. 219), “a Praça do Comércio de Pelotas em comunicado ao comércio nacional e internacional, afirmava que, de julho de 1877 até 26 de dezembro de 1878, ele recebera cerca de 50 navios nacionais e estrangeiros, o que é um excelente número para aqueles anos”. Esta movimentação do porto permitia maiores permutas culturais, assim como existiam mais barcos de trabalho a disposição, os escaleres.

Durante este período de organização, o clube buscou promover eventos, como uma festa de inauguração, “em condições que possam aproveitá-la pobres e ricos” (CLUB DE REGATAS, 15/10/1882, p. 3), promovida pela Cigarraria Oriental. Esta cigarraria tornou-se o principal local de reuniões para a confecção deste clube (CLUB DE REGATAS, 18/11/1882). A Cigarraria Oriental foi inaugurada dia 2 de junho de 1882, na praça Domingos Rodrigues, no porto da cidade, de propriedade de um uruguaio, Luiz Perichon (CIGARRIA ORIENTAL, 2/4/1882). Isto evidencia que poderiam ter existido representações latinas no cenário deste esporte no Rio Grande do Sul, principalmente em Pelotas e Rio Grande estarem próximas da fronteira com o Uruguai.

Nesta festa seria realizada uma regata com competições entre escaleres, cedidos pelos iates Doca e Feliz Memoria, e tripulados por “cavalheiros amadores da cidade” (CLUB DE REGATAS, 15/10/1882, p. 3). A nota ainda acrescenta que os interessados poderiam levar suas armas para o tiro ao alvo, o que demonstra que o clube buscava promover outras práticas esportivas. Esta festa foi transferida, porque no dia do evento o vento soprou muito forte (EM

CONSEQUENCIA..., 17/10/1882), porém não foi possível confirmar a realização deste evento, pois não foram encontrados registros em jornais que comentassem sobre.

Com o mesmo título desta associação, *Club de Regatas*, dois anos mais tarde foi publicada uma nota com a notícia que os moradores do porto e empregados das repartições fiscais pretendiam fundar um clube de regatas (CLUB DE REGATAS, 28/10/1884). Falta de notícias sobre este clube entre os anos de 1882 e 1884, leva a crer que a primeira tentativa de fundação foi frustrada, mas não abandonada, vindo a se repetir novamente.

Dois anos depois, uma tradição é inventada, competições náuticas foram inseridas nas comemorações à padroeira de Porto Alegre, Nossa Senhora dos Navegantes (LICHT, 2013; LICHT, 2007). O jornal *A Reforma* publicou notas sobre o evento. A primeira informação no jornal foi com o título *Procissão no Mar e Regata*, mas não forneceu alguma informação quanto às competições (PROCISSÃO NO MAR e Regata, 31/01/1877), apenas no dia do evento houve informações específicas, “haverá uma Regata na Bahia em frente á Capella de N. S. dos Navegantes, (...), em cujo divertimento correrão diversos botes e canoas, que hão de se apresentar na ocasião, seguindo os corredores as instruções que no ato lhes forem dadas” (PROCISSÃO NO MAR e Regata, 02/02/1877, p. 2). Depois deste jogo competitivo, com regras específicas para o momento e sem a especialização dos competidores, as regatas passaram a fazer parte desta festa anual porto-alegrense.

Possivelmente, os clubes pelotenses e as regatas dos festejos de Nossa Senhora dos Navegantes motivaram a fundação do Clube de Regatas Porto-Alegrense (CLUB DE REGATAS, 11/07/1884). Com a diretoria composta por nomes com diferentes origens europeias<sup>30</sup>, que se reuniram no Clube Commercial de Porto Alegre, este clube foi o primeiro voltado para competições náuticas, contudo as práticas não se estabeleciam no conceito de Esporte Moderno, como foi manifestado na primeira regata que este fez parte, sendo esta também a última, por discórdias entre as ideias dos dirigentes. Dentre seus fundadores, encontra-se Ambrose Archer, vice-cônsul da Inglaterra (NO

---

<sup>30</sup> Ambrose Archer Júnior, presidente; João da Matta Coelho, tesoureiro; José de Araujo Vieira, Arthur New e Luiz Clementino da Silva, diretores (CLUB DE REGATAS, A Federação, 11/07/1884).

CAVOUR, 1/04/1885) e Arthur New, negociante em Porto Alegre (SECRETARIA DA POLICIA, 12/04/1887), ambos de origem inglesa, uniram-se a luso-brasileiros para motivar a acomodação de competições náuticas nas águas do *Guahyba*, porém estas assumiram representações da cultura local.

A cultura esportiva inglesa também estava impressa nos jornais porto-alegrenses. No mesmo ano de inauguração deste clube que congregava anglo-brasileiros e luso-brasileiros, foi publicada uma reportagem sobre a travessia da Mancha por remadores da Universidade de Oxford (TRAVESSIA DA MANCHA, 12/09/1885). Tal evento pode ter ocorrido em razão da própria divulgação do esporte e do estabelecimento da resistência física destes esportistas, pois houve a comparação entre o desempenho dos remadores e o de um barco a vapor, em um cálculo de espaço sobre tempo, na direção de uma racionalização do resultado, característica da sociedade moderna (GUTTMANN, 1978).

O Clube de Regatas Porto-Alegrense organizou a sua primeira regata em 1885<sup>31</sup>, para ocorrer durante os festejos comemorativos do sétimo centenário de Dom Affonso Henriques (CLUBE DE REGATAS Porto-Alegrense, 14/11/1885), fundador da monarquia portuguesa (EM O PRÓXIMO domingo..., 4/12/1885). O jornal A Federação fez uma ampla divulgação do acontecimento e publicou com antecedência a programação, nos dias 17, 20 e 30 de Outubro de 1885 (CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, 17/10/1885; CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, 20/10/1885; CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, 30/10/1885), ou seja, mais de 45 dias antes, tornando a publicar novamente em 14 de Novembro de 1885 e 4 de dezembro de 1885 (CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, 14/11/1885).

A estrutura da impressão do programa de regatas (imagem 12) no jornal era similar às do turfe (imagem 13), prática mais disseminada entre os luso-brasileiros (PEREIRA, 2012), e, da mesma forma, oferecia prêmios em dinheiro para os primeiros colocados. Cada corrida era organizada conforme o modelo do barco: canoa tripulada por um profissional, canoa tripulada por dois profissionais

---

<sup>31</sup> Neste ano, foi fundada a “Sociedade Ginástica São Leopoldo” em São Leopoldo, cidade colonizada por teuto-brasileiros. O mesmo ocorreu em um município vizinho, Novo Hamburgo, com a instauração da “Sociedade Aliança” em 1888, a “Sociedade Ginástica Novo Hamburgo” em 1894, o “Grêmio de Atiradores Novo Hamburgo” em 1892 (MAZO e colaboradores, 2012). Na região central do Rio Grande do Sul, em Cachoeira do Sul, no ano 1896, foi fundada a primeira associação de ginástica, a “Sociedade Rio Branco” (CATÁLOGO DO CND, 1977), e mais ao sul do estado, em Ijuí, a “Sociedade Ginástica Ijuí” (MAZO e colaboradores, 2012).

a dois remos, canoa tripulada a 4 remos; bote a dois remos ou escaler a quatro remos (CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, 14/11/1885). As inscrições eram abertas a quem interessasse participar. Elementos do Esporte Moderno podem ser encontrados nesta prática, como uma busca de igualdade de competição e racionalização das regras.

**CLUB DE REGATAS PORTO-ALEGRENSE**  
 PROGRAMMA para as regatas no dia 6 DE DEZEMBRO DE 1885, que fazem parte dos festejos commemorativos do 7º centenario de  
**D. Affonso Henriques**

- 1ª CORRIDA Premio 50\$000. Entrada 10 %, para qualquer canoa tripulada por um profissional.
- 2ª CORRIDA Premio 100\$000. Entrada 10 %, para qualquer canoa tripulada por profissionaes a 2 remos.
- 3ª CORRIDA Premio 100\$000 Entrada 10 %, para qualquer bote tripulado por profissionaes, a 2 remos.
- 4ª CORRIDA Premio oferecido pela commissão dos festejos, para qualquer escaler tripulado por amadores a 4 remos.
- 5ª CORRIDA Premio 100\$000 Entrada 10 %, para qualquer escaler a 4 remos, tripulado por profissionaes.
- 6ª CORRIDA Premio 100\$000 Entrada 10 %, para qualquer canoa a 4 remos, tripulada por profissionaes.

As propostas das embarcações que pretenderem tomar parte nas regatas serão dirigidas á rua 7 de Setembro n. 127 e assignadas pelos respectivos timoneiros, com os nomes das embarcações e dos tripolntes de cor dos vestuarios com que desejam apresentar-se. As inscrições recebem-se até o dia 20 de novembro p. futuro e serão abertas no mesmo dia, ás 5 horas da tarde, á vista dos interessados.

A distancia será marcada pelos timoneiros dos escaleres de amadores e será annunciada no programma dos festejos geraes (1386)

Imagem 12 Recorte de jornal com a estrutura das regatas, no fim do século XIX (CLUB DE REGATAS, 17/10/1885)

N. 17 até 9 ord.

## Prado Boa-Vista

Corridas, Domingo, 24 do corrente ás 9 1/2 horas  
 ENTRADA GRATIS

- 1ª corrida em 1300 metros—Activa, Gato, Duncal, Caçador, Mensageiro, Tasso, Adda, Mickando, Canario.
- 2ª corrida em 1300 metros—Kisber, Manuicheir, Japir, Paladino, Estrella, Cegonha, Japonéz, Taucá, Il-rondelle.
- 3ª corrida em 1600 metros—Mária, Dictador, Cleopatra, Rengo.
- 4ª corrida em 2140 metros—Sirius, Rapa, Narval, Camaquam, Thiers
- 5ª corrida em 1600 metros—Cleopatra, Protegido, Colibri, Cordilheira, Rengo.
- 6ª corrida em 2140 metros—Thiers, Sirius, Narval, Sarita (ex-Bri-lhante), Mulata, Chaco, Camaquam, Rapa.
- 7ª corrida em 2140 metros—Corsario, Pelotense, Cordilheira, Protegido, Principiante, Cometa, Argos.
- 8ª corrida em 2140 metros—Frade, Condor, Galgo, Buedicha, Guayanz, Cascalho.
- 9ª corrida em 1300 metros—Lidador, Guarany, Timbira, Carnioli, Canario, Estradella, Japir e Javert, Meteoro, Judia, Ouro preto, Japonéz, Ravachol, Paio.
- 10ª corrida em 2000 metros—Pelotense, Colibri, Principiante, Cometa, Maria, Corsario.
- 11ª corrida em 2140 metros—Salvio, Carnioli, Paraná, Javert, Leão, Visão, Cyclone, Gazella.
- 12ª corrida em 1450 metros—Paio, Lidador, Guarany, Timbira, Ravachol, Voador, Etolia, Meteoro, Diamante.
- 13ª corrida em 1300 metros—Paladino, Catita, Activa, Triumphan-te, Invencivel.

**Observações**  
 As corridas principiarão ás 9 1/2, fechando a poule da 1ª corrida ás 10 horas.  
 As poules rasgadas não tem valor.  
 Após as corridas, só tem valor a poule da ultima corrida, até o 3º dia  
 Porto Alegre, 24 de janeiro de 1897.  
 O director-gerente, **J. J. da Silva Azevedo.**  
 N. 24.

Imagem 13 Recorte de jornal com a estrutura das corridas no turfe, no fim do século XIX (PRADO BOA VISTA, 24/01/1897)

As regras da regata foram publicadas no *Jornal do Commercio*: como na inscrição, o representante da embarcação era o timoneiro, apenas ele poderia se dirigir aos juizes da prova, a quem deveria respeitar, bem como ordenava aos remadores o respeito a este (REGATA DAS FESTAS, 06/12/1885). Para alertar sobre o início da regata, às 4 horas da manhã, houve uma salva de 21 tiros, mas a prova iniciaria apenas 9 horas (REGATA DAS FESTAS, 06/012/1885), possivelmente, esta diferença de tempo era aproximadamente o tempo de deslocamento dos competidores, naquele período, pois teriam que transportar as embarcações em veículos de tração animal.

Conforme Monteiro (1995), a primeira via de tração animal foi estabelecida em 1974, contudo, Pimentel (1945) afirma que o primeiro bonde de tração animal circulou pela cidade em 1873, saiu da estação Campos da Redenção em direção à Praça da Alfândega, “o ato da inauguração desse serviço realizou-se a uma hora da tarde, sendo assistido por todas as altas autoridades da capital e grande massa de povo” (p. 248). Sanhudo (1979) relembra que naquele ano, “um esquisito carro escuro, puxado por um par de burros” (p. 279) atravessou toda a extensão do então Caminho Novo. Apenas em 1903, o bonde elétrico chegou à Porto Alegre.

Além dos prêmios para os vencedores, assim como no turfe, foi possível apostar qual barco venceria a competição. Em razão disso, as inscrições foram abertas ao público no dia anterior, onde os expectadores/apostadores poderiam encontrar o risco impresso no jogo, assim como tentativa de buscar um resultado previsto (CAILLOIS, 1990).

Esta regata assumiu características de, além de serem jogos de competição, jogos de azar, “onde o jogador recebe, por fortuna ou por desgraça, sem nada poder fazer, a uma aptidão para tirar o melhor partido dos seus desiguais recursos” (CAILLOIS, 1990, p. 11). Desta forma, competiam na corrida, os remadores e timoneiros, e na “poule”, os expectadores. Poule é uma palavra da linguagem do turfe, pule ou poule é nome popular do bilhete de apostas. No fim do século XIX, o *sport* era a palavra utilizada para definir práticas de competição física com regras específicas, onde existiam apostas. Como disse Olavo Bilac: “não se compreendia um sport, uma escola prática de força, de agilidade, de dextreza, de saúde, sem o condicionamento da poule”



(MELO, 2006). Assim, para os expectadores, se tratava mais de vencer o destino do que um adversário (CAILLOIS, 1990).

Segundo os jornais do dia posterior (REGATAS, 07/012/1885; AS FESTAS DE HONTEM, 07/12/1885), deram destaque para as competições, que foram assistidas pelo presidente da província, diversos membros do corpo consular, representantes da imprensa e distintas famílias. O último páreo teve mais apostas e foi uma disputa entre barcos vindos de Rio Grande, o que demonstra que a tradição de regatas naquela cidade era conhecida regionalmente. A premiação para esta última competição foi entregue pelo presidente da província, Barão de Lucena (REGATAS, 07/012/1885; AS FESTAS DE HONTEM, 07/12/1885). À noite, o evento continuou com uma sessão literária e onde o hino foi executado por cantoras e a *Philarmônica Porto-Alegrense* (AS FESTAS DE HONTEM, 07/12/1885) e as regatas estavam oficialmente incluídas nos eventos culturais da cidade.

Após esse evento, o Clube de Regatas Porto-Alegrense foi desativado. Possivelmente, devido a divergências quando a configuração das disputas, pois na Inglaterra a prática caminhava a passos largos na direção da esportivização, tanto que, em 1872, foi organizada a primeira assembleia geral dos delegados dos clubes universitários para votar um regulamento para as regatas. Segundo Licht (2013, p. 51), “estas leis e regras ficaram conhecidas como *Laws of Boats Racing*, e passaram a ser seguidas nos demais países”. O jornal *Press*<sup>32</sup>, de Canterbury na Inglaterra, publicou estas regras e leis em agosto daquele ano, nas determinações estava o impedimento do contato entre barcos e pás de remo, assim como o empoderamento dos árbitros, responsáveis pela organização e respeito às regras (THE LAWS OF BOAT RACING, 31/08/1872).

Assim, a prática na Europa se distanciava dos jogos estruturados em Porto Alegre na configuração do turfe. Nos anos seguintes, na França, o elemento da especialização estava em progresso com a publicação da primeira edição da revista *L’Aviron*, em 1886, dedicada à prática do remo, e a burocratização atinge a Bélgica com a fundação da Federação Belga das Sociedades de Remo, em 1887 (LICHT, 2013). Este movimento começa a se

---

<sup>32</sup> *The Press* publicou a sua primeira edição semanal em 25 de maio de 1861 - um documento de seis páginas, que circulava aos sábados.

manifestar no Rio Grande do Sul no ano seguinte, com a fundação do *Ruder Club Porto Alegre* (RCPA) (SILVA, 2011).

#### **4.2 Os clubes náuticos e aquáticos são traduzidos para a cultura regional**

Como as regatas foram traduzidas de uma cultura para outra, neste subcapítulo é tratado o mesmo processo aplicado aos clubes esportivos. Devido a um movimento comandado por John Day, anglo-brasileiro, e um grupo de teuto-brasileiros, foi fundado em 21 de Novembro de 1888, o *Ruder Club Porto Alegre* (SILVA, 2011). Com esta instauração, a prática do remo conquista novas representações, mais próximas das europeias. Neste período os clubes de remo estavam disseminados em várias partes do mundo, nos Estados Unidos as regatas entre universitários já possuíam uma organização, pois faziam parte das atividades das Universidades de Harvard e Yale, desde 1852; na Oceania, o primeiro clube de remo da Austrália se estabeleceu em 1832 e o da Nova Zelândia foi fundado em 1861; e na América Latina, as capitais do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Peru possuíam clubes de remo, assim como Valdivia no Chile (LICHT, 2013).

John Day havia chegado recentemente da Europa, possivelmente de Hamburgo, onde havia praticado o remo (HOFMEISTER, 1979), junto consigo trouxe a ideia de continuar a prática e estabelecer um clube em Porto Alegre. Para tanto, entrou em contato com descendentes de alemães que moravam em Porto Alegre, como Alberto Bins (LICHT, 2013; SILVA, 2011)

Algumas fontes atribuem a Alberto Bins a idealização do clube (HOFMEISTER, 1979; DAUDT, 1952; PIMENTEL, 1945), talvez por ter sido a sua mãe quem financiou o dinheiro para a compra dos primeiros barcos, pois Alberto Bins era um estudante recém chegado da Inglaterra e da Alemanha, onde concluiu os estudos (PIMENTEL, 1945; SPALDIN, 1969). Outra possibilidade para este conflito de informações foi por razões políticas. Alberto Bins tornou-se o primeiro prefeito de Porto Alegre (1928-1937), em um período que o remo transformou-se em uma das principais práticas esportivas na cidade, com alto capital social.

A ata da reunião de fundação foi escrita em alemão por Ferdinand Ingwersen e John Day a presidiu (RUDER CLUB Porto Alegre, 21/11/1888),

mais pessoas estavam presentes, foram considerados fundadores: A. Shütt, Félix H. Issler, B. Roechring, Júlio Issler, Fernando Ingwersen, Alberto Bins, Otto Hasche, Luiz Koehler, Gustavo Knoblauch, H. Von Schwerin, A. Voelker, C. Goeden Jr., O. Teichmann, Júlio Issler F<sup>o</sup> e John Day (DAUDT, 1952).

Nesta reunião John Day discursou sobre as finalidades do clube e como o exercício do remo afeta o organismo, ainda fez a leitura de um artigo da revista *Wassersport* (revista alemã especializada em esportes náuticos e aquáticos) sobre a fundação de clubes de remo. Ficou para a próxima reunião a definição de com quais barcos iriam iniciar a prática (RUDER CLUB PORTO ALEGRE, 21/11/1888). A discussão em torno do tipo de barco a ser importado ocorreu por ser um dos principais diferenciais da prática no RCPA em relação às práticas de remo anteriores.

O processo de especialização do barco para a prática já vinha sendo desenvolvido em outros países, portanto, estes imigrantes praticaram o esporte em barcos construídos especificamente para o remo esportivo. De acordo com Licht (2013, p. 40), esta busca para barcos mais velozes foi começou a partir de 1833, quando “foi iniciada em todo mundo uma verdadeira competição técnica entre construtores de barcos a remo, com o objetivo de torná-los mais leves e mais rápidos”. Desde então, os barcos passam a sofrer transformações na estrutura, forma, tamanho, peso, impermeabilização e acabamento.

Os barcos eleitos para iniciar a prática no clube foram: um com assento fixo, para servir como barco escola, e o outro com assentos móveis, para remadores mais qualificados (LICHT, s/dA). A invenção do banco com carrinho móvel foi a mudança mais importante no processo de esportivização do remo, tornava os barcos especiais para a prática. Conforme Schröder (1991), em bancos fixos, a propulsão era gerada apenas pela energia dos movimentos dos braços dos remadores, com o auxílio das pernas o barco ganhou mais velocidade. O feito foi atribuído ao norte-americano J. Badcock,, capitão do Nassau Boat Club de Nova Iorque, em 1857 (TOIGO, 2013; LICHT, 2013). Este modelo foi difundido entre os clubes de remo, tanto que em 1873 foi utilizado pelas duas guarnições da regata entre as universidades inglesas Oxford-Cambridge (MOLINA, 1997).

Os fundadores faziam parte do comércio porto-alegrense. De acordo com Macedo (1999, p.110), em torno da metade do século, muitos imigrantes

alemães permaneciam na cidade de Porto Alegre por haver condições para ali se integrarem: “Parte dos colonos alemães, na verdade artesãos e comerciantes, permaneciam por isso mesmo em Porto Alegre, (...), produzindo bens de utilidade urbana e negociando com eles”.

Assim, o clube esportivo também servia para estabelecer redes sociais profissionais. Como, por exemplo, a associação de John Day com Carlos Huber, que passou a assinar em nome da Carlos Huber & C. (AO COMMERCIO, 05/07/1892) e, mais tarde, de funcionário tornou-se sócio da casa comercial (AO COMMERCIO, 02/07/1895) e ter a sua casa comercial, John Day, Bromberg & C. (O BANCO da Província, 28/04/1908). Esse crescimento profissional acompanhou conquista de capital social por meio dos clubes esportivos, pois estes desenvolvem vários meios de socialização entre os associados. Tanto que John Day esteve envolvido na direção de mais dois clubes fundados posteriormente, o União Velocipédica, em 1895 (UNIÃO VELOCIPÉDICA, 23/04/1908), e o Grêmio *Football* Porto-Alegrense, em 1903 (A DIREÇÃO, 17/05/1909). Desta maneira, este anglo-brasileiro, por meio dos clubes, integrou-se com teuto-brasileiros e compartilhou trocas culturais nestes espaços.

Neste período, Porto Alegre possuía uma variedade de lojas comerciais, muitas delas administradas por teuto-brasileiros. A Rua Voluntários da Pátria, então Caminho Novo, era reduto de casas comerciais teuto-brasileiras. Silva (2003) diz que um viajante teuto-norte-americano, que esteve em Porto Alegre em 1881, exclamou que “em toda parte se vislumbram sinais da presença de comerciantes alemães: na esquina se ouve a língua da pátria de origem” (SILVA, 2003).

O convívio dos teuto-brasileiros estimulava a manutenção da cultura, que era exercida também nos clubes. O membro fundador Alfredo Schütt era um tradutor cultural, pois foi um dos sujeitos da adaptação desta cultura a realidade porto-alegrense. Esse teuto-brasileiro foi o idealizador da primeira sociedade de ginástica denominada em alemão *Deutscher Turnverein*<sup>33</sup> - Sociedade de Ginástica Alemã - foi criada em Porto Alegre, em 1867(MAZO, 2003, p. 77). No

---

<sup>33</sup> Com a introdução do Tiro ao alvo a sociedade foi chamada de *Deutscher Turnerbund-Schützenverein* - Sociedade de Ginástica e Tiro Alemã. Os ginastas resolveram separar-se da sociedade e criaram o *TurnKlub* - Clube de ginástica -, em 1887 (DAUDT, 1952). Em 1892 houve a fusão das duas sociedades, sendo denominadas de *Turnerbund*, atual SOGIPA, (HOFMEISTER, 1987; TESCHE, 1996; SILVA, 1997). Em 1896, a sociedade iniciou um jogo similar ao boliche (KRELING, 1984), cujo nome era bolão (DAUDT, 1952).

imaginário porto-alegrense, exercício físico era diretamente relacionado aos teuto-brasileiros, tanto que se alguém que não possuía descendência alemã praticava a ginástica se dizia que “tava fingindo alemão” (MAZERON, 1943, p. 73).

Esta sociedade permitiu a organização de um espaço onde a memória cultural alemã fosse institucionalizada e abrangesse maior número de indivíduos. Mas os alemães iniciaram suas atividades culturais, em Porto Alegre, anteriormente a esta fundação, a partir de 1851 (TESCHE, 1996), pois já havia um forte sentimento da necessidade de se compartilhar coletivamente o conhecimento de um passado em comum. Este clube que construiu a primeira piscina no *Guahyba* em 1885, a qual é considerada a primeira do Brasil (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006), o que pode ser considerada mais uma razão para a participação de Schütt na fundação do RCPA, este poderia orientar a prática da natação como estratégia de sobrevivência para os remadores e timoneiros.

Esta piscina que se situava na Rua Conceição, na beira do *Guahyba*, próximo dos armazéns da Viação Férrea (SILVA, 1997, p. 21). Faz-se a ressalva que a natação em Porto Alegre foi praticada, inicialmente, nas águas do *Guahyba*; fato semelhante ocorreu em São Paulo, as águas de Santos e as do Rio Tietê eram o local dos nadadores (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006). A piscina da SOGIPA foi batizada no idioma alemão *Badeanstalf* (casa de banho), mais tarde chamada de *Basenho*, que traduzido do francês significa piscina flutuante.

A *Basenho* é considerada a primeira piscina do Brasil (SCARTON et al., 2005). O espaço era aberto ao público geral, devendo ser adquirido um bilhete de entrada no valor de 200 réis. Os grupos com mais de cinco pessoas não pagavam para fazer as aulas de natação, sendo que o horário para banhos de homens, mulheres e crianças era diferenciado (SILVA, 1997). Os frequentadores ficavam sob o cuidado de um guarda. Ainda no ano de 1885, registra-se a primeira disputa de natação, denominada *Taça Wanderpreiss* (Prêmio Móvel).

A comunidade teuto-brasileira se uniu para o estabelecimento do RCPA. Na primeira reunião estavam presente 15 homens, na segunda, mais seis, e na última reunião do ano, tiveram que trocar o local de reunião para outro mais amplo, onde coubessem todos os associados, saíram do Restaurante

Continental e foram para o Hotel do Globo (LICHT, s/dA). A mãe de Alberto Bins, Elisa Bins, emprestou o dinheiro para a compra dos barcos na Alemanha e o transporte foi gratuito, oferecido pelo agente da *Hamburg Suedamerikanische Dampfschiffahrts Gesellschaft* – Sociedade Sulamericana de navios a vapor de Hamburgo - em Porto Alegre. Sete teuto-brasileiras também se fizeram presente ao se oferecerem para bordar a bandeira do clube (LICHT, s/dA).

Dentre estas mulheres, duas foram eleitas para batizar os barcos que chegaram ano seguinte, Olga Englert<sup>34</sup> e Elisa Bins, que teve papel decisivo na constituição do clube (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2010). Até o início do século XX, esta marcante atuação foi uma das poucas participações ativas de mulheres no remo. Neste período as mulheres tinham pouca representação no cenário esportivo porto-alegrense. Sua ação estava limitada a, normalmente, acompanharem seus pais e maridos nas arquibancadas (MAZO; SILVA; LYRA, 2010). No remo, além de espectadoras nas regatas, elas se materializaram no cenário, como madrinhas das embarcações e ao emprestarem seus nomes para os barcos. No entanto, segundo Licht (2013), em 1882, em duas cidades do Rio de Janeiro, dois grupos de mulheres remavam recreativamente, as irmãs Fox, de origem inglesa, e as senhoritas Massière, Tribouillet e Viana, duas delas com sobrenomes franceses (LICHT, 2013). Enquanto no Brasil, os conceitos de masculinidade que revestiam o remo restringiam a prática aos homens e, no mesmo movimento, inviabilizavam a prática entre mulheres, paradigma posto a prova por estas.

O remo era impregnado com ideias de competição, disputa e combate, ligadas ao padrão de virilidade masculina, criando, assim, um imaginário coletivo em torno do esporte, distante da construção cultural da feminilidade. Conforme as mudanças corporais que tal prática proporcionava para seus praticantes, as mulheres eram mantidas à distância da prática esportiva. Inicialmente, para elas os espaços permitidos, onde poderiam ser vistas, eram as arquibancadas. Até o início do século XX, as mulheres definiam seu espaço no cenário, por meio da sua presença marcante nas arquibancadas e nos barcos a vapor onde estavam os espectadores das regatas (SILVA, 2011), assim como em outras atividades que o clube promovia, como baile e quermesses.

---

<sup>34</sup> Olga Englert era irmã de Luiz Englert, ambos de São Leopoldo, cidade colonizada por alemães, próxima a Porto Alegre, mais tarde, ele também se inseriu no cenário do remo.

A Festa de Inauguração do clube aconteceu no ano seguinte, em 1889, com a chegada dos barcos. No Salão da *Philarmônica* Porto Alegrense, a qual o fundador Luiz Köhler era primeiro secretário, as mulheres do RCPA entregaram a bandeira de seda branca com uma estrela e a denominação do clube azul marinho, ambas bordadas à mão, artefato que gerou a representação de o clube da “Estrela Solitária”. O Baile de Gala ocorreu após, no mesmo local. No outro dia aconteceu a cerimônia de batismo dos barcos, em seguida os convidados subiram nos vapores e se encaminharam para a Ilha da Pintada, onde as festividades continuaram (CLUBE DE REGATAS, 10/07/1889). Em Pelotas, as regatas entre escaleres voltavam a ser atração. Os barcos pertenciam a navios ancorados no porto, a disputa ocorreu em duas turmas; na primeira, escaleres a dois remos, que teve como vencedor o vapor inglês *Janne Bennie* e na segunda o escaler do vapor *Benmore* (REGATAS, 21/04/1889).

Com o crescimento dos associados, os dirigentes viram a necessidade de regulamentação das saídas, possivelmente, este regulamento seja similar ao divulgado em 1900. Como o clube era o único a proporcionar a prática do remo, as competições eram internas para fins de recreação. Desta maneira, para o entretenimento dos associados, o clube promovia atividades sociais, como bailes e piqueniques, além de excursões com o *gigs*, que os associados e familiares acompanhavam por meio de vapores (LICHT, 2013). Todavia, o RCPA vislumbra uma estratégia para estimular competições entre os associados. Em 1890, o RCPA, a *Turnerbund* e a *Naturheilverein* (Sociedade para a Cura Naturalista) organizaram a *Schimmverband* (Liga de Natação), para a promoção da natação. A *Naturheilverein* (Sociedade para a Cura Naturalista) estimulava a prática da natação como fator de saúde para os associados, assim buscava práticas higienistas, onde umas das técnicas via a saúde do homem primitivo como exemplar, portanto tratava-se somente de seguir seu exemplo, praticando atividades físicas naturais em contato com o meio ambiente, como andar, nadar e correr (GÓIS JÚNIOR, 2000).

Desta forma, o RCPA esteve envolvido na promoção da natação no Rio Grande do Sul e na esportivização da prática. Com a fundação da *Schimmverband* (Liga de Natação) a prática da natação se alastrou para outros espaços e a competição entre clubes foi estimulada. A primeira prova de natação em distância longa (prova de resistência) foi realizada com o percurso

saindo da Rua Hoffmann até o *Basenho*, no ano de 1897 (DAUDT, 1952; NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006). Os nadadores foram acompanhados por um *gig* do RCPA, e o vencedor da prova foi o Sr. B. Becker, no tempo de 25 minutos (DAUDT, 1952). Para João Daudt (1952), este foi o primeiro prêmio da natação sul-rio-grandense, uma homônima da “Tacinha”, a qual figura no museu do Grêmio Náutico União. Tal prêmio possivelmente foi entregue por ocasião da primeira prova de longa distância no Rio Grande do Sul em 1897, considerada a primeira “Travessia no *Guahyba*”.

Mas o ano de 1892 chega para modificar o cenário esportivo náutico, porto-alegrense e mundial. Com a disseminação dos clubes pelo mundo e as competições internacionais em crescimento, o Comitê de Remo da Federação Belga propôs aos congressistas presentes no 2º Congresso Internacional de Remo em Turim, na Itália, a fundação de uma Sociedade Internacional das Sociedades de Remo, em 1892 (LICHT, 2013).

A idealização *Fédération Internationale des Sociétés d’Aviron* - FISA - foi aceita pelas demais entidades organizacionais do remo em diferentes países. Tais entidades estavam disseminadas em diversos países da Europa. Algumas delas compareceram à reunião, vindas da França, da Bélgica, da Suíça, da Áustria e da própria Itália, o *Amateur Rowing Association*, de Londres, e o *Real Club* de Barcelona, não estiveram presentes no Congresso, mas asseguraram concordância em relação às decisões tomadas (LICHT, 2013). Foi decidido que a sede ficaria em Turim, na Itália, no entanto, a denominação da entidade era no idioma francês, por terem a maioria de países que a possuem como idioma oficial presente na reunião de fundação, pois a Áustria não foi considerada um dos países fundadores.

As primeiras deliberações a instituição de um Campeonato Europeu de Remo e a definição da classificação do remador amador. Assim, a FISA vai ao encontro do pensamento do período com relação ao amadorismo e o profissionalismo no esporte. Segundo Bourdieu (1983, p. 5), “a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes”. De tal modo que o esporte era concebido como uma escola de coragem e de virilidade, onde era possível “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer, a marca dos verdadeiros chefes (BOURDIEU, 1983). De



acordo com o site da FISA (2015), esta foi a primeira federação esportiva internacional, importante marco em direção da esportivização do remo, pois passa a ter uma burocratização, com regras compartilhadas e internacionalizadas, a prática se encaminha para um formato similar em diferentes culturas.

No Rio Grande do Sul, este esporte náutico continuava sendo comandado principalmente pelos teuto-brasileiros do RCPA. Porém, neste mesmo ano, o “Estrela Solitária” ganha um parceiro competidor e o domínio teuto-brasileiro nos clubes de remo foi reforçado com a fundação do *Ruder Verein Germania* – RVG (SILVA, 2011). O RVG foi bem aceito pelo RCPA por, juntamente, nascer a possibilidade de novas competições. Apesar de ambas as associações serem constituídas por, principalmente, teuto-brasileiros, nenhum dos fundadores do RVG fazia parte do RCPA. Os principais idealizadores foram Germano Bühler, Eugênio Sattler e Otto Zeschky (LICHT, s/dB). Mais tarde, Eugênio Sattler e Otto Zeschky também passaram a frequentar competições ciclísticas do *Radfahrer-Verein-Blitz* (CYCLISMO, 03/09/1900).

A reunião de fundação tinha 41 homens presentes. Dentre eles, estava Otto Neumann representando Luiz Englert, quem ofereceu um para a construção de uma garagem para os barcos adquiridos. A mesma oferta foi feita para o RCPA, porém perante a um valor de aluguel, que não foi aceito pelo local ser distante, Caminho Novo – atual Voluntários da Pátria, entre as ruas Almirante Tamandaré e Álvaro Chaves (LICHT, s/dB).

Luiz Englert estudou em Louvaine, na Bélgica, voltou para o Brasil em 1884, onde se dedicou à construção da rede ferroviária do estado. No Rio Grande do Sul, aliou-se aos republicanos, foi um dos constituintes sul-rio-grandenses de 1891<sup>35</sup> (HEINZ, 2009), e era amigo de Júlio de Castilhos<sup>36</sup>, este o considerava “o representante da Colônia Alemã” (CARDOSO, 2007, p. 121). Desta forma, Luiz Englert apoiou Júlio de Castilhos e participou da Revolução

---

<sup>35</sup> “A Constituição estadual republicana de 14 de julho de 1891, reconhecida como de ‘inspiração positivista’, pode ser definida como de caráter ‘fundacional’ para os militantes republicanos do Rio Grande do Sul. Ela definiu uma estrutura de poder fortemente centralizada, autoritária, em que o parlamento estadual tinha funções de análise e aprovação do orçamento, e esteve por quatro décadas em claro desacordo com a Constituição federal brasileira em inúmeros pontos” (HEINZ, 2009, p. 263).

<sup>36</sup> Júlio de Castilhos foi membro do Partido Republicano Rio-grandense e um dos seus principais dirigentes. Divulgava suas ideias por meio do jornal “A Federação”. Foi o idealizador da Constituição Estadual de 1891.

Federalista de 1893. Lecionou em diversas escolas e institutos de educação, assim como na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, participou também do Conselho Universitário (CARDOSO, 2007). Atualmente, seu nome está eternizado em uma herma erguida em sua homenagem no centro universitário e na denominação do Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert, as bases deste museu são minerais, rochas, meteoritos e minérios, que “somam 3.600 unidades, entre peças doadas, adquiridas e coletadas pelo próprio museu. Essa coleção tem longa história. Começou em 1909, com o Gabinete de Mineralogia do professor Luiz Englert” (BRASILIANA, 11/03/2014).

Outro membro fundador do RVG que possuía vinculação política era Aloys Friederichs. De acordo com Silva (2005a), este imigrante alemão tornou-se um líder étnico teuto-brasileiro. Já Mazo e Lyra (2010, p. 970) afirmam que Friederichs era “a favor de um duplo patriotismo: ser brasileiro, mas, cultivar sua herança cultural, principalmente no que tange ao nacionalismo alemão”. Assim, trazia seus ideais de germanismo<sup>37</sup> para os círculos onde frequentava, de mesma forma que se transformava numa liderança associativa, crescia como, mais do que uma liderança étnica, um tradutor da cultura germânica, pois desenvolvia mecanismos de traduzir hábitos, práticas e costumes alemães para o ambiente cultural sul-rio-grandense.

Esta era a ideologia defendida por Aloys Friederichs nos espaços do associativismo esportivo. Ou seja, para Friederichs, os clubes eram estratégia de inserção na sociedade, mas também locais de atualização da cultura de seu país de origem. Segundo Silva (2005a), Aloys Friederichs era um símbolo do cultivo da germanidade. Para tanto ele defendia uma forma de hibridização cultural (BHABHA, 1998), pois tinha pensamentos sobre “no que permanecer alemão e no que assumir uma identidade brasileira” (SILVA, 2005a, p. 310).

Alguns autores, como Silva (2005a) e Mazo e Lyra (2010), veem Aloys Friederichs como um defensor da uma identidade cultural teuto-brasileira. Silva (2005a) diz que ele reconhecia na ginástica alemã um instrumento de

---

<sup>37</sup> De acordo com Gertz (1991), germanismo é uma tradução da palavra *Deutschum* e designa o conjunto da população de alemães e seus descendentes, mas também pode ser traduzida como uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã. Assim, entende-se a germanidade como “um fator político, baseado na ideia de uma comunidade étnica constituída por ascendência, língua e costumes” (SCHULZE, 2008, p. 21).

construção de uma identidade. Esta afirmativa vai ao encontro do pensamento de Mazo e Lyra (2010), de que ele via naquela prática um importante mecanismo de manutenção da identidade alemã no Brasil, bem como um meio de inserção de alemães na sociedade brasileira. Silva (2005b), em outro estudo, afirma que sua atuação no associativismo teuto-brasileiro privilegiou o desenvolvimento de atividades que produzissem, além de desenvolvimento físico, consciência identitária.

De acordo com Burke (2003), trocas culturais podem gerar reações de resistência e segregação cultural, como defesas das fronteiras culturais contra uma invasão, pois a identidade cultural é frequentemente definida por contraste, de maneira que busca uma diferenciação para ser determinada. Deste modo, Aloys Friederichs reconhecia o RVG como um novo mecanismo de disseminação de seu pensamento, quanto a um perpetuamento de representações de identidade alemã e a criação de uma identidade cultural teuto-brasileira, ou seja, com elementos de ambas as culturas.

Apesar de o remo já estar disseminado em diversos países, na Alemanha, a fundação de clubes de remo se espalhava velozmente e demonstrava esbelecimento. Conforme Licht (2013), em 1862, existiam 95 clubes de remadores no país e, em 1881, foi fundada uma associação para a organização de regatas em Breslau<sup>38</sup>. Quando foi fundado um órgão destinado a regulamentar a prática em 1883, a primeira federação esportiva alemã, a *Deustcher Ruderverband*, com 32 clubes alemães e dois austríacos. O sincretismo cultural no interior da associação não ocorreu de forma tranquila, alemães e austríacos possuíam diferentes representações da concepção de quem seriam os esportistas, o que está relacionado com o conceito de esporte, diferente entre as culturas. Enquanto os alemães defendiam que apenas estudantes e pessoas que realizavam trabalhos sem desgaste físico deveriam participar de competições, os austríacos acreditavam que os trabalhadores em geral deveriam participar (LICHT, 2013). Estas manifestações oferecem indícios de que ideias sobre amadorismo e profissionalismo começam a ser debatidas, além da delimitação de fronteiras entre as categorias, pois, alguns anos mais

---

<sup>38</sup> Na época, ainda pertencente ao Império Alemão. Após a Primeira Guerra Mundial, com o Tratado de Versalhes, tornou-se parte do território polonês.

tarde, entre 1890 e 1895, em Londres, ocorriam competições exclusivas para remadores profissionais.

O RCPA era um clube mais cosmopolita, já possuía associados com nacionalidades diferentes, o RVG chega como um clube mais voltado para a comunidade teuto-brasileira. Com a atuação destes dois clubes, o remo porto-alegrense foi impulsionado. Em uma reunião entre elementos de ambos os clubes foi decidido que o RVG encomendaria um barco escola como o do RCPA e cada um dos dois clubes pedira um *gig* a quatro remos, já em vista de disputas futuras e com igualdade de competição (GUTTMANN, 1978). Ainda, motivado pela oportunidade de acirrar as regatas, o RCPA emprestou o barco Olga para o RVG iniciar suas atividades no *Guahyba* (LICHT, 2013). A garagem para os barcos foi alugada por Ludwig Semler, esportista assíduo<sup>39</sup>, no local oferecido por Luiz Englert para o RCPA, no Caminho Novo.

O Caminho Novo era um arraial ao redor da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, que se localizava próxima à borda do *Guahyba*, e mantinha ligação com o bairro Centro pela margem do lago. Como o local era favorável para a implantação de trapiches, também se localizaram as indústrias nesta região (PIMENTEL, 1945). Este nome permaneceu popularmente, mesmo quando o vereador Olínto de Carvalho propôs a mudança para Voluntários da Pátria, em homenagem à Unidades militares criadas pelo Império Brasileiro para integrar as forças militares na Guerra do Paraguai. De acordo com Vainfas (2002), o próprio Dom Pedro II teatralizou a sua iniciativa de voluntariar para motivar cidadãos brasileiros a se disporem a lutar. O Imperador foi o primeiro voluntário da pátria, quando seguiu para Uruguaiana, a cavalo e acampando pelo caminho (CARVALHO, 2007).

Este movimento de Dom Pedro II foi em direção da construção de uma identidade nacional. Para haver uma identidade, esta necessita de, pelo menos, uma referência de diferenciação. De acordo com Fiorin (2009, p. 116), “o grande outro da criação da nacionalidade brasileira é Portugal”. Contudo, a constituição da nação brasileira iniciou com um problema, pois a independência foi proclamada por um príncipe português e herdeiro do trono de Portugal, o que

---

<sup>39</sup> Ganhou o “Concurso de saídas” do RVG em 1895, com 293 registros de atividade no esporte (LICHT, 2015). Este dado pode ser considerado um indício que a cultura moderna da quantificação e do recorde estava em implantação.

não permitia uma ruptura completa com a antiga metrópole. “O trabalho de construção da nacionalidade começa, então, com a nacionalização do monarca, Pedro I é mostrado como alguém que renuncia a Portugal e assume a nacionalidade brasileira” (FIORIN, 2009, p. 116).

A abertura dessa estrada e caminho público seria para facilitar a comunicação da Vila de Porto Alegre para as quintas situadas à margem do rio. Com uma extensão de quatro quilômetros até a Várzea do Gravataí, a construção foi finalizada pelo Governador Dom Diogo de Souza. Posteriormente, ao longo do trajeto, indústrias e casas comerciais foram instaladas (FRANCO, 1988) - majoritariamente por teuto-brasileiros -, tornando-se uma artéria comercial (SILVA, 2011). O Caminho Novo foi palco de desenvolvimento do cenário dos clubes náuticos e aquáticos, como costeava o lago *Guahyba*, facilitava o acesso das embarcações.

A garagem do RCPA se localizou na Praça da Alfândega em um terreno cedido pela Capitania do Porto, onde foi construído um *challet*. Esta primeira sede foi inaugurada com festa e batismo do novo barco Agnes, a madrinha Agnes Schmitt fez a saudação no idioma alemão, após foi executado o Hino Nacional brasileiro (LICHT, s/dB). Este cenário revela que as ideias de Aloys Friederichs, quanto ao sentido de ser teuto-brasileiro, também eram incorporadas pelo RCPA, com cultura alemã, mas com compromisso civil brasileiro. Ao anoitecer, para esta festividade, aconteceu um baile na Sociedade Germânia.

De acordo com Daudt (1952) em seu livro *Brasileiros de Cabelos Loiros e Olhos Azuis*, sobre a cultura dos teuto-brasileiros, ele afirma que a comunidade alemã estabelecida no Rio Grande do Sul possuía tendências a agrupamentos, “onde discutiam seus negócios, política e os casos sociais, tomando suas bebidas prediletas, cantando e se distraíndo da luta diária” (p.103). Esta tendência progrediu em direção da organização de associações, que eram espaços recreações, com sessões de canto, teatro e leitura, além de jogos como bilhares, xadrez, damas e dominós, e onde o tiro ao alvo<sup>40</sup> começa a ser

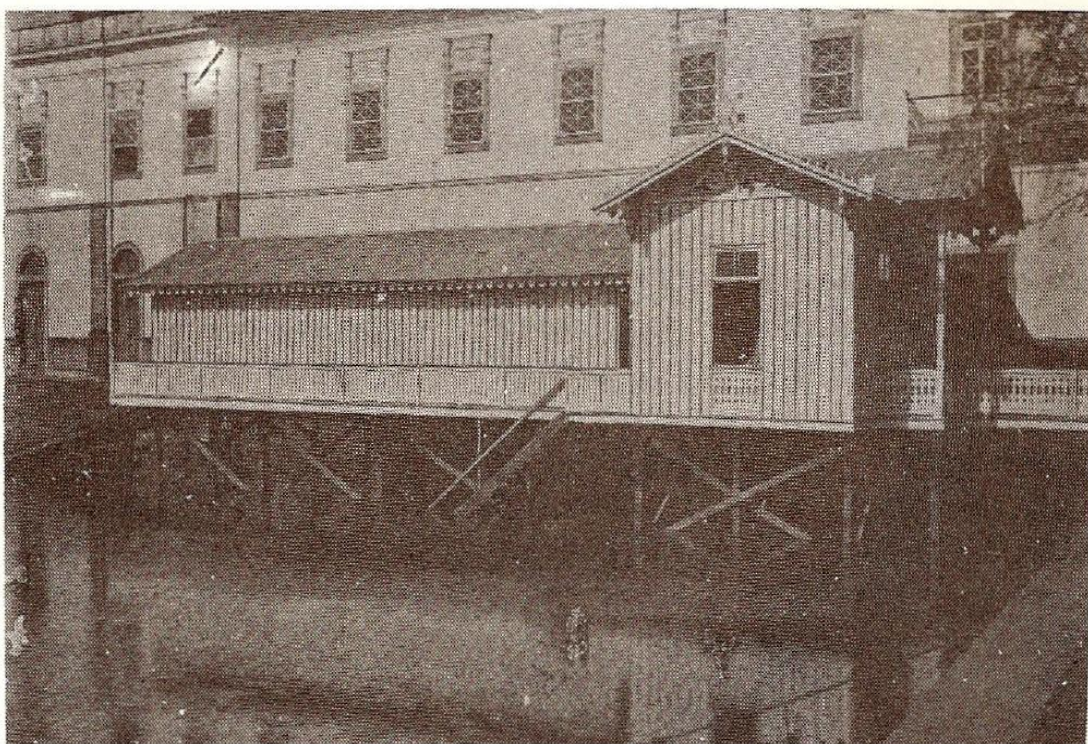
---

<sup>40</sup> Como ocorreu em Santa Cruz do Sul, localizada na região do Vale Rio Pardo, já existia uma associação voltada para a prática de defesa. O Vale do Rio Pardo foi um dos locais onde os imigrantes alemães se estabeleceram quando chegaram ao estado. A primeira associação de atiradores, chamada de *Schützengilde* (Corporação de Atiradores), foi fundada em 1863, e no local também era praticada a cavalaria (ASSMANN, 2010). Esta prática foi bastante difundida na



praticado. O primeiro espaço organizado especialmente para a realização destas atividades foi a Sociedade Germânia, a mais antiga associação alemã do Rio Grande do Sul. (DAUDT, 1952).

Com as diárias atividades na sede do RCPA e a interação entre os associados, que resultavam, muitas vezes, em anedotas e fofocas, não demorou em o espaço receber o apelido *Giftbude* – Antro do Veneno, em uma tradução do alemão para a língua portuguesa (LICHT, s/dB). Nesta sede também começam ser organizadas excursões para o interior, realizadas aos domingos e feriados.



**Imagem 14 Primeira sede do RCPA (HOFMEISTER, 1979).**

---

região, pois nas décadas seguintes foram fundadas mais associações voltadas ao tiro ao alvo, como a *Deutscher Schützenverein* Santa Cruz (Sociedade Alemã de Atiradores de Santa Cruz) em 1872, e a *Deutscher-Brasilianischer Schützenverein* de Picada Santa Cruz (Sociedade Teuto-Brasileira de Atiradores de Picada Santa Cruz) em 1884. Esta prática foi desenvolvida em Rio Pardinho, município próximo à Santa Cruz do Sul, pela *Deutscher Schützenverein* de Rio Pardinho (Sociedade Alemã de Atiradores de Rio Pardinho), fundada em 1882. A cidade de Vera Cruz possuía a *Deutscher Schützenverein* Vila Thereza para a prática do tiro ao alvo, assim como em Sinimbu – distrito de Santa Cruz do Sul no período – os praticantes se reuniam na *Deutscher Brasil Schützen-Club* (Clube Teuto-brasileiro de Atiradores) e a *Deutscher Schützenverein* Sinimbu (Sociedade Alemã de Atiradores Sinimbu) (ASSMANN, 2010). Já a Federação das Associações de Tiro foi fundada em abril de 1886, em São Leopoldo (MAZO et al, 2012).

As excursões tornaram-se uma cultura comum entre os clubes de remo. A programação variava entre piqueniques em ilhas próximas à Porto Alegre e desafios entre guarnições, com percursos cada vez maiores. Estas excursões levavam a prática, para ser admirada e conhecida, a diversos lugares do Rio Grande do Sul. Os piqueniques eram uma atividade comum entre os teuto-brasileiros.

Daudt (1952) diz que os *pic-nics* era um costume desde tempos passados. Para ele (1952), eram “passeios campestres, em locais aprazíveis, fora do bulício da cidade [...] em beira-rios, em florestas ou no campo” e eram feitos por meio de vapor ou carroções. Os clubes de remo adaptaram o costume e nele incluíram os passeios nos *gig*, quem estivesse nos vapores podia acompanhar o movimento dos remadores, embalados por bandas de música. No local de destino, havia danças e jogos, tais como corridas de agulha, perna amarrada ou ovos numa colher, “motivos para esquecerem dos seus dias seguintes” (DAUDT, 1952, p. 97). Este pensamento de Daudt (1952) encontra o de Caillois (1990) quanto ao jogo como uma ocupação separada do resto da existência. Percebe-se que os jogos prediletos dos teuto-brasileiros eram os jogos de competição, diferentemente do que os indícios apontam entre os luso-brasileiros, que tinha nos jogos de azar combinados com a competição sua maior fonte de lazer, como as corridas de cavalo (PEREIRA, 2012).

Neste ambiente também ocorriam jogos de sedução do período, como o da conquista dos cônjuges. Segundo Daudt (1952), os *pic-nics* eram frequentados por associados acompanhados de suas famílias e/ou da sua noiva, que levavam muitos tipos de pratos, para o almoço e café da tarde, e ocorriam disputas veladas entre as mães das candidatas, que procuravam conquistar os futuros genros. Assim, de repente “surgia uma linda e gorda galinha assada com farofa, ou, um pudim de laranja, meio amassado pelo transporte” (DAUDT, 1952, p. 97). Nessa mistura de cultura culinária, pois a farofa é um prato típico brasileiro, estava incluso o café de chaleira e o chimarrão, bebida símbolo da cultura do Rio Grande do Sul. A atenção ao que acontecia entre os grupos eram uma das atividades exercidas, principalmente quando algum casal de pretendentes era desfeito, como exemplificou Daudt (1952, p. 98) “de um lado, a

filha de fulano quasi noiva do filho do rico Snr. tal, que não podendo fugir dos olhares tentadores de um simples ferreiro ou caixeirinho do armazem, só porque esse dançava bem a ele se atirava e vice e versa”. Assim, as excursões rendiam assuntos para o *Giftube* até o próximo evento.

A primeira seguiu pelo *Guahyba* até Morretes, em Nova Santa da Rita do Sul, cidade próxima a Porto Alegre, porém o tempo era chuvoso, o que impediu os convidados desembarcar do vapor e levou os remadores à exaustão. Não demorou para um dos convidados, Fritz Sehl, convidasse a todos para despendar o tempo de lazer em sua olaria na Ilha da Pintada, que foi transformada em salão de baile até a noite (LICHT, s/dC). Era bastante comum nestas excursões, os remadores serem recebidos em associações estabelecidas nas cidades de destino, normalmente com festividades, como ocorreu com a excursão realizada pelo RCPA para São Sebastião do Cahy, distante 80 quilômetros de Porto Alegre. Os remadores foram recebidos com um jantar festivo no Hotel Fett e com baile na Sociedade Concórdia, em 1894 (LICHT, s/dC). Tais eventos atraíam muitas pessoas e contribuíam para uma ampla divulgação do remo. Mais tarde, os convites para as excursões começam a ser informados por meio dos jornais, possivelmente, pelo número de participantes terem aumentado significativamente (EXCURSÕES, Correio do Povo, 21/10/1894).

Enquanto em Porto Alegre e Rio de Janeiro, os clubes de remo e as regatas ganhavam vulto, São Paulo estreava no cenário com a fundação do *Club de Regatas Santista*, em Santos, litoral do estado. Segundo Almeida, Gutierrez e Marques (2013) a sua proximidade da cidade de Santos com o mar foi propícia para a fundação de clubes náuticos e de regatas, como: o Clube Regatas Santista, em 1893; Internacional Regatas, em 1898; Saldanha da Gama, em 1903, e São Vicente, em 1905; “São Paulo e Santos possuem afinidades, demonstrando que eles eram locais de encontros das novidades e que construíam formas de identificação muito parecidas” (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2013, p. 57).

No site do clube, onde é contada a sua história, consta que o clube foi fundado a partir da fusão do Clube Nacional de Regatas, constituído de brasileiros e portugueses, e do Clube Internacional de Regatas, com alemães e ingleses, a partir disso é questionado o pioneirismo do RCPA, pois na ata do



Clube de Regatas Santista, não há a data de fundação dos outros clubes, dado que se perdeu. Assim, reivindica o posto de pioneiro do remo oficializado no país (CLUBE DE REGATAS Santista, 15/07/2015). Este posto é reivindicado em razão do RCPA ter se fundido com o RVG em 1936 e inauguraram o Clube de Regatas Guahyba-Porto Alegre, devido ao movimento nacionalista do Estado Novo (MAZO, 2003).

Santos é uma cidade portuária, seu porto foi inaugurado um ano antes da fundação do Clube de Regatas Santista, que possuiu sobrenomes de diferentes nacionalidades entre seus fundadores, maneira similar aos primeiros clubes de regatas do Rio Grande do Sul. Vieira (2010) aponta que a cidade de Santos é localizada em uma ilha e que possuiu uma vasta extensão de águas calmas e tranquilas, na região portuária. Além dessa característica propícia para a prática do remo, a autora (VIEIRA, 2010) indica que interagiam diferentes culturas no espaço da cidade, por exemplo, a construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí foi feita pela empresa inglesa São Paulo *Railway Company*, que trouxe construtores ingleses, em 1867. Em torno deste mesmo período, a praça de comércio era local de trocas culturais, existiam casas exportadoras inglesas, alemãs, americanas e francesas, assim como canadenses e americanas, “os imigrantes trouxeram elementos culturais que impregnaram costumes e valores locais. A burguesia da cidade foi bastante afetada pela cultura dos imigrantes que conviviam com ela” (VIEIRA, 2010, p. 76).

Enquanto no Brasil os clubes de remo ainda estavam em fase organização, na Europa, a FISA instituía o Primeiro Campeonato Europeu Masculino de Remo, com a participação de cinco países (LICHT, 2013). Cabe destacar que o Primeiro Campeonato Europeu Feminino de Remo aconteceu apenas em 1954, evidência do quão distante foi a inserção de uma igualdade entre homens e mulheres no esporte.

Nos países vizinhos ao Rio Grande do Sul, também o remo estava em expansão. No Uruguai, os clubes de remo se localizavam apenas em Montevideu, o *Montevideo Rowing Club* e o *Club Nacional de Regatas*, este último instaurado em uma reação á representação internacional do primeiro. Na Argentina, a maioria dos clubes e as disputas se localizavam em torno de Buenos Aires. Até 1890, foram fundados sete clubes de remo no país, dentre estes, seis com denominações em inglês, *Boating Society*, *English Boat Club*,

*The River Lujan Rowing Club, Buenos Aires Rowing Club, Rosário Rowing Club e Tigre Rowing Club*; e um com a representação alemã, o *Ruderverein Teutonia*. Três destes clubes, o *Buenos Aires Rowing Club*, o *Tigre Rowing Club* e o *Ruderverein Teutonia*, se uniram para a fundação de uma entidade organizacional do remo e promoção de regatas, a *Unión de Regatas Del Rio de La Plata*, a sua primeira regata aconteceu no mesmo ano, com três bandas de música e uma lancha à disposição da imprensa (LICHT, 2013). No ano seguinte, o RCPA e o RVG se reúnem para a instauração do Comitê de Regatas, responsável pela organização do remo a partir de 1894 (SILVA, 2011).

### **4.3 A cultura dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul**

Após a apropriação das regatas e dos clubes, os esportes náuticos e aquáticos no estado ganham seus próprios significados, no fim do século XIX e início do XX, apresentados neste subcapítulo. A fundação do Comitê de Regatas marca o início de uma nova fase no cenário do remo sul-rio-grandense. Neste momento, o remo no Rio Grande do Sul concentra todos os elementos de esporte moderno defendidos por Guttmann (1978). O secularismo, pois não é praticado em busca do reino transcendente do numinoso ou sagrado. A igualdade de competições, com regras que permitem aos competidores se equilibrarem no grau de tensão sobre quem chegará primeiro. A especialização, com profissionais específicos para cada necessidade do esporte, como o treinador e o construtor dos barcos, assim como posições dentro do barco que exigem características distintas em cada remador<sup>41</sup>. A racionalização, como o

---

<sup>41</sup> Por exemplo, em um barco de oito remadores com timoneiro, Brown (2014, p. 100) esclarece que: "Há sutis diferenças no que se espera de cada remador, dependendo do lugar que ele ocupe. Dado que o restante do barco vai necessariamente aonde vai a proa, qualquer desvio ou irregularidade na remada do sujeito que vai na proa tem uma grande probabilidade de prejudicar a trajetória, a velocidade e a estabilidade do barco. Se é correto dizer que o proa deve ser forte, como todos os outros, é ainda mais importante que ele seja tecnicamente completo, capaz de atuar com perfeição, remada a remada, sem nenhuma falha. O mesmo vale, em menor medida, para os remadores das posições dois e três. As posições quatro, cinco e seis compõem a 'casa de máquinas' da guarnição, razão pela qual os remadores que a ocupam são geralmente os maiores e mais fortes do grupo. Embora a técnica seja também importante nestes assentos, a velocidade do barco depende sobretudo da força bruta desses remadores e da eficiência com que eles transmitem à água por meio de seus remos. A posição sete é uma espécie de híbrido. Seu ocupante deve ser quase tão forte quanto os da casa de máquinas, mas precisa estar absolutamente atento, consciente e sintonizado com o que acontece no restante do barco de modo a interpretar com precisão o ritmo e a força aplicados pelo remador da posição oito, o voga, e transmiti-los corretamente à casa de máquinas. O voga fica cara a cara com o timoneiro,

desenvolvimento de aprimoramento dos barcos de corrida. A quantificação, quando calculam a velocidade pelo espaço e tempo, o que resulta da marca do recorde. Enfim, a burocratização, quando a prática passa a ser governada por um órgão competente, neste caso, o Comitê de Regatas.

A partir do momento em o RCPA e o RVG possuíram barcos com as mesmas características, dois *gigs* a quatro remos, encomendados de Hamburgo, em 1893, os ânimos se exaltaram para a realização de competições entre os clubes. A competitividade foi acirrada, os remadores queriam provar qual dos clubes era melhor. Desta forma, foi necessário o estabelecimento de uma entidade, com componentes de ambos os clubes e regras regulamentadoras, para organização da primeira regata esportiva do estado. De acordo com Licht (s/d D), as primeiras ideias eram fazer um evento com corridas entre diferentes tipos de barcos: *gigs* a quatro remos, canoas, catraias e escaleres. Tal regata precisou ter a data adiada algumas vezes em razão da Revolução Federalista.

Os associados dos clubes que participaram da primeira reunião do comitê tornaram-se dirigentes da entidade e organizadores da regata. Para cada cargo de autoridade da regata, tinha um representante de ambos os clubes. A pioneira entidade federativa também era identificada como teuto-brasileira, apesar de sua denominação ser em língua portuguesa, seus idealizadores cultivaram o dialeto alemão no interior da associação. Era neste idioma que as atas, as correspondências e os programas das regatas eram redigidos, tal qual a sua comunicação interna durante as reuniões da diretoria (HOFMEISTER, 1979).

Com a organização de regatas oficiais, as associações tiveram mais espaço na imprensa, que começou a noticiar seguidamente a ocorrência de regatas na cidade. Acontecimentos que proporcionaram grande divulgação do esporte. No caso desta disputa, os treinamentos aumentaram, assim como os praticantes, que, motivados pelo sentimento de competição, aderiram à prática sistematizada.

Como o idioma utilizado era o alemão, a regata foi batizada de *Herausforderungpreis* – Prêmio Desafio -, para conquistá-lo o clube deveria ganhar duas vezes consecutivas ou intercaladas as disputas, junto com o

---

que mira a proa e dirige o barco. Teoricamente, o voga aplica o ritmo e a força exigidos pelo timoneiro, mas no fim das contas é ele que controla tudo isso”.

prêmio, para o vencedor ainda foi oferecida, por um grupo de remadores, uma poncheira com doze taças de cristal, concha e bandeja de prata (LICHT, s/d D).

Um jornal local, de propriedade de um luso-brasileiro, noticiou a regata e fez um apelo aos seus confrades luso-brasileiros: “que os nossos patricios saibam imitar os clubs referidos, fundando outros e elevando-os pelo estímulo e pela concorrência” (REGATAS, 26/11/1895, p. 3). Percebe-se o incentivo à instauração de um clube com identidade cultural luso-brasileira, levando para o esporte as disputas identitárias existentes em outros domínios porto-alegrenses. A imitação é uma maneira de interação cultural, quando se toma emprestado uma prática e a adapta ao contexto, com significados que podem variar (BURKE, 2003).

Apesar de, em Porto Alegre, as regatas tomarem um formato diferente das anteriormente realizadas, sem apostas e com barcos específicos para a prática do esporte, em Rio Grande a confecção destas competições seguiam a tradição. No *Jornal do Comércio* (REGATAS, 15/09/1894) tem o registro de uma regata de escaleres da Marinha Brasileira, que ocorreu na cidade de Rio Grande, no dia 7 de setembro de 1894, em comemoração ao Dia da Independência do Brasil. Possivelmente, este tenha sido um evento simbólico, no qual a memória nacionalista foi atualizada, proporcionando um sentimento de nacionalidade, ainda em lembrança à Regata Imperial (1865). A regata foi organizada em um período próximo da Proclamação da República no Brasil (1889), quando certas manifestações da cultura brasileira passam a ser valorizadas, exaltando-se os símbolos nacionais (OLIVEN, 1982).

Um evento do porte de uma regata realizado pela Marinha Brasileira oportuniza o fortalecimento de um sentimento de pertencimento a uma unidade orgânica, política e culturalmente centrada em um ideal comum. Como Rio Grande era o principal porto do estado e onde atracavam muitas embarcações de diversos lugares do mundo, uma regata com representações brasileiras fortalecia a identidade do Brasil como nação e com práticas europeias, além de imprimir o sentimento de patriotismo nos imigrantes.

A primeira de regata do Comitê de Regatas também foi considerada pelo jornal *A Federação* (REGATAS, 26/11/1895) a primeira regata da capital sul-riograndense, possivelmente, em razão dos tipos de barcos utilizados. A competição teve grande número de espectadores, com o vapor São Pedro

lotado de pessoas e a sede do RVG também, pois os páreos foram realizados próximo do local. Os clubes fizeram questão de exibir os barcos para o público e para a imprensa, assim como descreve o jornal *A Federação* (REGATAS, 26/11/1895, p. 2): “outro pequeno vapor que conduzia os juízes da regata, cruzavam a todo momento os ligeiros *gigs* que, no Brasil, apenas Porto Alegre e Florianópolis<sup>42</sup> tem”.

Nas notas de jornais foram encontrados indícios de que a quantificação e a racionalização tinham papel importante no cenário do remo e discutidas em busca da melhor *performance*. A primeira associação com vitória, e que saiu na frente na disputa do prêmio, foi o RVG, com o barco *Undine*. Esta guarnição venceu a prova em seis minutos e 42 segundos, assim, com apenas 3 segundos de diferença do barco *Agnes*, do RCPA (REGATAS, 26/11/1895). Os dirigentes da associação atribuíram a derrota ao excesso de peso do seu timoneiro, que possuía 25 Kg a mais que o timoneiro do *Undine*. Provavelmente esta foi a razão da diferença entre as quantidades de remadas de cada guarnição competidora. O vencedor dava 36 remadas por minuto e o derrotado, 28. Enquanto a guarnição do *Undine* imprimia mais velocidade, a do *Agnes* imprimia mais força, para poder movimentar o barco (REGATAS, 26/11/1895), o que resultou em um maior desgaste físico da guarnição vencida.

No momento da premiação ocorreram dois discursos, um na língua portuguesa e um em alemão (REGATAS, 26/11/1895). O primeiro falou para o público em geral, ao agradecer o comparecimento de autoridades e imprensa, assim como fez elogias a como foram organizadas as regatas pelo Comitê de Regatas, maneira de reforçar a representação da entidade perante autoridades e imprensa. O segundo discurso, em alemão, foi o momento de entrega dos prêmios, ou seja, mais direcionado aos associados e remadores. Esta regata foi realizada em mais dois momentos, em 1896, na terceira realização, o RVG conquistou o troféu (LICHT, 1973).

---

<sup>42</sup> A comparação entre os barcos da regata e os que existem em Florianópolis vai de encontro às de Vaz e Bombassaro (2010), em um texto publicado no livro *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*, organizado por Melo (2010). Os autores (2010) afirmam que o primeiro clube com prática institucionalizada do remo é o *Club Náutico Francisco Martinelli*, fundado em 1915, contudo foram encontradas referências sobre a prática de regatas com escaleres em Joinville em 1883, na organização do Clube de Regatas Babbitonga (GAZETA DE JOINVILLE, 13/05/1883).

Meses antes de ocorrer esta regata, uma polêmica envolveu o RCPA, uma assembleia para a germanização do clube. Tal movimento foi fortemente criticado pelos jornais *A Gazetinha* (CLUB DE REGATAS, 8/09/1895) e *A Federação* (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895). Até aquele momento, o RCPA possuía representações de ser um clube internacional, aceitava pessoas de todas as nacionalidades, apesar de assumirem o idioma alemão, que era largamente utilizado para os brasileiros com descendência alemã, e que atrairia mais europeus para associação, possuía um artigo em seus estatutos que proibia manifestações políticas, assim justificavam a não participação em eventos que celebravam datas e feitos brasileiros (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895).

A mesma negativa foi dada às outras associações teuto-brasileiras, as quais organizavam a comemoração do aniversário do chanceler do Império Alemão Otto Von Bismark, dia 1º de abril, o que contrariou alguns associados, que, a partir de então, se movimentaram para derrubar tal artigo limitante, para tanto decidiram organizar a assembleia para a germanização do clube. Por uma diferença de quatro votos, o clube foi declarado alemão. Este fato foi atacado pelos jornais editados em português, *A Federação* e *A Gazetinha*.

O jornal *A Federação* foi sutil em suas colocações (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895), possivelmente por ser um veículo de comunicação com fins políticos e ter importantes relações com teuto-brasileiros, como a amizade de Júlio de Castilhos, editor do jornal, e Luiz Englert, citada anteriormente. No texto, o evento foi classificado como de um “exclusivismo odioso, o incidente ofensivo por um lado, e o feio desvio da linha moral do outro” (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895, p. 1). Nisso, aproveita a situação para dar um recado aos leitores brasileiros com origens diferentes das dos teuto-brasileiros, “os nacionaes de procedência luzitana e de outras, comumente não se preparam, como os teutos, por uma proveitosa educação physica, para certos generos de sport” (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895, p. 1).

Silva (1997) expõe que os clubes alemães eram formados pela ginástica, pelos jogos, pelas caminhadas, pelo teatro e pelo coral. Era nos clubes que havia grande parte das manifestações culturais. Reunir-se em um clube, falar o idioma alemão exercitar-se e praticar esportes, estas eram atividades que faziam parte da cultura alemã, diferente da lusitana, que em Porto Alegre parecia ser

vinculada à ociosidade, mas, pelo contato com a cultura teuto-brasileira, modificou-se.

Dias após a publicação da reportagem n'A Federação (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895), o jornal A Gazetinha (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895) diferiu duras críticas ao evento, provavelmente, por não ter interesses políticos e se intitular um "periódico crítico, litterario e noticioso" (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895, p. 1). Já na terceira frase o Octaviano Oliveira, proprietário e editor do jornal, ataca a transformação do clube como um desafio atirado aos brasileiros "foi um verdadeiro accidente que está mesmo a pedir 'revanche' completamente severa e que produziu o effeito de uma bofetada" (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895, p. 1). Em seguida questiona a maneira que estes imigrantes retribuem "a hospitalidade proveitosa que acham em nossa querida Patria" (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895, p. 1), depois cita casos de estrangeiros que ofenderam de alguma forma o Brasil e seus símbolos, como uma versão irônica do hino nacional brasileiro.

Ambos os jornais condenaram os teuto-brasileiros, nascidos no Brasil, que votaram a favor da germanização do clube, um tipo de segregação cultural. Segregação cultural é uma das reações aos contatos culturais, manter-se livre de contaminação quando se percebe que novas representações começam a construir novos significados e negociar a identidade.

Bueno (2006) afirma que os alemães assumiam uma postura de superioridade aos brasileiros, característica de grupos que querem se excluir. "Esse modo de isolamento, por meio da língua e dos costumes considerados superiores, gerava desinteresse dos alemães em manter relações com brasileiros" (BUENO, 2006, p. 128). Bueno (2006) faz tais afirmações ao interpretar o texto "O Allemanismo no sul do Brasil", construído, em 1910, por Sílvio Romero para o livro "Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brasil social", publicado na cidade do Porto, em Portugal.

Não é possível fazer generalizações, mas provavelmente, em Porto Alegre existiam grupos de alemães que possuíam esse sentimento, pois o autor (BUENO, 2006) traz um exemplo de um fato ocorrido na capital sul-rio-grandense e citado por Octaviano Oliveira n'A Gazetinha (CLUBS DE REGATAS, 2/09/1895, p. 1). No ano de 1886, foi escrita em idioma alemão e em tom irônico um versão Hino Nacional Brasileiro, publicado no jornal Gazeta de

Notícias e lido por um professor da Escola Normal da cidade (BUENO, 2006). Segue abaixo o polêmico hino, em uma tradução para o português:

#### “HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

Tens feijão preto e milho, tens xarque e toucinho em abundância, tens as mais grossas batatas; - Brasil, que queres ter mais?

Tens quantidade de vinho nacional, fábricas de cerveja e licores Christoffel, Rapp, Becer<sup>43</sup> e Campani; - Brasil, que queres ter mais?

Quão bons seriam os caminhos, comtanto que não chovesse, e no entanto são pântanos e buracos; - Brasil, que queres ter mais?

Como formigam os bandalhos e ladrões, isso que chamamos em alemão – militares, esses devem defender a pátria; - Brasil, que queres ter mais?

Os pequenos garotos são presos, os grandes vivem às soltas e mesmo tem títulos pomposos; - Brasil, que queres ter mais?

Tem três partidos, ó miséria! Esses amarguram-te a vida, tens mesmo Martim de prata; - Brasil, que queres ter mais?

E dívidas, e dívidas, e dívidas, sugam-te os cofres de um todo, e estás dirigido para o abysmo; - Brasil, que queres ter mais?” Anastasius Blau (HYMNO..., Gazeta de notícias, 15/07/1886, p.1).

O hino em questão, com um discurso crítico similar aos da atualidade, fala de dívidas apesar de muitas riquezas naturais, má administração do país, bem como a corrupção da segurança pública, contudo, realça as fábricas instituídas por teuto-brasileiros em Porto Alegre como algo que o Brasil deve se orgulhar. Ou seja, o que o Brasil possuía de bom era as riquezas naturais e o espírito empreendedor dos teuto-brasileiros. As fábricas teuto-brasileiras citadas ficavam no Caminho Novo, a sede do RVG era em frente da Cervejaria Christoffel (1874) e Guilherme Becker (1878) (SANTOS, 2009).

Muitos desses alemães que se instalaram em Porto Alegre tiveram seus antepassados instalados em São Leopoldo, cidade próxima da capital, com colonização alemã e banhada pelo Rio dos Sinos, que era um caminho possível para os clubes realizarem excursões. As águas dos rios Gravataí, Sinos, Caí e Jacuí desembocam no Delta do Jacuí e, assim, formam o *Guahyba*, espaço de

---

<sup>43</sup> Possivelmente, houve um erro de digitação nesta denominação, pois naquele período as principais cervejarias de Porto Alegre, eram a Cervejaria Christoffel e a Cervejaria Becker (SANTOS, 2009), não foram encontradas referências à “Becer”.



atuação dos remadores dos clubes. A cidade de São Leopoldo é considerada o Berço da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul e de onde partiram os imigrantes que colonizaram a região do Rio dos Sinos, o Vale dos Sinos (CARDOSO, 2007).

Após a germanização do RCPA, este clube e o RVG organizaram uma excursão de três dias para São Leopoldo, durante o Feriado de Páscoa, com um baile na Sociedade Orpheu. Os barcos do RCPA e do RVG se deslocaram para São Leopoldo, distante 35 quilômetros de Porto Alegre por via fluvial, em diferentes horários do feriado religioso da Sexta-feira Santa. Estas tripulações foram seguidas por associados dos clubes durante os dias seguintes, por trem e veículos de tração animal (REMO, 09/09/1894), pois na noite da chegada houve um baile na Sociedade Orpheu.

A Sociedade Orpheu foi fundada em 1858, por um quarteto duplo de cantores e tinha como objetivos enobrecer o canto alemão. Esta sociedade é considerada o clube social mais antigo do Brasil (SOCIEDADE ORPHEU, <http://sociedadeorpheu.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>). As sociedades de canto e os bailes foram os primeiros a serem difundidos, pois os alemães tinham o canto como hábito (CARDOSO, 2007). A Sociedade Orpheu era o local privilegiado para a realização de bailes, por se localizar no centro da cidade e ser o único a possuir um palco.

De acordo com Licht (s/dB), a população são-leopoldense estava em massa nas margens do Rio dos Sinos para receber os inéditos modernos barcos vindos da Alemanha. Juntamente com os expectadores estavam as Sociedades de Ginástica e Tiro ao Alvo, práticas esportivas inseridas no estado por imigrantes alemães (MAZO e colaboradores, 2012). As demonstrações de *performance* dos remadores se repetiram novamente no sábado, quando os remadores foram largamente aplaudidos e retornaram à Porto Alegre no domingo de Páscoa. Conforme Cardoso (2007), os feriados religiosos faziam parte de um quadro de festividades especiais da comunidade alemã de São Leopoldo, recheada de várias tradições, atraía a população em seus melhores trajes. Uma das tradições mais comum, mais tarde adaptada pelos luso-brasileiros “era a de ‘Lebre de Páscoa’, que colocava ovos coloridos nos ninhos, preparados pelas crianças e escondidos no sábado de manhã” (CARDOSO,

2007, p. 283). Desta maneira, possivelmente, esta data foi escolhida para a excursão, por ser um feriado especial para os teuto-brasileiros.

Nesta última década do século XIX, novas práticas e associações são inseridas no cenário porto-alegrense, com cada vez mais número de adeptos, o culto ao corpo e a correlação de exercício com saúde também se disseminam. No ano em que o *Herausforderungpreis* foi instaurado, uma nova prática começa a ser difundida, o cyclismo. Em 1895, diversos jornais de Porto Alegre fizeram uma ampla divulgação da fundação da associação da União Velocipédica de Amadores (ALGUNS CYCLISTAS..., 06/03/1895; NOTAS DIÁRIAS, 09/03/1895; CLUB VELOCIPÉDICO, 16/03/1895; DIVERSAS, 15/12/1895), clube destinado para a prática do cyclismo.

De acordo com Frosi et al (2011), o União Velocipédia iniciou com excursões. Os integrantes da União Velocipédica se reuniam de modo informal antes de 1900, com o intuito de promover excursões e passeios turísticos que partiam do Campo da Várzea até o bairro Belém Velho (FROSI et al, 2011, p 6). Um ano após foi fundada a *Radfahrer Verein Blitz* (Sociedade Ciclística Blitz), com identidades culturais teuto-brasileiras, usava o dialeto alemão nas atas, documentos e instruções orais dos treinamentos (MAZO; GAYA, 2006). Segundo Frosi et al (2011, p. 5), por imposições sociais, a *Blitz* não aceitava membros que não fossem teuto-brasileiros, enquanto a União Velocipédica, apesar de na sua maioria ser composta por imigrantes alemães, aceitava imigrantes italianos como associados. Este cenário caracterizava, ainda assim, a produção de resistências e adaptações de trocas culturais clubes. Membros da União Velocipédica também organizaram uma associação para a prática da ginástica, o *Club Gymnastico Rio-Grandense*, entre 1880 e 1899 (MAZO e colaboradores, 2012). Assim, estendeu a ginástica para elementos da comunidade luso-brasileira e ítalo-brasileira.

Após alguns anos, quando os ciclistas se tornam comuns nas ruas de Porto Alegre e os jornais abordam o tema quase que diariamente, o jornal A Gazetinha publica diversas reportagens sobre como pedalar. Com o título de bicycletismo (BICYCLETISMO, 29/06/1898; BICYCLETISMO, 06/07/1898; BICYCLETISMO, 13/07/1898; BICYCLETISMO, 20/07/1898), buscava diferenciar a prática de lazer e diária, com o esporte iniciado nos clubes, onde a maior velocidade era o objetivo. Tal artigo visava esclarecer os que se

dedicavam ao ciclismo como divertimento, além de dissertar sobre vantagens e perigos do “exercício da bicycleta” (BICYCLETISMO, 29/06/1898, p. 1). O texto inicia com a perspectiva de que o gosto por essa prática já envolvia diversas partes do mundo, assim como se desenvolvia rapidamente em Porto Alegre (BICYCLETISMO, 29/06/1898).

Este autor dividia em duas condições: exercício moderado e exercício exagerado. Desta maneira, ele inicia uma análise fisiológica e biomecânica dos modos de exercício (BICYCLETISMO, 29/06/1898). Na sua comparação com os exercícios físicos e ginásticos, no ponto de vista higiênico, o ciclismo preenche a lacuna deixada por eles, o nível aeróbico, pois “obriga o aparelho bronco pulmonar a funcionar mais energicamente, aumentando o número de inspirações e ampliando a caixa thoraxica” (BICYCLETISMO, 29/06/1898). Segundo Góis e Lovisolo (2003), um novo ideal cujo eixo era a preocupação com a saúde da população, coletiva e individual chegava ao Brasil, no fim do século XIX e início do século XX, mediante reapropriações e reinterpretações, “suas propostas residiam na defesa da saúde e educação pública e no ensino de novos hábitos higiênicos” (p. 41).

Na próxima publicação, o autor alerta para o equívoco de permitir a prática entre crianças e alega que prejudica o desenvolvimento ósseo, justifica por estarem em formação, e a postura (BICYCLETISMO, 06/07/1898). Na seguinte, trata-se o ciclismo deveria ser praticado por mulheres, não sem antes analisar os exercícios praticados por elas naquele período, a ginástica e a dança, que procuravam “dar ao sexo feminino, ao lado da conservação da beleza das formas, a resistência máxima às diferentes causas de moléstia” (BICYCLETISMO, 13/07/1898, p. 1) e desaconselha a prática depois da puberdade “quando a mulher começa a representar o seu verdadeiro papel na sociedade” (BICYCLETISMO, 13/07/1898, p. 1). Neste período as mulheres tinham pouca representação no cenário esportivo porto-alegrense. Sua ação estava limitada a, normalmente, acompanharem seus pais e maridos nas arquibancadas (MAZO; SILVA; LYRA, 2010).

Os esportes eram impregnados com ideias de competição, disputa e combate, ligadas ao padrão de virilidade masculina, criavam, assim, um imaginário em torno do esporte, distante da construção cultural da feminilidade. Conforme as mudanças corporais que tal prática proporcionava para seus

praticantes, as mulheres eram mantidas à distância da prática esportiva. Inicialmente, para elas os espaços permitidos, onde poderiam ser vistas, eram as arquibancadas, como ocorria nos ambientes do remo naquele período, cenário que só muda no ano seguinte, 1899, com Pelotas como pioneira.

Contudo, o ciclismo era um espaço aberto à participação das mulheres. Segundo o autor “o exercício da bicicleta veio ainda preencher essa grande lacuna nos conselhos higienicos e dar a mulher ao abrigo das objeções que se apresentam por outros exercícios gymnasticos” (BICYCLETISMO, 13/07/1898, p. 1). Desta forma, a prática do ciclismo era utilizada para que pudessem abranger espaços para além das suas casas, acompanhando o contexto da época, que “o desenvolvimento do comércio, dos lazeres, do conjunto de equipamentos urbanos, as chama cada vez mais a transpor a soleira da porta” (SCHPUN, 1999, p. 76). Assim, “a prática do cyclismo é de summa vantagem no sexo feminino” (BICYCLETISMO, 13/07/1898, p. 1).

O tema continua na próxima publicação, em uma abordagem fisiológica e psicológica, ao sugerir que a prática beneficia ambos os aspectos nas mulheres. O texto alerta que o sistema nervoso da mulher é demasiado impressionável, em razão disso produz “phenomenos que habitualmente fazem o martírio dos paes, maridos, etc.” (BICYCLETISMO, 20/07/1898, p. 1) que são as doenças nervosas, atribuídas então apenas às mulheres. Na visão do autor, com a prática do ciclismo “tenderão a desaparecer ou pelo menos atenuar-se” (BICYCLETISMO, 20/07/1898, p. 1). Estas perspectivas traduzem o movimento higienista do período, na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorados da saúde e do caráter (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1994). Outro esporte em que as mulheres se inseriram rapidamente foi o tênis.

A prática do tênis se inseriu no cenário do associativismo esportivo sul-riograndense em 1896, com o *Tennis Club Valhalla*, instituído por teuto-brasileiros (MAZO e colaboradores, 2012). Este clube foi apontado como o mais antigo clube brasileiro fundado para a prática deste esporte (AMARO JUNIOR, 1942) e conhecido como o “clube de tênis dos alemães” (PEREIRA; MAZO; BALBINOTTI, 2010). Este clube também estava localizado no Bairro Navegantes, então Quarto Distrito de Porto Alegre, e uma de suas ruas era a Voluntários da Pátria, popular Caminho Novo, ambiente do RVG. Conforme Petersen (2004, s/p), este distrito “se constituía pela integração de diversas

etnias, alemães, 'polacos' e descendentes entre outros, e a grande maioria das indústrias familiares pertenciam a teuto-brasileiros”.

Com a instituição do Comitê de Regatas, as associações de ginástica idealizaram sua entidade regulamentadora. A ginástica alemã seguiu o caminho do remo e organizou a *Deutscher Turnerschaft Von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul). As sociedades fundadoras foram: *Turnerbund* (atual SOGIPA), *Turnverein* de São Leopoldo, Sociedade Ginástica de Lomba Grande, Sociedade Ginástica de Taquara, Sociedade Ginástica de Santa Cruz do Sul, Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo e Sociedade Ginástica de Ijuí.

O primeiro encontro das sociedades ginásticas foi realizado no *Musterreiterklub* (Clube de Atiradores), na cidade de Porto Alegre em 1896. Já na região Serrana sul-rio-grandense, colonizada principalmente por ítalo-brasileiros, a primeira associação esportiva registrada, até o momento, segundo Mazo et al (2012) foi a Sociedade Caxiense de Bochas Mútuo Socorro, fundada em 1887, em Caxias do Sul, para a organização de uma prática trazida pelos imigrantes italianos e conservada pelos seus descendentes, a bocha<sup>44</sup>. Desta forma, os esportes e clubes esportivos estavam difundidos em diversas regiões do Rio Grande do Sul, uns mais esportivizados que outros, mas as práticas físicas sistematizadas se tornaram parte da rotina.

Durante a década de 1890 foram fundadas outras associações esportivas, como o *Club Naval Pelotense*, no ano de 1896, em Pelotas (CLUB NAVAL, 20/9/1896); e o *Club Fluvial de Regatas*, em 1897 (LICHT, 2015). Para a inauguração do Club Naval Pelotense foi publicada um convite no jornal Diário Popular (CLUB NAVAL, 20/09/1896), e informava que, para o ato, a Banda Musical do Porto estaria presente. No ano seguinte ao da fundação, cada reunião era informada por meio de jornais (CLUBE NAVAL, A opinião pública, 07/08/1897; CLUBE NAVAL, A opinião pública, 18/11/1897) e a primeira regata

---

<sup>44</sup> O jogo da bocha sucintamente inicia-se quando o bolim (bola de cor branca, que possui 5 cm de diâmetro) é arremessado para a área de jogo (espaços delimitados por faixas pintadas na lateral da cancha, essas faixas localizam-se no extremo de cada lado da cancha). O bolim é jogado de um dos lados da cancha, mesmo lugar onde os jogadores se posicionam sempre do lado oposto do bolim. Com o objetivo de aproximar as bochas (bolas sintéticas ou de madeira com 12 cm de diâmetro e com o peso de 1, 4 Kg), os jogadores tentam lançar as bochas o mais próximas do bolim, assim como os mesmos tem o objetivo de afastar as bochas dos adversários. O jogo acaba quando um jogador ou uma equipe atinge 15 pontos. Os pontos são contados de acordo com número de bochas que se aproximam do bolim (PEREIRA et al, 2011, p. 54).

também foi publicada como convite, este direcionado às autoridades civis e militares, imprensa, associações e povo (CLUBE NAVAL, Diário Popular, 12/05/1897).

O *Club* Fluvial de Regatas mudou sua denominação para Clube de Regatas Rio Grande (LICHT, s/dE), e iniciou sua trajetória como um centro de canoagem. Conforme a *International Canoeing Federation* – ICF -, instituição fundada em 1924, classifica a canoagem como uma atividade que o remador está voltado para o sentido da marcha, diferente do remo, com um remo simples ou com dupla pá laminada (INTERNATIONAL CANOEING FEDERATION, Statutes – 2015, 2014).

É provável que o *Club* Fluvial de Regatas tenha se classificado como um clube de canoagem devido os modelos de barco que utilizava. Com a importação dos barcos pelos RCPA e o RVG, bem como a utilização de técnicas específicas para a remada, o remo no Rio Grande do Sul adquiriu contornos diferentes das regatas anteriores, que usavam escaleres e canoas. Portanto, ao classificar a prática como canoagem, o *Club* Fluvial de Regatas se diferenciava e se desobrigavam a seguir as regras do Comitê de Regatas.

De acordo com a Confederação Brasileira de Canoagem – CBC - (26/03/2015), a canoagem, classificada como esporte, surgiu de forma informal no ano de 1943, no Brasil. Foi através de um imigrante alemão, o José Wingen. José Wingen viveu em Porto Alegre, até 1941, quando mudou-se para Estrela, cidade banhada pelo Rio Taquari, “onde decidiu construir uma embarcação de madeira parecida com as que ele utilizava durante a sua infância quando competia pelo *Kanu Club* da Alemanha” (CBC, 26/03/2015). Desta maneira, a canoagem foi determinada como esporte apenas em 1941, a partir do desenvolvimento de barcos específicos para a prática, inspirados nos modelos europeus.

Apesar da existência do *Club* Fluvial de Regatas em Rio Grande, as regatas ainda eram organizadas pela administração da Marinha Brasileira da cidade, como ocorreu em 1897. Esta regata foi organizada pelo Inspetor da Alfândega e despendeu uma parte em favor das viúvas e órfãos das vítimas de Canudos<sup>45</sup>, a arrecadação foi por meio de apostas e rendeu em torno de

---

<sup>45</sup> A guerra de Canudos foi um conflito ocorrido no sertão baiano em 1896 e 1897, que terminou com a destruição do povoado de Canudos. Houve várias batalhas entre tropas do governo

260\$220 (FESTA NO MAR, O Artista, Rio Grande, 16/11/1897). O pavilhão brasileiro estava em destaque em uma canoa, sustentado por um Oficial da Armada, a representação da vitória do governo brasileiro na Guerra de Canudos. Tais indícios mostram que as regatas no formato utilizado por esses organizadores já estavam defasadas em relação das que aconteciam em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, onde foram proibidas as vendas de poules nas regatas, em 1895 (LICHT, 2013).

No sul do Rio Grande do Sul, as regatas eram articuladas com representações que reforçavam a identidade brasileira, ao mesmo tempo em que mantinham o vínculo com o passado como colônia de Portugal, porém na capital sul-rio-grandense, o remo continuava a ser envolvido por representações teuto-brasileiras, como a competição inventada em 1898, o *Wanderpreis* – Prêmio Móvel (SILVA, 2011). De acordo com Licht (2013), o nome deste prêmio era usado em Hamburgo desde 1882, e, mais tarde, o kaiser alemão, Wilhelm I, instituiu a mesma competição a nível nacional, em 1883.

O Comitê de Regatas lançou a ideia desta nova competição devido a um pedido do RCPA, sob o comando de John Day, que gostariam de ter uma nova chance de disputa, pois o *Herausforderungpreis* foi conquistado pelo RVG, em 1896, e, desde então, não houve competições oficiais entre os clubes porto-alegrenses (LICHT, s/d). O *Wanderpreis* seguiu os moldes do *Herausforderungpreis*, para conquistá-lo era necessário o clube ter três vitórias, mas as competições seriam anuais. Este prêmio foi muito bem aceito na cidade, tanto que os jornais promoveram o evento com um tipo de contagem regressiva: faltam 11 dias, faltam 8 dias, faltam 5 dias; para apenas três dias antes revelar o motivo das publicações, “FALTAM 3 DIAS = REGATAS” (FALTAM..., 11/11/1898, p. 2).

Assim, parece que não apenas os clubes sentiam falta da realização de regatas em Porto Alegre, mas a imprensa e a população, o litoral do *Guahyba* estava lotado de expectadores. O troféu da regata foi oferecido por um grupo de senhoras, em um pedestal de madeira com base de prata, estava o deus Mercúrio com o globo apoiado na cabeça e em cima do globo, um remador em pé com o remo empunhado. Conforme Silva (2011), a representação do troféu

---

federal e um grupo de sertanejos liderados pelo líder religioso, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro (1828-1897).

está na onipotência do remador. Ele tem o poder absoluto e supremo, está acima do mundo e dos deuses. Os deuses são representados pelo deus romano Mercúrio, considerado o deus da venda, lucro e comércio. No caso, grande parte dos associados dos clubes tinha vínculo com comércio local, desta forma seria como um amuleto.

O resultado das regatas disputadas foi publicado pelos jornais. Destacase a comparação que fizeram quanto a atmosfera criada pelo clima do dia, reforçaram o imaginário em torno da prática do remo ser de origem europeia “concorreu para dar a solemnidade sportiva um cunho característico à natureza da diversão o aspecto sombrio e nublado do CEO, dando uma idéia da pátria das regatas, que é a nevoenta Europa setemptrional” (REGATAS, 14/11/1898, p. 1). Esta associação, entre o clima, as regatas e sua origem, construiu um cenário em torno da prática, a aproximação da cultura de Porto Alegre com a da Europa, com o remo como conexão. Ciclistas também foram assistir os páreos (REGATAS, A Federação, 14/11/1898, p. 1).

Em Pelotas, os remadores do Clube de Regatas Pelotas também aderiram a um costume europeu e resolveram assumir a identidade de esportistas também no Carnaval, eles foram de uniforme oficial para o baile na Sociedade Concórdia (ARQUIVO GERAL, Correio Mercantil, 24/02/1898). De acordo com Loner, Gill e Magalhães (2012), o Carnaval em Pelotas, de origem italiana e francesa, tinha o baile de salão, inicialmente, ornamentado por pessoas com fantasias e máscaras, esse festejo teve seu auge na cidade tardiamente, apenas na década de 1910. Era comum a idealização de clubes carnavalescos, associações de jovens vestidos da mesma forma e dispostos a brincadeiras momescas (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012).

O cenário das regatas em Rio Grande não sofre modificações, como aconteceu no Rio de Janeiro quanto às apostas. A segunda regata do *Club Fluvial de Regatas*, em 1899, ainda mantém a tradição, mas desta vez, angaria fundos para um asilo e um hospital. Contudo, o nacionalismo continua a ser a origem das representações, pois foi confeccionada em comemoração à Descoberta do Brasil. No programa constava a presença o *Club Cyclista* e Naval Rio-Grandense, é provável que o *Club Cyclista* tenha se inserido também nas práticas náuticas (PROGRAMMA, 1899). Ainda, no cronograma das festividades, fazer parte a ordem de atuação das bandas de música, no repertoria estavam o



Hino Nacional Brasileiro e o Hino Nacional Português (PROGRAMMA, 1899). Apesar de o Brasil ser independente de Portugal desde 1822, nota-se ainda a permanência de um vínculo velado. Outra manifestação estrangeira foi a “*Passeiata Veneziana*”, a qual finalizou os festejos. O jornal O Diário do Rio Grande (PROGRAMMA, 1899) não fornece maiores detalhes sobre a tal “*Passeiata Veneziana*”, possivelmente, estivesse ligada a representações dos passeios de barco realizados na cidade de Veneza, na Itália.

Na grande cidade mais próxima de Rio Grande, Pelotas, nos meses seguintes ocorreu uma regata para quebrar padrões. Enquanto em Porto Alegre, as mulheres eram vistas nas práticas de ciclismo e ginástica, no sul do estado, o primeiro páreo disputado entre meninas aconteceu no dia 5 de novembro de 1899. Segundo a nota no jornal A Opinião Pública, “estas [meninas] tem feito ensaios, mostrando bastante agilidade e animação” (REGATAS, 4/11/1899, p. 1). Essa evidência demonstra que mulheres eram aceitas na prática nesta região, como nos Estados Unidos, onde foi fundado um clube de remo de mulheres, o *Zlac Club San Diego* (LICHT, 2013). Outras regatas com representação de acontecimentos que marcam a história brasileira foram arquitetadas, como a promovida pelo *Club Naval*, de Pelotas, em comemoração ao dia 13 de maio, dia da abolição da escravatura no Brasil (SPORT, 1/5/1901; SPORT, 11/5/1901; O 13 DE MAIO, 12/5/1901).

O remo foi inserido como modalidade da segunda edição dos Jogos Olímpicos (JO), em 1900. A concepção de esporte nos JO está vinculada a um amadorismo dos atletas. Conforme Hobsbawm (1988, p. 256), esta concepção construía uma distância entre os esportistas de elite e os operários, pois “nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos”. Este pensamento ganhou vulto com os JO e atingiu o remo, onde foram proibidas as regatas entre profissionais e excluía premiações em dinheiro (LICHT, 2013). Hobsbawm (1988, p. 256) traduz o imaginário do período e como o amadorismo surgiu a partir das ideias do Barão Pierre de Coubertin, principal idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna: “O ideal do amadorismo, que apresentava a vantagem adicional de reunir classe média e nobreza, foi entesourado nos Jogos Olímpicos (...), nascida no cérebro de um francês admirador do sistema inglês de escolas públicas”. Para Proni (2008, s/p),

os JO “era, acima de tudo, um evento cultural destinado às elites – aos que cultuavam costumes refinados e eram transmissores da civilização ocidental”.

Este movimento de liquidar com as premiações em dinheiro, assim como as apostas nas regatas, alcançou o *Club Fluvial de Regatas de Rio Grande*, onde o antigo formato persistiu até o ano de 1900. Neste ano, o clube realizou uma regata no novo formato e com *gigs* importados de Hamburgo, enfim, adentrou a concepção de esporte do período, afastado do profissionalismo e com regras internacionais (SPORT, 03/01/1900). Neste mesmo ano o clube modificou a sua denominação para Clube de Regatas Rio Grande (LICHT, 2013; HOFMEISTER, 1979), possivelmente para romper com a representação conquistada com o formato das regatas anteriores, com apostas e barcos amadores, e aproximar-se do modelo europeu, o remo esportivizado. Conforme Elias e Dunning (1992, p. 224), “a ‘desportivização’, em resumo, possui o caráter de um impulso civilizador comparável, na sua orientação global, à ‘curialização’ dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representam um papel significativo”.

As regras de etiqueta se expandiram para a convivência no interior dos clubes. O RCPA institucionalizou o Regulamento para Remadores e o Regulamento para o dormitório em 1900, com orientações sobre comportamento e organização da utilização de barcos, uniformes e a hierarquia dos instrutores e dos timoneiros (LICHT, 2013). Como, por exemplo, a instrução em uma dos artigos do Regulamento do Dormitório, onde os esportistas pernoitavam quando tinham exercícios de remo durante a madrugada, Art. 3 “É obrigação dos socios portarem-se com a devida decência e acatamento aos estatutos e regulamentos em vigor” (LICHT, 2013, p. 160). Já no Regulamento para os Remadores buscou-se colocá-los em uma hierarquia inferior ao instrutor e o timoneiro. A ordem de remadores nos barcos era determinada pelo instrutor e estes deveriam aceitar sem discussão, se não, estavam sujeitos a punições, como a expulsão do clube. Assumir o papel de timoneiro do barco era exclusividade dos associados sênior, desde que estes soubessem os comandos oficiais, ou seja, de acordo com as regras internacionais. A embarcação era a responsável por qualquer avaria do barco (LICHT, 2013). A natação era um conhecimento obrigatório para todos os remadores, desta forma, uma prática incentivada no clube.

Mesmo nos passeios e treinamentos, o RCPA exigia que os esportistas usassem o uniforme do clube: calça de flanela branca, camisa de dita, sapatos azuis com sola de borracha, boné azul e branco, cinto azul e gravata azul e branca (LICHT, 2013). As cores do RCPA eram o azul e o branco, possivelmente, por se aproximarem das cores usadas por marinheiros, com os remadores devidamente uniformizados, quem se aproximasse do *Guahyba* e visse os esportistas, os identificava com o clube e reforçava a representação do clube esportivo náutico. Ressalta-se que o uniforme seguia a tendência do período e deixa a mostra apenas os braços dos remadores, desta forma a roupa não era confeccionada para a prática do esporte e seus movimentos, mas de acordo com a cultura do corpo não pode estar à mostra e os cavalheiros devem manter a linha e a elegância, por exemplo, a calça com um tecido que retém o calor, a flanela. Burke (2003) refere que a moda de tudo o que estrangeiro era muito aceita no Brasil do século XIX, era uma forma de mostrar o comprometimento com valores civilizados, como exemplo, “os homens suavam em roupas de lã a temperaturas de quarenta graus para mostrar que faziam parte de uma classe abastada que não precisava fazer trabalho braçal” (BURKE, 2003, p. 78).

No início do século XX, o remo estava envolvido por uma atmosfera de civilidade e de esporte da elite. O jornalista e poeta brasileiro Olavo Bilac era um amante do esporte, em uma reportagem comenta “dia virá que se há de reconhecer a grandeza dos serviços que os clubes de regatas estão prestando ao Brasil” (LICHT, 2013). Este membro fundador da Academia Brasileira de Letras e autor do Hino à Bandeira, no mês de Agosto de 1900, publicou uma crônica sobre o Campeonato de Remo de 1900, no Rio de Janeiro (LICHT, 2013). De maneira poética descreve como ocorreu a competição, “partem as baleeiras, que disputam a gloria do campeonato. Da vasta faixa de mar, teatro da lucta, afastam-se as lanchas e os botes. Das barcas Ferry, fundeadas longe, cheias de espectadores, partem aclamações” (SALAMINA, 14/08/1900, p. 1); o movimento e a figura dos remadores e timoneiros, “braços nus, mostram os nós reforçados dos bíceps – com o tronco indo e vindo, rythmicamente, no manejo dos remos longos. O patrão, immovel e calado, dirige a manobra e fita as águas” (SALAMINA, 14/08/1900, p. 1) e ainda busca motivar a juventude de então

“Meninos! Foram músculos como esses que ganharam a batalha de Salamina... [...] Ao mar, gente moça!” (SALAMINA, 14/08/1900, p. 2).

Na transição do século XIX para o XX, os banhos de mar também eram recomendados para a manutenção da saúde. No Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães iniciaram uma tradição até hoje mantida, o deslocamento de Porto Alegre para o litoral durante os meses de verão e os cuidados com o corpo, “por conselho médico, a praia era indicada pela sua influência (eólica e talássica) positiva no tratamento de certas enfermidades” (CORREA, 2008, p. 3). Porém, nem todos podiam fazer a viagem até às praias sul-rio-grandenses. Como alternativa, segundo Machado (2013), os porto-alegrenses se banhavam na orla do *Guahyba*, isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer, o que desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região.

Desta forma, a relação dos porto-alegrenses com o *Guahyba* tornava-se cada vez mais próxima. O espaço náutico e aquático se transformava, havia movimentações de pequenas embarcações com remadores uniformizados em treinamento, pessoas se banhavam de maneira lúdica, assim como aqueles que treinavam a natação, e Casas de Banho especializadas. Foi neste cenário que se inseriu um novo clube de remo, diferentemente dos existentes, tinha a língua portuguesa como idioma oficial e um almirante da Marinha Brasileira na denominação. O remo foi apropriado por um clube com representações da cultura brasileira, o Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré (SILVA, 2011). Assim, a partir de 1903, novas trocas culturais são encetadas.

## 5 O ESTABELECIMENTO DOS CLUBES NÁUTICOS E AQUÁTICOS

Este capítulo trata de como ocorreu o estabelecimento dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul. Com o advento do século XX, o cenário dos clubes de remo e natação inicia transformações. Até este período, estes clubes estavam localizados em três cidades do Rio Grande do Sul: Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Estes locais eram centros de desenvolvimento econômico, político e social do estado, eram acoplados por portos, que beneficiavam a comunicação com outros lugares do mundo, principalmente da Europa, de onde eram importados produtos, mas, também, hábitos e costumes. Este movimento, iniciado entre o século XVIII e o século XIX, chegou à América Latina, inclusive ao Brasil, agregado aos imigrantes. Desta forma, a globalização cultural, tão abordada pelos estudiosos contemporâneos em razão da velocidade que acontece atualmente, já caminhava a passos curtos e lentos, mas acontecia. Conforme Cevasco (2006, p. 135), “os intercâmbios e os contatos possibilitados pela globalização são ‘progressistas e saudáveis’ e dão impulso à proliferação de novas culturas”. Modernos esportes começaram a sua difusão global entre meados do século XIX e início do século XX, como o remo, a natação, o turfe, a ginástica, o ciclismo e o futebol. Destas práticas outras se desmembraram ou foram agregadas nos clubes.

As primeiras manifestações do remo e da natação chegaram ao Rio Grande do Sul pelo contato cultural nos portos, porém conquistaram a configuração de esporte, com todos seus elementos e características, pela manipulação de tradutores culturais (BURKE, 2009), os europeus e seus descendentes instalados em Porto Alegre, com a instalação dos clubes RCPA e RVG. Apesar de estes clubes possibilitarem aos habitantes porto-alegrenses, estes originários de diversas culturas, o contato com os esportes, apenas com a fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré (GRAT), em 1903, que se teve início a apropriação do esporte por uma cultura considerada brasileira, no período. Este clube foi o pioneiro nesta configuração, após ele, novos clubes surgiram com esta proposta, bem como outros tipos de contatos culturais e/ou de segregação, como clubes se identificavam como de italianos e de lusitanos.

A cultura brasileira estava em processo de construção. Intelectuais brasileiros buscaram criar a identidade nacional, esta foi negociada em diversos

momentos desde a Proclamação da Independência, em 1822, como a definição de um idioma distanciado de Portugal, o português brasileiro - com algumas palavras diferentes -, além da definição de um passado, com heróis e batalhas. A identidade nacional é um discurso e, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente (BAKHTIN, 1970; BAKHTIN, 1988; BAKHTIN, 1992).

Para Cardoso (2008), a identidade cultural entre distintas nações está submetida a parâmetros históricos particulares de cada povo. Essas distinções não são barreiras para a identificação de semelhanças, visto que a América Latina tem sido palco de uma acentuada mestiçagem cultural. “Afim, o referido continente superou todos os outros no quesito dos encontros étnicos” (CARDOSO, 2008, s/p).

Segundo Oliven (2002), o tema da identidade nacional está associado à formação da nação, pois para construir uma nação é preciso que exista uma cultura que lhe dê suporte e, para tanto, é necessário intelectuais que auxiliem na sua formulação. Thiesse (1999) corrobora com a afirmação e diz que, em geral, essa cultura faz referência a um passado em comum e a um povo, o portador da cultura e da nação. Para a formação da identidade nacional, representações foram resignificadas, pois na América Latina “já viviam os índios que receberam etnias africanas e européias vindas com sua cultura e promoveram com os ancestrais uma simbiose de arte, crenças e mitos” (CARDOSO, 2008).

A imigração de europeus para o Brasil estava vinculada a um “embranquecimento” dos cidadãos brasileiros, uma tendência do pensamento dominante à época, quando se acreditava que os europeus fossem superiores. “Afim, urgia substituir os traços da cultura africana, a partir da aceitação dos traços de uma cultura tida como hegemônica” (CARDOSO, 2008, s/p). Este conjunto de culturas convergiu para o Brasil com seus costumes, hábitos e práticas, e esta fusão deu origem a novas práticas representações. Segundo Oliven (2002), no Brasil, seguidamente, a modernidade é vista como algo que vem de fora, “trata-se de estar em dia com o mundo adiantado, ou seja, a Europa e, posteriormente, os Estados Unidos” (OLIVEN, 2002, p. 17).

Com esta configuração, do remo e da natação, constituídos com representações de esporte, abandonavam, gradualmente, a função de passatempo, principalmente em Porto Alegre, onde se localizava a entidade

organizacional responsável pela confecção das regras das competições, e este cenário tornava propício a rápida disseminação de clubes, durante a primeira década do século XX. Com isso, novas trocas culturais ocorreram. Enquanto em Rio Grande e em Pelotas, os clubes que já existiam desde o fim do século XIX se mantinham e/ou se transformavam, bem como buscavam comunicação com os clubes náuticos e aquáticos da capital do estado.

Sobre o remo em Rio Grande durante o início de 1900, foi encontrada apenas a imagem 15, com remadores do Clube de Regatas Rio Grande que competiram em um páreo de honra. A imagem ilustra a imponência que a prática do remo oferecia a seus praticantes e o destaque dado às pás de remo sugere que a construção da imagem foi feita para registrar o esporte e seus praticantes, com o timoneiro no centro segurando o quepe com as mãos.

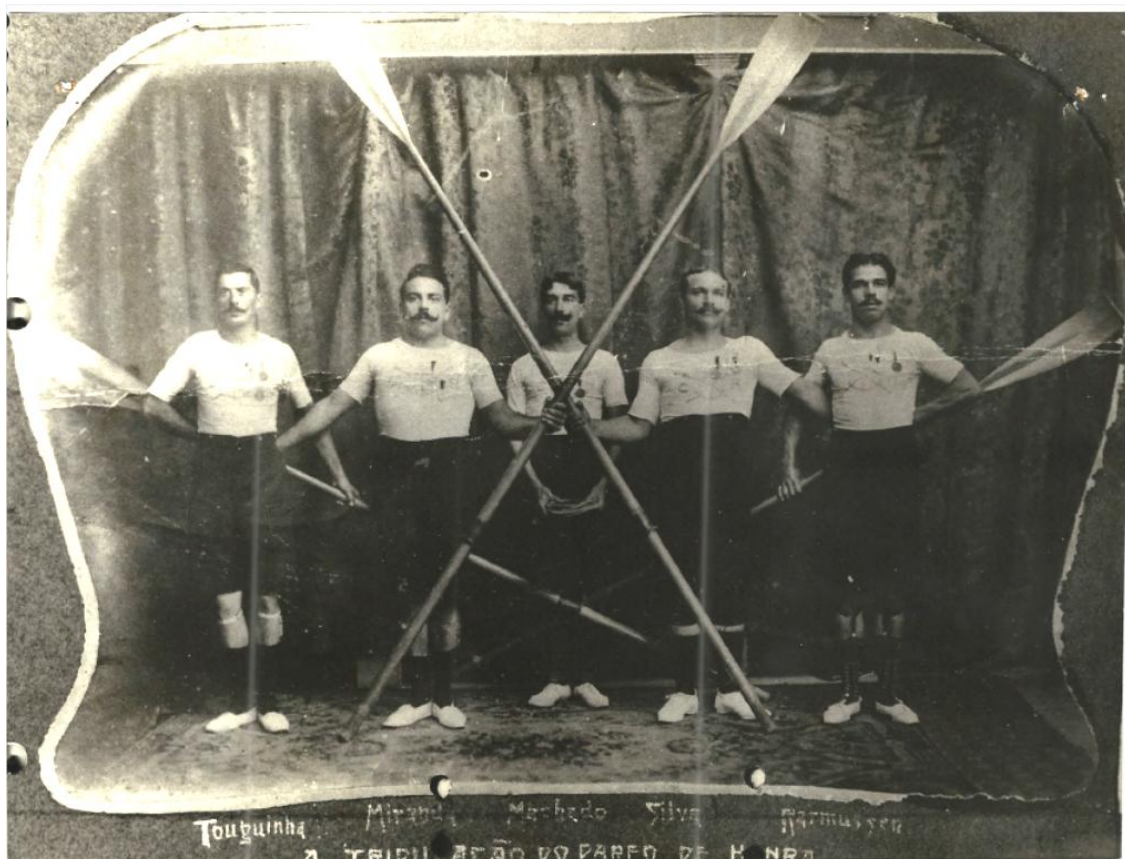


Imagem 15 Foto dos esportistas do Clube de Regatas de Rio Grande (LICHT, s/dE).

Os remadores da capital sul-rio-grandense, por sua vez, estavam atentos para os acontecimentos no cenário do remo da capital do país, Rio de Janeiro, sem descuidarem a atenção das manifestações esportivas europeias, que

chegavam até Porto Alegre por meio dos jornais. Na primeira década do século XX, mais clubes foram fundados no Rio de Janeiro, mas percebe-se que, comparado com a quantidade existente no fim do século XIX, o cenário do remo e da natação não cresceu na mesma velocidade na década de 1900, conforme quadro 4. Diferentemente da capital do Rio Grande do Sul, que teve o estabelecimento do cenário no mesmo período, quando vários clubes foram fundados principalmente em Porto Alegre.

<b>CLUBES DO RIO DE JANEIRO– década de 1900</b>	<b>DATA DE FUNDAÇÃO</b>
<b>Grupo Náutico São Domingos</b>	<b>14/07/1900</b>
<b>Club Internacional de Regatas</b>	<b>16/09/1900</b>
<b>Club de Regatas Infantil</b>	<b>Setembro/1900</b>
<b>Grupo de Regatas da Ilha da Pombeba</b>	<b>02/03/1901</b>
<b>Rowing Club</b>	<b>12/06/1902</b>
<b>Club de Regatas Fluminense</b>	<b>21/07/1902</b>
<b>Club Sportivo São Bento</b>	<b>22/12/1902</b>
<b>Club de Regatas Lagoense</b>	<b>26/06/1904</b>
<b>Club de Regatas Pedro Álvares Cabral</b>	<b>18/09/1904</b>
<b>Club de Regatas Jardimense</b>	<b>15/05/1905</b>
<b>Club de Regatas Piraquê</b>	<b>11/10/1906</b>
<b>Clube de Regatas Saldanha da Gama</b>	<b>21/10/1906</b>
<b>Club de Regatas Lage</b>	<b>16/04/1908</b>
<b>Governador Sport Club</b>	<b>02/05/1908</b>

**Quadro 6 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos do Rio de Janeiro na década de 1900, adaptado de Licht (2013).**

Apesar de já existir uma entidade dirigente do remo no Rio de Janeiro, a União de Regatas Fluminense, mais tarde, renomeada para Conselho Superior de Regatas, esta associação modificou a sua denominação para Federação Brasileira de Sociedades de Remo (FBSR) em 1902 (LICHT, 2013; REMO



BRASIL, 17/05/2015), na busca de abranger a organização dos esportes náuticos e aquáticos para todo o território brasileiro, porém não foram encontrados indícios dos clubes sul-rio-grandenses terem se inserido nesta iniciativa. De tal forma que, quando a entidade argentina *Unión de Regatas del Rio de La Plata* foi dissolvida em razão da criação da *Comisión de La Regata Internacional del Tigre* e esta organizou a primeira regata internacional, em 11/11/1902, esta convidou o Conselho Superior de Regatas do Rio de Janeiro e os clubes porto-alegrenses, RCPA e RVG, bem como clubes uruguaios (LICHT, 2013).

O processo de implantação dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul foi gradual, no entanto se estabeleceu com vitórias, o que contribuiu para que novos esportes surgissem com a mesma configuração: clubes com estatutos; experiência para a instauração de entidades organizacionais; a utilização de artefatos específicos para a prática; foco no desempenho; espaços especiais para o desenvolvimento do esporte; o exercício com técnica, tempo determinado e continuidade; atenção para as modificações internacionais da prática. Na primeira década do século XX, surgem mais duas práticas esportivas, estas seguiam os passos dos clubes náuticos e aquáticos, totalmente estabelecidos na paisagem estadual.

No quadro 2, estão expostas algumas transformações no cenário esportivo sul-rio-grandense ocorridas durante a primeira década do século XX. Ao longo da segunda metade do século XIX diversas práticas foram manifestadas em instituições da capital do Rio Grande do Sul, como em clubes e sociedades, o que demonstra uma aceitação por parte dos porto-alegrenses a uma nova cultura, a esportiva. Contudo, percebe-se um crescimento mais acelerado durante os primeiros 10 anos do século XX, principalmente com relação à prática do remo, da natação e do futebol.

ESPORTES	Segunda metade do Século XIX	Década de 1900
		Manifestações esportivas institucionalizadas

Bolão	3	2
Tênis	1	INL
Ginástica	4	INL
tiro ao alvo	4	3
Natação	7	12
Esgrima	1	INL
Futebol	2	12
corrida rústica	1	1
futebol de salão	1	INL
Turfe	7	2
Remo	4	12
Ciclismo	3	INL
Polo aquático	Informação Não Localizada – INL	1
Judô	INL	2

**Quadro 7 Ocorrência de associações e esportes em Porto Alegre na segunda metade do século XIX e na primeira década do século XX, a partir da compilação de dados de Mazo et al (2012) e Licht (2013).**

Como aconteceu em Porto Alegre, no interior as práticas esportivas também se desenvolveram com maior velocidade, inclusive, algumas delas tiveram foram inseridas a partir de personagens interioranos, como o futebol com o *Sport Club* Rio Grande Fundado em 19 de julho de 1900, conforme Mascarenhas (2001), este é o clube de futebol mais longevo do país. É, sobretudo nos primeiros anos do século XX que o futebol se disseminará pelas pequenas cidades do interior do Uruguai, até atingir a fronteira com o Rio Grande do Sul. Tais conexões propiciaram as vias "platinas" de penetração do futebol em terras rio-grandenses" (MASCARENHAS, 2000).

Os esportistas do *Sport Club* Rio Grande colaboraram para a difusão do futebol pelo Rio Grande do Sul (MAZO, PEREIRA, SILVA, 2013), pois foi a partir de uma demonstração deste clube em Porto Alegre que surgissem as primeiras ideias para a implantação do futebol na capital. Cabe destacar que neste evento

o um clube de remo estava presente (LICHT, s/dE), o que dá início a uma relação próxima entre esportes, o que inclui a instalação do polo aquático.

Os clubes de futebol foram implantados na capital sul-rio-grandense logo após a demonstração do clube de Rio Grande, quando dois grupos movimentaram-se para o pioneirismo. Assim, em 15 de setembro de 1903 ocorre a fundação do *Fuss-ball Club Porto Alegre* e o *Grêmio Football Porto-alegrense*.

A fundação do *Fuss-ball Club Porto Alegre* foi idealizada por Alberto Bins, L. Rosenfeldt e ciclistas da Sociedade Blitz (MAZO e colaboradores, 2012). Alberto Bins também foi o principal fundador do *Ruder Club* Porto Alegre, inclusive pode-se ver uma semelhança na denominação das duas associações, ambas possuem o nome do esporte em alemão logo no início, seguidos pela palavra *Club* e o nome da cidade cede. Estes indícios sugerem a demarcação do esporte praticado, vinculado o à cultura alemã, assim como a importância dada para o local, registrando o pertencimento à região. Com estas representações, é possível interpretar que existia a intenção de construir uma identidade cultural teuto-sul-rio-grandense para estas associações.

Segundo Mazo *et al* (2012), no mesmo dia da inauguração deste clube de futebol, nasce um adversário, o Grêmio *FootBall* Porto-alegrense. No jornal *O Independente* de 18 de agosto de 1904, havia uma nota comentando sobre a cerimônia de inauguração da “cancha desta sociedade, situada nos Moinhos de Vento, em terreno cedido pela distinta sociedade *Schültzen-Verein*” (GRÊMIO FOOTBALL PORTO ALEGRENSE, 18/08/1903, p. 2), um clube de tiro teuto-brasileiro. Neste evento, o diretor deste jornal levantou um brinde e disse que a cerimônia “não significava somente a realização de uma pista de sport, pois que traduzia também o conagraçamento de brasileiros e alemães que unidos, fortes, trabalhavam pelo mesmo ideal desta pátria – o Brazil” (GRÊMIO FOOTBALL PORTO ALEGRENSE, 18/08/1903, p. 2). Desta forma, esta associação esportiva possuía representações identitárias teuto-brasileiras, porém a identidade regional também se fez presente na sua denominação, bem como o termo grêmio, em português e *football*, em inglês, mas que era utilizado pelos brasileiros no período junto com outras palavras deste idioma, como *sport* e *club* (MELO, 2007).

Diante do pioneirismo do *Sport Club Rio Grande* no ano de 1900, na região de Rio Grande surgiram outras associações esportivas, como o Rio

Grandense Futebol Clube, em 1912. Enquanto que em Pelotas, no ano de 1908, fundou-se o Esporte Clube Pelotas e o Grêmio Esportivo Brasil, em 1911 (PRODANOV, 2008). Os clubes de remadores e nadadores também se disseminaram neste ínterim, alguns deles incorporaram a prática do futebol e outras aos esportes náuticos e aquáticos.

### **5.1 Sincretismos culturais nos clubes náuticos e aquáticos**

O presente subcapítulo mostra como surgiram novos formatos de clubes náuticos e aquáticos neste cenário esportivo. A transição cultural do século XIX para o século XX chega ao cenário dos clubes de remo e natação a partir da fundação do Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré – GRAT. Este clube foi implantado com objetivo de nacionalizar o remo (SILVA; MAZO, 2009), pois existiam apenas associações onde predominavam elementos da comunidade teuto-brasileira, assim, os clubes fixavam representações da cultura alemã, a exercida em seus ambientes. A questão do idioma foi um dos principais impulsionadores para a fundação do GRAT, no RCPA, no RVG e no Comitê de Regatas a comunicação era mantida no idioma alemão.

Outros motivos podem ter impulsionado a fundação deste clube, entre eles um amortecimento do cenário do remo após um naufrágio com quatro remadores mortos, ocorrido no ano anterior, em 1902. As excursões de remo organizadas por RVG, para lugares ao redor de Porto Alegre, começaram em 1894. Para estas, incluíam destinos como Pedras Brancas, São Leopoldo, Aldeia dos Anjos, São Jerônimo, São Sebastião do Caí e São João de Montenegro. De acordo com Litch (2001), o clube organizou suas primeiras excursões para a Ilha Pedras Brancas no ano de 1894. A Ilha Pedras Brancas era localizado na cidade de Pedras Brancas - atualmente, cidade de Guaíba, cerca de doze quilômetros de Porto Alegre -, grande rochas rodeavam esta ilha, o que tornava o percurso difícil. As excursões se tornaram eventos frequentes organizados por RVG e RCPA.

Este tipo de programa era mais comum entre os membros RVG do que no RCPA. Com a invenção da maior competição anual *Wanderpreiss* pela Comissão de Regatas, em 1898, regatas dentro dos clubes e excursões longas foram incentivados. A RVG venceu a terceira *Wanderpreiss* em 1900, com o

show Freya e seu remadores Hans Goeden, Hans Zeller, Julio Deppermann e Whalter H. Deppermann, com Franz Protzen como timoneiro. Três desses remadores participaram de uma excursão para a Ilha Pedras Brancas, em 11 de maio de 1902. Infelizmente, esta excursão terminou com uma tragédia, o naufrágio dos barcos, que foi relatada em todos os jornais.

No dia da excursão houve a festa anual em louvor do Espírito Santo e da Senhora da Conceição, na mesma ilha. O RVG organizou a excursão em razão de participar da festa, participaram sete remadores em dois barcos, além de dos vapores, contratados para a ocasião, fazerem muitas viagens para levar até lá os membros dos centros náuticos da cidade (VASCAÍNA..., 1902/01/06). Para o efeito, na manhã de domingo, o barcos esportivos Nixe e Walkure zarparam do ancoradouro do RVG. O primeiro barco foi ocupado por Hans Zeller e Hans Goeden e o último por Gustavo Bier Filho, Luiz Rothfuchs, Luiz Laurent, Ricardo Preussler e Whalter Deppermann, sendo este último como timoneiro (VASCAÍNA ..., 06/01/1902). De acordo com Licht (2001), Nixe foi um dos dois primeiros barcos comprados por RVG, em 1894.

A participação dos clubes de remo neste tipo de evento era comum em Porto Alegre. Mesmo antes da institucionalização de clubes de remo, desde 1877 escaleres e canos participavam das festas comemorativas à Nossa Senhora dos Navegantes, o maior evento anual tradicional à padroeira católica de Porto Alegre (LICHT, 2013). No entanto, diferentemente dos escaleres e das canoas, os barcos esportivo eram projetados especificamente para a prática do remo de competição, por isso são mais leves e frágeis, de modo a serem mais rápidos, porém também mais fáceis de afundar e danificar.

Quando os remadores estavam retornando de sua viagem à Pedras Brancas, no final da tarde, eles foram surpreendidos por uma forte tempestade com um vento forte que fez com os barcos afundassem. Três dos sete jovens foram salvos por nadarem os quilômetros da costa - "Luiz Rothfuchs Jr., Gustavo Bier Jr., e Whalter H. Deppermann foram salvos por nadar até a Ilha das Pombas" (LICHT, 2001, p. 3). Os jornais os consideraram nadadores qualificados, na tentativa de salvar as suas vidas, quando viram os barcos alagados, pularam do Walkure e nadaram em direção a Pedras Brancas (VASCAÍNA..., 06/01/1902). Nixe, o barco menor, se encheu de água como resultado do vento e da corrente forte, e virou. Neste momento, a equipe do

Walküre buscou se aproximar para prestar socorro. No entanto, o Walküre também encheu de rapidamente com água e virou. Neste momento, o timoneiro ordenou a todos cair na água, o que tripulação acatou, mas alguns se mantiveram agarrados ao Walküre, outros se esforçaram para se aproximar da terra.

No entanto, quatro remadores não foram capazes de suportar as ondas causadas pelo vento e chuva forte, e ficaram apegados aos barcos frágeis: Hans Zeller (24 anos), John Goeden (25 anos), Ricardo Preussler (20 anos) e Luiz Cristiano Laurent (17 anos) (LICHT, 2001; OS NAUFRAGOS, 24/05/1902; O NAUFRÁGIO..., 24/05/1902; UM NAUFRÁGIO, 05/12/1914; ANIVERSÁRIO..., 05/03/1930; FORTINI, 1953). Hans Zeller tinha 24 anos e nasceu na Alemanha, onde estavam sua mãe e parentes. Ele trabalhou na loja de impressão Reinhardt, em Porto Alegre. Luiz Laurent, que era filho do professor Laurent, muito conhecido e estimado na cidade, tinha 17 anos, era porto-alegrense, e estava empregado no comércio, na Casa Carlos Naschold. Preussler tinha 20 anos, também nascido em Porto Alegre, era filho do Sr. Anthony Preussler, irmão de Francisco Antonio Preussler e cunhado de Alberto Fehlauer, com quem trabalhava em um estabelecimento musical, na rua Andradas (NIXE-WALKÜRE, 06/01/1902).

Quando a revista *Sport Nautico* (VASCAÍNA..., 06/01/1902) descreveu este evento, eles disseram que os nadadores qualificados nadaram em direção à terra para dar alívio aos seus parceiros, provavelmente, a informação teve origem nos depoimentos dos sobreviventes. Apesar de os jornais classificarem como um ato heroico, aquele foi um movimento natural do ser humano, que é motivado a salvar sua própria vida em primeiro lugar, antes de ajudar o outro. Estes homens fizeram o que podiam fazer - ou não fazer - para sobreviver. Podemos inferir que aqueles que decidiram nadar mostraram certa coragem (na verdade, essas terríveis circunstâncias evocaram tais atributos). Todavia, estes quatro esportistas tiveram mais confiança em suas habilidades de natação, por isso não devemos inferir que naqueles, que permanecem com os barcos naufragados, faltava coragem ou coragem – apenas afirmar que eles forçosamente tiveram uma morte horrível por afogamento.

A RVG, depois de ter conhecimento da tragédia, procurou oferecer toda a ajuda possível na esperança de encontrar os remadores. Com empatia e

compartilhamento da dor, membros do RCPA participaram da procura das pessoas desaparecidas (NAUFRAGOS, 24/05/1902), e foram elogiados pelo jornal O Independente (NAUFRAGOS, 24/05/1902). Esta tragédia tocou as pessoas na cidade de Porto Alegre, bem como a comunidade brasileira de remo, além de jornais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, que seguiram o curso dos acontecimentos e registraram o processo.

Para o RVG, bem como às famílias dos jovens mortos, os jornais expressaram empatia para com a dor da morte, especialmente essas mortes inesperadas. Em homenagem, O Independente, disse que "movido por tal infortúnio, envia suas mais sentidas condolências" (NAUFRAGOS, 24/05/1902, p. 3). Além disso, imagens dos naufragos foram impressas na primeira página "agora servindo o dever de sê-lo, em sua honra, os retratos dos infelizes naufragos, bravamente mortos quando lutavam contra as águas turbulentas do nosso belo Guahyba" (NAUFRAGOS, 24/05/1902, p. 3). A notícia também chegou ao Rio de Janeiro, um jornal da cidade fez uma homenagem. O Sport Nautico, um suplemento da Revista da Semana, escreveu "que não podia ser indiferente ao golpe doloroso que danificou as sociedades de regatas aqui e em Porto Alegre, em conjunto com as manifestações previstas para a memória dos mortos para honrar a sua dor" (VASCAÍNA..., 06/01/1902, p. 4).

Da mesma forma, o RCPA ajudou na busca dos barcos naufragados e dos remadores, e juntou-se generosamente a sua associação irmã RVG, mas logo veio a notícia de que já era tarde demais para o serviço de resgate ser coroado com êxito feliz (NÁUFRAGOS, 24/05/1902). RCPA e RVG eram os dois únicos clubes de remo em Porto Alegre, ambos com uma maioria de membros teuto-brasileiros e, por isso, é compreensível que aqueles associados, que compartilhavam a cultura alemã, possuíam identificação e cumplicidade.

Nesse período, Porto Alegre tinha 73.674 habitantes conforme Pimentel (1945), isto significa uma cidade pequena, se compararmos com hoje em dia, quando há cerca de 1,5 milhões de habitantes (IBGE, 21/04/2015). Os remadores em questão trabalhavam no comércio no centro da cidade, e uma nota de jornal observou que os belos jovens, todos funcionários em nosso comércio, onde apreciavam os frutos do seu trabalho diário e sabiam como tratar os outros com simpatia, bondade e honra (NAUFRÁGIO, 24/05/1902). Assim, muitas pessoas os conheciam, o que potencializou a tragédia e chocou ainda

mais os habitantes, “a saudade de amigos, os corações sangrados dos pais, cobertos de luto, a sociedade Porto Alegre está profundamente comovida com este evento triste” (NAUFRÁGIO, 24/05/1902, p. 3). Em seguida, as notas jornalísticas fixam as características dos remadores, isto porque a jornada de vida deles terminou, então serão 'eternamente' assim como eram. Eles não terão mais experiências, e nós não podemos ter mais as experiências de suas ações, de modo que sempre serão lembrados como “de bom caráter”, porque eles não têm tempo para mudá-lo.

A primeira notícia sobre o acontecido veio por meio de Rothfuchs, que voltou a Porto Alegre em um barco à vapor. Ele nadou 1 hora e 40 minutos para Pedras Brancas. Os outros sobreviventes passaram a noite em um lugar coberto de ervas daninhas (VASCAÍNA..., 1902/01/06). Os sobreviventes se tornaram heróis nas reportagens de jornais. De acordo com o *Oxford Dictionaries* (27/01/2015), um herói é uma pessoa, normalmente um homem, que é admirado por sua coragem, realizações de destaque ou qualidades nobres. Para os jornais, eles não eram sobreviventes, mas heróis, porque enfrentaram um período muito difícil e tiveram coragem e força para sobreviver.

Alguns dias depois, os corpos foram encontrados, Goeden e Preussler em Pedras Brancas, Zeller perto do Asilo, e Laurent na praia do Christal (NAUFRAGOS, 24/05/1902), mas os jornais esperaram até o último corpo ser encontrado para publicar as notícias, 12 dias após o naufrágio. Segundo os jornais, na segunda-feira onze horas após a tragédia, o primeiro corpo encontrado, o de Goeden. O corpo parecia como se em repouso sobre a terra, em uma posição de quem estava dormindo, o que pode sugerir que ele chegou vivo em terra, mas não conseguiu suportar o desgaste físico. Seu corpo estava em estado de putrefação e sua camisa foi rasgada (NAUFRÁGIO, 24/03/1902; VASCAÍNA..., 1902/01/06). Os barcos foram encontrados nas proximidades de onde Goeden estava (VASCAÍNA ..., 06/01/1902).

Sono e morte podem ser comparados - em ambos os olhos estão fechados e o corpo imóvel. No entanto, durante o sono, a pessoa vai acordar e voltar à vida, por isso ainda há a esperança de ter uma oportunidade de dizer um adeus apropriado. No entanto, quando a morte é confirmada, os nossos sentimentos são algo como: "eles foram 'roubados' de nós". Não tivemos tempo de dizer adeus, aconteceu repentina e inesperadamente. Isso aconteceu logo



após o corpo ser examinado pelo médico Wallau, quem registrou a morte de Goeden, e disse que ele tinha morrido há cerca de trinta horas antes de ser encontrado (VASCAÍNA..., 06/01/1902).

Os outros corpos foram encontrados nos dias seguintes, mas em um estado avançado de decomposição e próximos da linha da água. A diretoria da RVG comprou um túmulo para o enterro de seus quatro remadores o Cemitério Evangélico (NAUFRÁGIO, 24/03/1902; LICHT, 2001), que é ligado a imigrantes alemães luteranos, que eram, de acordo com Gertz (2001), o grupo protestante mais articulado a entrar no Brasil, desde 1819, e, sem dúvida, a estabelecer-se, especialmente depois de 1824. Em 17 de fevereiro de 1856, eles fundaram a sua Comunidade Evangélica. No livro Grande Catecismo (1529), um dos principais textos luteranos, Martin Luther ora ao Pai do Céu, quando, no momento da morte, assim traz as pessoas para perto dele; e as guia a acreditar que existe vida após a morte, e disseminar essa ideia entre os luteranos. No cemitério, havia muitas pessoas da comunidade alemã, oferecendo "declarações de pesar para a honrada e trabalhadora colônia alemã residente" (NAUFRÁGIO, 24/03/1902, p. 3).

No entanto, mesmo com mau tempo durante a semana após o acidente, o enterro das vítimas ocorreu em dias sucessivos, onde muitas pessoas compareceram (NAUFRÁGIO, 24/03/1902) para prestar homenagem, rezar ou apenas para assistir. Posteriormente, imagens de porcelana foram colocadas nas lápides, além do escudo do clube e as mensagens de saudade em cada túmulo (LICHT, 2001), para perpetuar a memória dos remadores e "... para honrar a memória dos infelizes náufragos e enterra-los com honra" (NAUFRÁGIO, 24/03/1902, p. 3).

Esta tragédia fez o remo passar por um período de amortecimento, os esportistas do RCPA e RVG não compareciam mais nas associações, menos ainda colocavam os barcos na água. Por essa razão, o GRAT incluiu a denominação natação em seu nome e a primeira convocação para os associados foi para exercícios desta prática de sobrevivência. Desta forma, esse trágico acontecido foi propulsor da natação nos clubes de remo. Tal acontecimento, registrado em jornais, foi interpretado, neste estudo, a partir da filosofia de Heidegger (1989).

Em seus primeiros trabalhos, Heidegger (1989) desenvolveu um projeto que tenta descrever a existência humana (Dasein) o mais precisamente possível, e a morte é um fenômeno importante na sua descrição da existência humana. Estamos todos indo para morte. A existência humana é finita. Heidegger (1989) nos ajuda a ver a morte como um fenômeno inseparável da vida. Na verdade: a existência humana é sempre finita, e este é um aspecto ontológico importante dela - ou seja, a mortalidade e a onipresença da possibilidade de morte, são fatos inevitáveis para todos nós, como seres humanos. A vida humana é precária - poderíamos ser atingidos por doença ou por um carro, ou por fenômenos climáticos, no momento seguinte. E, assim, Heidegger (1989) introduz a noção de "ser-para-a-morte", que esclarece este fato da existência. Em cada momento de nossas vidas, nós também somos finitos - e tem dois aspectos: (1) nós nunca podemos retornar naquele momento que ficou para trás, é fugaz, é aqui e, em seguida, foi, nós temos que fazer escolhas que não temos como voltar; (2) nós sabemos (quem se atreve a pensar sobre isso) que vamos morrer.

A morte dos remadores pode ajudar-nos a ver o nosso ser como finito, sem saber quanto tempo vamos ficar aqui. E a partir deste ponto de vista, podemos ver o recorrente retorno a este acidente, como cerimônias de recordação, como uma celebração da vida, da existência humana como é de fato, como mortal. A morte desses quatro meninos pode lembrar-nos de nossa vulnerabilidade, e não apenas em face de elementos, mas também na vida cotidiana. Não sabemos quando vamos morrer, e por isso, devemos pensar o que é significativo para nós - o que são as nossas prioridades. Isso não quer dizer "Carpe diem", porque pode ser que vivermos uma vida longa. Essa compreensão pode nos ajudar a viver mais autenticamente - ou seja, de acordo com o que somos como seres (mortais) humanos. Estes ensinamentos fizeram com que uma prática funcional fosse mais exercitada no cenário esportivo, a natação.

Contudo, de acordo com o maior número de evidências, expostas a seguir, o GRAT tinha como objetivo congrega pessoas para envolver o remo em uma identidade brasileira, pois, naquele período, no Brasil, a busca era por um Estado unificado por uma cultura em comum, o que era um desafio. Como explica Fiorin (2009, p. 18), "um dos primeiros problemas que os cientistas

sociais brasileiros buscaram resolver em fins do século XIX foi o da existência e características da *brasilidade*". Este seria composto de duas vertentes: um patrimônio cultural formado de elementos harmoniosos entre si, que se conservaria semelhante através do espaço e do tempo; e a partilha do patrimônio cultural pela grande maioria dos habitantes do país, em todas as camadas sociais (FIORIN, 2009). Os pesquisadores de Ciências Sociais desse período estavam conscientes da heterogeneidade de traços culturais ligados à multiplicidade dos grupos étnicos que conviviam no espaço nacional que se distribuíam diversamente conforme as camadas sociais. Os traços culturais não configuravam de modo algum um conjunto harmonioso que uniria os habitantes, complexos culturais aborígenes, outros de origem europeia, outros ainda de origem africana coexistiam (FIORIN, 2009).

A construção do GRAT passou por reflexões quanto a questão da identidade cultural do clube (SILVA, 2011), seus idealizadores visavam um clube que congregassem os diferentes povos que habitavam Porto Alegre, "o Tamandaré acolhe lealmente em seu seio o estrangeiro, exigindo d'elle apenas o conhecimento da nossa língua e impondo-lhe o respeito devido á nossa terra e ao nosso pavilhão" (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919, p. 162). Os fundadores do clube pareciam cientes da diversidade cultural existente no Rio Grande do Sul e no Brasil, mas, também, iam à direção da definição de uma identidade nacional, para tanto congregaram diferentes representações de identidades culturais. O jornal Correio do Povo também destacou a diferença deste clube em relação aos outros: "O Almirante Tamandaré acolheu, amistosamente aos estrangeiros que a ele se pretendiam associar, exigindo porém o uso da língua nacional em todas as atividades esportivas, sociais e administrativas" (O ALMIRANTE TAMANDARÉ, 20/01/1903).

O estudo de Silva, Pereira e Mazo (2014) identificou que esta associação procurava aproximar-se de uma identidade cultural brasileira; para tanto, adotou medidas como, por exemplo: a língua portuguesa tornou-se o idioma oficial; na sua denominação, ter como referência um almirante da Marinha Brasileira, nascido no Rio Grande do Sul; os barcos da flotilha eram batizados com nomes no idioma tupi-guarani e a sua instalação foi em um prédio que simbolizava a defesa dos mares nacionais e a organização do tráfego marítimo, em Porto Alegre. No entanto, novos indícios mostram que, para essa construção, foram

necessários elementos de contato cultural, como tradutores, imitação de práticas e apropriação de artefatos existentes em outras culturas, além de adaptação nas denominações.

Entre os fundadores estavam elementos representativos de diversas culturas, como Franz Protzen, como primeiro diretor de regatas, comandou a organização técnica do clube, e Gustavo Bier Filho – que também fazia parte de uma sociedade de tiro (CONTINUAMOS a publicar..., 22/02/1906) -, ambos eram do quadro de esportistas do RVG, ainda estavam presentes descendentes de franceses, os irmãos Leyraud. Diferentemente dos clubes anteriores, que possuíam mais pessoas ligadas ao comércio local, a maior parte do grupo fundador do GRAT possuía ligação com órgãos nacionais. Como o primeiro presidente, o Capitão de Corveta Gaspar Fróes (SILVA, 2011); o tenente da Marinha, Waldomiro Lima; Gustavo Leyraud, funcionário dos Correios (FOI REINTEGRADO Gustavo Leuraud..., 06/11/1889); o capitão e engenheiro Alfredo Leyraud<sup>46</sup> (ACHAM-SE nessa capital..., 03/12/1904); além do médico e professor da Faculdade de Medicina Ricardo Machado (WEBER, 1997). Tais indícios indicam que este clube estava vinculado a uma elite de diferentes origens, mas com a intenção de estabelecer um clube de remo com representações brasileiras.

O médico Ricardo Machado, na reunião de fundação, foi o primeiro a sugerir um nome para o clube, este seria chamado de Brasil, no entanto, mais tarde M. Macalão fez a sugestão do nome adotado, em homenagem ao Almirante Tamandaré (ATA DE FUNDAÇÃO, 18/01/1903; REGATAS, 19/01/1903, p. 2). Gruzinski (2001) afirma que vivemos em um mundo mesclado, iniciado com o processo de mundialização que se iniciou com a expansão europeia no século XVI. Desta forma, os elementos europeus foram resignificados para a construção das representações brasileiras, ao mesmo tempo em que foram miscigenados com informações anteriores a chegada dos imigrantes e de fatos que aconteceram posteriormente, em solos brasileiros. O Almirante Tamandaré, além de ser um herói da marinha brasileira, nasceu na

---

<sup>46</sup> Alfredo Leyraud foi um dos engenheiros responsáveis pela modificação da planta da pista de corrida (velódromo) da União Velocipédica, em 1899 (ASSIGNADO CONTRATO..., 28/01/1899; OS ENGENHEIROS Alfredo Leyraud..., 12/02/1899; O VELODROMO..., 19/11/1899). Este fato revela que Alfredo Leyraud, anteriormente a fundação do GRAT, possuía ligação com clubes esportivos.

vila de São José do Norte, no Estado do Rio Grande do Sul (SILVA, 2011). Consta na primeira ata oficial de fundação, que a escolha pelo nome do almirante seria “em homenagem aos feitos gloriosos daquele ínclito rio-grandense” (CASTELLO, 1923, p. 5).

Apesar da primeira saída para o *Guahyba* ter sido de maneira improvisada, em escaleres e canoas emprestados (LICHT, s/dG), não demorou para os primeiros barcos serem encomendados. A manipulação destes é outro exemplo de contato cultural, os barcos esportivos foram batizados em idioma diferente da origem de seus construtores, o que também foi diversificado dos clubes com maioria de elementos teuto-brasileiros. Entre os primeiros barcos esportivos do clube estavam o *Tocantis*, o *Teffé*, o *Tramanday*, o *Tupynambá* e o *Tabajara*, os dois últimos foram confeccionados por Tellers Fils, em Paris (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919). Assim, barcos franceses adquirem denominação em tupi.

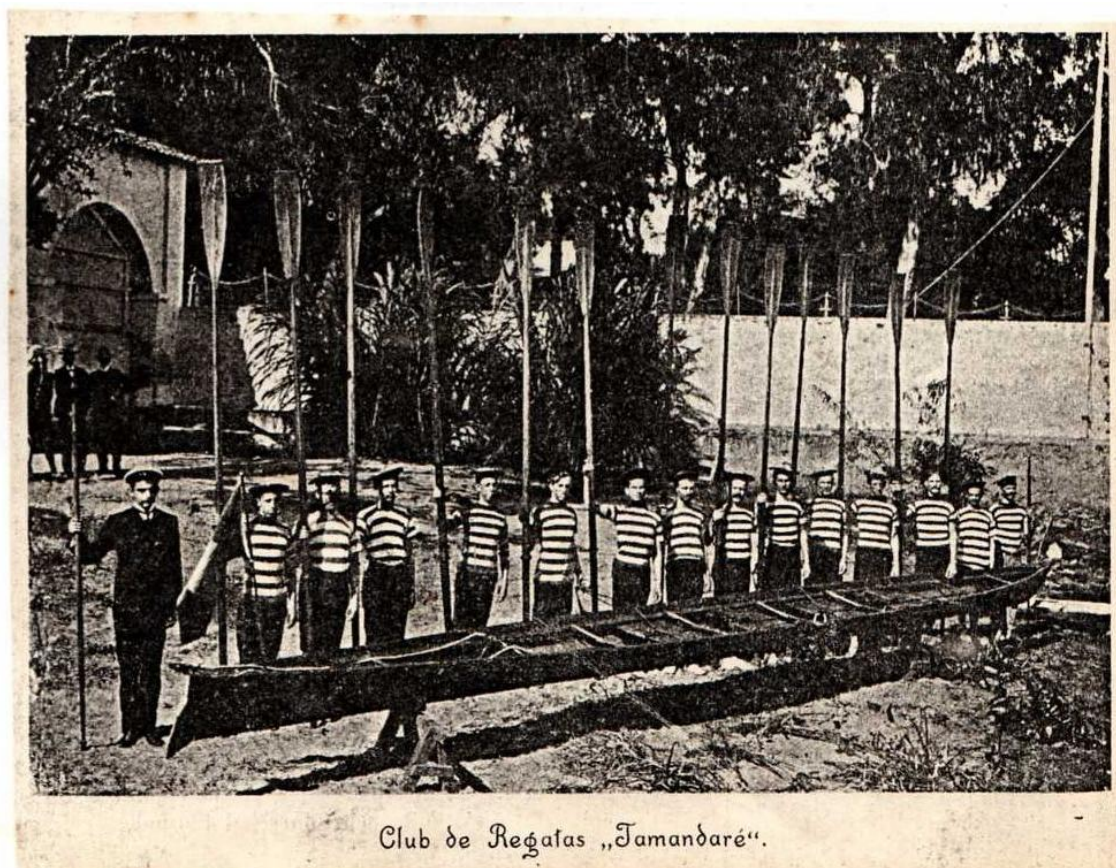


Imagem 16 O barco *Tupynambá* e remadores (acervo particular de Henrique Licht, s/d).

Tais denominações foram exploradas no discurso do *Album Commemorativo do 20º Aniversário do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré* (CASTELLO, 1923). O autor, Castello (1923), justificou as denominações e construiu um discurso de correlação com uma identidade brasileira, “Os tabajaras, que faziam parte da tribo tupy, habitavam o litoral de Pernambuco no Rio de Grande do Norte, tendo elles auxiliado fortemente os portugueses nas lutas contra os caetés” (p. 39).

De acordo com Barbosa (2007, p. 4), “na capitania de Pernambuco, um conjunto heterogêneo de grupos e povos indígenas como os caetés, tabajaras e cariri viviam ainda em luta pela estabilização e controle de seus territórios, durante o século XVI”, mas que estavam condicionados a alianças políticas. As alianças entre tabajaras e portugueses se dava de maneira mais eficaz. Enquanto as tribos caetés preferiam o conflito, como cita Ferraz (2008), que o cronista Gabriel Soares, em 1587, escreveu que os caetés “tanto mal tem feito dos portugueses nesta costa”, no caso, a costa de Pernambuco. Provavelmente, seja em razão destas alianças que os tabajaras foram homenageados pelo GRAT e os caetés esquecidos.

No quadro abaixo, está uma lista da esquadra do GRAT em 1919, com denominação, modelos, construtores e madrinhas. Chama-se a atenção para os nomes das embarcações, todas começam com a letra T, de Tamandaré, e se constrói uma tradição no clube (BURKE, 2009). Neste quadro, porém, faltam importantes barcos da frota tamandarista, como o *Tramandahy*, o *Tocantins* e o *Teffé*, primeiros barcos adquiridos.

Nome	Modelo	Construtor	Origem	Madrinha
<i>Tory</i>	<i>Skiff</i>	F. Leux	Informação não localizada	Gilda Totta
<i>Tieté</i>	<i>Gig</i> , a dois remos	Max e Yanke	Rio de Janeiro – Brasil	Lola Weyrauch
<i>Tamoyo</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	Telliers Fils	Paris	Ophelia Pinto Bento
<i>Tapajoz</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	F. Leux	Informação não localizada	Julianna Ribeiro
<i>Toropy</i>	<i>Gig</i> , a quatro	Max e Yanke	Rio de Janeiro –	Gentila Santos

remos		Brasil		
<b>Tabajara</b>	<b>Gig, a quatro remos</b>	<b>Telliers Fils</b>	<b>Paris</b>	<b>Célia Viana Ahrends</b>
<b>Tyapyra</b>	<b>Yole, a quatro remos</b>	<b>Max e Yanke</b>	<b>Rio de Janeiro – Brasil</b>	<b>Olga Marcher</b>
<b>Toryba</b>	<b>Gig, a quatro remos</b>	<b>Max e Yanke</b>	<b>Rio de Janeiro – Brasil</b>	<b>Luiza de Azevedo Bastian</b>
<b>Tibagy</b>	<b>Gig, a quatro remos</b>	<b>Carlos Remedi</b>	<b>São Paulo – Brasil</b>	<b>Edith Jacobus</b>
<b>Tapuya</b>	<b>Gig, a seis remos</b>	<b>Max e Yanke</b>	<b>Rio de Janeiro – Brasil</b>	<b>Emira Ferreira de Almeida</b>
<b>Tijuca</b>	<b>Gig, a seis remos</b>	<b>F. Leux</b>	<b>Informação não localizada</b>	<b>Helenita Mostardeiro</b>
<b>Tupynambá</b>	<b>Out-rigger, a oito remos</b>	<b>Telliers Fils</b>	<b>Paris</b>	<b>Esther Gomes</b>

**Quadro 8 Barcos esportivos do GRAT, adaptado de Silva (2011)**

O quadro 6 demonstra que a origem dos barcos eram a França e o Brasil, indícios de que os fundadores buscaram se manter distantes de representações teuto-brasileiras. A França pode ter sido escolhida devido a sua influência cultural e por estar relacionada com a FISA, o que deu credibilidade para a prática do remo no clube. Esta relação foi explorada, pois um dos treinadores, Carlos Soares Bento, era denominado *entraîneur*, treinador em francês (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919).

Segundo Mattos (2006), a influência francesa atinge o seu auge no Brasil na segunda metade do século XIX, quando determina os modelos da vida social e cultural, principalmente por meio de suas referências intelectuais e filosóficas, como as da pintura, da literatura, da decoração, da culinária, da moda e do urbanismo. Pesavento (1999) faz luz à questão da relação cultural no cenário do urbanismo parisiense, carioca e porto-alegrense, e afirma que “o modelo parisiense vem a se constituir no outro desejado, ou, em outras palavras, no ‘vir-a-ser’ identitário sonhado pelas elites” (PESAVENTO, 1999, p. 24), sobretudo, do Rio de Janeiro e de Porto Alegre.

Outra relação de apropriação de elementos estrangeiros com reutilização para uma identidade brasileira no clube foi a denominação do barco esportivo

Teffé. A denominação do clube já estava relacionada a um almirante da Marinha Brasileira que atuou na Batalha do Riachuelo (SILVA, 2011), ainda voltada para o simbólico em torno vínculo náutico, a defesa da pátria e personagens vitoriosos brasileiros, os dirigentes novamente utilizaram o nome de um integrante das Forças Armadas Brasileiras que atuam pela água, o Barão de Teffé (GRÊMIO TAMANDARÉ, 01/02/1903), o qual também lutou na Batalha do Riachuelo, data Magna da Marinha Brasileira, conforme o site da Marinha do Brasil (MARINHA DO BRASIL, 22/04/2015). Esta batalha tornou-se histórica por ter o Brasil uma grande vitória, comandada pelo Almirante Barroso (MARINHA DO BRASIL, 22/04/2015).

Antônio Luiz Von Hoonholtz era filho de um ex-oficial prussiano que lutou na Campanha Cisplatina, seguiu os passos do pai e estudou na Academia da Marinha, que o propiciou experiência em levantamentos cartográficos, além de conhecimentos no âmbito da política e da ciência. Com essas vivências, integrou a missão da livre navegação pelo rio Paraguai e, mais tarde, realizou uma viagem de instrução ao Pacífico, como professor de hidrografia dos guardas-marinhas. Após estas tarefas, trabalhou com o Almirante Joaquim Raimundo de Lamare, o executor do Levantamento da Baía da Guanabara, foi durante este tempo que o Barão de Teffé idealizou a construção de uma ciência geográfica realizada por brasileiros (MARY, 2009). Portanto, visava uma geografia centrada nos territórios brasileiros e realizada por brasileiros, para tanto idealizou a criação desse serviço hidrográfico, “sem o qual os oficiais da Marinha de Guerra permaneceriam necessitando de estrangeiros que lhes indicassem o caminho mais seguro para chegar aos seus portos” (MARY, 2009, p. 4).

Com a chegada dos barcos encomendados, o *Tocantins* com seis remos, o *Tramandahy* e o *Teffé* com quatro remos, o GRAT tratou de iniciar os preparos para Reunião de instalação. Para a comemoração, o pavilhão de cedido pela Capitania do Porto, na figura do Capitão de Corveta Gaspar Fróes, presidente do GRAT na ocasião, foi ornamentado com galhardetes, palmas e flores (CASTELLO, 1923). Neste momento houve a inauguração do retrato do patrono e denominado um orador oficial, Arthur Pinto, que não economizou palavras para conectar o exercício do remo com a preparação para uma possível batalha em defesa da pátria (CASTELLO, 1923).



Embora existisse uma valorização de representações de brasilidade, a busca por atividades que se vinculasse ao moderno fazia parte da realidade sul-rio-grandense, as notícias do exterior eram constantes nos jornais. Oliven (2002) mostra que “em certos momentos, a cultura brasileira é profundamente desvalorizada pelas elites, tomando-se em seu lugar a cultura europeia [...] como modelo de modernidade a ser alcançada”. Uma nota publicada no jornal *O Independente* (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903), no ano de fundação do GRAT, demonstra que havia busca por conhecer o que era moderno e, mais que adaptá-lo a realidade brasileira, envolvê-lo por esta representação. Nesta configuração, se encontravam os esportes (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903).

Os esportes náuticos e aquáticos na estavam disseminados por diversas partes do mundo, em parte dos países, o remo estava consolidado como uma prática universitária. Como na Inglaterra, com a disputa entre Oxford e Cambridge, nos Estados Unidos, as grandes adversárias eram as universidades de Harvard e Yale. De acordo com Licht (2013), a primeira competição interuniversitária dos Estados Unidos ocorreu entre estas universidades, em 1852. Ao longo dos anos, tal disputa progrediu em relação a prestígio internacional e chegou a rivalizar com Oxford e Cambridge, em meados de 1887 (LICHT, 2013). Este prestígio fez com que Jules Huret<sup>47</sup>, jornalista francês do *Figaro* de Paris, fosse visitar as dependências da Universidade de Harvard e descrevesse o que viu nas páginas do jornal, que foi traduzido e publicado no *O Independente* (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Possivelmente, o interesse de divulgar o texto de Jules Huret estava pautado em fortalecer as representações dos esportes como práticas ligadas ao imaginário do “ser moderno”, a partir da imitação da cultura estrangeira.

O autor (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903) inicia a narrativa com a comparação entre o sistema educacional da Europa e dos Estados Unidos, diz que este não interessou observar, nem tratar no texto, “visto como penso que a Europa nada tem a aprender com os pedagogos d’este país [Estados Unidos]” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1), e deixa claro que esteve lá para

---

<sup>47</sup> O jornalista e escritor francês Jules Huret publicou a obra *Enquête sur l'évolution littéraire*, em 1892.

observar o sistema esportivo do local. Consciente da rivalidade entre Harvard e Yale, tanto nos esportes quanto na qualidade de ensino, ressalta que Harvard gabava-se de ser superior nessa “dupla cultura; e põe, para bater a sua rival de Yale, no terreno sportivo, um zelo muitas vezes infeliz, mas ardente e tenaz, ultrapassando Yale nas luctas do espírito” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Tal competição era reflexa das expectativas de pais de estudantes, que a vitória deve ser em qualquer esfera, até mesmo nas partidas de futebol que aconteciam entre as universidades, “um estado de espírito generalizado em certa classe de indivíduos habituados a triumphar, e que põem o seu orgulho em nunca serem vencidos, mesmo no *football*” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

A Universidade de Harvard sabia disso e desenvolvia meios para educar a agilidade, o músculo e os pulmões dos alunos (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903), para tanto, oferecia vários esportes, “geralmente conhecidos, o *tennis*, o *hockey*, o *football*, o *baseball*, a *gymnastica* propriamente dita” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Nesta visita, ele pode conhecer os campos de futebol e *baseball*, que descrito em uma nota de rodapé:

“O base-ball é um jogo de bola que está fazendo furor n’este momento nos Estados Unidos. É muito complicado e não comprehendi d’elle sinão isto: dois campos oppostos e uma bola muito dura e pesada, que os jogadores atiram de um lado para o outro, com o auxílio de uma pá agarrada com as duas mãos. Esse exercício é muito ardente e não raras vezes perigoso” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

No Brasil, o beisebol aportou juntamente com o primeiro grupo de imigrantes japoneses, em 1908, e se desenvolveu em regiões onde as colônias de imigrantes se instaram para trabalhar na lavoura do café como no noroeste paulista, região sorocabana e norte do Paraná (RUBIO, 2000). . O beisebol tem sua origem vinculada à prática dos jogos ingleses, como o *rounders* e o *cricket*, porém alcançou grande desenvolvimento nos Estados Unidos (BATISTA JR., 1998). Como demonstra o autor, que ainda destaca que os esportistas tinham um pavilhão-vestiário, onde poderiam deixar seus pertences durante os treinamentos e as partidas, após os jogos, tomar banho e uma padiola para transportar os feridos (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Apesar de não

citar o remo na lista de esportes mais estimulados na universidade, os parágrafos seguintes do texto são voltados para esta prática.

Jules Huret se admirou com o corredor onde os barcos estavam instalados, “contei 60 botes de corrida descançados nos suportes. Têm 15 a 20 metros de comprimento e são esguios e afilados como agulhas” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). O texto dá vestígios de que os elementos da especialização e da racionalização eram explorados pelo sistema do esporte moderno do remo de Harvard, pois já existia um instrumento de treinamento semelhante ao que atualmente é chamado de tanque, “em um açude sempre cheio, está installada uma espécie de barçaça muito chata, provida de bancos idênticos nos movimentos aos dos botes de regata” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). O tanque é um aparelho instalado em um local com uma estrutura de piscina, no qual os remadores estreados têm suas primeiras experiências, onde aprendem as técnicas de remada, se familiarizam com os barcos e seu funcionamento.

As palavras do jornalista descrevem uma estratégia de ensinamento semelhante da atual, “durante os exercícios, o professor passeia ao longo do açude, vigiando, observando, rectificando as posições defeituosas e os golpes de remo mal dirigidos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Naquele período também já existia um espaço que é possível comparar com as academias de remo atuais, com aparelhos para a prática da remada em ambiente seco: “N’um pavimento superior, trinta assentos idênticos estão fixados ao nível do assoalho; e curtos madeiros ligados a aparelhos hydraulicos figuram os remos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

Assim, o tempo dispensado para o treinamento ia para além dos exercícios náuticos e era possível diante de qualquer clima, com neve e chuvas fortes, “n’esse jogo, o aprendiz limita-se ao gesto e ao impulso dos remos, porque os aparelhos hydraulicos estão regulados de modo a dar-lhes resistência e a substituir a ausência da agua” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Estes aparelhos também mostram que o refinamento da técnica era uma busca dos treinadores e esportistas, bem como o grande espelho colocado estrategicamente no fundo desta sala, que permitia “aos remadores vê e rectificar os proprios movimentos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Esta descrição detalhada deve ter inspirado os dirigentes dos clubes náuticos e

aquáticos, porém indícios da instalação de academias para os remadores sul-rio-grandenses foram encontrados apenas a partir de 1907, no GRAT (LICHT, s/dG). O treinador dos remadores de Harvard também possuía instrumentos para o seu melhor desempenho, como um escaler movido por eletricidade (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903).

O treinamento dos esportistas, tanto do remo quanto do futebol, era duro e passava por um momento de preparação, seja dentro da universidade e nos treinamentos, quanto na vida pessoal, durante três meses existia uma rígida organização dos hábitos, que equivaliam “para os aprendizes a uma quaresma, durante a qual eles são vigiados e cuidados como parreiros antes das corridas” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Este período era similar aos padrões rígidos dos esportistas profissionais dos dias atuais, e o que as pesquisas comprovam como a melhor preparação do corpo para o desempenho no momento da disputa. Essa preparação ia da dieta: “Não podem fumar, comer assucar, beber álcool, qualquer que seja a fórmula por que se apresente; apenas aos sabbados se lhes permite tomar um copo de cerveja” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1), até a parte de descanso físico e recuperação muscular, “Nada de teatro. Os alumnos são obrigados a deitar-se às 10 horas da noite e a levantar-se cedo para os exercícios” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

Todavia, embora estas regras valessem para jogadores de futebol e remadores, Jules Huret afirma que estes últimos eram os que perdiam mais peso, mas que, também, eram os que comiam mais, seguindo estatísticas americanas e, como exemplo, cita a corrida anual contra Yale, quando os competidores perdem cerca de nove libras, o que, convertido para quilogramas, equivale a, aproximadamente, 5kgs (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Outra parte da narrativa demonstra a rigidez da disciplina na universidade, pois nenhum membro da equipe jamais faltou a alguma regra que se via obrigado e a vigilância era ferrenha, “si, por casualidade impossível, um d’elles fosse encontrado com uma mulher ou ébrio, tal somma de desprezo e ignomínia o cobriria, que seria levado a deixar imediatamente a Universidade” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

Em seguida, o ginásio onde os alunos praticavam ginástica, exercidos em aparelhos estranhos para autor, foi cuidadosamente descrito, assim como a

agilidade, a concentração e a eficiência dos movimentos desempenhados (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Os sistemas ginásticos surgiram na Europa e se propagaram pelo mundo, se desenvolveram a partir de um caráter militar, higienista, nacionalista e preparação da força de trabalho, para tanto se estruturava em bases científicas (SOARES, 2007). Os sistemas ginásticos europeus se inseriram na cultura brasileira em diferentes momentos, mas ganharam espaço primeiramente no ambiente militar e escolar, conjunturas onde a doutrina do positivismo<sup>48</sup> era bastante difundida entre o fim do século XIX e início do século XX. A linha positivista se guiava pelo método científico, visto como uma forma possível de se chegar à verdade.

Por ser um ambiente acadêmico, não poderia faltar a parte em que a ciência envolvia o desempenho, já existia salas, hoje conhecidas como antropométricas, onde eram mensurados pontos específicas do corpo dos esportistas, de acordo com a especialidade, “pois para fazer parte de qualquer das turmas de exercícios, *base-ball*, *football*, *canoagem*, corridas a pé, *golf*, *hockey* e *tennis*, é preciso reunir um certo número de pontos anthropometricos, de altura, musculatura, nutrição” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1), que, dentro da visão deste autor, eram violentíssimos exercícios. Os objetos utilizados para a mensuração dos atletas foram listados pelo narrador do texto, ele considerava que nada escapava a perscrutação do corpo humano executada com estes medidores, a saber:

“Mensurador especial [...] munido de um somatometro, para o talhe do corpo; d’uma balança para o peso; d’um trapesio para medir as forças dos músculos elevadores; d’um compasso para medir a grossura dos membros; d’um aparelho para ouvir as pancadas do coração; outro para avaliar a capacidade e a força dos pulmões, a força dos músculos das pernas” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

Em seguida a esta análise de constituição dos corpos que praticam os esportes, a reflexão se desloca para o imaginário em torno das mudanças de ideias destes esportistas, comparado com a cultura anterior, mais voltada para o intelecto, “não é possível que esses moços se pareçam aos nossos e que seu modo de encarar a vida seja idêntico ao nosso. Não somente elles tem um idéal

---

<sup>48</sup> O Positivismo é uma corrente filosófico-científica, que despontou buscando a resolução dos graves problemas sociais, europeus e franceses.

differente, como também o seu caracter e os seus costumes resentem-se de tal educação physica” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). É interessante a comparação que Jules Huret faz, pois trata como se os hábitos e costumes dos esportistas de então fossem mais adequados que dos indivíduos de uma cultura anterior, carregada de vícios, “saindo daqui [dos esportes], não irão correr atrás das mulheres fáceis nem terão tempo de pensar na libertinagem [...] que psychologia resultará desses costumes?” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

A competição com Yale veio a tona na conversação do jornalista com o guia que mostrou os espaços esportivos de Harvard, para justificar as frequentes derrotas para a concorrente do futebol, o guia afirma: “Em Yale, sacrifica-se tudo a isso [vencer], não exceptuando a intelligencia” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). No fim da excursão por Harvard, Jules Huret chama a atenção para a presença de mulheres que assistiam os rapazes se exercitar, “Na porta da entrada geral, gradeada de ferro, uma meia dúzia de raparigas louras, de longas tranças fluctuantes, espiam, avidamente, pondo-se nas pontas dos pés, os jovens atletas e seus exercícios” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Neste último parágrafo, torna-se evidente o pensamento de então, mulheres do lado de fora dos espaços esportivos apenas observam o desempenho dos homens inseridos no ambiente.

Todos estes detalhes sobre o ambiente esportivo da Universidade de Harvard, publicado pelo jornal O Independente, reforçam a ideia de que os esportes estavam ligados a um imaginário de modernidade, pois mostra progressos científicos, seja em aparelhagem, seja em conhecimento do corpo humano, assim como a especialização, com a dedicação de mais tempo para as práticas. Outros fatores também constroem o discurso de maneira a potencializar as ideias de valoração das práticas: o ambiente de uma famosa e conceituada universidade, localizada nos Estados Unidos, que já despontava como uma potência mundial.

Possivelmente, este texto motivou ainda mais a atração do único clube de futebol do Rio Grande do Sul a fazer demonstrações para os habitantes da capital, bem como aos clubes de regatas mostrarem o potencial de seus esportistas. Nisto, inclui o GRAT, que organizou a sua Regata de Inauguração

como parte das festividades da recepção do *Sport Club Rio Grande* (REGATAS, 07/09/1903).

## 5.2 Negociações culturais nos clubes esportivos náuticos e aquáticos

Este subcapítulo apresenta as modificações e as novas propostas de clubes náuticos e aquáticos no cenário. Em um período de estabelecimento, quando o remo e a natação já possuem configurações determinadas, os clubes náuticos e aquáticos veem seus formatos sofrerem negociações culturais com o surgimento de novos clubes que modificam um pouco mais a estrutura cultural idealizada anteriormente. O cenário sul-rio-grandense das práticas esportivas ainda era improvisado e necessitava de contínuas adaptações sociais, como conexões entre práticas esportivas distintas, para, em conjunto, avançarem na consolidação do cenário.

A visita do *Sport Club Rio Grande* à Porto Alegre movimentou as associações esportivas porto-alegrenses, bem como os jornais da capital. O jornal *A Federação* (SPORT-CLUB RIO-GRANDE, 25/08/1903) acusou que recebeu um telegrama de Rio Grande com a informação sobre uma reunião realizada, onde Oscar Canteiro recebeu plenos poderes para a organização das demonstrações do clube de futebol em Porto Alegre, ele rapidamente comunicou as demais associações esportivas porto-alegrenses sobre o assunto e manteve os jornais informados. Quase todos os dias que antecederam o evento, o jornal *A Federação* fez menção ao assunto, geralmente com adjetivos para o novo esporte que surgia, “no dia 7 disputarão, em logar previamente anunciado, uma grande partida do moderno e afamado sport de *foot-ball*” (FOOT-BALL, 27/08/1903, p. 2).

Quando Oscar Canteiro voltou para a capital sul-rio-grandense, trouxe consigo um ofício assinado pelo secretário do *Sport Club Rio Grande*, onde lhe foi entregue plenos poderes para contatar as associações, com a justificativa de economizar um tempo que seria perdido se o secretário enviasse um ofício para cada entidade (FOOT-BALL, 28/08/1903). Este ofício foi integralmente publicado pelo jornal *A Federação*, inclusive a parte em que a imprensa foi elogiada e convocada para a divulgação, “Excusado será dizer-vos que desejamos que parte da briosa e ilustrada imprensa porto-alegrense e seu

valiosíssimo concurso em prol da nossa modesta festa sportiva” (FOOT-BALL, 28/08/1903, p. 2). O discurso do texto aponta as motivações do acontecimento: a organização no dia 7 de setembro em razão de ser o Dia da Independência do Brasil, data de comemoração nacional e de celebrar um patriotismo; divulgar o futebol entre as associações esportivas, ou seja, forma de disseminação fantasiada por uma justificativa de ser uma festa que “encerra um fim altamente louvável: o da confraternização das sociedades esportivas do Rio Grande do Sul” (FOOT-BALL, 28/08/1903, p. 2).

Já no dia posterior a esta publicação, outra nota vou impressa, a qual afirma que todas as associações porto-alegrense se preparavam para a recepção, com uma reunião no dia seguinte “afim de serem concertados os meios de condignamente receberem e festejarem os excursionistas rio-grandenses” (FOOT-BALL, 29/08/1903, p. 2). Possivelmente, Oscar Canteiro era o responsável por manter a imprensa atualizada sobre o evento, pois a mesma nota informa diversas programações que seriam discutidas na reunião, como onde provavelmente ocorreria a partida de futebol, na praça central do Parque de Exposições – possivelmente, este seja o Parque exposições Menino Deus -, além de como diversas associações se organizavam para fazer diferentes recepções, como um baile, por exemplo, “As associações de regatas pretendem enviar ao encontro do navio que transportar o *Sport Club Rio Grande* as respectivas embarcações” (FOOT-BALL, 29/08/1903, p. 2).

A reunião entre as associações ocorreu na sede do RCPA. A programação assentadas foram similares às divulgadas pelo jornal no dia anterior: as embarcações esportivas dos clubes de remo recepcionariam os membros do *Sport Club Rio Grande*, que desembarcariam e seriam acompanhados até o RCPA, onde haveria a saudação dos mesmos por um orador escolhido para esse fim; a União Velocipédica promoveria corridas entre os ciclistas; o GRAT ficou responsável pela organização das regatas e o *Tuner-Bund* promoveria uma festa, além do baile na Sociedade *Germania* (FOOT-BALL, 1/09/1903; FOOT-BALL, 02/09/1903; FOOT-BALL, 3/09/1903).

Este evento, além de inserir o futebol em Porto Alegre, possibilitou a agregação dos diferentes clubes esportivos da cidade, que, apesar de promoverem esportes múltiplos e reunirem distintas comunidades, se uniram para a recepção. Tanto que as reuniões entre os dirigentes dos clubes se



repetiram nos dias seguintes na sede do RCPA, como novas deliberações (FOOT-BALL, 02/09/1903; FOOT-BALL, 3/09/1903). Para a corrida ciclística, a União Velocipédica se uniu a *Radfahrer Verein Blitz* (FOOT-BALL, 02/09/1903; FOOT-BALL, 3/09/1903). Para além dos clubes e dos jornais, a mobilização buscou alcançar também o comércio (FOOT-BALL, 02/09/1903; FOOT-BALL, 4/09/1903), uma comissão solicitaria a possibilidade de que “o commercio se conserve fechado no dia 7, afim de que os respectivos empregados possam tomar parte nos festejos” (FOOT-BALL, 02/09/1903, p. 2). Mais tarde, o local da partida foi definido, no Campo da Redenção – atual Parque Farroupilha (FOOT-BALL, 3/09/1903). A União Velocipédia deu início a divulgações dessa corrida especial e publicou convites aos associados do clube no jornal A Federação, neste estava a solicitação que todos comparecessem “para, montados e uniformizados, reunirem-se no velódromo (...), afim de, encorporados á Blitz, irem receber o *Sport Club Rio Grande*” (DECLARAÇÕES, 3/09/1903, p. 3).

O grande evento foi descrito detalhadamente no dia seguinte. Destaca-se a multidão presente para receber os futebolistas, “que se apinhava nos trapiches, no littoral, nos navios surtos no porto, nas sotéas do mercado publico, nos prédios das proximidades, enfim, por toda parte, tornando difficil a circulação” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1). O Mercado Público Municipal se localizava próximo ao *Guahyba* e era local de movimentação dos trapiches, assim como poucos metros de distância das ruas comerciais principais da cidade, a Andradas e a Voluntários da Pátria, o que tornava fácil o acesso dos comerciários e permitia a visão da chegada do vapor *Aymoré*, o qual levou os membros do *Sport Club Rio Grande* para Porto Alegre (SPORT-CLUB, 08/09/1903).

A viagem transcorreu sem problemas e durou aproximadamente um dia e meio. O paquete *Rio Pardo*, que acompanharia o *Aymoré* transportando demais membros do *Sport Club Rio Grande* e suas famílias, não pode deixar o porto de Rio Grande, pois precisou aguardar as malas dos vapores do norte da República e Rio da Prata (SPORT-CLUB, 08/09/1903). Muitos produtos originários de outros lugares do Brasil, da América Latina e de outros continentes chegavam a Porto Alegre a partir de Rio Grande. Os integrantes do clube se identificavam com gravatas estampadas com as três cores da bandeira do clube, assim como pequenos distintivos nas botoeiras (SPORT-CLUB, 08/09/1903). As cores do

*Sport Club Rio Grande* eram as mesmas da bandeira do Rio Grande do Sul, verde, amarelo e vermelho.

De acordo com Oliven (1989, s/p), “As peculiaridades da relação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil ficam evidenciadas de forma simbólica na bandeira do Rio Grande do Sul, que é formada por três faixas coloridas”. As cores da bandeira sul-rio-grandense evocam as cores da bandeira nacional, porém separadas por uma faixa vermelha, a qual denota o sangue que foi derramado na história do estado. No centro desta faixa vermelha, que simboliza energicamente o sacrifício dos sul-rio-grandenses por integrarem a federação, foi colocado “um escudo que contém, entre outras coisas, canhões, lanças, baionetas e duas frases — ‘Liberdade, Igualdade, Humanidade’ (o lema dos farrapos) e ‘República Rio-Grandense, Vinte de Setembro de 1835’” (OLIVEN, 1989, s/p). Este emblema serve para atualizar constantemente a memória de que, “embora o Rio Grande do Sul faça parte do Brasil, ele já foi uma república independente” (OLIVEN, 1989, s/p) e este episódio deve se manter presente. Desta forma, apesar de dentre os dirigentes do clube existirem indivíduos com sobrenomes ingleses<sup>49</sup>, já se desenvolvia entre os imigrantes a construção de uma identidade cultural sul-rio-grandense, sustentada pelas lembranças das batalhas travadas com os países vizinhos e com a própria nação.

As festividades seguiram como o programado, estavam presentes os ciclistas dos dois clubes da cidade, uniformizados e montados em suas bicicletas, acompanhados do entusiasmo dos membros das sociedades de ginásticas, *Turner-Bund* e *Club Ginástico Rio Grandense*, que, com expectativa, esperavam pelo *Aymoré* (SPORT-CLUB, 08/09/1903). O *Aymoré* foi recebido por um grupo selecionado a bordo do vapor *Nenê*, os dirigentes das associações esportivas envolvidas e “uma comissão composta das distictas jovens (...) que levavam bellos ramalhetes de camélias e violetas para serem offerecidos aos excursionistas” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1). Após o encontro das embarcações e a fusão entre tripulantes, o orador oficial do *Sport Club Rio Grande* “respondeu, saudando o bello sexo porto-alegrense, representado pelas jovens presentes, e agradecendo as manifestações de apreço e sympathia que

---

<sup>49</sup> “A diretoria do Sport-Club Rio Grande que acompanhou os excursionistas é esta: vice-presidente, Sinclair Robinson; secretario, H. Buhle; gurada-sport, Gustavo Pooock Junior; thesoureiro, H. Bowen. O presidente é o Sr. R. Hawkins” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1).

eram dispensadas aos excursionistas” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1). As jovens estavam ali como ornamento das embarcações, juntamente com bandeiras e lanternas, pois esta foi a única referência feita a mulheres participantes de tal evento.

Os barcos esportivos também foram usados para decorar, estacionados no Porto de Porto Alegre estavam as frotas dos clubes envolvidos, o RCPA e o GRAT, provavelmente, o RVG não tenha participado por ainda manter o luto pela morte dos seus esportistas. Este era o momento dos grupos se mostrarem presentes, o remadores estavam uniformizados, assim como o membros da seção de Ginástica da Associação dos Empregados no Comercio (SPORT-CLUB, 08/09/1903). O representante do Club Gymnástico Rio Grandense também fez um discurso de homenagem e saudação, mas, primeiro, expôs a representação da prática da ginástica no início do século XX, “foi rememorando usos dos povos da antiguidade, usos que se têm conservado até nossos dias, que a gymnástica representa, na educação da infância e da mocidade, extendendo-se a todas as edades” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1), o orador também ressalta que a saúde do espírito requer vigor físico e que o clube levou em conta a esta mesma referência mesológica e “tendo por escopo de que Ella [a ginástica] é a sciencia que facilita e desenvolve os movimentos, pelas suas relações com os sentidos, (...) foi sob essas considerações que resolveu-se crear o *Club Gymnastico Rio Grandense*” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1). Vê-se que o discurso do corpo saudável para um espírito saudável já estava inserido no imaginário de então, posteriormente, também usado para a promoção dos esportes náuticos e aquáticos.

Durante a cerimônia do almoço, Alberto Bins, representante do RCPA, “saudou o Rio Grande do Sul, o lugar onde melhor se têm desenvolvido todos os ramos de sport” (SPORT-CLUB, 08/09/1903, p. 1). Alberto Bins, além do remo da natação, ainda estava envolvido com a prática do ciclismo e, após este evento, com o desenvolvimento do futebol porto-alegrense. A regata foi a atividade seguinte, esta contou com cinco páreos, todos batizados com representações que envolviam o evento e o cenário do remo: 1° páreo, inauguração; 2° páreo, *Ruder Club Porto Alegre*; 3° páreo, *Ruder Verein Germania*; 4° páreo, Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré; 5° páreo, *Sport Club Rio Grande* (SPORT-CLUB, 08/09/1903). As denominações

visaram homenagear os clubes destacados no cenário, com destaque para o 5º páreo, *Sport Club Rio Grande*, o qual o GRAT propôs que os barcos fossem tripulados de maneira mista, com os remadores dos três clubes distribuídos entre as guarnições, na busca de integração e redução de fronteiras limitadoras. Nesta competição, Franz Protzen foi premiado como destaque, pois venceu todos os páreos que competiu, cabe lembrar que este esportista deixou o RCPA e fez parte do comitê de fundação do GRAT, ficando responsável pelo desenvolvimento do exercício do remo.

Antes do início da regata, que homenageava o *Sport Club Rio Grande*, celebrava o Dia da Independência do Brasil e a instalação do GRAT, ocorreu uma sessão de inauguração. Nesta, foram lidos telegramas enviados, anteriormente, ao ministro da Marinha no período, o Almirante Noronha, e ao Capitão do Porto de Rio Grande, com a informação de que um retrato do Almirante Tamandaré foi instalado na sede da Delegacia do Porto. Consta que o Almirante Tamandaré respondeu com felicitações e proferiu que o ato “demonstra o vosso patriotismo e acrysolado amor á nossa corporação” (REGATAS, 08/09/1903, p. 3). Percebe-se, nos telegramas, a ocultação dos motivos de instalação do retrato, a denominação do GRAT e a celebração do almirante como patrono do clube, possivelmente, por não ser do interesse do capitão de corveta e presidente do clube que esta informação chegasse às autoridades, o que desenvolvia a ideia de que esse instrumento de ativação da memória nacional era um ato da delegacia de Porto Alegre.

A inauguração do retrato do Almirante na sede do clube motivou uma nova ideia, pois um simples retrato na sede do GRAT não era o suficiente para seus associados nacionalistas, “um simples retrato no recinto excuso e obscuro de uma repartição ou nas salas modestas de um gremio não basta para celebrar a formidável e ininterrupta serie de triumphos e de glorias que formam a biographia daquelle grande homem” (NOBRE IDEIA, 17/09/1903, p. 1). Assim, uma comissão envia ao jornal O Independente um documento para publicação, no qual expunha a ideia de angariar dinheiro para “erguer em uma praça desta capital, não uma estattua colossal, mas o busto em bronze do velho marinheiro que tanto honrou o Brasil em sua longa existência de 90 annos votados ao serviço da pátria que ajudou a construir” (NOBRE IDEIA, 17/09/1903, p. 1). Para tanto, o jornal ficaria responsável por divulgar a nota e receber o dinheiro

solicitado à população do Rio Grande do Sul, que poderia contribuir com qualquer quantia. Contudo, no fim do texto, a autor intima de maneira sutil as contribuições: “paraphraseando o lemma do legendário Barrozo na manhã histórica do Riachuelo, espera que o Rio Grande do Sul saiba cumprir o seu dever” (NOBRE IDEIA, 17/09/1903, p. 1). O jornal iniciou as contribuições com 10\$000.

A demonstração do *Sport Club Rio Grande* motivou a fundação dos dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre, o *Fussball Porto Alegre* e o *Grêmio Foot-ball Porto-alegrense*. O *Fuss-ball Porto Alegre* foi instituído em 15 de setembro de 1903, na mesma data de fundação do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, porém diferentemente deste que continua em funcionamento até os dias atuais, o *Fuss-ball Porto Alegre* encerrou suas atividades no ano de 1944.

A partir daquela regata, o GRAT promove novos eventos com apelo nacionalista e regionalista. Este clube assumiu a organização do programa das regatas anuais em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, o que pode ter desgostado os outros clubes de remo, pois o GRAT os convidou para participar, mas teve o seu convite negado (REGATAS, 02/02/1904). Nas datas comemorativas brasileiras, o GRAT mantinha presença e conduzia os festejos, como no Dia da Independência (REGATAS, 10/09/1904; REGATAS, 07/09/1905). A representação brasileira no cenário dos clubes náuticos e aquáticos foi reforçada quando surge um novo clube, *Club de Regatas Almirante Barroso* (SILVA, 2011; SILVA, MONTEIRO, MAZO, 2014). No interior do estado percebe-se um marasmo nas atividades dos esportes náuticos e aquáticos, não foram encontrados registros sobre fatos que se desenvolveram nos primeiros anos da década de 1900.

Por outro lado, com a demanda de importações de artefatos esportivos pelos clubes, principalmente os porto-alegrenses, a política e a economia do estado via a emergência de uma adaptação tributária para estes serviços, o que foi reivindicado pela população. A taxa de importação dos barcos de remo esportivo era de 20% (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905), o que se tornava um gasto pesado nos orçamentos dos clubes quando estes necessitavam renovar a sua frota, algo que se tornou constante pelo volume de remadores terem aumentado significativamente na década de 1900, aproximadamente três mil praticantes (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905). Tal dificuldade fez com que se

iniciassem manifestações sobre o assunto, assim como a construção de argumentos que justificassem a diminuição deste valor. Foi publicada no jornal *A Federação* (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905) uma nota que motivasse as autoridades. O texto se baseia em um discurso voltado para as benesses propiciadas pelos exercícios físicos originários dos esportes, tanto para corpo quando para a constituição de indivíduos formadores da pátria.

De acordo com Góis e Lovisolo (2003), na transição do século XIX para o século XX, mediante reapropriações e reinterpretações, chegou ao Brasil uma preocupação com a saúde da população, coletiva e individual. Na forma de ideal, suas propostas residiam na defesa da saúde e educação pública, assim como no ensino de novos hábitos higiênicos. Esse movimento tinha como ideia central, valorizar a população como um bem, como capital, como recurso principal da nação. “A ideia de que um povo educado e com saúde é a principal riqueza da nação chega com força a nossos dias e ainda aglomera em torno de si forças que se sentem progressistas” (GÓIS; LOVISOLO, 2003, p. 42). Esse discurso era chamado de Movimento Higienista, o qual também tinha nos esportes uma ferramenta.

Foi nesta linha de ideias que foi sustentado o documento para a diminuição de tarifas de importação dos barcos esportivos, tanto que o próprio texto tinha como título Educação Physica e invoca as belezas naturais do país, artifício bastante usado para a construção de uma identidade nacional brasileira. Segundo Carvalho (1998), a visão paradisíaca da terra brasileira começou com os primeiros europeus chegaram. Esta está presente já na carta de Pero Vaz de Caminha, no redescobrimento do Brasil. “Logo depois, em 1503, Américo Vespúcio, na carta que ficou conhecida como *Mundus novus*, dirigida a Francesco de Medici, declara que, a existir o paraíso terreal, não estaria longe das terras que viu” (CARVALHO, 1998, s/p). Este tipo de artifício se perpetuou ao longo do tempo e, muitas vezes a riqueza da natureza foi utilizada para compensar outras dificuldades de sobrevivência<sup>50</sup>. Naquele período, a construção do povo era motivo de esperança no futuro, pois uma nação estava em fase de constituição, e a natureza era auxiliar nesta jornada. “Uma das

---

<sup>50</sup> Do mesmo modo, através das pesquisas deste autor (CARVALHO, 1998), pode-se ver que este argumento continua a ser uma ferramenta até os dias de hoje, pois se desenvolveu uma descrença no que é construído pelas pessoas que constituem a nação, seja povo ou governo.

maiores e mais nobres preocupações de um povo que quer vêr claro o immenso futuro que, pela extraordinária e variada riqueza do seu clima, grandeza e belleza de suas innumerables communicações fluviaes e enorme extensão territorial, lhe reserva” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1).

Entretanto, apesar da valorização das belezas naturais do Brasil, o discurso mantinha o foco no desenvolvimento dos brasileiros como a base da nação. Além da natureza, a nação deve priorizar, mais que a “educação intellectual e moral de seus filhos, a sua perfeita educação physica” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1). Para tanto, o autor do discurso (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1) traz que um bom método de ensino da educação do físico era necessário, assim como os materiais para o mesmo, portanto a “importação de instrumentos aperfeiçoados deve ser solidamente facilitado, creado e amparado pelos poderes públicos” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1). Na sequencia, o orador localiza os clubes de regatas como locais de grande importância para o desenvolvimento dos sul-rio-grandenses e demonstra por qual imaginário estes ambientes eram cercados:

“são elles hoje poderosos centros de vida e animação, onde perto de três mil associados, diariamente, a par de uma distração toda sadia, vão encontrar a força, a alegria de que tantas vezes necessita o homem nas difficeis travessias de sua existencia; é, pois, também nelles que hoje se prepara, se elabora o character, a grandeza dessa mocidade que amanhã será o nosso nome, a garantia do nosso futuro, a honra da nossa pátria” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1).

Após enaltecer os serviços dos clubes de remo, questiona o que o Estado tem feito em colaboração com as entidades, e ao mesmo tempo responde: “por ora nada, absolutamente nada” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1). Considera que apenas os integrantes diretos, como as diretorias, os associados e o presidente da federação, são os responsáveis pelo sucesso das associações. E, por fim, solicita a isenção completa de tarifa e dos direitos de expediente para os barcos de corrida, “que são seus melhores instrumentos na educação da mocidade que os frequenta” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1).

Outra de justificativa utilizada foi a falta de construtores brasileiros para estas embarcações, em razão da estrutura dos barcos não serem bem

conhecidas para a produção ser correta, “com a perfeição que sempre exigem as corridas de regata” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1), mas que a facilidade da importação também auxiliaria no acesso a como estes artefatos são arquitetados. Em seguida, foi apresentada uma lista de tipos de barcos de corrida, os quais os clubes tinham interesse de adquirir. O primeiro registro de um construtor brasileiro, Carlos Remedi, foi encontrado na revista *A Cigarra* de São Paulo, apenas no ano de 1917 (GRANDE OFFICINA..., 31/10/1917) e, em Porto Alegre, no jornal *A Federação*, quando do batizado do primeiro barco do GRAT construído por essa oficina: “será feito o baptismo do bote *Tibagy*, *outrigger*, a 4 remos, construção nacional, saído dos estaleiros do Sr. Carlos Remedi” (GRÊMIO TAMANDARÉ, 18/09/1918, s/p). Todavia, o próximo clube a ser inserido no cenário sul-rio-grandense do remo em meados da década de 1900, modificou o pensamento sobre os barcos esportivos.

Apesar dos primeiros movimentos para a fundação deste novo clube terem se iniciado em novembro de 1904 (LICHT, s/dH), a data de fundação oficial foi no dia seguinte à publicação do texto *Educação Physica* (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905; A 26 DE FEVEREIRO..., 02/03/1905). Existem duas versões sobre a gênese de fundação do *Club* de Regatas Almirante Barroso – CRAB -, mas ambas devem ter ocorrido para a promoção do mesmo. Dias depois da disputa do prêmio *Wanderpreiss* de 1904, remadores, comandados por Osmundo Panitz, e o técnico do RVG, Ludwig Semmler, discutiram sobre a melhor forma de utilização de um barco da flotilha do clube, o que resultou em uma debandada de esportistas que, competitivamente, pensaram na fundação de um novo clube capaz de competir no mesmo nível dos já existentes (LICHT, s/dH).

Porém, anos mais tarde, quando o CRAB já era reconhecido por seu grande número de vitórias nacionais e internacionais, um dos seus fundadores, Oswaldo Rothfuchs, concedeu uma entrevista ao jornal *Correio do Povo*, onde se colocou como um dos principais idealizadores da instauração (CLUBE BARROSO, 19/02/1935). De acordo com Oswaldo Rothfuchs (CLUBE BARROSO, 19/02/1935), a ideia do novo clube foi sua e surgiu a partir de um conflito com Henrique Huber, timoneiro campeão do *Wanderpreiss* do ano anterior, esta foi muito bem recebida por um grupo de remadores que fazia parte



do RVG. O grupo formado uniu-se para a fundação do clube e, para surpresa de todos, foram apoiados por Henrique Huber.

Henrique Huber foi uma peça importante da construção do CRAB, uma vez que ofereceu as bases para o estabelecimento, com ao ceder um espaço em sua serraria para o armazenamento do material náutico e servir de vestiário (CLUBE BARROSO, 19/02/1935), bem como foi ele que fez a maioria das sugestões para a confecção e caracterização do clube. Foi nesta serraria que os primeiros barcos do clube foram construídos artesanalmente, pelas mãos de Henrique Huber e Osmundo Panitz (LICHT, s/dH). Na ata de fundação ficou registrado que o clube usaria o idioma vernáculo, apesar de ter como fundadores uma grande maioria de teuto-brasileiros, as intenções de eleger o clube como brasileiro teve suas primeiras evidências antes da reunião, quando ocorreu a sugestão deste se chamar *Rowing Club Brasil* (LICHT, s/dH).

O uniforme das guarnições foi ideado por Henrique Huber e aceito por unanimidade: boné azul com tiras brancas, calção azul marinho, meias pretas compridas e sapatos de lona havaiana, camisa decotada, mangas curtas, listas azuis e brancas, no peito o emblema com dois remos atravessados, uma ancora e as iniciais do CRAB (LICHT, s/dH). Graças às listras do uniforme, no primeiro *Wanderpreiss*, foi lhes atribuído o apelido de zebrados (LICHT, s/dH), demonstrados na imagem a seguir. Os uniformes esportivos constituíam traços de distinção, singularidades das culturas e sociedades. Para Soares (2010), significações da vestimenta vão para além das necessidades de proteção do corpo, passando pela melhora da aparência, *performance* do corpo, assim como de preservação do pudor, principalmente nos primórdios da prática, se modificando gradualmente.



**Imagem 17 Os zebrados do Clube de Regatas Almirante Barroso: Remadores e timoneiros uniformizados (CLUB 'ALMIRANTE BARROSO', 30/08/2009, p. 19)**

No caso dos clubes de remo, percebe-se que as vestimentas estavam ligadas não apenas a marcação de distinção entre os grupos, mas também, incluso na relação entre as peças roupas e os indivíduos, a existência do dualismo nas necessidades de identificação e diferenciação por parte dos sujeitos, o embate entre grupos no desejo de igualar-se, imitar-se e talvez diferenciar-se ao mesmo tempo (SOARES, 2010). Assim, os uniformes das guarnições acabavam por oferecer aos remadores a sensação de pertencimento a um coletivo. Além disso, como acontecia em outros lugares, onde os esportes náuticos e aquáticos se disseminavam, em Porto Alegre, estas práticas foram responsáveis por desenvolver uma nova percepção do corpo, do outro e de si mesmo. Os banhos de mar, a natação e a prática do remo em rios deixavam o corpo mais descoberto e as roupas de banho ficavam mais leves e coladas ao corpo, expondo mais a silhueta (SOARES, 2010).

Aquele modelo de uniforme, possivelmente, foi adotado inspirado em vestimentas vistas em competições no estrangeiro, uma importação dos costumes, adaptados para a realidade local. Do mesmo modo, o CRAB foi pioneiro na audácia de construir um barco a remo esportivo para o clube, que foi

fundado com o foco de vencer o *Wanderpreiss* de 1905 (AS GRANDES jornadas..., 194?). Os dois principais personagens da história do CRAB, Osmundo Panitz e Henrique Huber, se reuniram na Serraria Birnfield para a confecção de dois barcos, que levaram dois meses para ficarem prontos e foram batizados de Humaytá e Riachuelo, um *gig* a dois remos e um *gig* a seis remos, respectivamente (LICHT, s/dH). Para tal iniciativa, provavelmente, eles se utilizaram do conhecimento adquirido através do contato constante com os barcos importados da Alemanha pelo RVG, clube que faziam parte e competiam anteriormente. Mas, como o CRAB tinha um objetivo definido, preferiu não arriscar nos barcos artesanais e, também, encomendou da Alemanha um barco a quatro remos, o Aquidaban (LICHT, s/dH).

A importância da construção da identidade clubística por meio da denominação dos barcos tornou-se corriqueira entre os clubes, possivelmente, por esses terem o papel principal nas competições e identificarem as guarnições. Desta forma, o simbólico em torno do nome de cada barco, além do conjunto da frota, faz com que o clube fixe representações que o definem. Enquanto, os clubes de teuto-brasileiros preservavam características de cavalheirismo, com a adoção dos prenomes das senhoritas e senhoras que frequentavam as instalações, o GRAT desenvolvia seu vínculo com a letra T e priorizava os idiomas dos indígenas brasileiros, o CRAB explorava a identificação com a Marinha Brasileira, iniciada com a definição do patrono e, perpetuada, pelos barcos. A flotilha do CRAB era composta por barcos com os mesmo nomes de grandes barcos de defesa nacional, o que também relacionava os remadores a aguerridos combatentes.

Apesar de as representações do CRAB o vinculasse à Marinha Brasileira e ter entre seus principais fundadores elementos da comunidade teuto-brasileira, seus dirigentes organizaram uma regata em homenagem à canhoneira da Marinha Portuguesa, Pátria, que chegou a Porto Alegre em 1905, em meio à uma excursão pelo Brasil (A CANHONEIRA “PATRIA”, 29/08/1905). Esta canhoneira “foi construída no arsenal por conta de subscritores portugueses residentes no Brasil” (REPISANDO, 25/09/1905, p. 1), em razão disso, o jornal A Federação escreveu para um jornal de Lisboa para maiores informações sobre o processo de construção. Para a regata, o CRAB convidou os outros clubes de remadores.

Nesta excursão pelo Brasil, a canhoneira Pátria saiu de Santos, em São Paulo, e se encaminhou para o sul do país no dia 16 de novembro de 1905 (A CANHONEIRA PATRIA partiu..., 16/11/1905). Até o fim da década de 1900, o estado de São Paulo já tinha um grande número de clubes de remo e natação, principalmente em Santos, quadro 7.

<b>CLUBES DE SÃO PAULO – transição do século XIX para o século XX</b>	<b>DATA DE FUNDAÇÃO</b>
<b><i>Club de Regatas Santista</i></b>	<b>03/04/1893</b>
<b><i>Club Internacional de Regatas</i></b>	<b>24/05/1898</b>
<b><i>Sport Club Internacional</i></b>	<b>17/08/1899</b>
<b><i>Società Italiana di Canottieri Club Esperia</i></b>	<b>01/11/1899</b>
<b><i>Club de Regatas Saldanha da Gama</i></b>	<b>14/07/1903</b>
<b><i>Club dos Argonautas</i></b>	<b>24/07/1903</b>
<b><i>Club de Regatas São Paulo</i></b>	<b>30/07/1903</b>
<b>Centro Sportivo Paulistano</b>	<b>31/07/1903</b>
<b><i>Club de Natação e Regatas</i></b>	<b>11/10/1903</b>
<b><i>Club de Regatas Tumiaru</i></b>	<b>22/12/1905</b>
<b><i>Club de Regatas Tietê</i></b>	<b>06/06/1907</b>
<b>Federação Paulista das Sociedades de Remo</b>	<b>04/08/1907</b>
<b><i>Club de Natação e Regatas (Piracicaba)</i></b>	<b>12/10/1907</b>
<b><i>Sport Club Corinthians Paulista</i></b>	<b>01/09/1910</b>

**Quadro 9 – Clubes esportivos náuticos e aquáticos de São Paulo – transição do século XIX para o século XX, adaptado de Licht (2013).**

A primeira parada antes de chegar a Porto Alegre foi em Florianópolis, onde o clube Desesete de Abril preparou um almoço para recepcioná-los (EM FLORIANÓPOLIS os officiaes..., 20/11/1905). A canhoneira chegou ao Rio Grande do Sul por Rio Grande, que organizou uma recepção diferente da dos porto-alegrenses, talvez, por seus clubes de remo não moverem, tanto quanto antes, esportistas para a prática, possivelmente, por estes estarem mais interessados no novo esporte que tomo espaço, o futebol. A mocidade rio-

grandina resolveu “reunir-se para oferecer á briosos officialidade da canhoneira *Patria*, um penhor de seus fraternos sentimentos e verdadeiro apreço, [...] foi mandado fazer um bellissimo cartão de ouro cravejado de brilhantes” (A PATRIA, 25/11/1905, p.2) e, ainda, foi organizada uma “batalha de flores” na rua Marechal Floriano, entre Andrade Neves e General Neto, uma das principais da cidade, por onde passaram os oficiais da canhoneira, que se encaminharam para o teatro Sete de Setembro, onde assistiram espetáculos (A PATRIA, 25/11/1905). Após Rio Grande, a canhoneira seguiu para Pelotas (PELOTAS, 1/12/1905), onde não foram encontradas maiores informações sobre a recepção, apenas que esta foi recebida com chuva e que a União Gaúcha recebeu os oficiais com “mais de noventa cavalheiros, indo muitas famílias de carro” (PELOTAS, 3, 4/12/1905, p. 2). Pelos indícios encontrados, não ocorreram manifestações esportivas nas recepções em Rio Grande<sup>51</sup> e Pelotas, vestígios de uma decadência do remo nestas cidades, que, na década anterior, organizavam grandes regatas para receber personagens de representação nacional.

Em Porto Alegre, os preparativos para receber a canhoneira Pátria foram comandados pelo vice-cônsul português, José Francisco da Silva Nunes, e, com duração de uma semana de programação, moveram vários elementos constituintes da sociedade, como a Escola de Engenharia (ESCOLA DE ENGENHARIA, 7/12/1905), espetáculo na Sociedade Dramática Luso Brasileira, visita à Sociedade Portuguesa de Beneficência, bailes no *Club* do Commercio e no *Club* Caixeiral, para finalizar, as regatas com os clubes náuticos e aquáticos porto-alegrenses (A „PATRIA”, 7/12/1905).

Mais tarde, foi incluída uma apresentação do Grêmio Gaúcho, clube que promovia práticas e costumes com representações gaúchas, como as que foram demonstradas para os oficiais portugueses: associados estavam vestidos com as vestimentas características dos gaúchos; deram uma salva de tiros de pistola; convescote, com churrasco e chimarrão; jogo de tirar argolinhas, cantoria e danças; assim como tiro de laço e corridas a cavalo em cancha direita (A “PATRIA”, 8/12/1905), características, atributos ou performances que compõem

---

<sup>51</sup> Há notícias que em Rio Grande também estava programada a visita da canhoneira Panther, vinda da Alemanha e recepcionada pelos clubes alemães localizados na cidade, porém este evento não foi destacado e nem esmiuçado pelo jornal “A Federação”, como ocorreu com as festividades da canhoneira Patria (CANHONEIRA “PANTHER”, 7/12/1905).

o *ethos* do gaúcho, um perfil da identidade sulina brasileira. De acordo com Pesavento (1993, p. 383), este conjunto de representações constitui um imaginário social, que é um processo construindo historicamente, “o da elaboração em cada sociedade, de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva”, através do qual as sociedades definem a sua identidade e atribuem sentido e significado nas práticas sociais. Por volta da segunda metade do século XIX, já ocorriam, na cidade, práticas esportivas que abarcavam a participação do cavalo, como por exemplo, as corridas de cavalos, conhecidas como “carreiras em cancha reta” e o turfe, que são corridas de cavalos em uma pista circular (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2014).

Outras práticas que envolvem a participação dos cavalos, conforme Pereira, Silva e Mazo (2014), são as provas de Tiro de Laço são desempenhadas pelo prazer em si na prática. As disputas fundamentam-se no que é realizado nas estâncias, quando existe a necessidade de imobilizar um boi/novilho<sup>52</sup> para cuidá-lo ou marcá-lo. Desta forma, estas provas consistem em utilizar o cavalo e uma corda de couro para perseguir e laçar uma rês por uma pista de 100 metros de distância. O tiro de laço é uma prática equestre que apresenta elementos de esportivização, tendo emergido, com esta configuração, na cidade de Esmeralda, quando esta localidade ainda configurava um distrito de Vacaria, na década de 1950.

No último dia da estadia da canhoneira Pátria ocorreram as regatas organizadas pelo CRAB. Neste dia e no seguinte, o jornal *A Federação* publicou reportagens de página inteira sobre os eventos que aconteceram durante a semana, nestas publicações constavam dois eventos náuticos, as regatas e a festa veneziana, esta última já tinha sido realizada anteriormente no Brasil e no Rio Grande do Sul, mas ainda inédita em Porto Alegre (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905). Como normalmente acontecia na escrita das notas sobre regatas, o primeiro tema foi como estava o clima, pois este parte do cenário influenciava o resultado e o desempenho dos remadores, o que carregava mais emoção à disputa. No domingo, dia da competição, o dia começou sem nuvens “mais tarde, veio a todar se, tornando-se sombrio, chegando mesmo a garoar

---

<sup>52</sup> “Novilho” é um termo utilizado para o boi que se encontra na idade de um a seis meses.

pouco antes da terminação da regatas” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2).

As competições começaram cerca de uma hora e trinta minutos, com vapores para os expectadores. O jornal destacou as movimentações de pessoas nas garagens das associações de remadores, entretanto, as dividiu em duas categorias, grêmios e clubes, “era grande o movimento que se notava nas garagens dos grêmios *Tamandaré* e *Barroso*, clubs *Porto Alegre* e *Germania*, onde atarefadamente se aprestavam os gigs que deviam tomar parte nos quatro páreos da regata e outras embarcações” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2).

De acordo com Elias e Dunning (1992), os esportes se difundiram pelo mundo a partir da Inglaterra, disseminando o termo *sport*. Melo (2007a), focalizado na História do Esporte no Brasil, segue os pensamentos de Elias e Dunning (1992). Segundo Melo (2007a), no Brasil, a palavra em inglês era utilizada porque durante muitos anos, os termos esportivos eram pronunciados neste idioma, como por exemplo, a palavra *club*.

Este termo durante muitos anos foi utilizado para identificar associações esportivas. Só mais tarde, na segunda década do século XX, os termos começam a ser aportuguesados, então *sport* passou a ser esporte ou desporto, e a palavra *club* tornou-se clube. A palavra desporto era usada em Portugal e chegou ao Brasil através dos imigrantes portugueses, assim como a palavra grêmio e agremiação, muito utilizada na fundação de associações esportivas portuguesas. Porém, mais tarde foram também utilizadas pelas associações ítalo-brasileiras e teuto-brasileiras quando estas foram abrasileiradas. A maioria das associações esportivas de alemães possuía denominação no idioma do país de origem destes imigrantes, a Alemanha (TESCHE, 2011) e utilizavam *verein*, que significa clube - associação em português -, no idioma alemão também pode ser utilizado o termo *Klub* (AMORIN-BRAUN; HOEPNER, 1996), porém, podem ser encontradas denominações onde o termo *club* (iniciado com a letra c) era utilizado.

As regatas adornavam o lago *Guahyba* com vários tipos de embarcações, que, nesta ocasião, saciavam a curiosidade de sua tripulação e se aproximavam da canhoneira, “lanchas, gigs e botes começaram a singrar em todas as direções nas águas do *Guahyba*, dirigindo-se na maior parte para o vaso de

guerra portuguez” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2). A canhoneira também abriu suas portas para a população porto-alegrense conhecer as dependências do navio e assistir a regata, porém nota-se que apenas famílias selecionadas eram permitidas, como a do vice-cônsul Silva Nunes (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905).

Para a comissão de juizes de regata foram convidados personagens vinculados ao cenário organizado para o evento de recepção da canhoneira portuguesa Pátria, o vice-cônsul de Portugal, o presidente do Estado, o imediato da canhoneira, o comandante do navio, o representante do Jornal do Brasil do Rio de Janeiro e oficiais da canhoneira (LICHT, s/dH). Os convidados aceitaram a solicitação, mas com uma condição, que os páreos não fossem disputados entre os clubes, mas que cada páreo fosse uma competição interna dos barcos de cada clube. Destaca-se as denominações dos páreos, todas com representações portuguesas: Pátria, páreo entre barcos do RCPA; Portugal, barcos do RVG; Vasco da Gama, barcos do GRAT; e Marinha de Guerra Portuguesa, barcos do CRAB (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905). Como atualmente, a torcidas vibravam com a vitória de seus clubes, contudo os gritos de comemoração eram “estrepitosos *hurrahs*” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2). No último parágrafo da nota dedicada à regatas, o jornal destacou a presença do intendente do município naquele período, José Montaury, o que valorizava o acontecimento, além de gerar importância à disputa e ao esporte (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905).

Outra prática com elementos de esportivização foi inserida à programação, uma tourada, uma das diversões preferenciais dos sul-rio-grandenses (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2014). Em Porto Alegre, eram comuns as touradas a cavalo. De acordo com Pereira, Silva e Mazo (2014), um dos tipos de tourada realizados na cidade era muito semelhante à tourada portuguesa, em que há a lide a cavalo. Apesar de não estar documentada a raça equina que se utilizava para tal fim em Porto Alegre, os cavalos da raça lusitana são os animais empregados nas touradas portuguesas, de onde provavelmente originam-se as touradas na cidade. Estes cavalos, assim como os da raça crioula, também são fortes, porém mais tranquilos e extremamente corajosos perante o touro. É justamente em função destas características que os cavalos lusitanos são especialistas em touradas. A prática da tourada constitui a configuração mais



corriqueira da tauromaquia portuguesa, e estabelece-se em torno dos cavaleiros, os quais, nesta prática equestre, passam a ser os protagonistas da ação.

No passado, as touradas eram vistas como uma arte dos aristocráticos, que nela vislumbravam uma forma de divertimento, uma ocasião para celebrar e um exercício para as batalhas de guerras (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2014). Desta forma, na cidade esta era um prática com representações portuguesas, possivelmente, por essa razão, tenha sido incluídas nas comemorações à canhoneira portuguesa, pois estavam presente nas arquibancadas desde oficiais do navio, vice-cônsul português e intendente municipal até, os menos destacados nos jornais, “á sombra, os inferiores e marinheiros da nave lusitana” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2). Em seguida, os elementos da elite, normalmente, destacados na nota jornalística, se encaminharam para outra prática equestre, que era divertimento da sociedade porto-alegrense, as corridas de cavalo no hipódromo do *Jockey Club* (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905).

O CRAB organizou a principal atração da programação, a Festa Veneziana, que o jornal destacou como inédita na cidade (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905). A festa náutica consistiu de um cortejo, com diversos tipos de barcos iluminados com lanternas de modelo veneziano, em direção à canhoneira Pátria, para uma serenata. Os vapores rebocavam botes, ornamentados com folhagens e também iluminados, e as pessoas que estavam nos barcos trocavam *hurrahs* como cumprimento (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905). Um dos *gígs*, a seis remos, foi ornamentado de forma que representassem uma miniatura da canhoneira “chamando atenção geral e merecendo louvores – alcançando depois ruidoso sucesso e as honras da festa veneziana – pela perfeição com que imitava o elegante vaso de guerra português, não tendo escapado um único detalhe” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2).

A esquadilha do CRAB deixou a garagem com foguetes de lágrimas multicoloridos e recebeu a luz dos holofotes da canhoneira Pátria, “tornando impossível olhar na direção da esteira de luz” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2). Durante o trajeto do cortejo os holofotes da Pátria iluminaram pontos principais de Porto Alegre, como a igreja da Nossa Senhora das Dores – a mais antiga de Porto Alegre -, que tinha sido recém reconstruída em 1904. O

CRAB reuniu cantores e instrumentistas conhecidos em Porto Alegre para a realização da serenata, os quais subiram na canhoneira junto com a orquestra, as quais, juntamente com outras cantigas, executaram o Hymno da Carta – de Portugal – e o Hino Nacional Brasileiro (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905). Os escaleres presentes também desenvolveram demonstrações e performances, pois formaram “duas rodas grandes, á ré e proa, as quaes, conforme a marcha da embarcação giravam em sentidos opostos, Ao centro, outra grande roda, toda iluminada, girava em sentido perpendicular” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2). Assim, chegou ao fim o ponto alto da programação em homenagem à canhoneira Pátria, com a Festa Veneziana promovida pelo CRAB, que fez com que as águas do *Guahyba* assumissem “proporções phantasticas, de efeito deslumbrante, os reflexos das luzes de côres e dos holophotes sobre o rio e a fumaça que saia dos canos dos vapores e lanchas” (A „PATRIA” EM Porto Alegre, 18/12/1905, p. 2).

Esta festa encheu os olhos de adultos e crianças que assistiam ao espetáculo, assim como contribuiu para uma maior integração entre a população porto-alegrense e o lago que banha a cidade, como era escrito no início do século XX, o *Guahyba*. A Rua Voluntária da Pátria beirava o *Guahyba*, lá viviam muitas famílias e indústrias, principalmente de teuto-brasileiros. Com o lago como paisagem do quintal da sua casa, um menino de 13 anos tem a ideia de fundar o primeiro clube juvenil do Rio Grande do Sul (SILVA, 2011). Anos mais tarde este menino, Carlos Simão Arnt, relatou que a ideia emergiu a partir de seu contato com o *Guahyba* e a canoa utilizada pela fábrica de móveis de seu pai, a Kappel e Arnt, bem como devido a recusa dos outros clubes de remo em aceitar menores de idade (ARNT, 1956).

Segundo Carlos Arnt (ARNT, 1956), a Fábrica Kappel e Arnt era próxima ao *Guahyba*, e possuía uma mangueira para a guarda de madeira que deviam ser mantidas dentro d’água até irem para o engenho para serem manipuladas, para tanto a fábrica utilizava uma canoa para mexer com as grandes toras. Esta canoa, quando não estando a serviço, era utilizada por Carlos Arnt e seus amigos do colégio, o *Hilfsverein* (atual Colégio Farroupilha): Arnaldo e Emílio Bercht, Arno e Hugo Depperman e Hugo Berta, que regulavam entre 12 e 15 anos de idade. Em seu depoimento para Licht (2001), Carlos Arnt relembra: “nas visitas que meus amigos me faziam, passávamos horas à fio na canôa da

fábrica, remando ou pescando dentro da supra mencionada mangueira” (LICHT, 2001, s/p).

Enquanto na capital os clubes náuticos e aquáticos se disseminavam e as competições atraíam cada vez mais público e novos temas e propostas, no interior do estado percebe-se um marasmo dos esportes náuticos e aquáticos, de forma que não foram encontrados registros sobre movimentos relacionados a estas práticas, nem de forma improvisada, com barcos rudimentares. Apenas Licht (s/dl), faz uma referência a instauração de um novo clube na cidade de Pelotas, fundado em 1º de Janeiro de 1906, o *Club Sportivo Internacional*, para a prática do remo da natação. Outras citações quanto a este clube forma encontradas somente em jornais que circularam os anos seguintes. Com somente a denominação do clube como indício de existência, pode-se apenas cruzá-la com outros vestígios, como o contexto da cidade. Como explanado anteriormente, desde o século XIX, Pelotas estava recheada de imigrantes europeus, como portugueses, irlandeses, italianos, alemães e franceses, que das colônias circunvizinhas, “muitos elementos acabaram por se desgarrar destes agrupamentos humanos, por motivos vários, estabelecendo-se na cidade e contribuindo efetivamente para o progresso local” (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012, p. 90). Com estes dados, pode-se concluir que este clube, com denominação de “internacional”, agregava diversos elementos da imigração europeia, possivelmente, combinados com os imigrantes uruguaios, que “tiveram uma presença marcante na cidade de Pelotas, principalmente na zona urbana” (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012, p. 281).

Na década de 1900, o Uruguai já contava com associações esportivas para além do espaço da capital, onde se concentravam os clubes náuticos e aquáticos no fim do século XIX. Conforme Licht (2013), em Paisandú, foi fundado o *Club de Remeros Paisandú* em 1901. Todavia, provavelmente, existiam outros clubes, uma vez que, no ano de 1907<sup>53</sup>, devido a necessidade de organização, uma entidade regulamentadora foi fundada, a *Unión de Remeros Del Uruguay*<sup>54</sup>, nesta instauração também foi aprovada a regulamentação, chamada de *Reglamentos y Ley de Carreras del Botes*,

---

<sup>53</sup> Neste ano, ocorreu a primeira vitória no exterior do remo do Brasil, nos Jogos Olímpicos de Montevideo, a qual foi vencida pela guarnição do *Club Espéria* de São Paulo (LICHT, 2013).

<sup>54</sup> A entidade mudou a denominação para *Federación Uruguay* de Remo em 4 de Janeiro de 1923 (LICHT, 2013).

destaque para o artigo 24, o qual determina: “Todo remero deverá estar vestido desde los hombros hasta las rodillas<sup>55</sup>” (LICHT, 2013, p. 69), uma conduta semelhante da dos sul-rio-grandenses, que remavam com braços e pernas expostos por camisetas sem mangas e bermudas.

Por outro lado, no Rio Grande do Sul, os clubes existentes não permitiam que menores de idade se associassem e praticassem o remo e a natação - principalmente depois do naufrágio de 1902, quando houve o falecimento de um adolescente de 17 anos -, os meninos determinaram a fundação de um novo clube, destinado a este público, inspirado nos laços de amizade que uniam o grupo, o *Ruder Verein Freundschaft* (RVF) – Sociedade de Regatas Amizade.

Desta forma, a partir da imitação dos clubes já existentes, que estes meninos assistiam cruzar o *Guahyba* enquanto brincavam na canoa (ARNT, 1956), o RVF iniciou de maneira improvisada, com a reinvenção, resignificação e adaptação de artefatos e práticas, assim como configuraram uma nova peça no mosaico do cenário dos clubes náuticos e aquáticos. O local onde ocorreu a fundação foi em uma mesa com dois bancos existentes no jardim da casa de Carlos Arnt, que foi escolhido o presidente do clube, a mensalidade foi fixada em 200 réis (ARNT, 1956). Para arrecadar dinheiro para a compra do primeiro barco, os meninos organizaram um espetáculo estilo circo, com entrada no valor de 100 réis, onde os personagens eram representados pelos próprios fundadores dos clubes, coube a Hugo Berta o papel do palhaço (ARNT, 1956). Anos mais tarde, Hugo Berta foi presidente da Liga Náutica Rio-Grandense, fundada em 1911. As reuniões seguiram-se nos dias seguintes, para o primeiro barco, foi deferido que seria um caíque de balsa, que custava oito mil réis, mas no caixa do clube apenas existiam três mil réis, provenientes das primeiras mensalidades e do espetáculo, para resolver o problema, um empréstimo de cinco mil réis foi adquirido com o pai de Carlos Arnt, Major Edmundo Arnt (ARNT, 1956).

A tradição dos clubes teuto-brasileiros, de batizar seus barcos como nomes das senhoras e senhoritas que constituíam a associação, foi perpetuada pelo novo clube, o primeiro barco do RVF foi denominado Martha, em homenagem à irmã de Arnaldo e Emílio Bercht (ARNT, 1956). Já o segundo

---

<sup>55</sup> Na tradução livre: todo remador deverá estar vestido desde os ombros até os joelhos.

barco do RVF foi ainda mais improvisado, pois foi construído com madeira e ferragem fornecidas pelo Major Arnt (ARNT, 1956). “Com estes dois barcos conseguimos realizar a primeira regata interna em 25 de novembro de 1906 e na distância de 500 metros, isto é, entre a Fábrica Steigleder e a Fábrica Kappel e Arnt” (ARNT, 1956, s/p). De acordo com Licht (2001), esta regata foi a primeira competição de remo na categoria infantil realizada no Brasil.

Para a garagem dos barcos foi também arranjado um barracão, feito de tábuas e telhas de zinco usadas, localizado no pátio da Fábrica Kappel e Arnt. Apesar de a garagem ser improvisada, foi inaugurada com festividades, com programações esportivas, recreativas e sociais, neste evento foi conferido ao Major Edmundo Arnt o título de Presidente Honorário, possivelmente pelas contribuições que seguidamente oferecia ao clube, bem como por, possivelmente, orientações quanto a organização do clube (LICHT, 2001). Assim nasceu o RVF, quando da sua fundação foi chamado de o clube dos seis guris e, atualmente, é um grande clube porto-alegrense, com três sedes sociais e com uma significativa representação esportiva nacional e mundial, com diversos esportes de alto rendimento: remo, natação, esgrima, tênis, basquete, ginástica artística, ginástica rítmica, judô e vôlei (GNU, 18/05/2015).

### **5.3 O brevidade dos clubes náuticos e aquáticos**

Neste subcapítulo é apresentada a brevidade dos clubes fundados no fim de 1910. Na segunda metade da década de 1900, o cenário dos clubes esportivos náuticos e aquáticos sofrem modificações. Logo após a fundação do RVF, novos clubes surgiram no cenário sul-rio-grandense, tanto na capital, quanto no interior. Dentre estes alguns tiveram vida breve e outros, com perseverança, transformações e maleabilidade, conseguiram se perpetuar por mais tempo.

A iniciativa de fundar um clube de remo juvenil inspirou outro grupo de jovens, assim foi instaurado outro clube para aqueles que não encontravam lugar nas associações náuticas e aquáticas existentes, mas que também sonhavam em competir nas águas do *Guahyba*, o Filhotes do Barroso. Este clube se estabeleceu rapidamente, logo após a sua fundação, em maio de 1907, por Reynaldo Steigleder e seus primos Egon e Licerio Alfredo Schreiner,

adquiriram barcos com modelos pensados para enfrentar o RVF em uma competição, estes foram batizados de Barão do Amazonas, bote a quatro remos, e Marquez de Olinda, bote a dois remos (LICHT, s/dJ).

O autor Henrique Licht (2013), afirma que apesar de fazer referência ao Almirante Barroso na denominação do clube, este não era vinculado ao CRAB, contudo, ambos possuem semelhanças nas suas configurações, como a denominação do clube em homenagem ao Almirante Barroso e com os nomes dos barcos relacionados a figuras de representação nacional. Atraímos a atenção para a denominação do barco Barão do Amazonas, este foi um título conquistado pelo Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, o patrono do CRAB. Já o Marquez de Olinda esteve envolvido diretamente com o governo brasileiro na Independência do Brasil, “depois de exercer os cargos de ministro e de presidente da câmara, foi eleito em 1833 regente do império durante a menoridade de D. Pedro II” (MUSEU DO IMIGRANTE, 2015, s/p)

A primeira competição juvenil entre clubes sul-rio-grandenses ocorreu ainda em 1907, no mês de novembro, com programa escrito em alemão, em razão dos remadores competidores serem descendentes de imigrantes alemães e utilizarem o idioma na comunicação, pois estudavam no *Deutsche Hilfsverein Schule* – denominação em alemão, traduzida como Escola da Associação Beneficente Alemã, atual Colégio Farroupilha -, portanto eram portadores da memória cultural de seus antepassados e perpetuavam identidades culturais teuto-brasileiras (SILVA, 2011).

A regata foi dividida em quatro páreos, destes o Filhotes do Barroso venceu apenas o último, o que pode ter sido um dos agentes de dissolução do clube e motivador de seus participantes migrarem para o RVF no ano seguinte, em abril de 1908, proporcionando o fortalecimento deste clube que possuía representações predominantemente teuto-brasileiras. Em seu depoimento, Carlos Arnt trouxe a sua versão dos acontecimentos:

“Reinaldo Steigleder e seus primos, Egon e Lucério Schreiner haviam fundado um outro clube de guris com o nome de Filhotes do Barroso, o qual, entretanto durou apenas um ano, pois em seguida a uma derrota que lhe aplicamos com a nossa baleeira Adélia, passaram-se com armas e bagagens para o nosso clube, onde muito bons serviços prestaram” (ARNT, 1956, s/p).

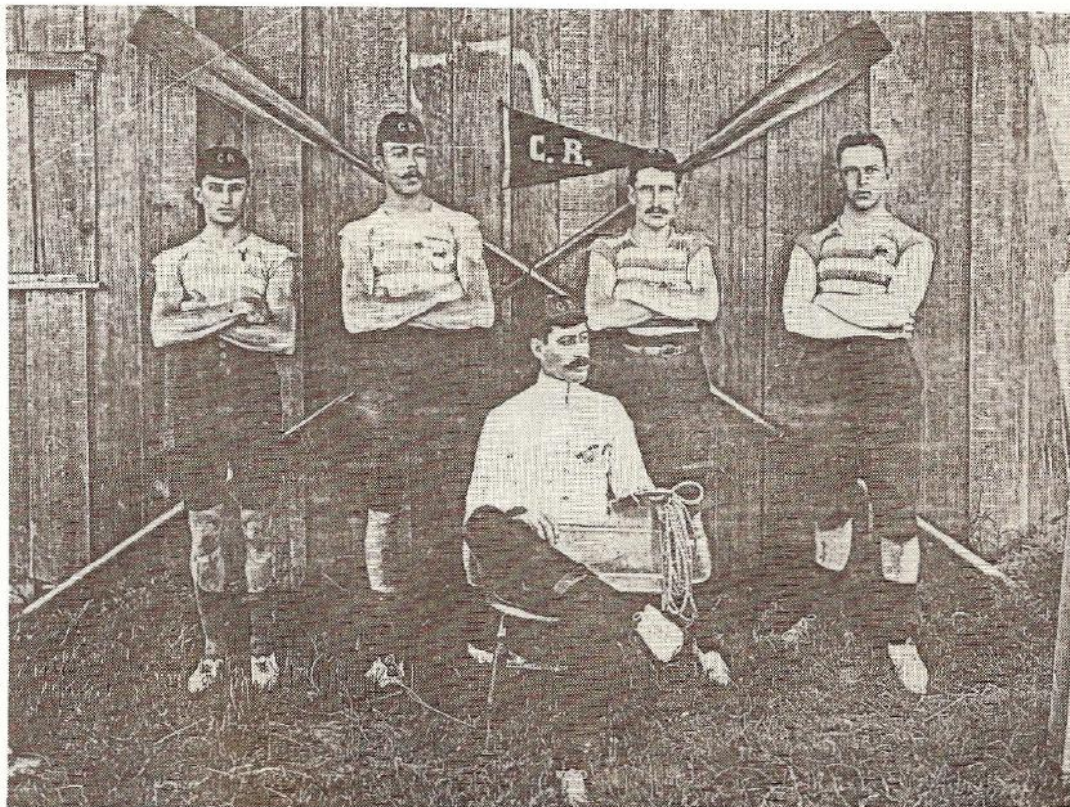
A regata do RVF contra o Filhotes do Barroso não somente dissolveu o clube, mas contribuiu para a construção de novos clubes juvenis. No mês seguinte ao da competição, em dezembro de 1907, o jornal *Correio do Povo* (REGATAS, 12/12/1907) publicou uma nota com a notícia da instauração do *Club Saldanha da Gama* (CSG), em uma reunião no *Club Gymnástico Rio Grandense* (UM GRUPO..., 12/12/1907). A diretoria do clube foi eleita em seguida e publicada no mesmo jornal, o texto ainda vislumbrava a reinvenção de um *Wanderpreiss* para os clubes juvenis, onde competiriam o RVF, o Filhotes do Barroso e o *Club Saldanha da Gama* (REGATAS, 26/01/1908), última notícia encontrada sobre este clube.

Este clube entra na lista de clubes que fizeram homenagens a almirantes brasileiros, o Almirante Saldanha da Gama, que também participou da Guerra do Paraguai e foi um dos protagonistas da Segunda Revolta da Armada (1893), que foi um movimento de rebelião promovido pela Marinha do Brasil. A Revolta da Armada foi o resultado de um manifesto de 13 oficiais que se rebelaram contra a posse do presidente Floriano Peixoto (OLIVEIRA, 1989). De acordo com Heinsfeld (2007), quando a liderança foi assumida pelo almirante Saldanha da Gama, este lançou um manifesto considerado monarquista e restaurador, que os apoiadores de Floriano Peixoto utilizaram em combate a revolta (OLIVEIRA, 1989) e levou o Almirante Saldanha da Gama a pedir asilo a Portugal.

Com o final da Revolta da Armada e a vitória legalista, Saldanha da Gama pediu asilo nos navios de guerra portugueses fundeados no Rio de Janeiro, sob o comando de Augusto Castilho. Entretanto, com os navios fundeados no Rio da Prata, ocorreu a fuga de 254 brasileiros, incluindo o líder Saldanha da Gama, vindo juntar-se aos revolucionários federalistas no Rio Grande do Sul (HEINSFELD, 1989). Provavelmente, o CSG escolheu o almirante para homenagear em razão da inserção entre os revolucionários.

Enquanto em Porto Alegre os clubes juvenis se disseminavam, no interior do estado, o Clube de Regatas Rio Grande continua a promover regatas, porém sem cobertura da imprensa. O único indício de suas atividades foi a imagem abaixo, de 1907, com remadores e timoneiro que venceram o páreo de Honra, uniformizados, com os remos e a flâmula da associação.





**Imagem 18** Guarnição do Clube de Regatas Rio Grande, vencedora do páreo de Honra (HOFMEISTER, 1979).

Enquanto clubes eram inventados, outros se transformavam. Outro possível motivo para a introdução de integrantes do Filhotes do Barroso no RVF foi o crescimento rápido do clube, em razão da boa administração que tinha como suporte o pai de Carlos Arnt, Edmundo Arnt, assim como o auxílio de seu avô, o major Simão Kappel, que doou a baleeira batizada de Adélia. Simão Kappel também era dono de uma loja de móveis na cidade de Triunfo (LICHT, 2005). Com a bem conduzida organização do RVF, em janeiro de 1908, foi organizada a primeira excursão do clube, publicada pelo jornal *Correio do Povo* (ROWING, 12/01/1908).

A nota jornalística (ROWING, 12/01/1908) destaca que o clube náutico e aquático teuto-brasileiro organizou uma excursão até as margens do rio *Gravatahy*, que banha Porto Alegre e arredores, e que o dia foi recheado de diversos divertimentos, como: o prato típico sul-rio-grandense, “um gordo churrasco regado a bons vinhos e cerveja” (ROWING, 12/01/1908, p. 2), demonstração que este já havia sido incorporado na cultura dos teuto-sul-rio-grandenses; além de uma orquestra composta pelos remadores do clube, onde



“um conhecido germanista executará, em gaita, diversos trechos de músicas” (ROWING, 12/01/1908, p. 2), e alguns excursionistas carregavam máquinas fotográficas para o registro. O RVG também fez parte do *pic-nic* e participou da excursão com o barco escola do clube (ROWING, 12/01/1908).

Quando, em abril de 1908, o Filhotes do Barroso foi definitivamente fechado, outro grupo juvenil se mobiliza para instaurar um clube para competir com o RVF, o Grêmio Náutico Amazonas (GNA). Na ansiedade de se consolidar no ambiente esportivo, o GNA promoveu uma competição entre seus associados, 1º Campeonato Interno de Natação (LICHT, s/dJ), possivelmente, para motivar a natação como prática funcional para salvamento e sobrevivência. Percebe-se que os clubes juvenis, fundados após o RVF, tinham o confronto identitário entre clubes como guia, pois construíam representações contrárias ao de jovens teuto-brasileiros, tanto o Filhotes do Barroso, o CSG, quanto o GNA, desenvolviam representações relacionadas com a identidade nacional brasileira.

Assim como ocorreu com os clubes juvenis, A intenção de criar clubes com capacidade de sobrepujar os existentes era um dos principais motores para a fundação de novos clubes, outro motivador, e facilitador, era o início de uma consolidação do cenário dos clubes esportivos náuticos e aquáticos, com movimentos de diminuição de impostos, assim como a incorporação das regatas à cultura local. Da mesma maneira que atritos no interior do RVG geraram o CRAB, nas dependências do CRAB ocorreram divergências que estimularam a fundação do Grêmio Náutico Rio-grandense (GNR), em outubro de 1907, que rapidamente buscou se inserir no cenário dos grandes clubes da capital e apresentou-se ao público e às autoridades presentes na competição anual *Wanderpreiss*.

Nesta apresentação, o GNR buscou marcar o seu espaço de maneira determinante por meio das cores do uniforme, vermelha, creme e verde e pelo nome do barco, o *gig* Terror (LICHT, s/dJ). Segundo Salomon (2015, p. 81), nas emoções humanas, “o terror pode ser considerado como um medo extremo, mas que envolve consideravelmente mais inteligência”, ou seja, ter um medo extremo raciocinado. Estas representações do GNR demonstram que o clube foi fundado com a intenção de intimidar os outros clubes com relação às disputas esportivas, tanto que o GNR adquiriu o barco Teffé do GRAT e o rebatizou com o nome de Rio dos Sinos (LICHT, s/dJ) - rio que banha a cidade de colonização alemã, São

Leopoldo -, em uma reutilização do artefato já existente, além de ter valor mais acessível do que um novo. A sede o clube também se localizou na rua Voluntários da Pátria, no Caminho Novo, e foi inaugurada em 1º de janeiro de 1908 (LICHT, s/dJ).

Como a aquisição do barco esportivo pelo GNR, o RVF estava com os barcos defasados, pois ainda não possuía nenhum barco em formato esportivo. No entanto, o RVF não tinha somente o suporte da família de Carlos Arnt, pois já tinha conquistado a simpatia dos outros clubes de remo teuto-brasileiros e recebeu do RCPA, como doação, os barcos Clara e Martha para o RVF, “afim de que os rapazes desta associação possuam barcos em condições de se apresentar em regatas com seus rivais” (LICHT, 2005, p. 23), em maio de 1908. Entretanto, a conquista dos novos barcos moveu os dirigentes dos clubes a melhorar a garagem náutica, mais uma vez receberam apoio de Edmund Arnt e construíram o projeto de um espaço com dois pisos no mesmo local da anterior (LICHT, 2005).

Os anos de 1907 e 1908 foram de grande repercussão no cenário dos clubes esportivos náuticos e aquáticos, como foi demonstrado até o momento, principalmente em Porto Alegre, novos clubes surgiram, porém estes trouxeram novas versões de identidades culturais já existentes na conjuntura, teuto-brasileiras e brasileiras. Henrique Licht (s/dL) inclui nesta lista dois clubes: o Grêmio Náutico Lusitano, fundado em 1º de dezembro de 1908, e o Grêmio de Regatas Porto Alegre, em 07/12/1908, no entanto, não foram encontradas outras evidências de suas existências.

Todavia, no ano de 1908, esta situação foi modificada com a inclusão de outro formato de clube. Desta vez, um grupo de ítalo-brasileiros se apropriou da ideia e construiu o *Club Italiano Canottieri Ducca Degli Abruzzi* (CICDA) (SILVA, 2011). Este clube foi idealizado quando ocorria uma homenagem aos remadores do RCPA nas dependências da Sociedade Germania, isso inspirou Luiz Maiocchi, João Rubatino e Constantino Vanzetti (LICHT, s/dM) a mobilizarem a comunidade italiana situada na capital do Rio Grande do Sul e construíram a sua representação em um campo que ganhava cada vez em destaque na sociedade local.

O local escolhido para a reunião de fundação foi a *Societá Vittorio Emmanuele II*, a primeira sociedade italiana fundada em Porto Alegre, “fundada

por iniciativa de Bartolomeo Pellerini, em 1º de julho de 1877. Essa teve o início das atividades de sua *Scuola d'Istruzione* em 10 de junho de 1886" (RECH, 2014, p. 4). Para a denominação do clube houve duas propostas que demonstram a vinculação perpetuada com o país de origem, inclusive na posição política. Segundo Licht (s/dM, s/p), as propostas foram:

a primeira, monarquista, desejava homenagear S. A. Duca Luigi Amadeo D'Abruzzi, vice-almirante da esquadra italiana, explorador do Polo Norte e destacado montanhista, e a segunda, republicana, indicava o nome do navegador genovês Cristoforo Colombo, descobridor da América (LICHT, s/dM, s/p).

A primeira sugestão foi a abraçada e a partir disso começaram os movimentos para a escrita dos estatutos, encontrar uma sede e adquirir barcos para a prática. A garagem provisória foi estabelecida nas dependências da Cervejaria Christoffel, na Rua Voluntários da Pátria, perto da sede CRAB. A Cervejaria Christoffel, naquele período, esta fábrica pertencia a Francisco J. Siman e Luiz Englert. Como foi descrito anteriormente, Luiz Englert apoiava os clubes esportivos da cidade, inclusive os náuticos e aquáticos, além disso, "por mais de 20 anos, atuou junto à Santa Casa de Misericórdia e de entidades como Germânia, Sociedade de Ginástica Turner-Bund, entre outras" (TORALLES, 30/08/2011, p. 54). Talvez, esse apoio de Luiz Englert tenha se repetido para a aquisição do primeiro barco do clube, que foi adquirido do RVG, clube que ele também buscava amparar.

Os estatutos do CICDA foram publicados no jornal A Federação. Apesar de o texto estar em português, o clube utilizava o italiano na comunicação interna. No segundo artigo do estatuto, o clube definiu os objetivos principais do clube: "promover os exercícios hygienicos do remo e da natação, sendo facultativo com o tempo a criação de outro gênero de sport" (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909, p. 3). Quanto aos frequentadores, foram expostos limites para os sócios, quando se registrou no estatuto que o clube era composto por italianos e filhos de italianos, mas que, no terceiro artigo, "poderão fazer parte do club sócios pertencentes a qualquer outra nacionalidade, perdendo porem o direito de votar e ser votado e de participar como remador nas corridas externas" (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909, p. 3). O quinto artigo acrescenta que estes podem usar o distintivo da associação (ESTATUTOS DO CLUB...,

08/02/1909, p. 3). De tal modo, o clube aceitaria que pessoas oriundas de outras representações identitárias frequentassem as dependências, pagassem as mensalidades e contribuíssem para o crescimento da entidade, porém as impedia de representar o clube, na busca pela perpetuação da identidade externa.

Quanto às atribuições do instrutor de regatas estava: zelar pelo material náutico, organizá-lo de acordo com a administração, as corridas internas, a instrução às tripulações e a determinar as guarnições, nomear timoneiros e distribuir remadores, que deveriam ser registrados no livro específico para tanto (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909). O capítulo IV dos estatutos, intitulado Dos Remadores e Timoneiros, era dedicado a regulamentar a divisão entre remadores de competições externas, chamado de classe A, onde era ressaltado que todos deveriam ser italianos e filhos de italianos (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909). Esta distinção reforça a hierarquia, assim como o domínio dos ítalo-brasileiros, ao menos dentro dos ambientes do CICDA.

Apesar de na primeira reunião do clube ter havido manifestações com tendências políticas para a definição da denominação do clube, nos estatutos foi deliberado a proibição de discussões e manifestações deste âmbito, bem como religiosas (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909). Contudo, a mesma regra não foi aplicada às comemorações italianas, o Art. 35 define os dias que serão celebrados pelo clube com demonstrações externas, “anniversario da fundação do club, o primeiro domingo de junho, commemorativo do Estatuto do Reino da Italia e o dia 20 de setembro, data gloriosa da proclamação de Roma a capital da Italia” (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909, p. 3).

As cores da Itália foram as escolhidas para a bandeira: “em campo verde uma roda do leme com dois remos cruzados ambos brancos com as iniciais C. I. C. D. A. em vermelho” (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909, p. 3), da mesma forma foi determinado o uniforme, que as embarcações deveriam usar sempre que utilizassem os barcos. Desta forma, representavam o clube nas águas do *Guahyba*, os esportistas com camisetas verde com mangas curtas, no centro a roda de leme com dois remos cruzados em branco, calções brancos, meias pretas e sapatos de lona preta, chapéu de marinheiro branco com uma fita verde e, também, com as iniciais do clube, C.I.C.D.A. em vermelho (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909, p. 3). Os associados sociais, que não participavam de

competições, também deveriam ser identificados como integrantes do clube, assim ganhavam um distintivo com o emblema em branco e com as iniciais em vermelho (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909).

O clube ainda reforçou as representações italianas quando determinou que os barcos devessem ser batizados com nomes de marinheiros ilustres italianos (ESTATUTOS DO CLUB..., 08/02/1909), assim foi renomeado o barco herdado do RVG, o Olinda passou a se chamar Garibaldi, em homenagem a Giuseppe Garibaldi. Giuseppe Garibaldi foi um marinheiro italiano que ganhou o apelido de “o herói de dois mundos” devido a sua participação em conflitos na Europa e na América do Sul, onde, no Rio Grande do Sul, se integrou à Revolução Farroupilha (SALVATORE, 1992). Os dois próximos barcos da flotilha ítalo-brasileira foram chamados de Cristoforo Colombo e Andrea Doria (LICHT, s/dM), ambos almirantes italianos.

Enquanto isso, em Pelotas, o *Club Sportivo* Internacional (CSI) buscava voltar a desenvolver as competições náuticas, ainda de maneira improvisada e sem um clube rival para concorrer, o CSI utilizava a imprensa para convocar “interessados para confeccionar páreos e as tripulações dos barcos que tomarão parte na regata que esse clube pretende levar a efeito no dia 1º de janeiro [de 1909]” (REGATAS, 19/11/1908, p. 2). Para estimular competidores, no texto foi afirmado que vários remadores do clube já tinham feito a sua inscrição e que os páreos estavam previamente organizados em: dois entre *gigs*, um de barco escola, um de escaleres e um misto, entre um *gig* e um barco escola (REGATAS, 19/11/1908).

Além dessa convocação, para atrair o público, acrescentou um páreo de honra, com previsão de ser “disputado por tripulantes do ‘Sportivo’ contra tripulantes do Club de Regatas do Rio Grande, que para isso será convidado” (REGATAS, 19/11/1908, p. 2), nesta nota figura-se um indício que Rio Grande ainda mantinha ativo um clube de remo, porém não foram encontrados mais registros sobre isso, bem como se houve ou não a regata anunciada.

O CSI não manteve as atividades por mais muito tempo, pois no 1º Relatório do Presidente do Esporte *Club* Pelotas existe a referência à necessidade de abertura urgente de uma seção náutica no clube para exercícios de remo e natação, em razão da extinção do Clube Sportivo Internacional “que possuía um acervo útil, isto é, dois *gigs*, ‘Cabral’ e ‘Brasil’ com sobressalentes.

Em acordo com os responsáveis do clube citado, o ECPelotas ficou proprietário de todos os pertences do primeiro” (1º RELATÓRIO DO PRESIDENTE DO ECPelotas, 03/10/1909, s/p). Este relatório foi escrito um ano após a fundação do Esporte *Club Pelotas*, instaurado para a prática do futebol, a partir de uma fusão do *Club Sportivo Internacional* e o *Foot-ball Club*. O primeiro triunfo futebolístico do ECPelotas ocorreu no dia 24 de outubro de 1909, quando derrotou o *Sport Club Rio Grande*, que desde a sua fundação nunca havia perdido uma partida (ECPELOTAS, 14/05/2015).

Como o grande número de clubes esportivos náuticos e aquáticos que surgiram, se fez necessário mudanças na entidade normativa existente, o Comitê de Regatas. Nas comemorações da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1908, ocorridas no ambiente do GRAT, o presidente do clube sugeriu a instauração de uma federação estadual que organizasse as regras para os clubes de remo e natação (TAMBÉM A ASSOCIAÇÃO..., 08/09/1908).

## 6 A DISSEMINAÇÃO DOS CLUBES NÁUTICOS E AQUÁTICOS

O presente capítulo apresenta como a disseminação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos ocorreu em diferentes espaços do Rio Grande do Sul. A capital do Rio Grande do Sul concentrou a maior parte das fundações de clubes de remo e natação durante a primeira década do século XX e rompeu com a hegemonia de clubes de teuto-brasileiros. Assim, novos clubes surgiram e o cenário dos clubes esportivos náuticos e aquáticos ganharam novos contornos de representações, ideias foram reconfiguradas, artefatos foram resignificados e novos personagens apareceram. Como isto a entidade federativa existente, o Comitê de Regatas teve que ser reformulada para abarcar novas demandas e receber as associações que emergiam com novas propostas de identificação. Esta conjuntura permaneceu em movimento e deslizou para outros espaços do estado, até o início da terceira década do século XX, doze clubes desportivos náuticos tinham sido fundados em sete cidades diferentes: Alegrete, São Leopoldo, Uruguaiana, Jaguarão, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre (imagem 19).



**Imagem 19 - Cidades sul-rio-grandenses com clubes esportivos náuticos e aquáticos até fim da década de 1910.**

Estas cidades tinham em comum, serem banhadas por um grande conjunto de rios, lagos e lagoas que formam o Rio Grande do Sul, nestas águas eram onde o remo a natação eram praticados: Alegrete possui o Rio *Ibicuihy*; São Leopoldo, o Rio dos Sinos; Uruguaiãna, o Rio Uruguai que faz fronteira com a Argentina; Jaguarão, a Lagoa Jaguarão; Rio Grande tem em sua geografia dois espaços para práticas náuticas e aquáticas, a Lagoa dos Patos e o mar com poucas ondas; Pelotas utilizava o Canal de São Gonçalo; e Porto Alegre, o *Guahyba* (imagem 20).





Imagem 20 - Bacia hidrográfica do Rio Grande do Sul (GUIA GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 18/05/2015).

Como se pode ver nos mapas das figuras 1 e 2, algumas destas cidades eram próximas entre si, mas distante das outras, como Pelotas e Rio Grande são próximas entre si e distantes de Alegrete e Uruguaiana. O estado do Rio Grande do Sul tem uma área de 281.731,445 km<sup>2</sup> (IBGE, 18/05/2015), enquanto um país como o Uruguai, por exemplo, possui uma área de 176.215km<sup>2</sup> (PORTAL BRASIL, 18/05/2015), desta maneira o estado possui diferentes culturas nas várias regiões. Existem 12 regiões sul-rio-grandenses nos dias de hoje, estas receberam diferentes imigrantes de diversos lugares do mundo e, ainda, algumas delas fazem fronteiras com Argentina e Uruguai, o que faz com que ocorram trocas culturais.

Os clubes esportivos náuticos e aquáticos se espalharam pela Argentina e o pelo Uruguai na transição do século XIX para o século XX. Conforme Eduardo

Archetti (2005) que estudou o futebol, o tango e o polo na Argentina e suas relações de gênero e identidade nacional, onde o hibridismo foi uma das categorias de análise, “é interessante observar que sendo as práticas desportivas importadas, vindas de fora, a ideia da mescla, da criatividade cultural por detrás dos modelos híbridos, permite reflectir sobre os modelos de hibridização locais, nativos” (NEVES; DOMINGOS, 2005, p. 339-340). Mais do que híbridos masculinos no esporte (ARCHETTI, 2003), a Argentina produziu hibridização de culturas, em razão de ter sido um país que, assim como o Rio Grande do Sul, recebeu diversos imigrantes europeus - como demonstram os dados a seguir -, apesar de ter uma predominância de uma específica categoria de mestiçagem, entre espanhóis e índios, biologicamente e culturalmente (ARCHETTI, 2003).

De maneira similar aconteceu no Rio Grande do Sul, que, embora considerado um Estado com origem populacional essencialmente europeia, existem perfis genéticos diferentes quando se leva em consideração as distintas regiões. Como, por exemplo, o estudo de Leite (*apud* MARRERO, 2006, p. 149), sobre a herança genética da população do Rio Grande do Sul, que demonstrou que “existe uma marcada diferenciação entre a região centro-leste e oeste do Estado, sendo que os níveis de ancestralidade ameríndia são maiores nesta última, onde se localiza o Pampa riograndense”.

Como foi citado no capítulo anterior, os ingleses foram os principais responsáveis pela implantação do esporte no país, que instalou sua primeira entidade dirigente no ano de 1901, a *Asociación Argentina de Remeros Aficionados del Rio de La Plata*. Segundo o site desta associação (ASOCIACION ARGENTINA DE REMEROS AFICIONADOS, 18/05/2015), as instituições de remo foram se estabelecendo em torno do rio Tigre, a partir do fim do século XIX, e eram frequentados por uma elite de famílias tradicionais.

As margens dos rios Tigre e Luján foram povoadas por clubes que agregavam associados, como representantes das autoridades britânicas, latino-americanos, franceses, escandinavos, italianos, entre outros. A realização das regatas transformava o Tigre em uma verdadeira festa, mas com espaços delimitados para diferentes escalas da sociedade, os associados se reuniram às margens do rio Luján e as famílias mais qualificadas na Cidade de Buenos Aires. Estas famílias deixaram os resorts de verão tradicionais, em seguida, para se

deslocar para Tigre e desfrutar das competições de verão e remo. No começo do século XX, o rio Tigre tornou-se um centro desportivo como nenhum outro na Argentina (ASOCIACION ARGENTINA DE REMEROS AFICIONADOS, 18/05/2015).

As regatas traíram investidores para as margens dos rios e mudaram a paisagem, pois a partir deste crescimento social e esportivo no local, foram construídas casas de veraneio e importantes edifícios, como o Tigre Hotel e o Clube Tigre, ambos localizados nas margens do rio Luján (ASOCIACION ARGENTINA DE REMEROS AFICIONADOS, 18/05/2015). Assim, nasce a *Asociación Argentina de Remeros Aficionados del Rio de La Plata*, que assume a responsabilidade de organizar e supervisionar as regatas entre os clubes que tinham o Rio Luján, San Fernando, Campana e Zárate como palco, e, em paralelo, organizaram a *Comisión de la Regata Internacional del Tigre* – CRIT, que causou a dissolução da *Unión de Regatas del Rio de la Plata* (LICHT, 2013). Quando já tinham existido mais de 30 clubes de remo e natação disseminados em diversas regiões da Argentina, “a *Asociación Argentina de Remeros Aficionados del Rio de La Plata* passou a denominar-se *Asociación Argentina de Remeros Aficionados* – AARA”, em 1919 (LICHT, 2013, p. 72).

No Uruguai, a implantação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos ocorreu muito cedo, como foi citado anteriormente, entretanto, percebe-se que a disseminação não ocorreu de maneira abrangente, como demonstra o quadro 8. Este quadro ainda demonstra que os clubes de remo e natação uruguaios foram fundados em cidades distantes do Rio Grande do Sul.

<b>CLUBES DO URUGUAI – 1874-1923</b>	<b>LOCAL</b>	<b>ANO DE FUNDAÇÃO</b>
<i>Montevideo Rowing Club</i>	Montevideú	08/05/1874
<i>Club Nacional de Regatas</i>	Montevideú	13/05/1888
<i>Club de Remeros Paysandú</i>	Paysandú	06/01/1901
<i>Unión de Remeros del Uruguay</i>	Montevideú	23/01/1907
<i>Club Remeros Salto</i>	Salto	12/10/1916
<i>Deutscher Ruder Verein Montevideo</i>	Montevideú	20/12/1922

**Quadro 10 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos no Uruguai, do fim do século XIX até início do século XX, adaptado de Licht (2013).**

Eduardo Archetti (2003) ainda acrescenta que na América Latina o processo de trocas culturais ocorreu nos distintos países. Desta maneira, no Uruguai, o processo correu na mesma direção que na Argentina, por também ter sido colonizado por espanhóis. As cidades brasileiras próximas foram contaminadas em algum nível por meio do contato fronteiriço, como Jaguarão que faz fronteira com o Uruguai; as que se aproximavam da fronteira com os dois países, como Uruguaiana e Alegrete; e Pelotas e Rio Grande que tinham proximidade com Uruguai. As fronteiras enquanto linhas divisórias imaginadas permitem a construção de pontes entre indivíduos, que as utilizam para transpassar elementos culturais, tanto que os sul-rio-grandenses são chamados de gaúchos.

A localização do Rio Grande do Sul, uma área limítrofe, possibilitou que este estado fosse visto como parte tanto do Brasil quanto de outros países dependendo das forças históricas em jogo (OLIVEN, 1997). Outra evidência, que corrobora com essa afirmação é a de que “a linguagem dos gaúchos é recheada de expressões espanholas e seus costumes estão muito próximos de seus vizinhos argentinos e uruguaios” (MARRERO, 2006, p. 14).

Segundo o escritor Vitor Ramil (2009), em sua apresentação *A Estética do frio* no Théâtre Saint-Gervais, em Genebra, Suíça, no dia 19 de junho de 2003, como parte da programação *Porto Alegre, un autre Brésil* – mais tarde, transformada em livro -, em um país tão grande como o Brasil é difícil que as regiões se conheçam bem, que se utilizam de estereótipos e fixam imagens imprecisas umas das outras. O termo gaúcho “é, hoje em dia, um gentílico que designa os habitantes do Rio Grande do Sul, e o estereótipo do gaúcho é um dos mais difundidos nacionalmente, se não o mais difundido: misto de homem do campo e herói” (RAMIL, 2009, p.11).

De acordo com Petri (2008), essa alcunha advém da região do pampa (uruguaio e argentino) e avançou para além das fronteiras do Rio Grande do Sul e chegou para o restante do Brasil, que passou a reconhecer essa designação

como sinônimo de pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, os rio-grandenses-do-sul ou sul-rio-grandenses. Vitor Ramil (2009) complementa que o gaúcho é um tipo comum aos vizinhos Uruguai e Argentina, com a diferença de que nesses países *gaucho* – palavra em espanhol - é meramente o homem do campo. “É significativo que, no variado leque de tipos regionais brasileiros, esse mesmo gaúcho tenha se estabelecido como marca de representação de todos os rio-grandenses, justamente ele, que nos vincula aos países vizinhos, que nos ‘estrangeiriza’” (RAMIL, 2009, p. 12).

Para Marrero (2006, p. 14) “de modo geral, os gaúchos e *gauchos* são reconhecidos como um grupo de homens marcados por uma visível unidade cultural”. Isto ocorre devido sua origem étnica cultural, que é, basicamente, a mesma e reporta para uma herança ibérica, indígena e africana. Esta está associada “a atividades pastoris nas planícies do Pampa sul-americano, uma área geográfica extensa que sobrepõe os limites de fronteiras dos países da região (Brasil, Argentina e Uruguai)” (MARRERO, 2006, p. 14).

Assim se deu em razão da “força representativa do grupo de ‘gaúchos pampeanos’ que acabou emprestando seu nome aos habitantes do Rio Grande do Sul, a partir do início do século XX, seja ele do meio rural ou urbano” (PETRI, 2008, p. 231). Com esta representação, a acompanhou o imaginário que caracteriza esse grupo social e regional com identificações elogiáveis, tais como: a coragem a toda prova, a honra, a honestidade, o excelente caráter, o amor pela liberdade, a irreparável hospitalidade, o patriotismo (PETRI, 2008). Já para Ramil (2009, p. 11), “popularmente, é visto como valente, machista, bravateiro; um tipo que está sempre vestido a caráter e às voltas com o cavalo, o churrasco e o chimarrão”.

Verli Petri (2008) ainda acrescenta que o termo gaúcho carrega as relações sociais que lhe são atribuídas como constitutivas, uma vez que se vincula como “um integrante do grupo social constituído pela miscigenação racial própria do sul do Brasil (negros, índios, descendentes de europeus) e vinculado, atualmente, às lutas sociais pelos direitos à terra e à dignidade” (p. 231). Esta configuração estava e permanece viva principalmente no imaginário interiorano, onde a pecuária e agricultura foram as fontes econômicas e o trabalhador rural era a principal profissão. Como explica Ramil (2009, p. 12), “originalmente, gaúcho é o rio-grandense do interior, que trabalha a cavalo em fazendas de

criação de gado, o mesmo personagem que, no passado, participou das guerras e revoluções em que o estado se envolveu”.

Desta maneira, tanto o gaúcho platino, como o gaúcho rio-grandense, incorporaram à sua linguagem elementos indígenas e em menor escala, elementos africanos, mesclando-os ao português e espanhol (MARRERO, 2006). Enfim, inventaram uma região bilíngue, que vinculou os países de língua hispânica e portuguesa em um vocabulário próprio, com arcadismos de ambos os idiomas e mútuas interpretações e influências (REVERBEL, 2002). Quando da construção da identidade sul-rio-grandense, em um “processo de glorificação do gaúcho, que faz parte da construção social de sua identidade, torna-se necessário distingui-lo do gaúcho de outros países” (OLIVEN, 1989, s/p) e lembrar que, antes de ser gaúcho, era parte do Brasil.

A fundação do *Club Náutico Rio-Grandense*, em 1907, foi um dos primeiros indícios dessa movimentação para regionalizar os clubes de remo e natação, não apenas no caráter espacial, mas, inclusive, na esfera das representações culturais, o que vem a consolidar-se com a modificação do Comitê de Regatas para a instauração da Federação Rio-Grandense de Remo – FRGR -, possivelmente, isso aconteceu em reação às diversas modificações no cenário do esporte náutico e aquático nacional.

### **6.1 Representações regionalistas nas entidades náuticas e aquáticas**

Este subcapítulo trata da incorporação de diferentes representações sul-rio-grandenses no cenário esportivo náutico e aquático do estado. A idealização da Federação Rio-Grandense de Remo iniciou entre os membros do GRAT, mas os primeiros passos na direção da instauração de uma nova entidade dirigente partiram dos organizadores do Comitê de Regatas. Este só podia ser presidido por elementos dos clubes fundadores, todavia, para a organização do *Wanderpreiss* de 1907, o presidente convocou uma comissão com representantes dos clubes existentes na capital sul-rio-grandense (LICHT, s/dA). Desta forma, emergia a necessidade de reformulação do órgão responsável pela organização do remo no estado.

Outro fator motivador de uma transformação nesta direção era a instalação do Conselho Superior de Regatas no Rio de Janeiro. Como foi

comentado no capítulo 1 deste estudo, a União de Regatas Fluminense idealizada em 1895, mas oficialmente instalada em 1897 e modificada para Conselho Superior de Regatas em 1900 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 21/05/2015). De acordo com Cancelli (2011, p. 5), essa alteração advém do tentame de “dominar as sociedades de regatas, controlando a organização do remo nacional, mas este objetivo recebeu muita resistência de entidades que regulamentavam o esporte em outras regiões do país”. No entanto, sua denominação foi alterada novamente em 1902 para Federação Brasileira das Sociedades de Remo, quando começou a organizar os Campeonatos Brasileiros de Remo, o que reforçou a perspectiva unificadora do remo nacional almejado pela instituição carioca (REEBERG, 2007).

Quando decidiu assumir esse papel de entidade federativa brasileira do esporte do remo, nos seus códigos publicou que tinha como objetivos representar o esporte náutico brasileiro, defender seus interesses e promover seu engrandecimento. Ainda, sugere a abarcamento do código a todos os clubes de regatas existentes no país, desde que suas propostas fossem integralmente aceitas. Contudo, esta tentativa de conquistar um capital simbólico para esta instauração se deparou com resistências, existiam outras instituições regulamentadoras do esporte no país, como o Comitê de Regatas, o qual não aceitou ter um conselho regulamentador, o que fez com que “esta tentativa de unificação do controle do remo não teve o sucesso esperado pelos idealizadores” (CANCELLI, 2011).

De acordo com Bourdieu (2001) o poder simbólico é um modo pelo qual as classes dominantes (ou campos dominantes) são beneficiárias de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita exercer o poder. De tal modo que, a Federação Brasileira de Sociedades de Regatas foi buscar relações com a FISA, e, em 1903, esta entidade, em uma estratégia de domínio do campo esportivo em questão, passa a ser reconhecida pela entidade federativa mundial como a representante oficial do Remo brasileiro. Apesar de no seu quadro de clubes associados principalmente clubes do Rio de Janeiro, esta federação conseguiu dar os primeiros passos para tornar-se a atual Confederação Brasileira de Remo. Assim, ainda dentro das ideias de Bourdieu (2001), a vinculação da Federação com a FISA, como símbolo, tornou possível se obter o consenso acerca do

sentido do mundo social, o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante.

Conforme Oliven (1989, s/p), o estado do Rio Grande do Sul repetidamente é contraposto “como um todo ao resto do País, com o qual manteria uma relação especial, a ponto de ser às vezes chamado jocosamente por outros brasileiros de ‘este país vizinho e amigo do Sul’”. Historicamente, a tensão entre autonomia e integração é um tema recorrente na relação do Rio Grande do Sul com o resto do Brasil (OLIVEN, 1989). Isto pode ser visto no cenário dos esportes náuticos e aquáticos, quando da resistência do Comitê de Regatas a se filiar às diversas faces do Conselho Superior de Regatas.

A única referência a alguma influência deste Conselho nos clubes sul-rio-grandenses foi encontrada nos estatutos do CICDA, que determina que seus barcos devessem estar de acordo com as normas do Conselho Superior de Regatas (ESTATUTOS DO CLUB, 08/02/1909). Ressalta-se que o CICDA ainda utilizou a denominação antiga, mesmo esta não sendo mais usada a sete anos, talvez, pela resistência em aceitar a nova entidade. Outra evidência de tal situação é que a primeira referência à Federação Brasileira de Remo foi encontrada no jornal A Federação do dia 13 de junho de 1918, e estava relatava uma regata entre brasileiros e portugueses (MATCHS INTERNACIONAIS..., 13/06/1918).

Segundo o site da Confederação Brasileira de Remo (21/05/2015), a unificação entre as entidades estaduais aconteceu apenas em 1916, com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Juntamente com o remo e a natação, esta instituição passou a coordenar a maioria dos esportes praticados no Brasil. A nova entidade extraiu da Federação Brasileira de Sociedades de Remo a organização do Campeonato Brasileiro, a partir de 1919, o que a restringiu sua atuação ao Rio de Janeiro.

Provavelmente, diante do estabelecimento da entidade dirigente, os sul-rio-grandenses se viram obrigados construir uma nova representatividade para os esportes náuticos e aquáticos no estado. Após a instalação da Comissão Superior de Regatas para a organização do *Wanderpreiss* de 1907, os membros do GRAT convidaram representantes dos clubes existentes na cidade para uma reunião nas suas dependências, o que foi prontamente aceito, estavam presentes os clubes: RCPA, RVG, CRAT, CICDA e GNR. Como os RVF e o



GNA eram clubes juvenis não foram convidados para comparecer a esta assembleia. A exposição da ideia e o registro de fundação aconteceram durante as comemorações do dia 7 de Setembro, Independência do Brasil, onde estavam presentes autoridades, dentre elas, a do presidente do RCPA, indicado a assumir a presidência da entidade (TAMBÉM A ASSOCIAÇÃO..., 08/09/1908). Neste mesmo dia, o tenente Ildefonso Pinto<sup>56</sup>, orador militar, fez um discurso, que foi publicado pelo jornal *A Federação*, dias mais tarde (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908).

O orador inicia o texto elencando os barcos que desfilavam pelas águas do *Guahyba*, desde os de trabalho e lazer até os *gigs* esportivos, com destaque para a velocidade dos barcos esportivos, inclusive os com chaminés e os com mastros, “alvejam velas abertas, como azas de pássaros aquáticos que levantam voo; remos correrem para todos os lados, esgueirando-se ligeiramente entre os barcos” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p.1). Nesta descrição, percebe-se que existia uma grande quantidade de *gigs* distribuídos pelo lago *Guahyba* e que estes, para os treinamentos, não seguiam raias.

Em seguida, demonstra o viés positivista de sua formação ao conectar os tipos de barcos existentes à Lei dos 3 estados do francês Auguste Comte. “Chaminés, mastros, remos, caldeiras, velas forquetas, indicam os trez estados de evolução – força muscular, vento e vapor – que se sucederam na predominância e ainda coexistem” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p.1).

Auguste Comte foi o criador da doutrina positivista, esta surgiu na França no século XIX e era, primeiramente, um pensamento filosófico e social que valorizava a humanidade. “Em um segundo momento, após, o encontro do mentor da doutrina com sua musa inspiradora Clotilde de Vaux<sup>57</sup>, Comte reformulou o pensamento trazendo aspectos religiosos à doutrina que se tornou a chamada ‘Religião da Humanidade’” (NEVADO, 2008, p. 6).

A doutrina positivista foi disseminada pelo Brasil no fim do século XIX, no Rio Grande do Sul, ela foi introduzida, assimilada, aceita e praticada em vários

---

<sup>56</sup> Em Porto Alegre, há a Rua Dr. Ildefonso Pinto, no Bairro Santa Teresa, assim como, também, a Escola Estadual Ildefonso Pinto, localizada na Rua João S. do Amaral, 236, no Centro, e a Estação de Trem com o mesmo nome, demolida em 1972 (CHAVES, 20/05/2015; MACHADO, 2010).

<sup>57</sup> O relacionamento de Clotilde de Vaux e Auguste Comte foi publicado em livro: ROUVRE, Charles de. *L'Amoureuse Histoire D'Auguste Comte et de Clotilde de Vaux*. Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs, 1920.

aspectos, principalmente na política. Conforme Pezat (2006), a absorção do positivismo pela sociedade gaúcha, entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX, é um dos traços mais característicos da história e da cultura do Rio Grande do Sul, inclusive na conjuntura política e no projeto de poder praticado pelo Partido Republicano Rio-grandense no Rio Grande do Sul da Primeira República (PEZAT, 2006).

A lei dos 3 estados de Auguste Comte se refere aos três estados teóricos diferentes e irreduzíveis: O teológico, o metafísico e o positivo. No teológico o homem perscruta os seres nas suas causas e interpreta-os sobrenaturalmente. No metafísico os agentes sobrenaturais são substituídos por entidade abstractas que são a razão de todos os fenômenos. No positivo o espírito humano renuncia ao conhecimento absoluto para se entregar pelo raciocínio e observação às leis invariáveis de sucessão e semelhança (NEVADO, 2008). Comte ainda desenvolve a observação quando na Lei dos 3 Estados, ao referir-se à passagem do estado teológico para o metafísico, afirma que do mesmo modo que a teologia, a metafísica busca acima de tudo explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos; porém, em vez de utilizar os agentes sobrenaturais propriamente ditos, ela substitui-os cada vez mais por estas entidades ou abstrações personalizadas, cujo uso, verdadeiramente característico, permitiu chamá-lo muitas vezes, ontologia (COMTE, 1947). Nesse momento já não domina a pura imaginação, no entanto, não é ainda a verdadeira observação. É no estado positivo que o espírito humano acaba por renunciar às investigações sobre o absoluto e delimitar os seus esforços no campo da autêntica observação. É então que, sem remissão possível, a pura imaginação perde a sua antiga supremacia mental e se submete à observação.

Convergentemente vai estabelecer-se Auguste Comte que substitui Deus pelo Grande Ser que aparece como a personificação da ordem social e da própria sociedade. Comte sistematiza aquela evolução inter secular com a lei dos três estados, na busca de superar as teorias morais anteriores: a teológica e a metafísica:

...cada ramo dos nossos conhecimentos, passa sucessivamente por 3 estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício, o estado metafísico, ou abstracto, o estado científico ou positivo.

Noutros termos, o espírito humano, dada a sua natureza emprega sucessivamente, em cada uma das suas pesquisas 3 métodos de filosofar, de caracteres essencialmente diferentes e mesmo radicalmente opostos: primeiro o método teológico, depois o método metafísico e por fim o método positivo. Donde decorre a existência de 3 tipos de filosofia ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto dos fenómenos, que mutuamente se excluem: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, o seu estado fixo e definitivo; a segunda destina-se unicamente a servir de transição (COMTE, 1947, p. 30 ).

Na interpretação de Ildefonso Pinto, o vento configura-se no o estado teológico ou fictício, o ponto de partida necessário da inteligência humana; o vapor, o estado metafísico, ou abstrato, destina-se unicamente a servir de transição; e a força muscular era o conhecimento científico ou positivo, o seu estado fixo e definitivo da evolução. Desta maneira, caracteriza a prática de esportes, no caso o remo, como o estado positivo, que a doutrina positivista, seguida por muitos sul-rio-grandenses e vista como verdade, determinava como o estado de perfeição do conhecimento, certificado pela evidência que provém da demonstração. Este dado revela o imaginário predominante em torno dos esportes naquele período, pois expressa a interpretação do pensamento dominante em relação da prática do remo, provavelmente, um dos fatores que contribuiu para a disseminação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul.

Este discurso envolveu os esportes náuticos e aquáticos de forma gradual, mas estava presente deste o princípio, um dos primeiros indícios dessa maneira de olhar foi adesão de Luiz Englert - associado do Partido Republicano Rio-grandense, partido permeado pelo ideário positivista (QUEIRÓS, 2008) - desde o início da construção deste cenário esportivo. Tal conjuntura ganhou força com inserção do GRAT e seus idealizadores, oficiais de alta patente da Marinha Brasileira formados na Escola Militar da Praia Vermelha, que eram considerados os oficiais “científicos”, segundo Góis Júnior (2006), ser positivista neste período era, sobretudo, acreditar na ciência, ser um cientificista. Juntamente com esses militares estava o médico Ricardo Machado, também adepto do ideário positivista (WEBER, 1999). De acordo com Góis Júnior (2006), a Educação Física e os esportes no Brasil ganham espaço graças a esta abordagem científica, “concebe-se a ideia de que a Educação Física, como

prática defendida pelos militares, logicamente, teria uma tradição positivista desde o século XIX” (GÓIS JÚNIOR, 2006, s/p).

Após essa explanação positivista, Ildefonso Pinto (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908) relaciona o movimento do remo em escaleres com o alívio sentido pelos passageiros dos barcos que se utiliza as hélices, como o primeiro sinal de a chegada ao destino está próxima “A pancada subtil do remo soa melhor, então, para quem só tem ouvido o rumor da hélice” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1). Em seguida, lembra que o mesmo movimento era exercido pelos trabalhadores da pesca, que movimentavam o trapiche perto do Mercado Público Municipal, onde os peixes eram vendidos, “é elle [o remo] que dá o pão aos filhos de muitos pobres” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908). Ainda, que remar é uma importante ferramenta dos tripulantes dos barcos em caso de naufrágio. Após, refere o remo nos clubes, como esporte e lazer “nos clubs de regatas o remo serve ao mesmo tempo de diversão e de exercício muscular” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1). Assim, organizou em uma ordem linear uma espécie de historiografia da prática, que inicia em uma forma utilitária, que ganha representações de lazer e chegar ao esporte institucionalizado.

Outro ponto lembrado foi como as festas das regatas são bem recebidas pela população, “por meio dellas o remo ajuda a cultivar a sociedade humana e a repousar do afan quotidiano, salutar distração ao espírito” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1). Quando inicia seu discurso quanto aos benefícios físicos da prática, faz a vinculação com os gregos e resgata que os esportes já eram praticados pelos povos da antiguidade, que eram considerados sábios, por terem grandes filósofos, “outr’ora os gregos cuidavam muito da educação física [...]. Havia festas de grande aparato, nas quaes os vencedores dos torneios recebiam prêmios, como sucede hoje com regatas, por exemplo” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1). Apesar da conexão entre os períodos, da Grécia Antiga com o início do século XX, o autor (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908) lembra que, na Antiguidade, as práticas eram preparação corporal dos soldados, para conservação humana nos conflitos e guerras. Mas que na Era Moderna, o exercício físico era destinado a “augmentar a força muscular, promover a robustez physica e restabelecer o equilíbrio orgânico, produzindo a saúde e o bom humor” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1).

O longo discurso se encaminha para felicitar o GRAT pelo aniversário de fundação, “que seus barquinhos delgados, ligeiros, sejam e victorias alcancem, nos pareos que correrem” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1), para, em seguida, instaurar a fundação da federação de remo, “Ella promoverá a união dos remadores, dará mais disciplina e espírito de unidade as regatas, fará muito pelo desenvolvimento do *sport*” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1).

Destaca-se a ênfase dada à questão de que a entidade irá promover a união, reforçada no parágrafo seguinte “que todos os sócios do remo tenham o sentimento de pertencerem a uma unidade maior, e o espírito de corporação há de penetrai-os” (7 DE SETEMBRO, 18/09/1908, p. 1), que demonstra, mais uma vez, a tendência positivista. A linha de pensamento da doutrina positivista era sintetizada em sete palavras: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático, elaborada em um sistema de valores adaptado à realidade vivida naquela época da Revolução Industrial, que valorizasse o ser humano, a paz e a concórdia universal. A crença da ciência como a verdade se estabeleceu ainda mais nos clubes de esportes náuticos e aquáticos, com o advento do ano de 1909, dois clubes instauram as salas de ginástica para os remadores e nadadores, no GRAT e no CICDA (LICHT,s/dG; LICHT, s/dM), inspirados no exemplo dado pelos esportistas de Harvard.

Percebe-se, também, que o orador realça um novo momento no cenário dos clubes esportivos náuticos e aquáticos, possivelmente, em razão das modificações advindas com a transformação da entidade organizacional, onde o idioma da comunicação interna foi modificado para o português brasileiro e a diretoria passa a aceitar membros de não sejam teuto-brasileiros, representação reforçada pela escolha da data de instauração, o Dia da Independência do Brasil. Embora a mudança fez a entidade desenvolver uma identificação mais próxima de uma brasilidade, o fator imigração europeia ainda era muito forte em Porto Alegre, pois quando aconteceria a sua primeira regata foi anunciada a morte do rei da Inglaterra, Eduardo VII, o que levou os organizadores a transferir a data da competição (AVISO, 07/05/1910), o Campeonato de Porto Alegre.

O primeiro Campeonato de Porto Alegre ocorreu no dia 15 de maio de 1910, o anuncio foi feito juntamente com uma lista dos clubes federados, ressalta-se que dentre estes estavam apenas clubes porto-alegrenses, RCPA, RVG, GRAT, CRAB, GNR, CICDA, apesar da denominação da entidade ser uma

afirmação da abrangência de todo o Rio Grande do Sul e existir clubes de esportes náuticos e aquáticos em Rio Grande e Pelotas (REGATAS – CAMPEONATO, 14/05/1910). Um dos páreos foi especialmente batizado de Federação Brasileira das Sociedades de Remo, com destaque para o comentário: “Homenagem á co-irmã do Rio de Janeiro” (REGATAS – CAMPEONATO, 14/05/1910, p. 1), ao mesmo tempo que faz o tributo ressalta que são co-irmãs, ou seja, estão em nível de igualdade hierárquica.

A organização da regata foi cuidadosamente preparada, inclusive com as orientações sobre a raia, que “foi construída por profissionaes, de conformidade com o que preceituam os artigos do código da federação” (REGATAS – CAMPEONATO, 14/05/1910, p. 1). Além disso, a nota jornalística avisa sobre o policiamento embarcado da região e demonstra o apoio da autoridade responsável, “embarcações estranhas ás regatas e ao serviço de policiamento, deverão conservar-se fora dos limites de raia, sob pena de incorrerem nas multas a que estão sujeitos pela capitania do porto” (REGATAS – CAMPEONATO, 14/05/1910, p. 1).

Indícios extraídos da nota jornalística sobre como se desenvolveu a competição demonstram como as regatas atraíam os porto-alegrenses, “a concorrência foi extraordinária, principalmemente de exmas. famílias” (SECÇÃO SPORTIVA – REGATAS, 16/05/1910, p. 4), bem como que a preferência dos expectadores era para o GRAT, “notava-se logo que a corrente de sympathias era para a galharda tripulação do ‘gig’ <Tijuca>, do <Grêmio Tamandaré> [...]. Estrondosa aclamação, que attingiu o auge, coroou a nova surpreendente vitória do glorioso <grêmio Tamandaré>” (SECÇÃO SPORTIVA – REGATAS, 16/05/1910, p. 4).

O sucesso da inauguração foi bastante comentado pelos jornais locais, no entanto o evento seguinte da FRGR foi o ponto de partida para transformações da conjuntura destes esportes, como distanciamento e inserção de clubes, remodelação da entidade organizacional e o surgimento de uma nova prática esportiva.

## 6.2 Práticas e representações culturais dos esportes náuticos e aquáticos

O presente subcapítulo interpreta como ocorreu a inserção de novas práticas e representações nos clubes náuticos e aquáticos. A segunda edição do Campeonato de Remo organizada pela FRGR, da mesma forma que a primeira, atraiu um grande número de pessoas para a assistência, principalmente torcidas dos diferentes clubes que integravam a entidade. Era grande a expectativa quanto a regata, encarada como uma festa “Entre a marujada de nossos clubes reina o maior entusiasmo para a festa” (REGATAS, 12/05/1911, p. 4). Percebe-se um avanço na organização das regatas por meio da nota jornalística do jornal A Federação, no dia anterior à disputa já divulgava a organização dos barcos nas balizas de acordo com cada páreo, bem como a distribuição dos juízes de saída, percurso e chegada, destaque para um novo equipamento, o cronômetro, este foi manipulado por George Verschoore (REGATAS, 12/05/1911, p. 4). De acordo com Guttman (1978), o cronômetro é tido como um símbolo do desenvolvimento do esporte moderno, que fortalece a característica quase inevitável da sociedade moderna de transformar o feito esportivo em algo que pode ser quantificado e medido.

O interessante do aparecimento do cronômetro justo nesta competição foi por ter ocorrido um desentendimento na decisão de qual barco foi o vencedor do prêmio principal. Conforme Silva e Mazo (2013), nesta competição houve um conflito entre as torcidas de dois clubes porto-alegrenses: o RVG e o GRAT. Neste evento, o RVG foi declarado vencedor, gerando descontentamento da torcida adversária. O confronto entre os torcedores ficou conhecido como o Conflito do Trapiche Preto (SILVA, 2011). A festividade iniciou com entusiasmo, “o magestoso Guahyba, como sempre acontece nessas ocasiões, estava literalmente qualhado de embarcações de toda a espécie, embandeiradas em arco, com galhardetes tremulando à festiva brisa que encrespava de leve as águas do rio” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1).

Anteriormente ao confronto entre o RVG e o GRAT, esta competição inovou e elaborou um páreo para jovens remadores, apesar dos clubes juvenis citados anteriormente não fazerem parte da entidade, “os juízes de saída deram o signal da saída do 1º pareo para a disputa da <Taça Conselho Municipal>, em 1.000 metros para remadores juniors que não tivessem tomado parte em

regatas externas” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1). Este páreo expandia a atuação da FRGR para outras categorias e abria a possibilidade de introdução do RVF.

No páreo principal a competição era entre os barcos *Brunhilde* do RVG e o *Tijuca* do GRAT, “eram essas duas sociedades que haviam levantado no animo dos expectadores uma formidável expectativa, tal o equilíbrio de suas forças, tal a confiança que depositavam nas suas adestradas guarnições” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1). A disputa foi ferrenha, “nos 500 metros a lucta tornou-se épica” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1), porém um incidente comprometeu o fim da competição que prometia ser histórica, “ao chegar á balisa o *Brunhilde* não pode entrar porque a sua havia caído, estacando imediatamente. Neste ínterim, o *Tijuca* com um vigoroso impulso alcançou a balisa passando de raspão pelo *Brunhilde* que estava parado” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1). A guarnição do GRAT chegou à frente, seguida pela do RVG, porém a equipe do primeiro fora desclassificada por delito de raia.

Ao perceber que o primeiro lugar fora concedido para o clube teuto-brasileiro, a torcida do GRAT, no momento em que os juízes hasteavam a bandeira do clube rival, não admitiu a ausência da bandeira de seu clube no mastro da vitória. Ainda, “no meio do tumulto silvavam as bengaladas de parte a parte, saindo diversas pessoas com ferimentos e contusões” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1), assim como pessoas foram atiradas no *Guahyba*. “Os tamandaristas, não se conformando, pediram para ser retirado o referido pavilhão, não sendo atendidos, como era de esperar” (REGATAS, 1911b, p. 2), fato que causou imensa revolta nos torcedores. Assim, o foco dos torcedores foi ferir a principal representação da associação adversária: a sua bandeira (SILVA; MAZO, 2013). Apesar de o GRAT devolver uma nova bandeira ao RVG, juntamente com um pedido de desculpas, buscou esclarecer que tal atitude foi tomada por alguns de seus associados, que não representam a coletividade do clube (LICHT, s/dG).

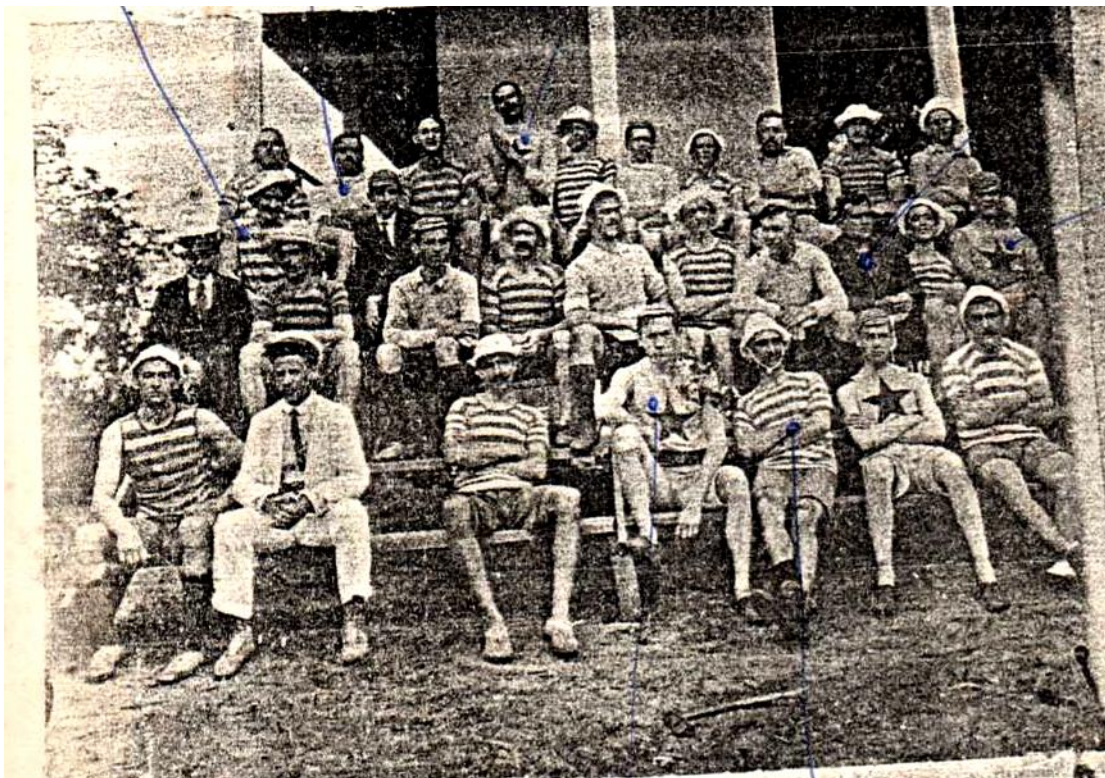
Em Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX, a violência entre torcedores e atletas não possuía grande incidência nas reportagens de jornais, apesar de notas sobre os acontecimentos no campo esportivo do remo serem frequentes. É possível que os casos de violência fossem escassos. Talvez porque o remo seja um esporte sujeito a regras precisas e com pouco contato entre seus praticantes. Provavelmente, os confrontos ficaram relegados às lutas



de representações (CHARTIER, 2002) entre os clubes, que com a intenção de determinar uma relação simbólica de força, buscavam, nas representações, as suas armas para a diferenciação. Segundo Chartier (2002, p. 94-95), os “confrontos sociais fundados nos afrontamentos diretos, brutais, sangrentos, cedem cada vez mais lugar a lutas que tem por armas e por fundamentos as representações, chamadas de lutas de representações”. A não violência do ambiente interno da prática estipulava que apenas no ambiente externo conflitos diretos pudessem ser manifestados, no entanto conflitos diretos entre torcidas não eram habituais. No remo, os confrontos permitem alcançar a vitória sobre os outros por meio de uma luta física, sem provocar danos físicos, caracterizando-se como um esporte moderno amparado na racionalização (GUTTMANN, 1978).

Este conturbado acontecimento foi registrado pelo jornal como “lamentável incidente, abalando em sua constituição íntima a útil Federação” (REGATAS, 16/05/1911, p. 1), de maneira que fez com que o Conselho Superior da FRGR se reunisse e tomasse a decisão de anular o páreo, assim como suspender os direitos do GRAT como clube filiado (LICHT, s/dG). Dias depois dessa decisão, a FRGR foi dissolvida, o que gerou uma pausa nas competições entre clubes e limitou as regatas no *Guahyba* à disputas apenas entre barcos do mesmo clube.

Tanto que, após a reportagem sobre o Conflito do Trapiche Preto, não foram encontradas referências sobre a FRGR nos jornais. Assim, na esfera dos clubes sucedeu um marasmo esportivo e originou um isolamento entre os clubes. Todavia, em outubro de 1911, essa situação foi rompida, quando Carlos S. Arnt, presidente do RVF, que não era filiado à FRGR, convidou os clubes para uma regata de estafetas, em que barcos da mesma equipe se revezavam no percurso. Durante essa festividade, em 23 de novembro de 1911, os clubes decidiram reunir-se em uma nova associação: a Liga Náutica Rio-Grandense – LNRG (MAZO, 2010), com a exclusão do GRAT. Apesar da nova entidade, não foram realizadas regatas os clubes imediatamente após a inauguração da LNRG, ficou a cargo das associações a realização de disputas interclubes. A imagem 21 demonstra que os clubes RCPA e o CRAB buscaram a integração como forma de continuar com as atividades, onde podemos ver os remadores uniformizados de ambos os clubes juntos, os “Zebrados” e os da “Estrela Solitária”.



**Imagem 21 Remadores do RCPA e do CRAB (acervo particular de Henrique Licht, 1912).**

Como estratégia de sobrevivência do clube e continuar fornecendo atrações para os associados, além das regatas, campeonatos de natação internos e excursões, membros do GRAT fundaram o *Rowing Foot-ball Club Tamandaré*, voltado para a prática do futebol, em Junho de 1912 (LICHT, s/dG). Neste mesmo mês foi organizada uma excursão com várias guarnições do GRAT para o Saco dos Navegantes, onde foi organizado um jogo de futebol com associados do *Rowing Foot-ball Club Tamandaré*, em um terreno próximo ao local (LICHT, s/dG). Com as disputas futebolísticas deste clube de futebol, o GRAT ganhou espaço e fama, pois no novembro seguinte foi convidado pela diretoria do Grêmio *Foot-ball* Porto-Alegrense para a organização de uma regata interna em homenagem às equipes de futebol do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que estavam na cidade para as comemorações de aniversário do clube (SPORTS FOOTBALL, 21/11/1912).

Esta ligação da GRAT com os clubes de futebol se repetiu no ano seguinte, quando o *Sport Club Internacional* o convidou para organizar uma regata comemorativa à presença da delegação de futebol do *Guarany Foot-ball Club* de Bagé (LICHT, s/dG; SPORTS FOOT-BALL, 28/08/1913). O

esmorecimento de disputa entre clubes não afetou fortemente o GRAT, de acordo com Licht (s/dG), os treinamentos continuaram e dois treinadores eram responsáveis pelo aperfeiçoamento da técnica, um seguia a escola francesa e o outro utilizava a técnica de remada italiana, o que vez com que, desta vez, os barcos esportivos fossem encomendados da França e da Itália, possivelmente, por estes terem estruturas diferenciadas dos barcos alemães, de onde eram encomendados a maioria dos artefatos esportivos náuticos.

Em comparação com as atividades do GRAT, os outros clubes filiados a LNRG foram os que passaram por um amortecimento das atividades, apenas algumas poucas atividades foram encontradas. O RCPA passou por dificuldades em razão da solicitação da Intendência Municipal para a demolição da sede do clube na Praça da Alfândega e a estruturação da nova sede. O CRAB homenageia o RCPA e CICDA e oferece a primeira estaca das novas sedes que estavam sendo construídas. No RVG um importante novo momento se inicia, as mulheres disputam a primeira regata interna em 14 de outubro de 1913 (LICHT, s/dA; LICHT, s/dB; LICHT, s/dG; LICHTs/dH; LICHT, s/dM). Além dos barcos vindos da França e Itália, o GRAT mais uma vez avança em novos artefatos para incrementar os treinamentos, como uma rampa de acesso ao *Guahyba* que arma e desarma, que facilitou a introdução do barco de oito remadores nas águas (LICHT, s/dG).

Como ocorria todos os anos, o GRAT organizava regatas em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, contudo, no ano de 1914, o clube preparou uma novidade, uma disputa de *Waterpolo*. A notícia da nova prática alcançou o interior do estado, os jornais da cidade de Pelotas divulgaram o acontecimento “pela 1ª vez no estado, realizou-se, em Porto Alegre, uma partida de water-polo. Coube ao Grêmio Almirante Tamandaré a apresentação desse gênero de esporte que no Rio de Janeiro foi muito aceito” (PELO ESPORTE, 10/02/1914, p. 1).

A participação do GRAT ganhou maior destaque a partir deste ano, pois os barcos do clube passaram a transportar e guardar o andor da imagem da Santa. Para tanto os remadores representantes estavam devidamente uniformizados (17 HORAS, 25/01/1914): “O luzido G de R A Tamandaré formará em guarda de honra ao andor da padroeira dos marítimos e somente a elle cabe a condução daquelle andor” (O LUZIDO..., 01/02/1914, s/p). Conforme Licht

(2007), esse ritual de transporte do andor pelo GRAT iniciou em 1914 e se repetiu até 1930, em razão do incentivo do timoneiro Armando Pitta Pinheiro.

Após o cortejo náutico, a festividade foi continuada com os páreos da regata interna do GRAT e o jogo de *Waterpolo*, que o jornal o Correio do Povo chamou também de *hand-bool*, “jogaram em seguida o water-pólo ou hand-bool, interessantíssimo e que pela primeira vez foi jogado nesta capital” (FESTA DE N. S. DOS NAVEGANTES, 02/02/1914, s/p). Juntamente com as disputas esportivas, o GRAT fez demonstrações que provocaram o riso dos expectadores, uma corrida em tinhas e um jogo aquático, o ‘pega o pato’.

Segundo o Correio do Povo (FESTA DE N. S. DOS NAVEGANTES, 02/02/1914), “a pega o pato constituiu o clou da festa tamandarista. Boas gargalhadas provocou a jocosa diversão. Após mil incidentes foi o pato seguro pelo Sr. Girolami” (FESTA DE N. S. DOS NAVEGANTES, 02/02/1914, s/p). Já a corrida em tinhas - que é um recipiente para carregar água e/ou roupas, semelhante a uma grande bacia - “provocou boas gargalhadas entre os assistentes, visto que todos os corredores não conseguiram percorrer muitos metros, por terem naufragado” (PROCISSÃO MARÍTIMA, 03/02/1914, s/p).

Percebe-se o riso como fator social nas demonstrações do GRAT. Tais desempenhos podem ser vistos como alternativas cômicas aos páreos de regatas e ao jogo de *waterpolo*, possivelmente, em virtude da tensão que existia entre os clubes. A piada seria uma ruptura com a ordem, uma forma de ataque ao controle social. Ela teria um efeito subversivo em relação à estrutura de ideias dominantes, ao se configurar como uma estrutura alternativa àquela já dada (DOUGLAS, 1993). O caráter “anti-ritual” da piada, defendido por Douglas (1993), envolve uma crítica à hierarquia e aos valores dominantes.

Saliba (2002) define que é na sociedade que se acha a resposta para o riso e não na natureza humana, de forma que o ato de rir é provocado por um estímulo social e cultural, recheado de significados. Para existir o humor é preciso existir o desconhecido, o senso comum é rompido, o inesperado é evocado em um momento supremo, que se realiza num átimo, porque a história se movimenta novamente e o sentido do novo se esvai. Como na frase do autor (2002), de que “a representação humorística é uma epifania da emoção” (SALIBA, 2002, p. 29).

De acordo com Propp (1992, p. 32) “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico”, afirmação que vai ao encontro do pensamento de Burke (2000, p. 94), de que as piadas “são difíceis de traduzir de um período para outro e de uma cultura para outra”, pois mudam com o passar dos séculos e de acordo com cada cultura. Burke (2000) diz que as brincadeiras são como uma medida padrão social que revela as tensões específicas de determinadas culturas. Entretanto, provavelmente, na atualidade, tais manifestações ainda seriam motivo de riso para uma plateia, como no pensamento de Vigarello (SANT’ANA, 2000, p. 227) que salienta “a necessidade de mostrar a distância entre sensibilidades de outras épocas e aquelas que experimentamos em nossos dias [...] para melhor compreender a si mesmo e a sociedade atual”.

As notícias sobre os festejos repercutiram nos dias que se seguiram, ainda destaque nas notas jornalísticas, que destacavam a primeira demonstração de *Waterpolo* e a festa veneziana também elaborada pelo GRAT. A primeira notícia sobre o *Waterpolo* foi encontrada no jornal A Federação de 28 de novembro de 1911, sobre um jogo disputado na França (WATER-POLO, 28/11/1911), de onde, possivelmente, devem ter vindo as primeiras manifestações desta prática, pois o treinador de remo, Carlos Soares Bento seguia a escola Francesa e mantinha comunicações com este país (LICHT, s/dG). A próxima nota jornalística sobre este esporte encontrada é datada em 28 de abril de 1913, sobre uma competição ocorrida no Rio de Janeiro (CORRIDAS DE NATAÇÃO, 28/04/1913).

Mais tarde, o esporte denominado em inglês passa para o português e é chamado de polo aquático. De acordo com Donev e Aleksandrovic (2008, p. 16), o waterpolo iniciou na Inglaterra, mas foi aceito e melhorado na Escócia, “so at the beginning of 20th century it became popular across Atlantic Ocean as well, and then across the globe. Men's water polo was the among the first team sports introduced at the modern Olympic games in 1900”<sup>58</sup>. Conforme o Manual de Pólo Aquático da Escola de Educação Física do Exército (1965), esta prática foi criada na Inglaterra, na cidade de Glasgow foi onde ocorreram as primeiras

---

<sup>58</sup> Tradução livre: “Assim, no início do século 20, bem como se tornou popular em todo o Oceano Atlântico e, depois, em todo o globo. Entre os esportes de equipe, o polo aquático masculino foi o primeiro introduzido nos Jogos Olímpicos da era moderna, em 1900”.

manifestações, por volta de 1876, todavia, já fez parte da segunda edição dos Jogos Olímpicos de 1900, o que demonstra que esse esporte era praticado em diversos países, principalmente na Europa (COLLI, 2004), como Inglaterra, França, Bélgica, Hungria, Alemanha e Suécia (ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, 1965; BRASIL, 1966).

No Brasil, foi por meio das notícias sobre os Jogos Olímpicos de 1908 que a denominação *waterpolo* chegou nos jornais (JOGOS OLÍMPICOS, 18/07/1908). Entretanto, haviam jornais que tratavam do assunto, como na propaganda, no O Paiz do Rio de Janeiro, de um livreiro que oferece o livro *Sports Athléticos*, do autor E. Weber, que trata de vários esportes como “gymnastica, natação, water-polo, corridas a pé, concursos athleticos, lançamento de disco, lançamento de peso, saltos, foot-ball association, foot-ball rugby, tennis, pelota basca, rockv, croquet e systema das poules” (H. GARNIER, 24/05/1907, p. 8).

A primeira notícia sobre uma competição brasileira de *waterpolo* ocorreu no Rio de Janeiro, em 29 de março de 1913, “pela primeira vez jogada dentro de todas as regras” (CONCURSOS AQUÁTICOS, 29/03/1913, p. 26), porém a primeira informação sobre esta prática foi divulgada pelo jornal A Federação apenas em 21 de janeiro de 1914, sobre um jogo ocorrido no Rio de Janeiro (NACIONAL, 21/01/1914). Esta diferença entre datas dá indícios do tempo em que tal esporte levou para começar a ser praticado no Rio Grande do Sul, assim como as possíveis origens da implantação. Além de demonstrar que, com alguns anos de antecedência da introdução em Porto Alegre, já existia o conhecimento da existência do *waterpolo*, mas que para este ser inserido no cenário esportivo foi necessário buscar alternativas às regatas.

A primeira disputa sul-rio-grandense, na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de 1914, foi descrita com detalhes e a equipe campeã registrada em fotografia (imagem 22). A competição era entre o time branco e o azul, identificados pela cor da touca, o vencedor foi o branco (FESTA DA N. S. DOS NAVEGANTES, 03/02/1914), como pode ser visto na imagem 22, onde os competidores estão posicionados de acordo com a disposição de jogo, com o goleiro em pé atrás e o central segura a taça. O goleiro, chamado de *goal-keeper* pelos jornais, era Armando Pitta Pinheiro, um dos principais timoneiros do GRAT (GRÊMIO DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO, 05/05/1914).





**Imagem 22** Time vencedor do primeiro jogo de *Waterpolo* [polo aquático] do Rio Grande do Sul (LICHT, s/dG).

Segundo o jornal *Correio do Povo* (PROCISSÃO MARÍTIMA, 03/02/1814), o público estava ansioso para assistir o jogo de *waterpolo*, este foi descrito como futebol na água, “esse novo gênero de Sport conquistou, desde o início do jogo, as simpatias dos assistentes, que não cessavam de aplaudir os feitos brilhantes deste ou daquele jogador” (PROCISSÃO MARÍTIMA, 03/02/1814, s/p). Os jogos de *waterpolo* passaram a fazer parte das programações das regatas, e ganharam novos adeptos, na disputa seguinte as cores das toucas foram rosa contra azul (GRÊMIO ALMIRANTE TAMANDARÉ, 1/05/1914). Posteriormente, os outros clubes esportivos náuticos e aquáticos inseriram em seu quadro de atividades o *waterpolo*, o RCPA no ano seguinte já estava com time composto e na eleição de sua diretoria expôs o nome do treinador de *waterpolo* e natação, Armando L. Antunes (ROWING, 07/03/1915). Como indica o nome deste treinador, o RCPA já não se identificava como um clube de apenas teuto-brasileiros, pois a última ata escrita somente em alemão foi datada em 05 de

março de 1914, após este dia, as atas passaram a ser regidas em alemão e português (LICHT, s/dA).

Nesta festa de Nossa Senhora dos Navegantes em 1914, o GRAT investiu esforços, talvez para oferecer aos associados entretenimentos alternativos às regatas competitivas entre os clubes ou, até mesmo, para se manter vivo, apesar de excluído, no espaço no cenário esportivo, ainda abalado após o Conflito do Trapiche Preto (SILVA; MAZO, 2014). Outra atração elaborada pelo clube foi a Festa Veneziana, que, além de ter um apelo europeu, era um espetáculo de luzes, “podemos dizer que, com chave de ouro, aquele centro de canoagem encerrou as festas dedicadas àquella Santa” (PROCISSÃO MARÍTIMA, 03/02/1814, s/p). Desta forma, insere-se em um caminho de conquista de expectadores e de permanecer em destaque na imprensa, para tanto utiliza o espetáculo da Festa Veneziana, bem como as práticas cômicas citadas anteriormente, “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível” (DEBORD, 1997, p. 11).

Uma grande multidão estava presente, tanto na garagem náutico do GRAT, quanto à Praça Senador Florêncio, fronteira ao *Guahyba*, todos aguardavam a saída das embarcações iluminadas com lâmpadas elétricas e lanternas. O clube colocou quase toda a sua frota de barcos, devidamente enfeitados, para a exposição: Tupy, Tijuca, Tieté, Tapuya, Toropy, Tapajoz, Tymbira, Tamoyo, Tagyra e Tabajara, assim como dois escaleres e uma lancha. O *gig* Tijuca era o responsável por conduzir a imagem da Santa. “A directoria do Tamandaré deve estar satisfeita com o sucesso da festa veneziana e com as manifestações de apreço que lhe tributou o público porto alegreense” (PROCISSÃO MARÍTIMA, 03/02/1814, s/p). O ritmo de eventos em que o GRAT se envolvia continuou intenso, no ano seguinte foi disputar uma prova na capital do Uruguai. Todas essas atividades do GRAT com a cobertura da imprensa estimulou a constituição de novos clubes. Um novo clube de italianos e descendentes foi idealizado neste período, porém com poucas informações sobre o desenvolvimento do mesmo, o *Rowing Club* Ítalo-Brasileiro congregou a comunidade ítalo-brasileira residente no bairro Menino Deus, onde havia um balneário às margens do *Guahyba*, em 1914 (LICHT, s/dL). “O arraial do Menino



Deus era um dos destinos preferidos para a vilegiatura campestre, e as praias do rio Guahyba também ofereciam lazer e descanso a seus visitantes” (CORREA, 2010, p. 178).

Outro clube com representações de estrangeiros foi idealizado em 1914, mas, desta vez, os elementos eram latino-americanos, “membros das colônias uruguaias e argentinas aqui radicados, tratam da fundação de um Centro de Remo em Porto Alegre” (LICHT, s/dJ, s/p). Possivelmente, estimulados pelo consulado uruguaio, que começava a prestar atenções aos esportes, principalmente ao remo.

Os destaques do GRAT nos meios de comunicação e no desenvolvimento de atividades sociais contribuíram para que o clube voltasse a fazer parte da LNRG. Tanto que no mesmo ano da grande festa organizada pelo clube em homenagem a padroeira de Porto Alegre, o GRAT retornou para a LNRG e competiu com os demais clubes a primeira regata externa organizada pela entidade (CASTELLO, 1923). Esta regata fez com as expectativas sobre as competições crescessem novamente, como demonstra a nota jornalística: “Continuam com muita assiduidade os trainings dos nossos clubs de regatas para as próximas corridas em abril. As tripulações do Barroso, Germania, Tamandaré, Ruder Club, Freundschaft e Canotieri fazem diariamente suas puxadas” (ROWING, 07/03/1915, p. 6).

Neste mesmo jornal, o assunto sobre a participação do GRAT em uma competição internacional foi abordado com expectativa, “cresce o interesse despertado em nosso mundo sportivo pela regata internacional a realizar-se em Montevideo” (ROWING, 07/03/1915, p. 6). Esta foi a primeira participação de um clube sul-rio-grandense em uma regata internacional, assim cada novo acontecimento era divulgado para os veículos de comunicação, como a pesagem dos remadores sob os olhares do secretário do consulado uruguaio, “os remadores foram pesados com o respectivo fardamento, que consta calção, camiseta e sapatos de lona” (ROWING, 07/03/1915, p. 6). O entusiasmo alcançava também o interior do estado, principalmente as cidades próximas do Uruguai, como foi descrito: “sabemos que muitos excursionistas das cidades do interior e fronteira do nosso Estado acompanharão a missão do Tamandaré á capital uruguaia” (ROWING, 07/03/1915, p. 6). Embora a fronteira tenha elementos culturais dos países latinos vizinhos, nesta luta de representações

desenvolvida a partir do esporte, o sentimento de pertencimento à pátria faz com que sejam reafirmados os laços com a nação.

Esta competição internacional foi denominada pelo jornal como Campeonato Sul-americano de *Rowing* (EXCURSÃO MONTEVIDEO, 27/02/1915). O cônsul do Uruguai em Porto Alegre foi o responsável pelo convite feito ao GRAT, ele anteriormente já se empenhava na busca de conduzir uma das associações de remo para este regata, porém sem sucesso, até aquele momento. Para essa competição, o cônsul disponibilizou passagens e hospedagem para os remadores, que excursionaram durante todo o mês de março de 1915 pelo Uruguai (EXCURSÃO MONTEVIDEO, 27/02/1915). Para tanto, os esportistas fizeram muitos treinamentos no mês de fevereiro.

A inscrição oficial do clube foi publicada nos jornais com a reprodução de um ofício enviado pelo GRAT para o chanceler do consulado uruguaio estabelecido em Porto Alegre, “venho de ordem do senhor presidente [do GRAT], comunicar-vos que o ‘Grêmio Almirante Tamandaré’ tem a subida honra de inscrever-se em as referidas regatas” (GRÊMIO ALMIRANTE TAMANDARÉ, 05/03/1915, p. 5). Neste ofício o secretário do GRAT também agradece à *Comisión Nacional de Educación Física*, criada em 1911 pelo governo Uruguaio.

Em lei, esta entidade consagrou os seguintes fins: a) Organizar tudo que se relaciona com os concursos anuais na República do Uruguia; b) A formação de Associações de cultura física racional; c) Relacionar Associações Nacionais existente, entre si e com as estrangeira, unificando ação e métodos; d) Publicar revistas especiais e livros de propaganda popular; e) Incentivar a criação de parques, ginásios, banhos públicos e estandes de tiro; f) Para obter das autoridades, corporações e indivíduos, alocações, doações e outros recursos para a promoção da cultura física no país; g) Organizar palestras públicas em instituições nacionais, para os pais, sobre a saúde da criança; h) Combater as causas da deficiência física na infância e juventude, de todas as classes sociais; i) Projetar um plano racional de educação física obrigatória nas escolas de ensino primário e estabelecimentos de ensino secundário (LEY N° 3.789/1911, 23/06/2015). A criação desta entidade, apesar de predominar os fins higienistas, proporcionou uma maior comunicação entre os países para a prática do remo, pois o Artigo 6°, letra C, da referida lei, estimula as trocas culturais entre

associações esportivas e proporcionou o convite ao GRAT. Destaca-se que esta lei regulamentou as práticas esportivas no Uruguai, enquanto no Brasil, a primeira lei a fazer isso foi implantada apenas em 1941.

Enquanto o GRAT se preparava para as provas em Montevideú, a LNRG elaborou uma regata para os clubes que ficaram no país, possivelmente para manter a motivação dos esportistas diante do treinamento intenso que os remadores tamandaristas se submetiam (ROWING, 10/03/1915). Assim como o destaque dado pelos jornais, como a sequência de reportagens com uma pequena biografia dos remadores que o jornal *A Federação* publicou nos dias anteriores à competição. O primeiro foi o voga Victor Pavani, além de dar as informações pessoais do remador, como nome, idade, peso e altura, profissão, trazia um histórico esportivo do atleta (ROWING, 10/03/1915). Esta regata internacional direcionou as atenções de várias entidades para o GRAT, inclusive da Mesa Administrativa da Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes, que aproveitou o momento de fama do clube e também enviou uma mensagem de agradecimento pela participação na última procissão, juntamente com “votos para que a missão do Tamandaré volte com os louros da Victoria das plagas montevidéanas” (ROWING, 10/03/1915, p. 6).

Nesta regata o GRAT competiu com clubes do Uruguai, Rio de Janeiro, Chile, Argetina e Paraguai, à saber: *Buenos Aires Rowing Club*, *Rowing Club Argetino*, *Canottieri Italiani*, *Remeros Escandinavos*, *Montevideo Rowing Club* e *Club Nacional de Regatas* (ROWING, 12/03/1915). As notas biográficas dos principais remadores, bem como dos reservas, seguiram, porém com as informações de todos publicadas na mesma nota jornalística, sobre Victor Pavani, Arnaldo Bernardi, Oscar Teichmann, Chrispim de Souza, Miguel Castro, Hygino Bernardi, Armando Koeler de Oliveira, Julio Taborda, Mario Mariante e Alberto Hartlieb. Os esportistas tinham entre 20 e 30 anos, quase todos praticavam o remo juntamente com outros esportes, como natação, ginástica, tiro ao alvo, futebol, *waterpolo*, corridas a pé e esgrima (ROWING, 10/03/1915). As preparações para a regata entre clubes da LNRG continuavam, mas com a informação de que o RCPA não participaria, por razões de força maior, possivelmente que envolvia o início da Primeira Guerra Mundial e os clubes fundados por teuto-brasileiros começavam a ser discriminados e sofrer perseguições (SILVA, 2011; MAZO, 2003).

As atenções sobre o GRAT aumentam a cada dia que a viagem para Montevideu se aproxima. A primeira foto da guarnição do barco Tupinambá foi organizada e divulgada “As oito horas será photographada a tripulação do Tupynambá, que, como sabem nossos leitores, vae á Montevideo disputar uma prova náutica” (AS OITO HORAS... 14/03/1915, p. 2). As documentações oficiais continuaram sendo publicadas no jornal A Federação, como o ofício, enviado pelo chanceler do consulado uruguaio em Porto Alegre, em agradecimento pela atenção dispensada pelo cônsul geral sobre o processo da viagem do GRAT (AS OITO HORAS... 14/03/1915).

A expectativa era grande também nos jornais uruguaios e argentinos - países por onde passou a excursão do GRAT. Um telegrama de saudação aos remadores brasileiros, enviado de Buenos Aires e publicado pelo jornal La Tribuna Popular, de Montevideu, foi reproduzido pelo A Federação, “diz que, mais que os discursos e escriptos officiais, estas excursões nos mostram, que o espírito de solidariedade continental, se está desenvolvendo entre os povos americanos” (ROWING, 19/03/1915, p. 2). Com a chegada dos sportistas em Montevideu, a expectativa aumentou, “o nosso mundo sportivo continua ancioso pelo resultado das regatas internacionais a effectuarem-se em Montevideo” (ROWING, 30/03/1915, p. 6).

Com a chegada do mês da competição internacional, abril de 1915, as informações tornam-se mais detalhadas (AS GRANDES REGATAS INTERNACIONAIS... 02/04/1915). No dia anterior à esperada regata, “notícias dos jornaes e telegrammas particulares, aqui recebidos, dizem ser indiscriptivel o entusiasmo reinante, motivado por aquella festa” (AS GRANDES REGATAS INTERNACIONAIS... 02/04/1915, p. 2), descreve o jornal. No clima de competição o GRAT manteve segredo dos tempos conquistados nos treinamentos desenvolvidos no Uruguai (AS GRANDES REGATAS INTERNACIONAIS... 02/04/1915). Toda a programação das regatas foi detalhadamente descrita, com os páreos, os clubes competidores, os barcos e as guarnições com seus remadores, com destaque para o número de estrangeiros presentes para assistir, “muitas famílias e elevado numero de ‘sportmen’ brasileiros, argentinos e chilenos se encontram há dias, em Montevideo, para apreciar aquella sensacional certamen” (AS GRANDES REGATAS INTERNACIONAIS... 02/04/1915, p. 2). O GRAT participou do último

páreo o Prêmio de Honra denominado de *Comisión Nacional de Educación Física*, entidade que organizou o evento (AS GRANDES REGATAS INTERNACIONAIS... 02/04/1915, p. 2). Antes da prova de Montevideu ocorrer, a escola Tiro Brasileiro nº 4 homenageou o GRAT ao nomear uma disputa de tiro ao alvo, na programação de seu concurso trimestral de Grêmio Almirante Tamandaré (TIRO BRAZILEIRO N. 4, 04/04/1915).

As regatas foram realizadas no dia 3 de abril de 1915, no entanto, não foram encontrados jornais do dia, apenas o jornal do dia seguinte, 4 de abril 1915, porém sem notícias sobre o ocorrido. A primeira notícia foi publicada no dia 06 de abril de 1915 e informou que o barco foi classificado em terceiro, e último, lugar (ROWING, 06/04/1915). Naquele período, a comunicação mais rápida era por telegrama, uma das mensagens chegadas, enviada pelo presidente da missão do GRAT dizia: “nafragamos 2.200 metros; unicamente argentinos conseguiram chegar a raia. Na ocasião de nos prestarem socorro, nosso bote foi avariado na proa” (ROWING, 06/04/1915, p. 2).

Mais uma vez o responsável pelos naufrágios foi o clima, “pouco antes de largar o ‘Pareo de Honra’, começou a soprar forte vente e altas ondas encrespavam o Prata, tirando, em parte, o brilho da festa promovida pela ‘Comisión Nacional de Educación Física’”, esta mudança climática fez com que os barcos brasileiro e uruguaio naufragassem no mesmo local, 30 metros antes da chegada (ROWING, 06/04/1915, p. 2). Após conhecido o resultado da regata, no salão nobre do Café Colombo<sup>59</sup>, a diretoria do GRAT, em uma forma de confortar a desilusão da derrota, ofereceu uma taça de champanhe ao cônsul uruguaio no sul do Brasil, onde foram feitos vários brindes ao Brasil e ao Uruguai (ROWING, 06/04/1915). Possivelmente, o Café Colombo foi o local escolhido para este encontro porque era considerado o café mais famoso e aristocrático de Porto Alegre (LEWGOY, 2009).

As regatas organizadas pelo LNRG em Porto Alegre ocorreram como o planejado, contudo receberam críticas quanto ao local escolhido para a chegada, o Trapiche Preto, “foi no Trapiche Preto, que, há quatro anos, se deram os desagradáveis acontecimentos, de que todos ainda lembram” (ROWING,

---

<sup>59</sup> Os cafés eram frequentados, principalmente, por homens e se localizavam no Centro de Porto Alegre. Na Rua da Praia, “na esquina da ladeira havia o Café Colombo, da firma Romba & Schmidt, depois transferido para o lado oposto da rua” (AMARO JÚNIOR, 1976, p. 5).

06/04/1915, p. 2). O Trapiche Preto tornou-se um lugar de memória para os porto-alegrenses, pois evoca lembranças do conflito ocorrido durante o Campeonato Estadual de 1911. "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora" (NORA, 1993, p. 12). Em razão da memória se enraizar no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993), a escolha foi lamentada pelo jornal: "Hoje, que depois de muitos esforços se conseguiu reconciliar os nossos clubs náuticos, seria conveniente que a nova disputa de pareos, não trouxesse assim, até na Bahia de chegada, a lembrança daquelles acontecimentos" (ROWING, 06/04/1915, p. 2).

Na volta do Uruguai, a comissão do GRAT passou por cidades do interior, como Santana do Livramento, onde foram recebidos com um baile de gala, e São Leopoldo, onde encontraram uma comitiva vinda de Porto Alegre (ROWING, 09/04/1915). De acordo com Silva (2011) a Liga Náutica Rio-Grandense parece ter atingido seu objetivo inicial, manter a cordialidade entre as associações de remo nas competições e, para, além disso, contribuir para a expansão do associativismo dos esportes náuticos e aquáticos na década seguinte. O bom desempenho e a administração efetiva do clube ainda contribuíram para a construção da nova sede do GRAT, administrada por um arquiteto, como demonstra a imagem abaixo.



**Imagem 23 Nova sede do GRAT ornamentada (acervo particular de Henrique Licht, 1918).**

No ano de 1917 surgiu uma nova associação de remo na cidade: o *Club de Regatas Vasco da Gama*. Esse clube desenvolveu representações luso-sul-rio-grandenses, ou seja, a partir de imigrantes portugueses estabelecidos no Rio Grande do Sul. Na reunião de fundação, membros da comunidade portuguesa residentes em Porto Alegre estavam presentes. Tais indivíduos frequentavam o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, mas devido ao desentendimento em um processo eleitoral para a diretoria do Tamandaré, decidiram afastar-se do clube e criar um espaço próprio (SILVA, 2011). Os barcos deste clube representavam as ligações identitárias da associação, sendo alguns nomes inspirados em cursos de águas de Porto Alegre, *Guahyba* e *Jacuchy*, e, outros, em rios de Portugal, *Tejo* e *Douro*. Os padrinhos dos barcos eram indivíduos com sobrenomes de origem portuguesa e figuras ilustres da sociedade porto-alegrense (SILVA; MAZO, 2012).

Com o destaque crescente das atividades esportivas náuticas e aquáticas nos jornais, o interior do estado passa a ter cada vez mais conhecimento da estrutura deste sistema esportivo, assim como da aderência do público

conquistada a cada regata. Possivelmente, a partir disso e do contato com as culturas uruguaias e argentinas, onde estes esportes também estavam em processo de estabelecimento e disseminação, as cidades da fronteira Oeste do Rio Grande do Sul assimilam as práticas.

### 6.3 Clubes náuticos e aquáticos nas cidades do interior do estado

O presente subcapítulo analisa a implantação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos em cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul. Até o fim da década de 1900, as cidades de Pelotas e Rio Grande eram as únicas onde existiam manifestações de clubes esportivos náuticos e aquáticos, mesmo sem vínculo com a FRGR. Com o advento da década de 1910, novos espaços foram conquistados, as cidades de Alegrete e Uruguaiana, próximas da fronteira Oeste; Jaguarão, na fronteira Sul e São Leopoldo, próxima da metrópole Porto Alegre, foram contaminadas pelas modernas práticas de então, o remo e a natação. Apesar de alguns destes clubes não terem tido grande divulgação em âmbito estadual ou não se manterem durante longos anos, são indícios de que clubes esportivos náuticos e aquáticos estavam presentes na realidade do interior do estado, o que evidencia a fama desta estrutura esportiva enquanto associação.

Clube	Fundação	Cidade
<b>Club Riograndense</b>	Década de 1910	São Leopoldo
<b>Club Náutico Alegretense</b>	1910	Alegrete
<b>Grêmio Náutico Almirante Tamandaré</b>	1912	Rio Grande
<b>Club de Natação e Regatas Pelotense</b>	1914	Pelotas
<b>Clube Náutico Itapuhy</b>	1914	São Leopoldo
<b>Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré</b>	1916	Pelotas
<b>Club Canottieri Almirante Tamandaré</b>	1916	Uruguaiana
<b>Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré</b>	1916	Jaguarão



<i>Club</i> Náutico Uruguaianense	1916	Uruguaiana
-----------------------------------	------	------------

**Quadro 11 - Clubes esportivos náuticos e aquáticos localizados em cidades do interior do Rio Grande do Sul, década de 1910.**

Como está ilustrado no quadro 9, a disseminação do clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul aconteceu em diferentes momentos da década de 1910 em diferentes regiões sul-rio-grandenses. Sobre a maioria dos clubes do interior poucos registros foram encontrados, grande parte destes encontrou-se apenas o registro da fundação em Licht (s/dL).

Um exemplo desta limitação da pesquisa é o *Club* Náutico Alegretense, sobre este clube esportivo náutico só foi encontrado três informações de sua trajetória, que datam da sua fundação em 1910; a saída do *gig* chamado Conceição do ancoradouro do Porto Novo para o Rio Caverá, dois anos depois da fundação, nesta ocasião os remadores usavam um uniforme novo; e a última notícia é datada de 1947, sobre uma regata de caíques organizada pelo clube (LICHT, 2004). Alegrete se localiza na região Sudoeste do Rio Grande do Sul, com proximidade da Argentina. De acordo com Araújo Filho (1908), por Alegrete se localizar em um ponto estratégico de fronteira, era local de escoamento de produtos primários em direção aos portos de Buenos Aires e Montevideú, o que fez o lugarejo prosperar durante o século XIX e foi elevada a categoria de cidade. Assim, Alegrete ligava as capitais de Buenos Aires e Montevideú com o Rio Grande do Sul por meio da exportação de produtos, o que pode ter sido o caminho de introdução da idealização de um clube de esportes náuticos e aquáticos na cidade.

Em Pelotas e Rio Grande, os clubes já existentes sofriam modificações e novos clubes surgiram. Apesar do *Club Sportivo* Pelotas ter tido sua data de fundação oficial em 1908, apenas em 1910 foram realizadas regatas oficiais, talvez por falta de clube rival, a regata contava com cinco provas, porém uma delas com barcos escaleres e outra com barcos-escola (LICHT, s/dl). Com a proximidade de Rio Grande e Pelotas, os clubes das cidades continuavam a incrementar as competições intercambiando participações em regatas. Outro fato motivar a prática do remo na região destas cidades foi a visita do CRAB à cidade, “ali tomará parte nas regatas que se efetuarão entre os clubes das cidades de Pelotas e Rio Grande (ROWING, 15/03/1912, p. 2), o que foi

divulgado pelos jornais locais, “pela primeira vez, o ECPelotas receberá a visita de um dos melhores clubes de regatas da cidade de Porto Alegre” (ESPORTE CLUBE PELOTAS, 17/12/1911, p. 1).

Provavelmente, entre os razões, esta apresentação do CRAB movimentou o cenário dos esportes náuticos e aquáticos daquela cidade. Tanto que, dois anos mais tarde, ocorre a fundação de um novo clube, o *Club de Natação e Regatas Pelotense* – CNRPelotense (CLUBE NATAÇÃO E REGATAS, 29/11/1914) que adotou o CRAB como paraninfo (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919). No quadro de fundadores constava um grande número de brasileiros, contudo, Licht (s/dl, p. 2) destaca na lista seis nomes de estrangeiros: “Adolpho Schwab (alemão), Auguste Durand (francês), João Fiorda (italiano), João Stosch (alemão), Júlio Gross (alemão) e Trajano Ignacio de Medeiros (uruguaio)”, o que demonstra a variedade de culturas intergradadas na cidade e que estas estavam dispostas a socializar no CNRPelotense.

As primeiras dificuldades do CNRPelotense foram arrecadar associados e mantê-los nos treinamentos, pois o porto de Pelotas era afastado da cidade e “tão pequeno era o número de adeptos do remo que só uma vontade superior poderia levar avante a obra iniciada” (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919, p. 196). A estratégia de se coligar com os clubes de Porto Alegre foi empregada novamente, na cidade de Rio Grande foi fundado o Grêmio Náutico Almirante Tamandaré<sup>60</sup>, em 1912. Este clube organizou regatas internas em julho do ano de fundação (LICHT, s/dG). Mais uma vez o nome do Almirante Tamandaré foi o escolhido para batizar um clube de esporte náutico, provavelmente, pela origem sul-rio-grandense do Almirante e por ter sido transformado em um herói nacional, essa se tornou a denominação preferida das associações fundadas em diferentes cidades do interior do estado, como indica o quadro 9. Outro clube com poucos registros de existência foi o Clube Riograndense de São Leopoldo, nem mesmo a data exata de sua fundação, apenas que existiu durante a década de 1910 (LICHT, s/dL).

No entanto, São Leopoldo foi uma cidade onde ocorreram inúmeras manifestações de práticas esportivas náuticas e aquáticas, inclusive excursões, que no início de 1910 o desafio aos remadores era chegar às vilas e cidades

---

<sup>60</sup> Não foram localizadas outras informações sobre este clube.

vizinhas, como Gravatahy, São Leopoldo, São Jerônimo, Triunfo, São João de Montenegro e São Sebastião do Cahy (LICHT, s/dC). Walter Panitz, que era fundador e um dos remadores mais assíduos do CRAB, foi um dos motivadores da fundação de um clube esportivo náutico e aquático em São Leopoldo (LICHT; WEINMANN, s/d). Este remador ajudou o CRAB a vencer Campeonatos Estaduais de 1906 e 1908, juntamente com seus irmãos, o que colaborou para a conquista definitiva da competição e a posse do troféu pelo clube, em 1923 (HOFMEISTER, 1978). Apesar de família de origem europeia, Walter Panitz era casado com uma paraguaia, Hermínia Volkmann (JUÍZO DE CASAMENTO, 09/05/1910). O desejo de Walter Panitz foi atendido com a inauguração do Clube Náutico Itapuhy, em 1914 (LICHT; WEINMANN, s/d). A referência a este clube o cita como uma associação de canoagem com prática no Rio dos Sinos, bem como local de construção de caiaques e caíques para serem realizados em passeios ambientais e ecológicos, com a organização também de acampamentos de férias (LICHT; WEINMANN, s/d). Contudo, as informações não são claras quanto ao o quê os autores se referem à ecologia e às práticas relacionadas com esta ideia naquele clube.

Outra cidade que absorveu a cultura das regatas por meio de um vínculo com clubes da capital sul-rio-grandense foi Uruguaiana. Segundo Licht (s/dL), nesta cidade havia associados dos GRAT e CICDA, que se uniram para montar uma representação destes na cidade, o *Club Canottieri* Almirante Tamandaré, uma mistura de elementos que deslizavam entre brasileiros e italianos, porém a iniciativa não teve êxito. Este dado demonstra a presença ativa de diferentes culturas na cidade de fronteira, para além de latino-americanos. Conforme Volkmer (2011), Uruguaiana recebeu 206 imigrantes italianos durante o século XIX, número mais significativo de imigrantes europeus da cidade. Os habitantes de Uruguaiana já haviam tido contato com manifestações improvisadas de regatas na década anterior, quando ocorreu a Regata em Três Léguas, entre marinheiros e civis (LICHT, s/dL).

Os clubes de Pelotas e Rio Grande se unem para manter a memória da primeira regata registrada, a Regata Imperial de 1865, quando este acontecimento completa 50 anos (LICHT, s/dE). Na construção desta tradição de comemorar esta data, ocorre a renovação da lembrança, que, apesar de esta receber novos significados, é uma atualização de uma memória cultural.

Segundo Pollack (1992) se pode dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. De maneira que, com a revitalização da lembrança da Regata Imperial, os clubes do Sul do estado se estabelecem como pioneiros na prática, apesar de não fazer parte nem dos campeonatos estaduais, restritos aos clubes da capital, nem da LNRG. Uma razão que pode ter contribuído para estes clubes terem se mantido a parte da LNRG eram as apostas, que continuavam sendo organizadas e aplicadas em 1915. No Programa da Grande Regata Estadual Comemorativa da Faustosa Data da Independência do Brasil (1915) constava: “a casa das poules estará a cargo do sócio Sr. Antônio da Silva Marques, auxiliado pelo Sr. Ignácio Castro” (PROGRAMA DA GRANDE..., 1915, s/p). Assim, esta prática fazia com que as regatas de Rio Grande se afastassem dos preceitos de esporte da LNRG.

O CNRPelotense movimentou o cenário dos esportes náuticos e aquáticos da região, inclusive com a implantação do *waterpolo*, a primeira disputa ocorreu na Regata Anual do clube em 1915 (LICHT, s/dl). Grandes regatas começaram a fazer parte das atividades sociais de Pelotas, apesar da tentativa de fundação de um novo clube em 1916, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré - GRATPel (LICHT, s/dl), que, possivelmente, era vinculado ao GRAT de Porto Alegre e mudaria o cenário com práticas mais esportivizadas, a ideia naufragou.

Deste modo, o CNRPelotense continuou absoluto nos eventos esportivos náuticos e aquáticos, “a deliciosa tarde de domingo bastante contribuiu para o brilhantismo e grande realce da grande festa esportiva do Clube Natação e Regatas Pelotense” (NATAÇÃO E REGATAS, 24/05/1916, p. 1). Este episódio de competições de remo e natação atraiu um grande público, destacado pelos jornais, “grande massa popular se espalhou pelo cais, dando belo aspecto ao lugar e emprestando desusado movimento em toda a extensão da linha do litoral, no espaço delimitado para os Exs. da mocidade da útil sociedade esportiva” (NATAÇÃO E REGATAS, 24/05/1916, p. 1). Com tamanha demanda de pessoas, “os bondes da Light eram insuficientes para trazerem as pessoas que se dirigiam à sede do clube” (NATAÇÃO E REGATAS, 22/05/1916, p. 3). Os bondes elétricos foram introduzidos em Pelotas pela companhia *Light & Power of*

*Rio Grande do Sul*, este processo ocorreu de entre 1914 e 1915 (LONER; GILL; MAGALHÃES, 2012).

O CNRPelotense também foi o primeiro clube do interior a competir no Campeonato Estadual da LNRG. De acordo com o álbum *Rio Grande do Sul Sportivo* (1919), este clube conseguiu o segundo lugar na prova Liga Náutica da competição de 1916. Portanto, possivelmente, este seja o primeiro clube do interior que seguiu as regras da LNRG e adotou o sentido de esporte predominante naquele período. Já Licht (s/dl) afirma que a primeira participação do clube em uma competição oficial da LNRG foi em 1917 e que a delegação do CNRPelotense foi recepcionada por mais de 20 barcos de todos os clubes da capital.

Inclusive este clube conectou outras manifestações culturais à prática, como a *Canção do Remador* (s/d), publicada no que parece ser um programa de regatas encontrado no acervo no Centro de Memória do Esporte – CEME. Nesta canção são identificadas representações de nacionalismo, “Como rumo certo, timão seguro/Sob esse céu de azul anil/Singremos os mares c’o amôr puro/Pelas grandezas do Brasil” (CANÇÃO DO REMADOR, s/d, s/p), com ainda no refrão os “hurrahs”, comum saudação das torcidas para como os remadores, e no refrão: “Lutaremos, venceremos/Pela glória do Brasil” (CANÇÃO DO REMADOR, s/d, s/p).

Além das expressões nacionalistas, a letra da canção enfatiza o clube e a cidade de Pelotas em seu apelido, Princesa do Sul: “o nosso clube será o orgulho desta linda ‘Princêsa do Sul’” (CANÇÃO DO REMADOR, s/d, s/p). Como origem controvertida, o epíteto figura no brasão oficial da cidade. De acordo com Loner, Gill e Magalhães (2012), o cognome é produto do imaginário social desde 1863.

Entre estes feitos, outra importante contribuição deste clube para a expansão dos esportes náuticos e aquáticos no interior foi a organização de uma guarnição composta por mulheres, chamada de *Nymphas* (DESPORTO - NATAÇÃO E REGATAS, 26/03/1917). A tradução atual de *nympha* é ninfa, com origem na mitologia grega, no Michaelis, Dicionário Prático de Língua Portuguesa (2001), quer dizer: divindade dos rios, dos bosques e dos montes, bem como, mulher formosa. Provavelmente, a denominação foi escolhida por congregar os dois significados, mulheres formosas que habitam as águas.

Notícias esportivas sobre o CNRPelotense dominaram os jornais da cidade, as regatas e competições de natação foram inventadas como tradição de lazer, “como se sabe, o útil desporto do remo vem tendo no nosso meio grande e louvável impulso, sendo de se esperar, na fase que ora se observa, o seu completo desenvolvimento” (NATAÇÃO E REGATAS, 03/06/1917, p. 3). Uma prática comum entre clubes esportivos náuticos e aquáticos porto-alegrenses também foi adotada pelo CNRPelotense, os *pic-nics*, chamados de convescotes. No estabelecimento desta atividade, os organizadores trataram de fixar representações, como a escolha de um espaço específico para o acontecimento, “ao qual será dado o nome de Gruta da Nymphas, em homenagem à guarnição de senhoritas ultimamente criada [...]. Haverá muitas surpresas, notando-se desde já, grande entusiasmo” (DESPORTO – NATAÇÃO E REGATAS, 08/06/1917, p. 3). Após as competições, o clube também promovia “danças, que se prolongaram até tarde, reinando sempre a maior alegria” (CLUBE DE NATAÇÃO E REGATAS, 26/06/1917, p. 1).

Segundo Hofmeister (1979), as primeiras competições de saltos-ornamentais foram realizadas em meados da década de 1920, todavia, foi registrado no jornal Diário Popular de Pelotas que, em 1917, entre competições de natação e remo, “foram apanhados vários aspectos dos exercícios, entre eles um belo salto, a altura de 2 metros, pelo jovem Ramiro Martinez” (COM UMA ASSISTÊNCIA..., 30/01/1917, p. 1). Outra prática que passou a fazer parte das atividades do CNRPelotense e da programação dos eventos esportivos foi a luta romana (NATAÇÃO E REGATAS, 08/10/1917).

Em Pelotas, as poules definitivamente não faziam parte do cenário de regatas e competições de natação, tanto que para auxiliar o aeroplano Cidade de Pelotas, foi coletada uma regular quantia entre a assistência de uma regata em 1917, diferentemente de antes, quando uma parte da arrecadação era direcionada para auxiliar alguma causa (PROGRAMA DA GRANDE..., 1915; AOS GANHADORES DO PÁREO..., 21/11/1917). Pelo número de pessoas presentes na regata, a quantia arrecadada pode ter sido alta, “uma verdadeira multidão assistiu a festa, estando o pavilhão repleto de famílias e cavalheiros” (CLUBE NATAÇÃO E REGATAS, 21/11/1917, p. 1).

Com esse estabelecimento e disseminação das práticas esportivas náuticas e aquáticas no Sul do estado, bem como o mesmo cenário solidificado

no Uruguai, outra cidade adere à cultura das regatas e competições aquáticas, Jaguarão. O primeiro clube esportivo náutico e aquático desta cidade também se associou ao GRAT e utilizou a mesma denominação, *Club* de Regatas Almirante Tamandaré, em 1916. Com essa conexão, os dois clubes negociaram os barcos usados do GRAT, que vendeu os *gigs* Tymbira e Tagyra para o clube de Jaguarão. Já no dia da fundação o clube contava com a matrícula de mais de 100 sócios e, para ser incluso na esfera esportiva do estado, enviou um ofício à LNRG informando a fundação (LICHT, 2004b).

Em Uruguiana ocorreu a segunda tentativa de instauração de um clube com esportes náuticos e aquáticos, desta vez esta tomou vulto e se estabeleceu na conjuntura esportiva, em 1920. O *Club* Náutico Uruguaiense – CNU - desenvolveu conexões com clubes da capital sul-rio-grandense e com da capital argentina, lugares de onde foram adquiridos os primeiros barcos. A primeira ideia para a instauração da frota do clube foi por meio do deslocamento de barcos de Buenos Aires, onde um dos associados do clube foi por interesses pessoais, juntamente com a incumbência de obter as embarcações. Quando lá chegou, recebeu o convite do *Club* de Remeros de Salto para assistir as regatas internacionais entre este clube, do Uruguai, e o de Concórdia, na Argentina (LICHT, s/dN; LICHT, 2013). O barco Irma do Clube de Regatas Porto Alegre<sup>61</sup> apropriado pelo CNU e denominado Rio Grande do Sul, o segundo barco do clube foi encomendado para Osmundo Panitz, que se tornou construtor naval, e foi nomeado de São Paulo, já o terceiro barco foi chamado de Rio de Janeiro (LICHT, s/dN). Mais uma vez as denominações dos barcos constroem representações de brasilidade, bem como fazem referência a estados onde os esportes náuticos e aquáticos estavam consolidados como práticas culturais.

---

<sup>61</sup> As associações teuto-brasileiras: *Ruder Club Porto Alegre*, *Ruder Verein Germania* e *Ruder Verein Freundschaft*, em 1917 sofreram um forte abalo identitário. Neste ano, o Brasil ingressa na Primeira Guerra Mundial, fato que produz uma discriminação social contra os teuto-brasileiros. A hostilidade contra indivíduos teuto-brasileiros alcança as associações de remo com representações de identidades culturais teuto-brasileiras, por meio de mobilizações sociais e leis governamentais. Ainda que com resistência as imposições legais, as associações acabaram realizando mudanças na sua denominação original, no dialeto falado no seu interior e na redação dos documentos oficiais, como atas e estatutos. A incorporação da língua portuguesa foi uma das representações identitárias mais usadas pelos grupos para construir uma identidade cultural que se aproximasse da brasileira. Nessa conjuntura, o *Ruder Club Porto Alegre* passa a chamar-se *Club* de Regatas Porto Alegre, o *Ruder Verein Germania* torna-se *Club* de Regatas *Guahyba* e o *Ruder Verein Freundschaft* transforma-se em Grêmio Náutico União (SILVA, 2011).

Após os processos de implantação, de estabelecimento e o início da disseminação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, estas associações continuaram a se alastrar por outras cidades e regiões do estado, como mostra o quadro 10. Ainda, a partir da década de 1920, este cenário ganha novas representações e contornos eugênicos (SEVCENKO, 1994). Neste período se tem início o desenvolvimento de uma cultura esportiva na cidade marcada pelo fortalecimento físico e moral, sobretudo em decorrência do contexto pós-primeira guerra mundial. (SEVECENKO, 1992).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa histórica investigou como ocorreu a implantação, o estabelecimento e a disseminação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, por meio da análise de fontes documentais e imagéticas, com a utilização do *software* de análise qualitativa de dados ATLAS.ti 7.5.6. As fontes consultadas revelaram que o fenômeno do associativismo esportivo teve uma contribuição significativa para os processos de implantação, estabelecimento e disseminação dos esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul.

O associativismo esportivo se constitui não apenas em um meio para o desenvolvimento do esporte, mas é parte da construção do conceito de esporte e uma ferramenta para a sua instrumentalização, para se chegar a fins externos à prática, propiciando modificação social. Percebeu-se que o associativismo esportivo possuía sua instrumentalidade, pois gerava as próprias representações e novas práticas, no momento em que as suas propriedades eram manipuladas. Neste cenário, o sistema associativo esportivo adquiriu novos sentidos com as mudanças nas denominações; espaços compartilhados por diferentes grupos; sedes com nova localização; entre outros.

Nas associações ocorreram processos de esportivização das práticas, assim como trocas culturais. Além de cada prática esportiva gerar diferentes representações clubísticas para delimitar um espaço no cenário esportivo, estas foram veículos de contato entre culturas. Por meio das práticas culturais esportivas houve a conexão entre diferentes grupos, os quais compartilhavam o desejo de estarem inseridos nas tendências mundiais, em caminhos que direcionavam para a globalização.

A disseminação de práticas esportivas no Rio Grande do Sul, também ocorreu através das excursões entre grupos sociais vinculados às associações. Assim como no futebol, os esportes náuticos e aquáticos percorreram os caminhos fluviais do estado para diferentes cidades, principalmente as que se localizam na região de Porto Alegre. As excursões tornaram-se uma cultura comum entre estes clubes, irradiando as práticas a diversos lugares do Rio Grande do Sul. A programação variava entre piqueniques em ilhas próximas à capital sul-rio-grandense e desafios de resistência entre guarnições, com percursos cada vez maiores. Os piqueniques foram uma atividade inserida pelos

teuto-brasileiros no cenário esportivo náutico e aquático e, apropriada pelos clubes, em uma reconstrução constante da tradição, mas com novos significados, inclusive no interior do estado.

A esportivização das práticas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul, no longo século XIX, sucedeu paulatimamente no estabelecimento de clubes. Apesar de o associativismo esportivo ter um importante papel na introdução dos esportes náuticos e aquáticos no estado, na perspectiva do Esporte Moderno as primeiras manifestações de práticas pré-esportivas ocorreram de forma improvisada. As cidades de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande foram os lugares onde aconteceram as primeiras regatas no estado. Estas competições utilizaram barcos utilitários para a sua realização, porém os indícios encontrados nas fontes indicam que estes jogos competitivos foram inspirados em regatas esportivas estruturadas, que ocorriam em países da Europa. Tais competições chegaram ao extremo sul do país pelos portos, impregnadas na cultura dos marinheiros, mercadores e imigrantes, ou seja, tradutores culturais que compunham as embarcações estrangeiras. Todavia, possuíam formato mais aproximado de jogos competitivos e de azar.

As regatas apresentavam mais elementos de jogo do que de esporte moderno, principalmente por adotarem apenas algumas estruturas compartilhadas mundialmente, mas não regras universais. Além disso, não existiam pessoas detentoras de conhecimento especializado nas práticas; os remadores não realizavam treinamento e, na organização das regatas não priorizavam a igualdade de competição, pois utilizavam diferentes modelos de embarcações. De tal modo que, neste período, as práticas náuticas possuíam mais características de passatempo do que de esporte, ou seja, se adequavam ao formato de jogos competitivos e de azar, pois aceitavam e estimulavam as apostas, com uma estrutura semelhante ao turfe. Evidenciaram-se duas tentativas de instauração de associações esportivas, sendo uma em Pelotas e a outra em Porto Alegre, estruturadas para a organização de práticas de competição e apostas, no período entre as décadas de 1870 e 1880.

No entanto, a esportivização das práticas avançava de forma acelerada tanto no cenário internacional quanto no Rio Grande do Sul. No estado, o primeiro clube esportivo náutico e aquático que congregou todos os elementos de Esporte Moderno foi fundado em 1888, em Porto Alegre, o *Ruder Club Porto Alegre* -

RCPA. Este clube foi idealizado por um anglo-brasileiro, John Day. Ele reuniu a comunidade teuto-brasileira para apoiar a ideia da constituição de um clube onde se praticasse o remo nos moldes europeus, com barcos construídos especificamente para a prática.

O *Ruder Club Porto* estimulou disputas de natação entre os associados, enquanto esperava a chegada dos barcos esportivos de remo importados da Alemanha. Desta maneira, também contribuiu para a esportivização da prática da natação, que inicialmente tinha apenas a utilidade de sobrevivência aquática. Para tanto, juntamente com *Turnerbund* (atual SOGIPA) e a *Naturheilverein* (Sociedade de Cura Naturalista), institucionalizou uma entidade organizacional de natação, a *Schimmverband* (Liga de Natação), em 1890. Além da natação no Rio Guaíba, já havia desde 1885, a piscina construída pela *Turnerbund* no Guaíba, considerada a primeira piscina do Brasil.

As atividades do *Ruder Club Porto* - RCPA motivaram a fundação de outro clube em Porto Alegre, o *Ruder Verein Germania* – RVG -, que congregava principalmente a comunidade teuto-brasileira. Enquanto em diferentes países do mundo as práticas esportivas náuticas estavam em processo de inserção, na Europa, comitês federativos se mobilizavam para a fundação de uma confederação organizacional de regras em âmbito mundial, a *Fédération Internationale des Sociétés d’Aviron* (Federação Internacional de Sociedades de Remo), conhecida pela sigla FISA, que até os dias atuais permanece como a entidade *mor* do remo mundial. O Rio Grande do Sul também fez este movimento e, em 1894, fundou o Comitê de Regatas para organizar as competições entre as duas associações porto-alegrenses de esportes náuticos e aquáticos.

O estabelecimento de uma configuração esportiva nos clubes náuticos e aquáticos contribuiu para que elementos de esporte moderno fossem incorporados por outras práticas e, assim, se consolidasse um sistema esportivo no estado. Os clubes esportivos náuticos e aquáticos foram pioneiros em congregar iniciativas para esta consolidação, como: clubes com estatutos; instauração de entidade organizacional; utilização de artefatos específicos para a prática; foco no desempenho por meio de treinamentos com técnicas específicas, com tempo determinado e sequência; espaços especiais para a prática; além de estarem atentos aos acontecimentos esportivos em caráter mundial.

Portanto, o processo de esportivização das práticas náuticas, no Rio Grande do Sul, incidiu em um primeiro movimento no sentido do interior para capital, mas em um processo de circularidade, voltou como esporte da capital para o interior, por meio do associativismo esportivo. Já a natação se estabeleceu como esporte antes do remo, em uma combinação entre entidades de Porto Alegre e São Leopoldo, e acompanhou o desenrolar do sistema esportivo estabelecido pelo remo.

Com o estabelecimento de um sistema esportivo, concretizado com a fundação do Comitê de Regatas, os clubes esportivos náuticos e aquáticos se proliferaram pelo estado, principalmente em Porto Alegre. Tais clubes se constituíram em espaços de prática esportiva e de socialização, onde elementos de diversas culturas se encontravam e compartilhavam atitudes, mentalidades e valores, além de expressões e simbolizações. Tais circulações comportaram a ocorrência de contatos culturais nestes espaços. De tal modo que trocas culturais foram constantemente negociadas nos/pelos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, no longo do século XIX.

Em Porto Alegre, as três primeiras associações esportivas fundadas estabeleciam representações de culturas teuto-brasileiras; a comunidade em questão buscava manter as práticas e os costumes do país de origem. Todavia, entre eles, alguns indivíduos criticavam a cultura brasileira, como o caso de uma versão debochada do hino nacional e o movimento de germanização do RCPA, ocorrido em 1895. Estas manifestações eram reações aos contatos culturais, proporcionado pelo contato dos teuto-brasileiros com outros habitantes da cidade, o que motivava resistência e segregação cultural.

Pelotas e Rio Grande, depois da capital, foram as próximas cidades a fundarem clubes esportivos náuticos e aquáticos no estado. Apesar de estes clubes estimularem as práticas e conterem uma estrutura sistematizada mais próxima de um clube esportivo, o *Club Fluvial de Regatas – CFR* -, de Rio Grande, ainda estimulava as apostas e se denominava como clube de canoagem. Da mesma forma ocorria no sistema de regatas do *Club de Regatas Pelotas – CRP* -, que foi inovador ao aceitar a inserção das mulheres no cenário, antes do início do século XX. Em ambos os clubes, a iniciativa de fundação foi iniciativa de grupos híbridos, congregando pessoas de diversas nacionalidades, com destaque para o maior número de personagens ingleses e alemães.

Logo nos primeiros anos do século XX, aconteceu uma tragédia que resultou em um esmorecimento da prática do remo, mas, em contrapartida, incentivou a prática da natação. Um naufrágio com remadores do RVG abalou a comunidade porto-alegrense. Na volta de uma excursão a uma cidade próxima da capital sul-rio-grandense, fortes chuvas e ventos ocasionaram a virada dos barcos com a morte de quatro jovens esportistas; os outros três, que faziam parte do passeio, se salvaram graças às suas habilidades de natação. Tal acontecimento fez com que os jornais das cidades de Porto Alegre e Rio de Janeiro transmitissem reflexões filosóficas sobre vida e morte, que povoavam os imaginários destes locais, representadas por homenagens de vários tipos.

No entanto, o surgimento de um novo clube começou a movimentar novamente o contexto dos esportes náuticos. Clubes que congregavam diferentes representações e buscavam uma identificação brasileira, como o Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré - GRAT, fundado em 1903, começam a surgir no cenário em meados da década de 1900. O GRAT possuía estreito vínculo com a Marinha Brasileira, onde se localizava a sua sede e o presidente deste era o Capitão de Corveta. Com a inserção deste clube no Comitê de Regatas, este teve que alterar a maneira como estava estruturado e acomodar a cultura do novo clube, pois a comunicação interna era no idioma alemão. O GRAT era um clube híbrido culturalmente, uma vez que era composto por elementos representativos de culturas variadas, teuto-brasileiros, luso-brasileiros e brasileiros, mas todos se denominavam brasileiros e utilizavam o português como idioma oficial.

Apesar da configuração esportiva náutica e aquática ter um sistema próprio, esta se mantinha conectada com outras práticas. Eram comuns elementos que praticavam remo e natação estarem envolvidos com outros esportes, como ciclismo e futebol. Estes indivíduos congregavam as diversas práticas em seu *habitus* e eram filiados a diversos clubes, o que tornava multicultural a sua identidade clubística. Também era comum os clubes organizarem regatas em eventos arquitetados para outras práticas, como a visita do *Sport Club Rio Grande* para a demonstração do futebol em Porto Alegre. Nestes tipos de envolvimento, os treinamentos e as regatas faziam do *Guahyba* um importante palco de *performance* e um espaço de encontros culturais, que atraía expectadores e inspirava iniciativas para novos clubes.

Fragmentos de ideias do Movimento Higienista estruturaram discursos para incitar a prática do remo entre a população. O Movimento Higienista tinha como ideia central, valorizar a população como um bem, como capital, como recurso principal da nação. Com discursos baseados nestes princípios, os clubes buscaram a redução de tarifas para a importação de artefatos esportivos, principalmente de barcos, o que contribuiu para a globalização das práticas esportivas, mesmo que, quando estes objetos chegassem ao destino, lhe fossem atribuídos novos significados. Manifestações sustentadas por elementos higienistas ainda são encontrados na atualidade, assim como a valorização das belezas naturais brasileiras para ocultar outras dificuldades, também visto no passado e conectado aos esportes náuticos e aquáticos, onde estar em contato com as belezas das comunicações fluviais servia de motivação para a prática.

Os barcos foram importantes elementos de apropriação cultural, pois eram importados de outros países, como Alemanha e França, quando chegavam ao Brasil recebiam novas denominações. Tais apropriações eram formas de identificação clubística. Os clubes de teuto-brasileiros priorizavam homenagear as madrinhas, já os clubes com uma maior quantidade de representações brasileiras focavam em alcunhas que reforçassem essa identificação, o mesmo aconteceu com os clubes de ítalo-brasileiros. O *Club* de Regatas Almirante Barroso - CRAB - se enquadrava no segundo grupo, construía representações vinculadas à Marinha Brasileira. Diferentemente dos outros, este clube preferiu construir os próprios barcos de maneira artesanal. Como este foi fundado por praticantes desgarrados do RVG, já tinham uma familiarização com barcos esportivos e, a partir de seus conhecimentos prévios, se apropriaram e reinventaram objetos.

Outros artefatos que, ao mesmo tempo em que unificavam, diferenciavam, eram os uniformes. Estas vestimentas eram semelhantes no formato e nas partes corporais que cobriam, mas se distinguiam nas cores. Os uniformes também identificavam quem era esportista, ou não, e a qual esporte estavam vinculados, assim unia remadores e nadadores adversários na identificação esportiva.

As *performances* realizadas no *Guahyba* atraíam também a atenção dos mais jovens, aos quais não era permitido as práticas náuticas, possivelmente, tal cuidado emergiu após o naufrágio de 1902. Porém, graças à inconformação diante desta regra, um clube que atualmente é considerado um dos maiores do Rio Grande do Sul foi fundado, o Grêmio Náutico União, estabelecido com a

denominação de *Ruder Verein Freundschaft* - RVF. Este clube nasceu a partir a iniciativa de seis garotos com entre 12 e 15 anos de idade, mas foi devido ao apoio administrativo e financeiro da família de seu maior idealizador, Carlos Simão Arnt, que se desenvolveu.

O referido clube foi iniciado de forma improvisada, como uma imitação dos clubes já estabelecidos, os garotos reinventaram, resignificaram e adaptaram artefatos e práticas. Como exemplos destas ações estão: a reunião de inauguração no pátio da casa de seu idealizador; a primeira ata escrita em um caderno escolar pautado; o primeiro evento para arrecadação de dinheiro foi um espetáculo circense, onde os próprios fundadores eram a atração; o primeiro barco era uma adaptação de um barco utilitário e a primeira garagem náutica foi feita de tábuas e telhas de zinco. O RVF proporcionou a expansão da prática do remo para outras idades, incluindo os jovens no cenário, o que oportunizou a fundação de outros clubes com a mesma configuração.

A partir desta iniciativa, novos clubes juvenis com diferentes identificações foram fundados, o Filhotes do Barroso procurou conectar-se ao clube com grandes vitórias CRAB; já as associações, *Club Saldanha da Gama* – CSG -, vinculado ao *Club Gymnástico Riograndense* - CGR - e o Grêmio Náutico Amazonas - GNA -, construíam representações brasileiras. Porém, estes clubes juvenis não mantiveram suas atividades e seus associados migraram para o RVF.

No fim do século XIX, três cidades sul-rio-grandenses possuem práticas esportivas náuticas e aquáticas, porém com o início do século XX, estas manifestações tiveram mais proeminência na capital do estado, onde novos clubes foram fundados e as regatas eram organizadas com frequência. Este cenário se manteve até o fim da década de 1900, com ênfase na fundação de novos clubes nos últimos anos deste período. A maioria dos clubes fundados teve curta duração, mas ofereceram novas visões e iniciativas a estas práticas. Diversas representações culturais regionais estavam presentes na identificação dos clubes, até que, em 1907, a partir de um grupo que se retirou do CRAB, o Grêmio Náutico Riograndense – GNR – surgiu para consolidar tal identificação, mas sua atuação não durou muitos anos.

Diferente história teve o *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi* – CICDA -, que, apesar de suas representações ítalo-brasileiras, publicou seus estatutos em português no jornal A Federação. Os estatutos determinavam que

este clube fosse composto por italianos e seus descendentes, mas que sócios de outras nacionalidades poderiam fazer parte, sem direito a votar ou ser votados, nem participar de competições externas. Além disso, os dias de comemoração do clube eram os dias de celebrações nacionais italianas, as cores oficiais eram as mesmas da bandeira da Itália e seus barcos eram batizados com homenagens a marinheiros italianos ilustres.

Enquanto na capital, novos clubes acrescentavam novos formatos e significados aos esportes náuticos e aquáticos, a cidade de Pelotas voltava a aparecer nos jornais e nesta conjuntura esportiva. Como o *Club Sportivo Internacional* - CSI - não tinha rivais na cidade, este convidava para regatas os donos de barcos que quisessem competir, bem como disputava corridas com o *Club de Regatas Rio Grande* – CRRG. Dificuldades como essas, entre outras mais, fazem com que o clube pelotense se dissolva e seu material vá para o clube futebolístico *Esporte Club Pelotas* – ECP -, o qual abriu uma seção náutica.

Assim, o cenário dos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul reflete o quanto o estado era híbrido culturalmente, mesmo que alguns grupos, presentes na sociedade sul-rio-grandense, ainda não tivessem se mobilizado para a instauração de clubes no período estudado, como os negros, que apenas em 1949 tiveram a sua associação. Embora considerado um estado com origem populacional essencialmente europeia, ainda assim, tinha a predominância biológica e cultural de uma específica categoria de mestiçagem, entre portugueses, espanhóis e índios. Estas culturas eram combinadas na construção sul-rio-grandense.

Com esta variedade de representações clubísticas, o Comitê de Regatas começa a sofrer modificações, que se consolidaram quando este se transformou em Federação Riograndense de Remo - FRR. Essa entidade era de cunho regional e resistiu aos tentames da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, idealizada no Rio de Janeiro e que tinha como objetivo o domínio organizacional das práticas esportivas náuticas no território brasileiro. Porém, os sul-rio-grandenses mantiveram a tradição de resistência às ordens originárias da capital do país no período e não aceitaram a superioridade deste órgão, apesar de seu reconhecimento pela FISA de representatividade nacional.

A nova federação subestimou a paixão dos torcedores por seus clubes, que por um conflito de representações identitárias, conhecido como Conflito do



Trapiche Preto, fez com que essa entidade se dissolvesse e surgisse a Liga Náutica Riograndense - LNRG. Devido aos acontecimentos do Conflito do Trapiche Preto, o GRAT foi excluído das atividades iniciais da LNRG, isto fez com que o clube buscasse alternativas para a sua sobrevivência. Assim, se aproximou da prática do futebol e inseriu uma nova prática aquática ao cenário, o *waterpolo*. Tais iniciativas fizeram com que o clube se tornasse híbrido nas práticas culturais e desenvolvesse também jogos recreativos.

Neste novo momento, o GRAT assumiu as festividades comemorativas do feriado de Nossa Senhora dos Navegantes, que o fez ganhar destaque nos jornais e na sociedade sul-rio-grandense. As várias atividades do GRAT, assim como conexões externas dos seus associados, renderam ao clube o convite para serem personagens da primeira participação de um clube sul-rio-grandense em uma regata internacional, em Montevidéu, no Uruguai, quando as culturas de diversos países da América Latina se encontraram. A estratégia deu certo, tais atividades o trouxeram de volta à LNRG.

Provavelmente, este destaque do clube, juntamente com os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial - que enfraqueceram os clubes teuto-brasileiros - e a representatividade nacional do patrono sul-rio-grandense, contribuíram para que outras associações esportivas náuticas e aquáticas fossem fundadas com a mesma denominação, Almirante Tamandaré, em diversas cidades do estado, como Jaguarão, Pelotas e Uruguaiana.

Os clubes eram ambientes de lazer e socialização, como os seus frequentadores estavam vinculados a uma elite socioeconômica, estes também tinham figuras com capital político, principalmente ligados ao Partido Republicano Riograndense - PRR, que seguia a doutrina positivista de Augusto Comte, bastante disseminada no estado. Possivelmente, esta era uma das razões da difusão das práticas esportivas, que encontravam no discurso científico a justificativa para as atividades. Ser positivista neste período era, sobretudo, acreditar na ciência, ser um cientificista, um dos alicerces dos discursos esportivos. Estes deslizavam entre características higienista e positivistas.

Na segunda década do século XX, outras cidades do estado organizaram clubes esportivos náuticos e aquáticos e o processo de disseminação expandiu-se para as cidades de São Leopoldo, Jaguarão, Alegrete e Uruguaiana. Estas cidades estão localizadas em diferentes regiões do Rio Grande do Sul. São

Leopoldo, assim como Porto Alegre, estão situadas no leste do estado, na região metropolitana, e possuíam marcante presença de comunidades de imigrantes alemães. Em São Leopoldo, ocorreu uma primeira tentativa de implantação de esportes náuticos com o Clube Riograndense, mas que logo se dissolveu e deu lugar ao Clube Náutico Itapuhy, que se desenvolveu devido ao comprometimento de Walter Panitz, vitorioso remador porto-alegrense.

As outras cidades mencionadas localizam-se próximo as fronteiras com a Argentina e o Uruguai, países nos quais os clubes náuticos e aquáticos já estavam disseminados, o que contribuiu para a instauração dos clubes naquelas localidades. Enquanto Jaguarão faz fronteira como o Uruguai, as cidades Alegrete e Uruguaiana, que estão no oeste do estado, são próximas à fronteira com a Argentina.

No Uruguai, os clubes de remo iniciaram na capital, Montevidéu, pela iniciativa de imigrantes ingleses, sendo o primeiro clube de remo fundado em 1874 e denominado *Montevideo Rowing Club* (LICHT, 2013). Na Argentina já existiam clubes de remos desde 1861, quando um grupo de ingleses fundou o *Boating Society* na capital do país, em Buenos Aires. Entretanto, a primeira competição com barcos esportivos ocorreu apenas em 1871, organizada pelo *The River Lujan Rowing Club*. Depois desta regata, ocorreu uma difusão de clubes náuticos na Argentina, os quais tinham nomes em idioma inglês e espanhol. Pela proximidade de Alegrete e Uruguaiana da Argentina, a prática do remo tenha ocorrido pelo contato cultural entre as cidades, por meio da região da Plata, como foi o caso da inserção do futebol no Rio Grande do Sul.

Alegrete foi a primeira cidade distante da capital, após Pelotas e Rio Grande, a ter as práticas do remo e da natação institucionalizadas, mas eram poucas informações nas fontes sobre este primeiro clube, o *Club Náutico Alegretense*. Uruguaiana, como São Leopoldo, teve duas tentativas de inserção no cenário dos clubes náuticos e aquáticos, com o *Club Canottieri Almirante Tamandaré - CCAT*, em 1916, e com o *Clube Náutico Uruguaiense - CNU*-, em 1920. O CCAT cresceu apoiado nos dois clubes porto-alegrenses referenciados na denominação, o GRAT e o CICDA.

A cidade de Jaguarão, assim como Pelotas e Rio Grande, está situada na região sul do Rio Grande do Sul, e faz fronteira com o Uruguai. Jaguarão é fronteira com a cidade uruguaia de Rio Branco. Embora estivesse conectada

com a cultura uruguaia, o primeiro clube náutico e aquático da cidade ganhou representações brasileiras e foi denominado Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, provavelmente para fortalecer ainda mais a fronteiridade nas representações e demarcar um espaço. Destarte, os clubes de Porto Alegre tiveram um importante papel na disseminação dos esportes náuticos e aquáticos no interior do estado.

Dentro das primeiras décadas do século XX, percebeu-se que Pelotas e Rio Grande caminhavam juntas no mesmo sistema esportivo, seguidamente eram parceiras na realização de regatas, principalmente na comemoração da primeira regatas oficial registrada, a Regata Imperial de 1965. Neste quadro também se mantiveram as apostas. Porém, este padrão foi rompido pelo CNRPelotense, primeiro clube do interior a se enquadrar nas regras e participar de regatas organizadas pela LNRG. Para rivalizar com o CNRPelotense buscou-se a instauração do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré - GRATPel - em Pelotas, possivelmente, este teria conexões com o GRAT de Porto Alegre, como ocorreu em outros municípios, mas a ideia naufragou. À vista deste cenário, percebe-se que as práticas náuticas e aquáticas esportivizadas chegaram a grande parte das cidades do interior do estado pela iniciativa de membros dos clubes porto-alegrenses, que através de excursões ou contatos com habitantes interioranos, pretendiam disseminar estes esportes.

Assim, foi demonstrado que práticas e representações clubísticas foram (re)construídas nos/pelos clubes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, no longo do século XIX. Os clubes náuticos e aquáticos eram locais de encontros culturais que geravam apropriações e reapropriações de culturas, estas eram reutilizadas na construção de identidades clubísticas, na busca de fronteiras de identificação. Em vista disto, os principais locais de estabelecimento destes clubes eram as metrópoles portuárias do Rio Grande do Sul: Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande; as quais eram lugares privilegiados para as trocas culturais.

Nos espaços do associativismo esportivo destas três cidades, as práticas esportivas náuticas e aquáticas sofreram o processo de esportivização, juntamente com encontros culturais, os quais aconteciam de maneira dinâmica e deliberada. Paralelamente, a elementos intrínsecos da prática esportiva, como a melhora do desempenho e o próprio lazer ao realizar uma atividade prazerosa, elementos extrínsecos foram desenvolvidos nos ambientes clubísticos. Com

isso, suas identidades clubísticas estavam diretamente vinculadas com as representações culturais dos imigrantes e descendentes que compunham o clube. Assim, das trocas culturais no interior dos clubes emergiam as diferenciações e eram construídas diferentes representações identitárias. As cidades portuárias, fronteiriças e metropolitanas são os principais espaços onde imigrantes se instalam, assim são profícuos para comunicações culturais, o que facilitou a consolidação dos clubes esportivos náuticos e aquáticos, por estes congregarem diferentes culturas e, assim, construírem um mosaico de identidades clubísticas.

Atualmente, a entidade federativa do remo no Rio Grande do Sul, a REMOSUL, possui na sua lista de clubes filiados apenas oito associações, situadas nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Cachoeira do Sul e Eldorado do Sul. Isto demonstra que, embora o período de implantação e estabelecimento dos esportes náuticos e aquáticos tenha contribuído para a disseminação destes pelo estado, o cenário do remo se desenvolveu com mais descontinuidades do que continuidades. Um dos possíveis motivos para esta queda de participação no remo seja a poluição das vias fluviais. Diferentemente, do que acontece com a natação, que com o deslocamento dos nadadores do Guaíba para as piscinas, continuou com a expansão da prática.

A opção de utilizar o *software* ATLAS.ti 7.5.6 foi a busca de uma ferramenta que facilitasse a organização, interpretação e análise do *corpus* documental da pesquisa. Apesar de este instrumento ter auxiliado na elaboração das categorias de análise, no exame detalhado e na interpretação das fontes, este ofereceu a limitação de não organizar os documentos em uma linha do tempo, estrutura que orienta a escrita da narrativa histórica. Assim, este instrumento de análise não é o mais indicado para esta linha de entendimento. Porém, acreditasse que este *software* possa auxiliar em pesquisas históricas como: estudos de caso, recorte temporal pequeno ou na organização de banco de dados.

Apesar de este estudo ter conseguido elencar um considerável número de associações esportivas náuticas e aquáticas sul-rio-grandenses, uma das limitações foi a dificuldade de encontrar informações mais aprofundadas sobre os clubes do interior do estado. Muitos destes tiveram pouco tempo de duração,

outros a documentação foi perdida ao longo dos anos, fato semelhante aconteceu com arquivos de jornais locais de cidades do interior.

Sugere-se, como futuros estudos, abordar outros períodos da história dos clubes esportivos náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, assim como o aprofundamento da análise sobre clubes específicos, como os que foram elencados no quadro 11 desta pesquisa, e até mesmo a realização de uma História do Tempo Presente com as associações esportivas atuais. Outra sugestão é analisar as relações políticas nos clubes náuticos e aquáticos, como a sua vinculação com o Partido Republicano Riograndense – PRR -, o positivismo e seus personagens.

## REFERÊNCIAS

- 1º RELATÓRIO DO PRESIDENTE DO ECPelotas, Esporte Clube Pelotas, Pelotas, 03/10/1909.
- II FESTA DO MAR, Programa de Regatas, Rio Grande, s/d
- II FESTA DO MAR, Programa de Regatas, Rio Grande, s/d, s/p
- 7 DE SETEMBRO, A Federação, Porto Alegre, 18/09/1908.
- 17 HORAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 25/01/1914..
- ACHAM-SE nessa capital..., A Federação, Porto Alegre, 03/12/1904.
- A CANHONEIRA “PATRIA”, Correio da Manhã, Recife, 29/08/1905.
- A CANHONEIRA PATRIA partiu..., A Federação, Porto Alegre, 16/11/1905.
- A DIREÇÃO, A Federação, Porto Alegre, 17/05/1909
- ALGUNS CYCLISTAS..., Jornal do Commercio, 06/03/1895.
- ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Gustavo; MARQUES, Renato. UMA LEITURA DO FUTEBOL EM SÃO PAULO: A GINGA, OS TERRITÓRIOS E AS IDENTIDADES. **Revista da ALESDE**, v.3, n.1, abril 2013.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine. As reflexões sobre o esporte e o lazer: via esfera pública. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13., 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Federal de Londrina-Paraná, 2014. p. 572-578.
- AMARO JÚNIOR, J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1942.
- AMARO JÚNIOR. Os Cafés na Rua da Praia, o Beco do Leite e o Palácio das Lágrimas. Folha da Tarde para o álbum Porto Alegre, 5, 7 de agosto de 1976. Suplemento Especial da Folha da Tarde.
- ANIVERSÁRIO..., O Independente, Porto Alegre, 05/03/1930;
- AOS GANHADORES DO PÁREO Brilhante..., Diário Popular, Pelotas, 21/11/1917.
- AO COMMERCIO, A Federação, Porto Alegre, 05/07/1892
- AO COMMERCIO, A Federação, Porto Alegre, 02/07/1895
- APPIO, F. Tiro de Laço. Coletânea Projeto EsperançaMaio/2010.
- A „PATRIA” EM Porto Alegre, A Federação, Porto Alegre, 18/12/1905.

- A REGATA, Marmota na Corte, Rio de Janeiro, 31/10/1851
- ARAÚJO FILHO, L. O Município de Alegrete. Alegrete: O Coqueiro, 1908.
- ARNT, C. S. **Carlos Arnt** (depoimento escrito, 1956). Porto Alegre: GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO, 1956.
- ARQUETTI, E. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Editorial Antropofagia, Buenos Aires, 2003.
- ARQUIVO GERAL, Correio Mercantil, Pelotas, 24/02/1898
- AS FESTAS DE HONTEM, A Federação, Porto Alegre, 07/12/1885
- AS GRANDES REGATAS INTERNACIONAIS na Bahia de Montevidéo, A Federação, Porto Alegre, 02/04/1915.
- AS GRANDES jornadas do Almirante Barroso, Folha da Tarde, Porto Alegre, 194?
- ASOCIACION ARGENTINA DE REMEROS AFICIONADOS, <http://remoargentina.org/institucion/historia>. Acesso em: 18/05/2015.
- AS OITO HORAS... A Federação, Porto Alegre, 14/03/1915.
- AS REGATAS, Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 28/10/1851.
- AS REGATAS, Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 28/10/1851, p.1;
- AS REGATAS do dia 07 de setembro, Diário do Rio Grande, 22/09/1860.
- AS REGATAS em Rio Grande...., Diário do Rio Grande, 23/09/1860.
- ASSMANN, J. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, Cultural History/Cultural Studies. Spring - Summer, 1995, p. 125-133.
- ASSMANN, Alice. As associações de tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul: da fundação a nacionalização. 87 f. **Monografia** (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- ASSMANN, A. B. ; SILVA, C. F. ; MAZO, Janice . A natação em piscinas nos clubes da cidade de Porto Alegre (Décadas de 1930 e 1940). **Kinesis** (Santa Maria), v. 31, p. 07-21, 2014.
- ASSIGNADO CONTRATO..., Correio do Povo, Porto Alegre, 28/01/1899;
- ATA DE FUNDAÇÃO, Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré, 18/01/1903.
- AVISO, A Federação, Porto Alegre, 07/05/1910.
- BACELLAR, Carlos de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance**. Paris: Gallimard, 1970.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, Bartira. Cartas Alfabéticas em Tupi – memória indígena em Pernambuco século XVII. Associação Nacional de História – ANPUH. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007.

BARROS, J. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 2007.

BARROS, J. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n. 12, mai-ago/2012a.

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 25, n. 2, jul./dez., 2012b.

BATISTA Jr., M. **Beisebol no Brasil: breve histórico e perspectiva**. Mimeo, 1998.

BELL, Judith. **Como realizar um projeto de investigação**. Lisboa: Gradiva, 1997.

BENTO, Jorge Olímpio. Do “Homo Sportivus”: relações entre naturezas, cultura e ética. **Revista Brasileira de Educação Física Especial**, v. 21, n. 4, 2007.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BICYCLETISMO, A Gazetinha, Porto Alegre, 29/06/1898;

BICYCLETISMO, A Gazetinha, Porto Alegre, 06/07/1898;

BICYCLETISMO, A Gazetinha, Porto Alegre, 13/07/1898;

BICYCLETISMO, A Gazetinha, Porto Alegre, 20/07/1898.

BOOTH, Douglas. História do Esporte: abordagens em mutação. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p. 1-40, junho de 2011.

BOUDON, Raymond. **Dicionário de sociologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BOURDIEU, Pierre. O *habitus* e o espaço dos estilos de vida. In: **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 1979.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.



- BOURDIEU, Pierre, **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAGA, Rui; BURAWOY, Michael (Org.). **Por uma sociologia pública**. São Paulo: Alameda, 2009.
- BRASILIANA, **Museu de Mineralogia e Petrologia Luiz Englert**. <http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=350&sid=33>. Acessado em: 11/03/2014,
- BROWN, Daniel. **Meninos de Ouro: nove americanos e sua busca épica pela vitória nas Olimpíadas de Hitler**. Rio de Janeiro, Sextante, 2014.
- BUENO, Alexandre Marcelo. Intolerância Linguística e Imigração. **Dissertação de Mestrado**. Departamento de Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- BURNELL, Richard. **One Hundred and Fifty Years of the Oxford and Cambridge Boat Race**. Precision Press, Marlow, 1979.
- BURKE, P. (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**, São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003.
- BURKE, P. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- BURKE, Peter. "Fronteiras do Cômico nos Primórdios da Itália Moderna". In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (orgs). **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro, Record, 2000, p. 93-114.
- BURKE, Peter. **O historiador como colunista**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.
- CAILLOIS, Roger. **Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- CANCELLA, Karina. O esporte e a Marinha do Brasil: primeiras aproximações e a institucionalização da prática esportiva através da criação da *Liga de Sports da Marinha*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011.
- CANCLINI, N. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. Ed. São Paulo. UNESP, 2011.
- CANHONEIRA "PANTHER", A Federação, Porto Alegre, 7/12/1905.
- CARDOSO, Sonia. São Leopoldo Antigo: **A cidade brasileira de colonização alemã**. Suliani: Porto Alegre, 2007.
- CARDOSO, João Batista. **Hibridismo cultural na América Latina**. Itinerários, Araraquara, n. 27, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. "O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro". **Revista Brasileira de Ciências Sociais** vol. 13, no. 38, 1998, p. 63-79.

CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II: ser ou não ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLO, J. **Álbum comemorativo ao 20º aniversário do Gremio de Regatas Almirante Tamandaré 1903-1923**. Porto Alegre: Edição Revista Vida Gaúcha, 1923.

CASTELLANI FILHO L. **Educação Física no Brasil – A História que não se conta**. 3ª ed., Campinas, SP: Papirus, 1988.

CEVASCO, Maria Elisa. Hibridismo cultural e globalização. **ArtCultura – Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 8, n. 2, 2006.

CHAVES, R. **Coisa de se guardar**. Almanaque Gaúcho, ZH blogs. <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2011/11/04/coisa-de-se-guardar/?topo=13,1,1,,13> Acesso em: 20/05/2015.

CIGARRIA ORIENTAL, Onze de Junho, Pelotas, 2/4/1882.

CLUB 'ALMIRANTE BARROSO', Correio do Povo, Porto Alegre, 30/08/2009.

CLUB DE REGATAS, Jornal do Commercio, Pelotas, 4/08/1875.

CLUB DE REGATAS, Jornal do Commercio, Pelotas, 4/08/1875.

CLUBE DE REGATAS, Correio Mercantil, Pelotas, 19/08/1875.

CLUBE DE REGATAS, Correio Mercantil, Pelotas, 22/08/1875.

CLUB DE REGATAS, Jornal do Commercio, Pelotas, 15/7/1879.

CLUB DE REGATAS, Onze de Junho, Pelotas, 15/10/1882.

CLUB DE REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 11/07/1884.

CLUB DE REGATAS, A Discussão, Pelotas, 28/10/1884.

CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, A Federação, Porto Alegre, 17/10/1885;

CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, A Federação, Porto Alegre, 20/10/1885;

CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, A Federação, Porto Alegre, 30/10/1885

CLUB DE REGATAS Porto-Alegrense, A Federação, Porto Alegre, 14/11/1885

CLUBE DE REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 10/07/1889

CLUBE DE REGATAS SANTISTA. No tempo das regatas.  
<http://www.clubederegatassantista.com.br/Historia.htm>. Acessado em:  
 26/03/2015.

CLUBE DE REGATAS BABITONGA, Gazeta de Joinville, Joinville, 13/05/1883

CLUB DE REGATAS, A Gazetinha, Porto Alegre, 08/09/1895

CLUBS DE REGATAS A Federação, Porto Alegre, 02/09/1895

CLUBE NAVAL, Diário Popular, Pelotas, 20/09/1896.

CLUBE NAVAL, A opinião pública, Pelotas, 07/08/1897;

CLUBE NAVAL, A opinião pública, Pelotas, 18/11/1897

CLUBE NAVAL, Diário Popular, Pelotas, 12/05/1897

CLUBE NATAÇÃO E REGATAS, Diário Popular, Pelotas, 29/11/1914.

CLUB VELOCIPÉDICO, A Federação, Porto Alegre, 16/03/1895;

COMMUNICÃO-NOS O SEGUINTE, O Argos, Desterro, 06/09/1861

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM – CBC. História.  
<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/12>. Acessado em:  
 26/03/2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO.  
<http://www.remobrasil.com/institucional/historia> . Acesso em: 21/05/2015.

CONSTA-NOS QUE se trata..., O Argos, Desterro, 05/09/1861

CONTINUAMOS a publicar..., A Federação, Porto Alegre, 22/02/1906.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a. v. 1: Da Renascença às Luzes.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b. v. 2: Da Revolução à Grande Guerra.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008c. v.3: As mutações do olhar: o século XX.

CORREA, Sílvio. Os primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul e os cuidados com o corpo. **IX Encontro Estadual de História**. Associação Nacional de História. Seção Rio Grande do Sul, 2008.

CLUBE DE NATAÇÃO E REGATAS, Diário Popular, Pelotas, 26/06/1917.

CLUBE NATAÇÃO E REGATAS, Diário Popular, Pelotas, 21/11/1917.

- COLLI, E. **Universo Olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas**. São Paulo: Códex, 2004.
- COHEN, L.; MANION, I. **Métodos de investigación educativa**. Madrid: La Muralla. 1990.
- COMTE, A. **Discurso sobre o Positivismo**. Lisboa. Seara Nova, 1947.
- COM UMA ASSISTÊNCIA..., Diário Popular, Pelotas, 30/01/1917.
- CONCURSOS AQUÁTICOS – A festa de amanhã em Botafogo, Revista da Semana, Rio de Janeiro, 29/03/1913.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010
- CORRIDAS DE NATAÇÃO, A Federação, Porto Alegre, 28/04/1913.
- CYCLISMO, A Federação, Porto Alegre, 03/09/1900.
- DARBON, Sébastien. **Diffusion des sports et impérialisme anglo-saxon. De l'histoire événementielle à l'anthropologie**, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2008.
- DAUDT, J. **Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis**. Porto Alegre: Catos, 1952.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DECLARAÇÕES, Correio Mercantil, Pelotas, 2/9/1875.
- DECLARAÇÕES, A Federação, Porto Alegre, 03/09/1903.
- DESPORTO – NATAÇÃO E REGATAS, A Opinião Pública, Pelotas, 08/06/1917.
- DESPORTO - NATAÇÃO E REGATAS, A Opinião Pública, Pelotas, 26/03/1917.
- DIVERSAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 15/12/1895.
- DONEV. Y.; ALEKSANDROVIC, M. **History of rules in waterpolo**. Sport Science, v. 1, n. 2, 2008.
- ECPELOTAS, <http://ecpelotas.com.br/clube/historia/>. Acesso em: 14/05/2015.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNINNG, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 187-221.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992.

EM CONSEQUENCIA..., ONZE DE JUNHO, Pelotas, 17/10/1882.

EM FLORIANÓPOLIS os officiaes..., A Federação, Porto Alegre, 20/11/1905.

EM O PRÓXIMO domingo..., A Federação, Porto Alegre, 4/12/1885

EM RIO GRANDE..., Diário do Rio Grande, Rio Grande, 02/11/1865.

ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, O Argos, Desterro, 09/10/1861;

ESPETÁCULO NÁUTICO em Milão, O Argos, Desterro, 10/10/1861

ESCOLA NAVAL..., A Federação, Porto Alegre, 23/07/1906

ESCOLA DE ENGENHARIA, A Federação, Porto Alegre, 7/12/1905.

ESPORTE CLUBE PELOTAS, Diário Popular, Pelotas, 17/12/1911.

ESTATUTOS DO CLUB Italiano <Canottieri Ducca degli Abruzzi>, A Federação, Porto Alegre, 08/02/1909.

EXCURSÕES, Correio do Povo, Porto Alegre, 21/10/1894.

EXCURSÃO MONTEVIDEO, A Federação, Porto Alegre, 27/02/1915.

FALTAM 3 dias, A Federação, Porto Alegre, 11/11/1898

FÉDÉRATION Internationale dês Sociétés d'Áviron - FISA - <http://www.worldrowing.com/fisa/>. Acessado em 26/03/2015.

FEIX, Eneida. Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: institucionalização da recreação pública. 2003.108 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2003.

FERRARETO, Maria Karina. Fábrica Rheingantz: a empresa, o empresário e os acionistas, um estudo exploratório sobre a elite econômica de Rio Grande no final so Século XIX (1873-1895). **Monografia**. Departamento de História. Unversidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FERRAZ, Luiz Paulo. Resistência indígena em Pernambuco nos séculos XVI e XVII: a visão dos cronistas. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. **Mneme – Revista Humanidades**, v. 9, n. 24, set/out 2008.

FESTA NO MAR, O Artista, Rio Grande, 16/11/1897

FESTA DE N. S. DOS NAVEGANTES, Correio do Povo, Porto Alegre, 02/02/1914.

FESTA DA N. S. DOS NAVEGANTES, A Federação, Porto Alegre, 03/02/1914.

FIORIN, José Luiz. **A construção da identidade nacional brasileira.** Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, 2009.

FISS, R. A imigração portuguesa e as associações como forma de manutenção da identidade lusitana – sul do Brasil. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788], nº 94 (27), 1º de agosto de 2001.

FOI REINTEGRADO Gustavo Leuraud..., A Federação, Porto Alegre, 06/11/1889.

FOLHETIM-ROMANCE, A Federação, Porto Alegre, 18/10/1884

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 27/08/1903.

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 28/08/1903.

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 29/08/1903.

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 01/09/1903.

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 02/09/1903.

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 03/09/1903.

FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 04/09/1903.

FORTINI, A. **Revivendo o passado.** Porto Alegre: Livraria Sulina, 1953.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico.** 3ª Ed. rev. ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1988.

FRANCO, A.; SILVA, M.; SCHIDROWITZ, J. (orgs). Pôrto Alegre: biografia duma cidade. **Livro comemorativo do Bicentenário da Fundação da Cidade.** Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.

FRISCH-AUF, A Federação, Porto Alegre, 20/11/1917.

FROSI, Tiago ; MORAES, Ronaldo ; CRUZ, Lucas ; MAZO, Janice . A prática do ciclismo em clubes de Porto Alegre/RS. **Pensar a Prática** (UFG. Impresso), v. 14, p. 1-18, 2011. <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/9755>

GARCIA, Rui. Antropologia do desporto: o reencontro com Hermes. **Revista Povos e Culturas**, Lisboa, n. 9, 2004.

GEBARA, Ademir. Considerações Sobre a História do Esporte e do Lazer no Brasil. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História** – João Pessoa, 2003.

GERTZ, René Ernaini, **O Luteranos no Brasil.** Revista de História Regional. Inverno, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

GLENDIA, Peter Dimuro. Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. **Arquitextos**, ano 08, ago, 2007.

GNU – Grêmio Náutico União, <http://prov.gnu.com.br/esportes/altorendimento/>. Acesso em: 18/05/2015.

GÓIS JUNIOR, E. Os higienistas e a Educação Física: a história de seus ideais. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

GÓIS, E.; LOVISOLO, H. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.25, n.1, 2003.

**GRANDE CATECISMO**, 1529, traduzido por John Nicholas Lenker, Mineapolis: Augsburg Publishing House, 1935.

GRÊMIO FOOTBALL PORTO ALEGRENSE, A Federação, Porto Alegre, 18/08/1903.

GRÊMIO ALMIRANTE TAMANDARÉ – As festas de 3 de maio, A Federação, Porto Alegre, 1/05/1914.

GRÊMIO DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO – Festa dedicada ao dr. Borges de Medeiros, A Federação, Porto Alegre, 05/05/1914.

GRÊMIO ALMIRANTE TAMANDARÉ, A Federação, Porto Alegre, 05/03/1915.

GRÊMIO TAMANDARÉ, A Federação, Porto Alegre, 01/02/1903.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUIA GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL - <http://www.turismo-rs.com/hidrografia.htm>. Acesso em 18/05/2015.

GHIRALDELLI JUNIOR P. **Educação Física Progressista – A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 3ª ed., São Paulo: Editora Loyola, 1994.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to Record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University, 1978.

GUTTMANN, Allen. **Games & Empires: modern sports and cultural imperialism**. Columbia University Press, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989.

HEINEMANN, Klaus *et al.* Clubs deportivos en España y Alemania: una comparación teórica y empírica. **Apunts Educació Física i sports**, Barcelona, n. 49, 3.trim. 1997. Disponível em: <http://www.revista-apunts.com/es/hemeroteca?article=715>. Acesso em: 22/04/2014.

HIRATA, E.; PILATTI, L. A. Modernidade e a indústria do entretenimento: o produto esporte moderno. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, año 11, n. 104, 2007.

HISTÓRIA DO FREIO DE OURO [Internet]. 2012 [cited 20 jun. 2012]. Available from: <http://www.racacrioula.com.br/site/content/historia/index.php?np=7>.

HOBSBAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições”. In: HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (org.), **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWN, Eric. **A era do capital (1848-1975)**. Paz e Terra: São Paulo, 13ª ed., [1977]2007

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios (1875-1914)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOFMEISTER, C. **Pequena História do Remo Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

HOFFMEISTER Fº, Carlos. **Doze Décadas de História**. Porto Alegre: SOGIPA, 1987.

HOJE, às 9 horas da noite..., Correio Mercantil, Pelotas, 19/08/1875.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**, Edição: Perspectiva, 1996

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO, Gazeta de notícias, Porto Alegre, 15/07/1886.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490>. Acesso em: 21/04/2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rs>. Acesso em 9/07/2015.



IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,  
<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rs> Acesso em 17/07/2015.

ILM. SR. MARCELLINO Antônio Dutra, O Argos, Desterro, 24/11/1860

INFORMAMOS que a discussão dos estatutos..., Correio Mercantil, Pelotas, 22/08/1875.

INTERNATIONAL CANOEING FEDERATION, Statutes – 2015, 2014.  
<https://www.canoeicf.com/icf/AboutICF/Rules-and-Statutes.html>. Acesso em 24/04/2015.

JOGOS OLÍMPICOS, A Imprensa, Rio de Janeiro, 18/07/1908.

JUÍZO DE CASAMENTOS Edital n. 147, A Federação, Porto Alegre, 09/05/1910.

KILPP, Cecília; MAZO, Janice; LYRA, Vanessa. Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia, no Rio Grande do Sul, **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010

KILPP, Cecília Elisa. O Turnen e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela/Rio Grande do Sul. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, 2012. 97 f.

KRELING, H. **O Bolão: o esporte nas Colônias Alemãs do RS**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

LANDO, Aldair. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LEONARD, Wilbert Marcellus. **Sociological perspective of sport**. Boston: Allyn and Bacon, 1998.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** . Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEWGOY, B. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. **Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS**. Porto Alegre, v. 10, n. 24, 2009.

LEY N° 3.789/1911,  
<http://www.parlamento.gub.uy/leyes/ AccesoTextoLey.asp?Ley=03789&Anchor=>,  
Acesso em: 23/06/2015.

LICHT, Henrique. **Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre (1871-2006)**. Santa Maria : Pallotti, 2007

LICHT, H. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: CORAG, 2013.

LICHT, H. Ruder Club Porto Alegre, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/dA

LICHT, H. Ruder Verein Germania, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d B

LICHT, H. Remo no Rio Grande do Sul - Excursões, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/dC

LICHT, H. Comitê de Regatas, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre s/d D

LICHT, H. O esporte na cidade de Rio Grande – subsídios históricos – desde 1869, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d E.

LICHT, H. Wanderpreis, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d F

LICHT, H. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré – Subsídios históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/dG.

LICHT, H. Clube de Regatas Almirantes Barroso – Subsídios históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d H.

LICHT, H. Remo em Pelotas – Subsídios históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d I.

LICHT, H. Remo em Porto Alegre, Clubes Menos Conhecidos, Subsídios Históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/dJ.

LICHT, H. Clubes de Remo do Rio Grande do Sul, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d L.

LICHT, H. Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi – subsídios históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d M.

LICHT, H. Remo em Uruguaiana– subsídios históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d N.

LICHT, Herausforderungpreis, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, 1973

LICHT, H. Remo no Alegrete – Subsídios Históricos. **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, 2004a.

LICHT, H. Remo no Rio Grande do Sul – Jaguarão, Lajeado, Muçum, Osório, Santana do Livramento, Santo Antônio da Patrulha, São Borja – Subsídios Históricos. **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, 2004a.

LICHT, H.; WEINMANN, T. Esporte Aquático em São Leopoldo – Subsídios Históricos. **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, s/d.

LICHT, H. Ruder-Verein Freundschaft, 1906-1917, Subsídios Históricos, **apostila**, acervo pessoal, Porto Alegre, 2001.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mário (Org.). **Dicionário de História de Pelotas**. 2 ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

- LUCA, Tania. A história dos, nos por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na Cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- LÜSCHEN, Günter; SAGE, George. (Ed.). **Handbook of social science of sport**. Champaign, Illinois: Stipes, 1981.
- MACEDO, Francisco Rio-pardense de. **Porto Alegre, história e vida da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1973.
- MACHADO, J. **História da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre**. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 1, n. 1, junho – 2010.
- MACHADO, Janete. Veraneio de Antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre. **Revista Latino-Americana de História**, V. 2, n. 7, 2013.
- MARIVOET, Salomé. **Aspectos sociológicos do desporto**. Lisboa: Editora Horizonte, 1998.
- MARTÍNKOVÁ, Irena; PARRY, Jim. The double instrumentality of sport. **Studies in Physical Culture and Tourism**, Poznan, Polônia, v. 18, n. 1, p. 25-32, 2011.
- MATCHS INTERNACIONAIS – Brasileiros versus portugueses, A Federação, Porto Alegre, 13/06/1918.
- MATTOS, Maria de Fátima. Representações da *Belle-Époque*. A Ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação. **Anais do II Encontro de História da Arte**. IFCH-Unicamp, Campinas, São Paulo, 2006.
- MARINHA DO BRASIL,  
<http://www.marinha.mil.br/sites/default/files/hotsites/11jun2014/html/historia.html>.  
Acessado em 22/04/2015.
- MARY, C. P. O Barão de Teffé e uma geografia de brasileiros. In: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2009, Niterói. **Anais do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. São Paulo: USP, 2009. v. 1.
- MARTÍNKOVÁ, I; PARRY, J. The Double Instrumentality of Sport. **Studies in Physical Culture and Tourism**. Vol. 18, No. 1, 2011.
- MARTINS, Solimar. O papel da cidade do Rio Grande (RS) na economia rio-grandense durante a industrialização dispersa (1873/1930). IN: **PRIMEIRAS Jornadas de Economia Regional Comparada**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2005.
- MARRERO, História Genética dos Gaúchos: dinâmica populacional do Sul do Brasil. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Genética e

Biologia Molecular da Universidade Federal do Rio Grande do sul – UFRGS, 2006.

MARTINS, Solimar; PIMENTA, Margareth. A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município de Rio Grande (1874-1970). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n. 1, 2004.

MASCARENHAS, G. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n.26, 2000.

MASCARENHAS, Gilmar . **A Bola das Redes e O Enredo do Lugar**: por Uma Geografia do Futebol e de Seu Advento no Rio Grande do Sul. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MAZERON, Gaston Hasslocher. **Reminiscências de Pôrto Alegre**. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1943.

MAZO, Janice ; PEREIRA, Ester ; SILVA, C. F. . Futebol no Rio Grande do Sul: conflitos entre clubes e entidades dirigentes. **Espaço Plural** (Unioeste), v. 29, p. 46-67, 2013.

MAZO, J. Z. ; SILVA, C. F. ; FROSI, T. O. . A Associação Cristã de Moços e a propagação dos esportes em Porto Alegre. **Kinesis**, v. 30, p. 158-173, 2012.

MAZO, Janice Z. e Colaboradores. **Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: Lugares e memórias**. Novo Hamburgo/RS: FEEVALE, 2012. Versão digital.

MAZO, J.; SILVA, C.; LYRA, V. **As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: Alternativas de sociabilidade e lazer para elas**. Revista Licere, Belo Horizonte, v.13, n.3, 2010.

MAZO, J. **Banco de dados das associações esportivas e de educação física de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (1867 – 1945)**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2010.

MAZO, Janice; FROSI, Tiago. Em busca da identidade luso-brasileira no Associativismo esportivo em Porto alegre no princípio do século XX. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 57-72, 2009.

MAZO, Janice. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 43-63, 2007.

MAZO, Janice. **Catálogo do esporte e da educação física na Revista do Globo (1929-1967)**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 1 CD-ROM.

MAZO, J. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural**

**brasileira.** Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, J.; GAYA, A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol.6, no.2, 2006.

MAZO, J.; LYRA, V. Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica” **Revista Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4 p.967-976, out./dez. 2010.

MELO, V. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, Victor. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 3, 2006.

MELO, V. **Esporte e lazer: conceitos : uma introdução história.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, V. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX.** Campinas: Autores Associados, 2007.

MICHAELIS: **Dicionário Prático de Língua Portuguesa.** São Paulo – Editora Melhoramentos, 2001.

MOLINA, C. **Remo de competición.** Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva, 1997.

MONTEIRO, C. **Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MUSEU DO IMIGRANTE - <http://www.museu-emigrantes.org/docs/titulados/MARQUES%20DE%20OLINDA.pdf> . Acesso em 13/05/2015.

NADA CUSTAVA..., O Imparcial, Porto Alegre, 29/01/1952

NOBRE IDEIA, O Independente, Porto Alegre, 17/09/1903.

NOLASCO, V. P.; PÁVEL, R.C.; MOURA, R.; Natação. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro, p. 232-235: CONFEEF, 2006.

NO CAVOUR seguido hoje para Pelotas, A Federação, Porto Alegre, 1/04/1885

NOTAS DIÁRIAS, Mercantil, Porto Alegre, 09/03/1895.

NIXE-WALKÜRE, O Independente, Porto Alegre, 06/01/1902.

NATAÇÃO E REGATAS, A Opinião Pública, Pelotas, 22/05/1916.

NATAÇÃO E REGATAS, Diário Popular, Pelotas, 24/05/1916.

NATAÇÃO E REGATAS, A Opinião Pública, Pelotas, 03/06/1917.

NATAÇÃO E REGATAS, A Opinião Pública, Pelotas, 08/10/1917.

NEVADO, P. O Enquadramento Filosófico para a Investigação: Algumas reflexões Introspectivas ao Positivismo”. **ADVANCE – Centro de Investigação Avançada do ISEG**, Working Paper, n. 4, 2008.

NEVES, J.; DOMINGOS, N. Futebol, tango e romantismo, entrevista com Eduardo Archetti. **Etnográfica**, v. IX, n. 2, 2005.

O 13 DE MAIO, Diário Popular, Pelotas, 12/5/1901

O ALMIRANTE TAMANDARÉ, Correio do Povo, Porto Alegre, 20/01/1903.

O BANCO da Província, A Federação, Porto Alegre, 28/04/1908

O CANTO..., A Federação, Porto Alegre, 20/10/1884;

O CÉU DA AMÉRICA..., Diário do Rio Grande, Rio Grande, 25/09/1860.

OLIVEN, Ruben George. "A cultura brasileira e a identidade nacional da década de oitenta". In: **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.

OLIVEN, Ruben. Cultura Brasileira e identidade nacional (o eterno retorno). In: **O que ler na ciência social brasileira: 1970-2002**, Brasília, Editora Sumaré, 2002.

OLIVEN, Ruben. (1989), "O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida". **Revista Brasileira de Ciências Sociais** vol. 3, nº9.

OLIVEN, R. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 2, 1989.

OLIVEN, R. O Gaúcho brasileiro e o Gaucho platino, como vistos do Brasil. In *Fronteras culturales y Ciudadania*, **II Reunión de Antropología del MERCOSUR**. Piriápolis, 1997.

OLIVEIRA, Maria Luiza; MAZO, Janice. A criação dos *clubs* nas praças públicas da cidade de Porto Alegre: 1920-1940. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 32, n. 2, p. 123-139, dez. 2010.

OLIVEIRA, Maria Luiza; MAZO, Janice; STIGGER, Marco Paulo. A organização das Praças de Desporto/Educação Física da cidade de Porto Alegre: 1920-1940. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 1-33, mar. 2010.

OLIVEIRA, Lúcia. As Festa que a República Manda Guardar. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 1989.

O LUZIDO G da R A Tamandaré..., Correio do Povo, Porto Alegre, 01/02/1914.

O NAUFRÁGIO..., O Independente, Porto Alegre, 24/05/1902.

O VELODROMO..., Correio do Povo, Porto Alegre, 19/11/1899.

OS ENGENHEIROS Alfredo Leyraud..., Correio do Povo, 12/02/1899;

OS NAUFRAGOS, O Independente, Porto Alegre, 24/05/1902.

OS SPORTS..., O Independente, Porto Alegre, 19/08/1903

OXFORD DICTIONARIES,

<http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/hero>, Acesso em: 27/04/2015.

PANOFSKY, E. **Estudos de Iconologia - Temas Humanísticos na Arte do Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

PELOTAS, A Federação, Porto Alegre, 1/12/1905.

PELOTAS, 3, A Federação, Porto Alegre, 4/12/1905.

PEREIRA, Ester Liberato. As práticas eqüestres em Porto Alegre : percorrendo o processo da esportivização. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, 2012. 156 f.

PEREIRA, Ester ; MAZO, Janice ; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide . Federação Rio Grandense de Tênis: mudanças impostas pelo Decreto-Lei n. 3.199 de 1941. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 3, p. 1-27, 2010. [www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV3N2\\_2010\\_15.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV3N2_2010_15.pdf)

PEREIRA, Ester; SILVA, Carolina; MAZO, Janice. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas Equestres. **Motriz**, v.17, n.2, p.292-302, 2011.

PEREIRA, E.; SILVA, C.; MAZO, J. Os primeiros vestígios da esportivização das práticas equestres em Porto Alegre. **Revista Ciência e Movimento**, v. 22, n. 2, 2014.

PEREIRA, ESTER LIBERATO ; SILVA, CAROLINA FERNANDES DA ; MAZO, JANICE ZARPELLON . As primeiras participações de atletas do hipismo sul-riograndense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), v. 29, p. 47-64, 2015.

PEREIRA, E. L. ; SILVA, C. F. ; MAZO, J. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 150, p. 1-1, 2010.

PEREIRA, C.; XAVIER, J.; GHIGGI, M.; SILVEIRA, R. CHAPÉU DE PALHA: espaço de sociabilidade da velhice no Balneário Cassino. **Revista Didática Sistêmica – Edição Especial, Eventos Extremo Sul**, Rio Grande, 2011.

PEREIRA, Ester; FERNÁNDEZ, Elias; MAZO, Janice. A Fundação do Primeiro Clube de Golfe em Porto Alegre. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 27-34, jul./dez. 2010.

- PÉREZ-DÍAZ, Victor. **La démocratie espagnole vingt ans après**. Paris: Compléxe, 1996.
- PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PESAVENTO, Sandra. **República Velha Gaúcha: Charqueadas – Frigoríficos – Criadores**. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade – Visões literárias do urbano**, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Editora da Universidade – UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- PETERSEN, Sílvia. Prefácio. IN: FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do sul, RS: Educ; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- PETRI, V. **A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito, um estudos discursivo da dicionarização do “gaúcho”**. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, 2008.
- PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: Seu uso numa pesquisa Historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001.
- PELO ESPORTE, Diário Popular, Pelotas, 10/02/1914.
- PEZAT, P. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006.
- PIMENTEL, F. **Aspectos Gerais de Porto Alegre**. Imprensa Oficial. Porto Alegre, 1945.
- POLLACK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- PORTAL BRASIL, [http://www.portalbrasil.net/americas\\_uruguai.htm](http://www.portalbrasil.net/americas_uruguai.htm). Acesso em 18/05/2015. Acesso em 18/05/2015. Acesso em 09/07/2015.
- PRADO Boa Vista, A Gazetinha, Porto Alegre, 24/01/1897.
- PROCISSÃO NO MAR e Regata, A Reforma, Porto Alegre, 31/01/1877
- PROCISSÃO NO MAR e Regata, A Reforma, Porto Alegre, 02/02/1877
- PRODANOV, Cleber Cristiano, FERNANDES, Luiz Fernando Framil. **O futebol no Rio Grande do Sul e sua identidade: dos portos e fronteiras para as regiões coloniais** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2008.
- PROGRAMMA, O Diário do Rio Grande, Rio Grande, 1899



PRONI, Marcelo. A Reinvenção dos jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, ano 3, n. 9, 2008.

PROCISSÃO MARÍTIMA, Correio do Povo, Porto Alegre, 03/02/1914.

PROGRAMA DA GRANDE Regata Estadual Commemorativa da Faustosa Data da Independência do Brazil, **acervo do Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física (ESEF)**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 1915.

PROPP, Vladimir. "Quem ri e quem não ri". In: **Comicidade e Riso**. São Paulo, Ática, 1992, p. 31-36.

QUEIRÓS, César Augusto. Questão social no Rio Grande do Sul: positivismo, borgismo e a incorporação do proletariado à sociedade moderna. **Antíteses**, Londrina, vol. 1, n. 1, jan-jun, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Tempo Social – **Revista Sociologia USP**, v. 1, n. 1, 1989.

RAMIL, V. **A estética do frio**. Editora: Satolep Livros, Pelotas, 2009.

REEBERG, Wilson. História da Confederação Brasileira de Remo: das raízes à fundação. Confederação Brasileira de Remo - julho de 2007. Disponível em: [http://www.cbrremo.com.br/files/a\\_cbr.asp?acbr\\_key=1](http://www.cbrremo.com.br/files/a_cbr.asp?acbr_key=1). Acesso em: 21/05/2015.

RECH, Gelson Leonardo. Iniciativas escolares entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul lembradas no Álbum do Cinquentenário da Colonização Italiana. **Conjecturas: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, set/dez. 2014.

REGATAS. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 15/09/1894.

REGATAS – CAMPEONATO, A Federação, Porto Alegre, 14/05/1910.

REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 12/05/1911.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 19/01/1903.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 07/09/1903.

REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 08/09/1903.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 02/02/1904.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 10/09/1904.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 07/09/1905.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 12/12/1907.

REGATAS, Correio do Povo, Porto Alegre, 26/01/1908.

REGATAS, Diário do Rio Grande, Rio Grande, 24/09/1860.

REGATAS, Jornal do Commercio, Rio Grande, 07/012/1885;

REGATA DA II Festa do Mar, Federação aquática do Rio Grande do Sul, 2/11/1965

REGATA DAS FESTAS Commemorativas do 7º Centenário de D. Afonso Henriques, Jornal do Commercio, Rio Grande, 06/012/1885

REGATAS, Correio Mercantil, Pelotas, 21/04/1889

REGATAS, Jornal do Commercio, Rio Grande, 15/09/1894

REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 26/11/1895

REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 14/11/1898

REGATAS, A opinião Pública, Pelotas, 4/11/1899

REMO BRASIL, <http://www.remobrasil.com/institucional/historia>. Acesso em: 17/05/2015. REMO, A Federação, Porto Alegre, 09/09/1894

RESULTADOS DA GRANDE REGATA..., Diário do Rio Grande, Rio Grande, 02/05/1870

REVERBEL, C. **O Gaúcho**. L&PM, Porto Alegre, 2002.

RIBEIRO, G. J. ; SILVA, C. F. ; MAZO, Janice . Relações históricas entre o tênis de mesa e o ping-pong em Porto Alegre. **Cinergis**, v. 13, p. 34-45, 2012.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 07/03/1915.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 10/03/1915.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 12/03/1915.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 19/03/1915.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 30/03/1915.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 06/04/1915.

ROWING, A Federação, Porto Alegre, 09/04/1915.

**RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO**. Álbum comemorativo. Porto Alegre. Oficinas gráficas da Livraria do Globo, 1919.

RUBIO, Katia. Tradição, família e prática esportiva: a cultura japonesa e o beisebol no Brasil. **Movimento**, Ano VI, nº 12, 2000.

RUBIO, Katia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010.

RUDER CLUB Porto Alegre, Ata de reunião no dia 21/11/1888 , s/p

SAINT-GEORGES, Pierre de. Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios econômicos, social e político. In: ALBARELLO, Luc et al. **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva Publicações Ltda, 1997.

SALAMINA, Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 14/08/1900

SALOMON, R. **Fiéis às nossas emoções – O que elas realmente nos dizem**. Tradução de Miriam Raja Gabaglia de Pontes Medeiros – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SALVATORE, Candido. **Giuseppe Garibaldi: Corsário rio-grandense, 1837-1838**. Porto Alegre. IEL: EDIPUCRS, 1992.

SANHUDO, A. V. **Porto Alegre; Crônicas de Minha Cidade**. 2ª edição. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

SANTOS, Paulo. Mensagens nas garrafas: o prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930). **Tese de doutorado**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

SANTOS, Francisco; MONTALVO, Antônio. **El asociacionismo deportivo**. Madrid: Consejo Superior de Deportes, 1995.

SANTANA, D. O corpo inscrito na História: Imagens de um arquivo vivo. Entrevista com Georges Vigarello. **Projeto História**. São Paulo, v. 21, 2000.

SCARTON, A.; PERES, J.; SCHULTZ, T.; SCHULTZ, D. Natação no Rio Grande do Sul. IN: MAZO, J.; REPPOLD FILHO, A. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

SCHPUN, M. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boi Tempo Editora, 1999.

SECÇÃO SPORTIVA – REGATAS, A Federação, Porto Alegre, 16/05/1910.

SCHRÖDER, W. Rudern. Hamburg: Ro Ro Ro, 1991.

SECRETARIA DA POLICIA, A Federação, Porto Alegre, 12/04/1887

SECÇÃO ESPORTIVA, Republica, Desterro, 09/11/1894

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. Companhia das Letras. São Paulo, 1992.

SILVA, Haike. O Imigrante e a rua: imagens da cidade de Porto Alegre na perspectiva de quem chega. **Revista Social**, n. 10, 2003.

SILVA, H. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.295-330, jan./dez. 2005a.


SILVA, H. **Sogipa: Uma trajetória de 130 anos**. Porto Alegre: Palloti, Editores Associados Ltda, 1997.

SILVA, H. **A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b.

SILVA, A. L. Entre Lamarck e Mendel: olhares eugênicos sobre a educação física brasileira. In: GOELLNER, S.V.; JAEGER, A. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SILVA, C. F. O remo e a história de Porto Alegre: mosaico de identidades culturais. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SILVA, C. F. ; MAZO, J. Z. . ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO PORTO-ALEGRENSE: uma história de manifestação da instrumentalidade do esporte. **Movimento** (Porto Alegre. Online), v. 21, p. 377-389, 2015.

SILVA, C. F. ; PEREIRA, E. L. ; MAZO, J. Z. . Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: uma ameaça ao império identitário teuto-brasileiro no cenário do remo porto-alegrense. **Movimento** (Porto Alegre. Online) , v. 20, p. 59-69, 2014.

SILVA, C. F. ; MONTEIRO, A. ; MAZO, J. Z. . Os clubes de remo em Porto Alegre (RS) e a recomposição de fronteiras de identidades culturais. **Revista Brasileira de Educacao Fisica e Esporte**, v. 3, p. 441-452, 2014.

SILVA, C. F. ; MAZO, J. Z. . O Conflito do Trapiche Preto: um confronto entre as torcidas dos clubes de remo porto-alegrenses. **Revista da Educação física (UEM. Online)**, v. 24, p. 402-412, 2013.

SILVA, C. F. ; MAZO, J. Z. . Club de Regatas Vasco da Gama: O JOGO DAS DIFERENÇAS NAS ASSOCIAÇÕES DE REMO. **Revista Mineira de Educacao Fisica** (UFV), v. 1, p. 142-153, 2012.

SILVA, Carolina da ; PEREIRA, Ester ; MAZO, Janice . Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere** (Belo Horizonte. Impresso), v. 15, p. 1-21, 2012. [http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV15N02\\_a3.pdf](http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV15N02_a3.pdf)

SILVA, C. F. ; SILVA, R. V. ; MAZO, J. A Copa do mundo de futebol do Vale do Taquari (RS): memórias do Clássico das Barrancas. **Revista Didática Sistêmica**, v. 14, p. 111-124, 2012.

SILVA, C. F. ; ONZI, V. L. ; MAZO, J. Z. . As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o

XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas. **Licere** (Belo Horizonte. Impresso), v. 13, p. 1-25, 2010.

SILVA, C. F. ; PEREIRA, E. L. ; MAZO, J. Z. . Uma abordagem historiográfica sobre a participação das mulheres nas associações de remo em Porto Alegre. **Revista Didática Sistemica**, v. 12, p. 95-109, 2010.

SILVA, C. F. ; MAZO, J. Z. . Grêmio de Regatas Amirante Tamandaré: memórias do primeiro clube 'brasileiro' de remo em Porto Alegre/RS (1903 - 1923). **Arquivos em Movimento** (UFRJ. Online), v. 5, p. 109-129, 2009.

SOARES, C. L. As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). **Tese de Livre-Docência** - Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2010.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4ª Edição, Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOCIEDADE ORPHEU São Leopoldo. A Sociedade.  
<http://sociedadeorpheu.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>. Acessado em 26/03/2015.

SOUZA, Juliano de; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 6, n. 1, 2010.

SPALDIN, Walter. **Construtores do Rio Grande**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SPORT, Correio Mercantil, Pelotas, 1/5/1901.

SPORT, Correio Mercantil, Pelotas, 11/5/1901.

SPORT, Diário do Rio Grande, Rio Grande, 03/01/1900

SPORTS FOOTBALL, A Federação, Porto Alegre, 21/11/1912.

SPORTS FOOT-BALL, A Federação, Porto Alegre, 28/08/1913.

SPORT-CLUB RIO-GRANDE, A Federação, Porto Alegre, 25/08/1903.

SPORT-CLUB, A Federação, Porto Alegre, 08/09/1903.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Autores Associados. Campinas, SP, 2005

SUITS, B. **The grasshopper: Games, life and utopia**. Toronto: University of Toronto Press, 1978.

TAMBÉM A ASSOCIAÇÃO Grêmio Tamandaré..., A Federação, Porto Alegre, 08/09/1908.

TESCHE, L. **A prática do turnen entre os imigrantes alemães e seus descendentes no RS: 1867-1942**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1996.

THE LAWS OF BOAT RACING, Press, Canterbury, 31/08/1872

THIESSE, A. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Temas e Debates Actividades Editoriais, 2000.

THOMAS, R.; HAUMONT, A.; LEVET, J. **Sociologia del deporte**. Barcelona: Bellaterra, 1988.

TIRO BRAZILEIRO N. 4, A Federação, Porto Alegre, 04/04/1915.

TOIGO, Adriana. Estudo Comparativo do Rendimento de dois tipos de pás de remo e da técnica da remada em barco "skiff". **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2013.

TORALLES, Mauro. Túnel do Tempo – Um pioneiro da UFRGS. Almanaque Gaúcho, Zero Hora, Porto Alegre, 30/08/2011.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia Básica da História da cidade do Rio Grande (1737-1947). **Biblios**, Rio Grande, v. 22, n. 2, 2008.

TRAVESSIA DA MANCHA, A Federação, Porto Alegre, 12/09/1885

TUBINO, Manoel. **500 anos de legislação esportiva brasileira do Brasil Colônia ao início do século XIX**. Editora Shape, 2002.

UM GRUPO de jovens remadores..., Correio do Povo, Porto Alegre, 12/12/1907.

UM NAUFRÁGIO, O Independente, Porto Alegre, 05/12/1914.

UNIÃO VELOCIPÉDICA, A Federação, Porto Alegre, 23/04/1908

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VASCAÍNA..., Sport Náutico, Rio de Janeiro, 06/01/1902.

VAZ, Alexandre; BOMBASSARO, Ticiane. Esporte, cidade, modernidade: Florianópolis. IN: **Os sports e as cidades brasileira: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

VICARI, Paulo ; SILVA, C. F. ; MAZO, Janice . Manifestações esportivas nas comemorações do centenário da Independência do Brasil (1822-1922) no Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática** (Online), v. 17, p. 485-502, 2014.

VIEIRA , Marina Porto. Esporte, cidade e modernidade: Santos. IN: MELO, Victor (org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VOLKMER, M. "Pela fronteira é incalculável o movimento": Imigrantes Europeus nas Vilas do Oeste do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX.

**Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, julho, 2011.

WALVIN, James. **The people's game the history of football revisited.** London: Mains, 1994.

WATER-POLO, A Federação, Porto Alegre, 28/11/1911.

WEBER, Beatriz Teixeira. Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. **História Ciência e Saúde – Manguinhos**, vol. 5, n. 3, Rio de Janeiro Nov. 1998/ Fev. 1999.

WISHART, D. Period and region. **Progress in Human Geography**, London, v.28, n.3, p.305-19, 2004.

ZANCA. G. A prática do remo em Florianópolis: Retratos de uma sociedade em busca da modernidade no início do século XX. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis: UFSC, v.1, n.1, 2008.